

"Se você ainda não conhece Beverly Jenkins, precisa conhecer imediatamente." — SHONDA LAND

# BEVERLY JENKINS



## VENTOS DE MUDANÇA

*Mulheres Pioneiras* • I





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.  
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros  
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,  
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar  
nossa newsletter e receber  
as novidades diretamente  
em seu e-mail.

VENTOS DE  
MUDANÇA



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

BEVERLY JENKINS

VENTOS DE  
MUDANÇA

*Mulheres Pioneiras* · 1



Título original: *Rebel*  
Copyright © 2019 por Beverly Jenkins  
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.  
Publicado mediante acordo com a Avon, um selo da Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Isadora Sinay

*preparo de originais:* Sheila Til

*leitura sensível:* Rane Souza

*revisão:* Camila Figueiredo e Midori Hatai

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Renata Vidal

*imagem de capa:* © Shelley Richmond / Trevillion Images

*foto da autora:* © Sandra Vander Schaaf

*e-book:* Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

J51v

Jenkins, Beverly

Ventos de mudança [ recurso eletrônico ] / Beverly Jenkins; tradução de  
Isadora Sinay. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.  
recurso digital (Mulheres pioneiras; 1)

Tradução de: *Rebel*

Continua com: *Tempestade selvagem*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-173-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sinay, Isadora. II. Título. III.  
Série.

21-71462

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---



Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Dedicado à Valinda da vida real, por seus incentivos  
à educação, à história e ao gênero do romance.*

# SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

## Capítulo 17

Sobre a autora

# CAPÍTULO 1

*Abril, 1867*

Valinda Lacy, de 28 anos, recebeu seus quinze alunos com um sorriso enquanto eles entravam em fila na sala de aula. Por causa do caos do pós-guerra em Nova Orleans, ela vinha lecionando em um velho celeiro a alguns quilômetros das docas e armazéns às margens do rio Mississippi.

Retribuindo a acolhida com sorrisos e saudações, os alunos se acomodaram nos bancos de madeira rústica no fundo da sala e no chão de terra batida. Era um grupo com idades e gêneros variados, mas com uma coisa em comum: todos eram ex-escravizados que tinham sido libertados depois que o Sul se rendera. Agora queriam aprender a ler e a escrever, na esperança de um futuro melhor.

– Conseguiram treinar escrever seus nomes? – perguntou Val de trás de sua pequena mesa bamba.

Muitos indicaram que sim. Desde que a escola fora aberta, um mês antes, a maior parte deles tinha aprendido a reconhecer e a pronunciar as letras do alfabeto e a escrever o próprio nome. Agora ela os guiava pela leitura de palavras de uma sílaba, como *cão*, *mão* e *pá*. A animação dos alunos ao acertar as tarefas trazia lágrimas de orgulho aos olhos deles e alegria ao coração dela.

Como na maior parte das escolas dedicadas aos recém-libertos, não havia quantidade suficiente de livros, lousas ou outros materiais necessários para uma sala de aula, mas Val se esforçava com o que tinha.

Ela estava passando aos alunos seus cinco preciosos exemplares da cartilha quando dois homens brancos surgiram à porta. Todos na sala congelaram. Val se esforçou para não ficar olhando os canos compridos das armas que eles carregavam. Respirou fundo para controlar seu desconforto e encarou os olhos duros deles. Muitas escolas que aceitavam libertos vinham sendo queimadas e os professores, assassinados. Ela não queria ser a próxima.

– Posso ajudar?

– Você é a professora? – perguntou um deles com desdém.

Os dois tinham altura mediana e barba por fazer, e suas roupas eram surradas.

– Sou. Bem-vindos à nossa sala de aula. Normalmente começamos às nove, então, por favor, tentem ser pontuais. Podem deixar suas armas do lado de fora, e ficaremos felizes de abrir espaço para que se juntem a nós. Vocês sabem ler?

Um rubor subiu pelo pescoço deles.

– Não precisam ter vergonha. Estamos todos aqui para aprender. Também dou aulas para crianças dois dias por semana, então, se tiverem filhos, eles serão mais do que bem-vindos.

Um dos homens abriu a boca para falar, mas ela logo interveio:

– Vou precisar dos nomes de vocês para colocá-los na chamada. Nossa escola é mantida pelas Freiras da Sagrada Família. Foi por elas que ficaram sabendo de nós?

Ela esperou, notou o espanto deles e então acrescentou:

– Não importa. Tanto faz como ficaram sabendo da escola. Mas realmente preciso do nome de vocês.

Valinda voltou para sua mesa e pegou um lápis e um pedaço de papel.

– Sempre fico feliz por receber novos alunos. Saber ler e escrever pode lhes trazer muitos benefícios, mas tenho certeza que vocês já sabem disso. Caso contrário, não teriam vindo.

Eles a encaravam como se ela fosse um cavalo falante.

– Por favor, sentem-se – pediu ela, forçando um sorriso enquanto

indicava um local. – Não temos livros suficientes, mas estamos acostumados a compartilhar.

Os homens olharam em volta, para os rostos raivosos dos homens e das mulheres na sala, e gaguejaram:

– É... Precisamos ir.

E partiram depressa.

No silêncio que se seguiu, Val desabou em sua cadeira e deixou que o medo e a tensão se esvaíssem. Quando ergueu os olhos, seus alunos sorriam. Ela também sorriu.

– A senhorita fez aqueles dois ficarem tão perdidos que não iam reconhecer nem a mãe deles – concluiu Eb Slayton, de 42 anos.

Todo mundo caiu na gargalhada. Val riu também, mas no fundo sabia que tinham dado sorte por aqueles dois serem tão fáceis de enganar. Ela esperava que a sorte durasse.

Duas horas depois, dispensou a classe. Muitos dos alunos voltaram logo para seus trabalhos e suas famílias, mas outros, como Dina Watson, de 17 anos, ficaram um pouco mais.

– Como é viver no Norte, senhorita?

Val colocou as cinco cartilhas na pequena caixa-forte para protegê-las e olhou em volta.

– O clima com certeza é mais fresco – respondeu.

Para uma mulher do Norte, o calor de Nova Orleans dava a impressão de que se estava vivendo em uma fornalha. Naquele momento, vestida com uma modesta blusa de gola fechada e mangas compridas, saia ampla e meias, ela estava assando.

– Vai se acostumar – prometeu a sorridente Dina. – Lá nosso povo é livre?

Val aquiesceu.

– Em Nova York, de onde venho, desde 1827. Há quase meio século.

Ao ver a surpresa de Dina, acrescentou:

– Mas não é liberdade verdadeira. Ainda não podemos votar nem ter propriedades em muitos lugares. A integração social não é vista

com bons olhos, então temos nossas próprias escolas, igrejas e negócios. Algumas comunidades têm até os próprios jornais.

– Seus pais são livres também?

– Sim. Minha avó Rose fugiu quando tinha uns 14 anos.

– De onde?

– Virgínia. Primeiro ela foi para a Filadélfia, depois para Nova York, onde abriu um ateliê de costura. Os pais do meu pai escaparam de Charleston quando ele era bebê.

E, ao contrário de Rose, o pai dela tinha vergonha de haver nascido escravizado e passara a vida dizendo que nascera livre.

– Gosta de algum rapaz de lá?

Val pensou em seu noivo com uma ternura profunda.

– Sim, o nome dele é Coleman Bennett. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças.

– Ele veio para Nova Orleans com a senhorita?

– Não, ele e o sócio estão na França, procurando investidores para o jornal deles.

Eles voltariam para os Estados Unidos logo. Val sentia saudades, e teria sido bom contar com o apoio dele na batalha que ela travara com o pai por conta de seu desejo de viajar para Nova Orleans e dar aulas. No fim das contas, ele permitira que ela ficasse fora até que Cole voltasse. Seu tempo na cidade seria mais curto do que ela queria, mas, quando se tratava do pai, Val aprendera a aproveitar cada pequena vitória.

– Os franceses construíram Nova Orleans.

Ficou feliz por Dina saber disso.

– Sim, construíram.

Além dos espanhóis e dos haitianos que tinham fugido da ilha depois da revolução que aconteceu lá.

Eb Slayton enfiou a cabeça pela fresta da porta.

– Está pronta para ir, senhorita? Não quero me atrasar para o trabalho.

Ele costumava dar carona a Val até o bairro Francês depois das



aulas.

– Sim. Dina, tome cuidado ao voltar. Vejo você na quinta-feira.

– Vou tomar.

As aulas aconteciam às segundas e quintas. Nos outros dias, Val se dedicava a lecionar para os filhos das pessoas pretas libertas no convento das Freiras da Sagrada Família, uma das poucas ordens do país dirigidas por freiras pretas.

Pegou sua bolsa de couro marrom surrado e deu uma última olhada na sala de aula improvisada e limpa. Tinha orgulho de possuírem um espaço daqueles e ainda mais de seus alunos focados e empenhados. Fechou a porta, trancou o cadeado e se juntou a Eb no banco de sua frágil carroça.

Embora Willie, o velho burro que puxava o veículo, levasse algum tempo para chegar ao bairro Francês, ela preferia isso a ficar à mercê do sistema segregado de bondes da cidade. Homens e mulheres de sua cor de pele só tinham autorização para usar os carros com estrelas pretas na lateral. Fosse intencional ou não, nunca havia veículos suficientes nem um horário regular e, como os brancos também podiam usá-los, gangues de arruaceiros costumavam viajar neles de propósito, para que ficassem lotados e para que pudessem assediar as mulheres pretas a caminho de casa ou do trabalho.

– Gostei de como lidou com os irmãos Cranstons – comentou Eb quando saíram.

– Aqueles homens armados? Você os conhece?

Ele assentiu.

– Pete e Wesley Cranston. Antes da Liberdade, o pai deles era capataz em uma grande plantação de açúcar a oeste daqui. Cruel como uma cobra. Ele morreu na guerra e agora seus meninos andam por aí causando problemas e tentando ser iguais a ele.

– Eles são perigosos de verdade?

– Podem ser, mas no geral vão atrás de mulheres e velhos. Ouvi dizer que foram tão violentos com uns professores e missionários que alguns voltaram para o Norte. Tenho certeza que ver os homens na

sala os fez pensar duas vezes no que estavam planejando. E sei que não esperavam que a senhorita os enfrentasse.

– Minha avó sempre me disse que, não importa quanto medo você sinta, nunca demonstre.

– Ela ia ficar orgulhosa. Ganhei o dia vendo a senhorita passar a perna neles.

Val apreciou o elogio.

– Acha que vão voltar?

Ele deu de ombros.

– Não dá pra saber. Depois que a senhorita dispensou a turma, eu falei com alguns homens do lado de fora. Combinamos de trazer nossas armas a partir de agora. A Liberdade diz que podemos nos proteger e pretendemos fazer isso.

Val não gostava de violência, mas se isso significasse que ela e seus alunos ficariam a salvo, não fazia sentido protestar contra o plano deles.

Com a questão resolvida por ora, ela perguntou:

– A Agência de Libertos encontrou um trabalho para sua filha?

Ele balançou a cabeça.

– Disseram que ela não tem nenhum documento oficial para mostrar que sabe ensinar.

Val suspirou. A Agência de Libertos fora criada para ajudar os três milhões e meio de homens, mulheres e crianças escravizados que haviam sido libertados com a rendição do Sul. Instalada sob protestos de muitos membros do Congresso e limitada por regras às vezes conflitantes, além de regulamentações que variavam de estado para estado, era um pesadelo burocrático que muitas vezes cerceava a mesma liberdade que buscava ampliar. A filha de Eb, Melinda, fora escravizada pela família de um rico reitor universitário cujas três filhas a ensinaram a ler em segredo. Val conhecera Melinda na semana anterior e a achara simpática e inteligente. Julgava que suas habilidades seriam uma bênção em uma sala de aula.

– Diga a ela que, se não encontrar um trabalho logo, será bem-

vinda para vir me ajudar aqui.

O rosto dele se iluminou.

– Vou dizer, com certeza.

Val ainda estava insistindo para que a Agência lhe pagasse o valor combinado, portanto não tinha ideia de como remuneraria a filha dele, mas lidaria com isso quando fosse necessário.

– Será que poderia ajudar meu irmão a colocar um anúncio nos jornais? – pediu Eb de repente. – Ele está tentando encontrar a esposa.

– Com certeza. Diga a ele para passar na escola quando puder e conversaremos sobre isso.

– Obrigado. Desde a Liberdade, ele tem visitado as fazendas da região procurando por ela, mas até agora ninguém sabe informar nada.

– Eles têm filhos?

Ele fez que sim.

– Mas foram vendidos anos atrás para um homem no Texas. Meu irmão acha que nunca mais vai vê-los.

Val nem conseguia imaginar como se sentiam o irmão de Eb e as outras milhares de pessoas que procuravam por familiares vendidos, mas ajudar da forma que fosse possível era o motivo que a levava para o Sul. Ela considerava sua avó Rose a responsável por ter incutido nela esse desejo. Rose vinha trabalhando para melhorar a situação das pessoas pretas em Nova York desde que Val conseguia se lembrar. Fosse auxiliando os mais velhos e os pobres com comida e roupas, indo a protestos e marchas em defesa da abolição ou ficando na igreja depois do serviço para ler em voz alta, para os analfabetos, artigos de jornais publicados por defensores dos direitos das pessoas pretas como William Lloyd Garrison, Frederick Douglass e Martin Delany, Rose e as mulheres de seu círculo eram a inspiração de Val.

Conforme a lenta jornada seguia, ela pensava nos próprios esforços. Estava em Nova Orleans fazia um mês. A cidade era tão distinta da rigidez e da austeridade existentes em Nova York que era como estar em outro país. A música parecia se infiltrar em todo lugar. As

mulheres pretas usavam lenços na cabeça chamados *tignons*, que podiam ser lisos e discretos ou coloridos e decorados com contas ou búzios. Em Nova York, a principal língua estrangeira era o holandês. Em Nova Orleans, as pessoas falavam francês, espanhol, italiano e tudo o mais que fosse similar. Nova York tinha vendedores na rua, mas ali vendiam frutas e legumes que ela nunca vira ou comera, como quiabo e cana-de-açúcar. Ela amava os *calas* vendidos de manhã pelas mulheres pretas. Eram bolinhos de arroz assados polvilhados com açúcar. Nos domingos, as pessoas de pele escura se reuniam em um local chamado Congo Square, algo que faziam desde o tempo da escravidão. Havia música, dança e mais vendedores. Val nunca vira nada assim. Outra novidade para ela era o comércio de amuletos e poções que supostamente lançavam ou combatiam feitiços. A comida em Nova Orleans era cheia de cremes, frutos do mar e pães, e as ruas eram repletas de brancos pobres e multidões de homens libertos em busca de trabalho, assim como de soldados armados da União, que precisavam manter a ordem depois de vencerem a guerra. Havia também uma sensação velada, impalpável, da fúria que emanava dos antigos fazendeiros escravocratas que tinham perdido seu modo de vida. Alguns dos jornais locais publicavam textos raivosos dirigidos aos soldados e aos republicanos radicais. O mais alarmante, porém, eram as histórias de atos de violência cada vez mais frequentes sofridos por homens libertos e suas famílias, perpetrados pelos aterrorizantes grupos pró-escravidão.

Eb freou sua carroça diante da casa no bairro Tremé, na qual Valinda alugava um quarto. Ela se despediu com um aceno, enquanto ele e Willie seguiam na direção do Hotel St. Louis, onde ele trabalhava como confeitiro. Ironicamente, aos 9 anos, ele tinha sido vendido em um leilão naquele mesmo lugar. Val achava difícil imaginar o mais famoso hotel da cidade, com seus bailes chiques e jantares festivos, vendendo pessoas escravizadas sob seu teto.

Outra disparidade que Val achava difícil conciliar eram sua senhoria, Georgine Dumas, e a irmã mais velha dela, Madeline, as

duas *creoles* com quem ela compartilhava a casa. Elas já eram idosas e tinham personalidades tão diferentes quanto a noite e o dia. Madeline era gentil e atenciosa; Georgine era esnobe e intolerante. Georgine reclamava de tudo – desde o clima até a comida feita por Madeline –, mas guardava seus comentários mais ácidos para os soldados da União e os recém-libertados. “Deviam mandar todos de volta para a África”, dissera ela com raiva, durante o jantar, no dia em que Val chegara. “São tão ignorantes e inúteis quanto esses soldados que combatem a escravidão.”

Mais tarde, Madeline explicara que a raiva da irmã era motivada pelas mudanças que tinham ocorrido na vida delas após a rendição do Sul. Tinham perdido a fazenda e a mão de obra escravizada, o que as tornara responsáveis pelas tarefas corriqueiras mas indispensáveis da vida, como cozinhar, limpar e tudo o mais. Por sorte, Madeline sabia cozinhar. Porém, muitas das brancas escravocratas do Sul não encostavam em um fogão havia gerações e agora, sem diferenciar um rabanete de um tomate, não sabiam como alimentar suas famílias.

Ao entrar no pequeno apartamento, Val encontrou Madeline na cozinha. O odor apimentado e aromático do *gumbo* perfumava o cômodo. Val nunca ouvira falar desse saboroso guisado antes de ir para o Sul, mas agora amava o prato tanto quanto seus *calas* matinais.

– E como foi a aula hoje, Valinda? – perguntou Madeline, colocando a tampa sobre o guisado no fogão e sentando-se à pequena mesa onde faziam as refeições.

– Boa. Chegaram dois alunos novos, então agora eu tenho quinze. Preciso dar um jeito de conseguir mais cartilhas. É um desafio ter que fazer os alunos dividirem o material.

– Será que a igreja da sua avó pode ajudar?

– Vou escrever para ela hoje à noite perguntando.

A igreja da avó, em Nova York, era sua patrocinadora. Fora um pedido de ajuda da Associação Missionária Americana e das Freiras da Sagrada Família que motivara Val e outros professores a irem para o Sul.

Elas passaram mais alguns minutos conversando e então Madeline se levantou para conferir o *gumbo*. Ao perceber que estava pronto, chamou a irmã. Georgine entrou e, ao ver Val, fechou a cara e se sentou.

– Você poderia ao menos cumprimentá-la, Georgie – disse Madeline.

A resposta foi um bufar impaciente seguido de uma pergunta.

– Os desgraçados do Norte já fizeram seu pagamento?

– Não, senhora.

– Comida e acomodação não são de graça.

– Eu entendo.

Madeline serviu o *gumbo* nas tigelas.

– Ela está pagando o que pode, Georgie – retrucou, tensa. – Você sabe disso.

– Eu não sei de nada. Quem garante que ela não está dando o dinheiro que deveria ser nosso para aqueles alunos esfarrapados dela?

Val não respondeu. A Agência de Libertos deveria pagar uma bolsa aos professores. Desde que ela chegara, um mês antes, passara horas e horas de seu tempo livre de pé em longas filas só para no fim lhe dizerem que ela precisava de um formulário diferente, que estava no escritório errado ou que a pessoa com quem precisava falar não estava disponível. Era enlouquecedor. Ter que aguentar a língua ferina de Georgine, porém, era pior.

– Vou escrever para minha vó e perguntar se ela pode me mandar fundos extras, assim posso cumprir minha obrigação com a senhora e sua irmã.

– Caso contrário, vamos querer que vá embora.

– Georgie!

– Não podemos mantê-la aqui de graça, Maddy. Ela não é um cãozinho de estimação.

– Mas prometemos às freiras que a deixaríamos ficar conosco.

– Em troca de pagamento. Nós não temos dinheiro, Madeline, e nenhuma perspectiva de ganhar mais. Ou ela paga ou vai embora.

– Temos dinheiro no banco, Georgie, você sabe disso – argumentou Madeline com nervosismo. – Pode não ser tanto quanto antes, mas não vamos passar fome. Você só está sendo cruel.

– Tem uma semana, Srta. Lacy.

Val encontrou os olhos escuros e frios.

– Sim, senhora.

A refeição foi feita em silêncio. Madeline lançava olhares raivosos para a irmã, que os ignorava. Quando terminaram, Georgine saiu da cozinha. Val ajudou Madeline com a louça, depois sentou à mesa para começar sua carta.

Antes de sair, Madeline se virou para Val:

– Não se preocupe, não vou permitir que ela a expulse daqui.

– Obrigada.

Fazia uma semana que Val tinha escrito para a família e, como da vez anterior, uma onda de saudade a tomou assim que pegou o papel. Sentia falta da mãe, da irmã mais velha, Caroline, e da avó, Rose, com quem Val e os pais moravam. Seria cruel dizer que não tinha saudade do pai, Harrison; sozinha e tão longe de casa, ela até sentia mesmo um pouco de falta dele e de seus hábitos dominadores.

Escreveu primeiro para a mãe e a irmã e, por último, para a avó, contando como estava, os desafios que enfrentava e o progresso dos alunos. Também pediu ajuda para adquirir mais livros e materiais e algum dinheiro extra para si, para que pudesse pagar o que devia às irmãs Dumas. Quando terminou de escrever, a noite havia caído. Deixou as cartas prontas para postagem, então foi para seu quarto quente e sem janelas e vestiu suas roupas de dormir. De manhã, iria de novo à Agência de Libertos. Não estava animada com a ideia de passar outro dia de pé em uma fila de 2 quilômetros, mas a questão do pagamento precisava ser resolvida para que Georgine não a pusesse para fora. Depois de rezar e apagar seu lampião, ela se esticou no colchão fino e desconfortável e torceu para que o calor opressivo a deixasse dormir.

## CAPÍTULO 2

Sentado à sua mesa no menor escritório da Agência de Libertos da cidade, Drake LeVeq, ex-capitão da Guarda Nativa da Louisiana, debatia internamente o que fazer com sua raiva por saber que os libertos que ainda estavam na fila não seriam ajudados naquele dia. Mães em busca de filhos roubados teriam que aguentar mais uma noite de medo e preocupação; homens precisando que seus contratos de trabalho fossem aprovados correriam o risco de serem pegos na rua por fazendeiros inescrupulosos e forçados a trabalhar de graça ou, pior, de serem presos por não estarem empregados. E Drake iria para casa frustrado, porque não tinha conseguido ajudá-los.

Eles não teriam ajuda por causa do homem que agora se aproximava da mesa de Drake, o novo supervisor do escritório, um tenente magro, de rosto fino, que vinha de Boston e se chamava Josiah Merritt.

– Não vamos receber o resto deles hoje – disse ele a Drake. – Tenho uma reunião, então mande-os embora.

Com os chefes anteriores, o escritório costumava ficar aberto até o anoitecer. Desde que Merritt chegara, havia três meses, a antiga equipe de quatro pessoas fora reduzida a apenas Drake e as portas frequentemente se fechavam mais cedo – às vezes, como naquele dia, antes das três da tarde.

– Você é o responsável. Mande-os embora *você* – respondeu Drake.

Merritt recuou, seu rosto emoldurado por costeletas ficando



vermelho.

– Devo lembrá-lo que sou *eu* o chefe aqui.

– E eu devo lembrá-lo que *eu* sou voluntário, não seu empregado.

Drake sabia que muitos escritórios da Agência de Libertos eram chefiados por homens bons, como os dois oficiais com os quais ele havia trabalhado anteriormente, enquanto outros poderiam muito bem ser supremacistas, tamanha era sua falta de comprometimento com a causa dos libertos. Merritt se encaixava nesse segundo grupo. Drake queria muito deixar para trás esse chefe incompetente, mas se recusava a permitir que os libertos ficassem sem alguém que os defendesse, a menos que isso fosse absolutamente necessário.

Sem conseguir o que queria, Merritt saiu pisando duro. Seu anúncio de que o escritório estava fechando foi recebido com protestos. Muitos dos homens e mulheres estavam na fila desde o amanhecer. Os lábios de Drake se contraíram, mas não havia nada que ele pudesse fazer.

– Certifique-se de que a porta fique trancada, LeVeq – ordenou Merritt, saindo assim que o escritório ficou vazio.

Drake suspirou de raiva ao observá-lo partir. Passou alguns instantes arrumando a pequena montanha de arquivos em sua escrivaninha: relatórios sobre contratos de trabalho, escolas, pedidos emergenciais de comida e tudo mais que a Agência fazia para os novos libertos e os milhares de brancos pobres deslocados pela guerra.

Abraham Lincoln começara aquela operação em 1865 sob o nome Agência de Refugiados, Libertos e Terras Abandonadas. Como o Congresso desorganizado se recusara a estabelecer um orçamento, os fundos vinham do Departamento de Guerra, que também era responsável por sua implementação. Comandada pelo general da União Oliver O. Howard, a agência fora inicialmente instalada para durar um ano, mas seu mandato se estendera a contragosto. Regras, regulamentações e execução variavam de estado para estado, às vezes de escritório para escritório, resultando em caos, ineficiência e corrupção.

Os sulistas pediam a dissolução dos escritórios, então Drake não

tinha certeza de quanto tempo o serviço ainda iria sobreviver e o que os libertos fariam quando não existisse mais. No início, regulamentações equivocadas exigiram que as pessoas pretas tivessem passes daqueles que as tinham escravizado para poderem viajar. Na Virgínia e em outros lugares, alguns escritórios tinham proibido pessoas pretas de áreas rurais de entrar nas cidades em busca de emprego e mandaram tropas para recolhê-las e enviá-las de volta para os fazendeiros. Ficava bastante óbvio que o Exército preferia o velho sistema ao novo. Contudo, apesar das limitações, os libertos continuavam a apoiar a Agência, já que era sua única esperança.

Depois de fechar tudo, Drake foi embora. Sua cunhada, Sable, voltaria de Biloxi em breve e ele tinha se oferecido para esperar por ela nas docas. O marido dela, seu irmão mais velho, Raimond, passaria o dia inteiro em uma reunião com os republicanos locais para buscar modos de combater a violência perpetrada por grupos de supremacistas brancos. Para receber Sable, haveria um grande jantar em família no Christophe, o hotel gerenciado pelo irmão deles, Archer.

O dia estava quente como sempre, e o trânsito nas ruas era tão pesado quanto o ar, com todo tipo de veículos puxados por cavalos, mulas e até lentas vacas leiteiras. Com outro suspiro, Drake se juntou à massa de libertos nas calçadas lotadas – soldados, aventureiros políticos vindos do Norte e nativos da cidade, todos cuidando das próprias tarefas.



Depois de ter recebido autorização das freiras para suspender as aulas das crianças naquele dia, Valinda passou a manhã e a tarde na fila do maior escritório da Agência de Libertos na cidade e finalmente recebeu uma ordem de pagamento. Aliviada, desceu a rua para esperar o bonde que a levaria até as docas. No dia anterior, um de seus alunos, que trabalhava lá, lhe contara que havia chegado um pequeno

carregamento de lousas e giz que não tinha sido reivindicado. Após desistir de encontrar o dono, o responsável oferecera a carga ao aluno, para que ele levasse para sua classe, então Valinda estava indo buscá-la.

Só que primeiro precisava conseguir chegar lá.

Derreter no calor do fim de tarde enquanto bondes com lugares vazios passavam por ela e por outros de sua cor a deixou furiosa, assim como a todos que continuavam ali esperando. Levou mais de uma hora até que um bonde com estrela preta finalmente chegasse. Estava tão lotado que foi quase impossível se espremer para entrar. Val desceu no fim da linha, ainda irritada por causa do tratamento ofensivo, e caminhou até as docas.

O responsável manteve sua palavra e lhe deu as lousas sem reclamar. Feliz com a generosidade dele e tendo parte da raiva aplacada, Val percorreu o curto caminho até o celeiro que chamava de sala de aula para deixar o caixote lá. Aquelas seis lousas e os sacos de giz valiam mais do que ouro. Ela precisava admitir que uma pequena pontada de culpa a atingiu, já que os itens eram de outra pessoa, mas o responsável pelas cargas garantira que a caixa passara mais de um mês lá e tudo acabaria sendo incinerado.

Ao se aproximar do celeiro, ela parou de repente. O cadeado sumira e a porta de madeira estava escancarada. Val olhou em volta, mas não viu ninguém e entrou com cuidado. Lá dentro, o chão, antes limpo, estava coberto de colchões de palha encardidos e garrafas vazias de bebida, tocos de vela e lixo. Alguém deixara para trás até mesmo uma calça azul desbotada do exército da União. Ela ficou boquiaberta. No dia anterior, aquela era sua sala de aula. Agora parecia um local de farras abomináveis.

Enquanto tentava pensar em quem poderia ser o responsável por aquilo, sentiu cheiro de fumaça. Alarmada, ela olhou em volta. Quando teve certeza de que nada estava queimando lá dentro, colocou o caixote no chão e correu para fora, onde encontrou uma pequena fogueira embaixo de árvores próximas. Ali estavam as cinco cartilhas

que ela vinha usando com os alunos. O coração dela subiu pela garganta.

– Não!

Val pisou nas chamas com suas botas de cano curto surradas. Chutou terra e cinzas para a fogueira, na esperança de apagá-la. Ao avistar um galho comprido e grosso ali perto, ela o agarrou e tentou empurrar as cartilhas para fora das chamas. Os livros eram tudo que ela tinha. Se não os salvasse, não saberia o que fazer. Mas o papel era velho e ressecado e, mesmo com o ar úmido de Nova Orleans, as chamas o haviam consumido com ferocidade. Com o coração partido, ela parou de lutar e ficou observando, impotente, quando o vento levou embora as páginas incandescentes.

– Problemas, senhorita?

Ainda segurando o galho queimado, com a ponta em brasa, ela se virou e viu três homens usando uniformes azuis sujos da União se aproximarem. Dois eram pretos e o outro, branco com cabelos louros. Quando se aproximaram, o brilho zombeteiro em seus olhos disparou um alarme interno em Val, mas a raiva por causa da destruição venceu.

– Alguém queimou meus livros didáticos!

O homem mais alto, magro e de pele escura, mostrou que lhe faltavam dois dentes da frente quando respondeu:

– Nossa, quem faria uma coisa tão desprezível?

Seus companheiros sorridentes deram de ombros com exagero.

– Parece que a classe foi dispensada – zombou o homem preto ao lado dele, que era mais baixo, mais pesado e tinha olhos cinzentos.

O sujeito alto e branquela a encarou lentamente de cima a baixo.

– De onde você é, menina? Você não fala como gente daqui.

Eles estavam atrás do celeiro, numa área oculta pelas árvores altas. Valinda sabia que precisava voltar para um lugar aberto, onde pudessem vê-la melhor da estrada.

– Com licença. Eu preciso ir.

Ela tentou passar, mas o homem louro agarrou seu braço.

– Ele fez uma pergunta.

Ela percebeu a mão suja dele e então seu olhar de desdém.

– Me solte! – ordenou ela, puxando o braço, em vão.

– Vocês já viram uma professora que não responde perguntas? – brincou o mais alto.

– Nunca – disse o homem de olhos cinzentos.

– Eu acho que devíamos levá-la para dentro e ensinar bons modos.

Era uma mulher contra três homens. Se quisessem machucá-la, eles estavam em maior número. A única coisa que Val tinha em mãos e que se parecia com uma arma era o galho grosso, então ela enfiou a ponta fumegante no pescoço do louro. Quando ele gritou e caiu de joelhos, ela saiu correndo.

Com o coração acelerado, cada inspiração cheia de medo, ela foi rápida o suficiente para passar pelas árvores e seguir na direção da estrada. Os companheiros do louro, inicialmente pegos de surpresa, saíram em disparada atrás dela. Na metade do caminho, conseguiram agarrá-la por trás e ela caiu no chão com tanta força que a dor explodiu em suas costelas e sua cabeça girou, mas ela gritou e lutou.

Um tiro ecoou. O mundo parou.

– Afastem-se dela. Agora!

Valinda ficou tão aliviada que um soluço lhe escapou. Um homem preto alto e barbado, com os trajes azuis da União, se aproximava. Por trás da mira de seu rifle, a fúria dominava seu rosto.

– Senhora, venha para trás de mim, por favor.

Lutando para se levantar, ela não hesitou.

– Você está se metendo em algo que não é da sua conta, garoto – rosnou o homem desdentado.

Uma bala atingiu o chão aos pés dele e ele saltou com um grito.

– Isso é da minha conta – rebateu o soldado. – Quem é seu comandante?

Os dois agressores trocaram um olhar, hesitantes sobre responder ou não.

Ele se aproximou, o rifle ainda em riste.

– Querem mesmo morrer hoje?

Os olhos deles se arregalaram.

Outro tiro soou. Val girou e avistou uma mulher. Tinha pele marrom e usava um vestido azul e um *tignon* azul combinando. Estava de pé em uma carroça com um magnífico garanhão preto e apontava um rifle para o homem louro, que tinha acabado de sair de trás das árvores.

– Fique onde está! – gritou a mulher.

Ele não se moveu.

Ainda abalada, Val se perguntou quem seriam seus salvadores. A mulher parecia tão furiosa quanto o homem.

– Vou perguntar mais uma vez. Quem é seu comandante?

Embora tremessem, eles ficaram de boca fechada.

Ele puxou o gatilho para trás.

– Tenente Crane Jacobs! – gritou o de olhos cinzentos.

– Você não tem autoridade aqui – retrucou o mais alto do grupo. – Ela é minha mulher. Estava com outro homem. Vou ensiná-la a respeitar seus votos.

O soldado barbado se virou para Valinda.

– A senhora o conhece?

Ela balançou a cabeça.

– Não mentiria para mim, não é, *chérie*? – perguntou ele de modo suave.

– Não – conseguiu responder ela, tomada por algo que afogou seu medo temporariamente.

– Bom. Segure isto, por favor.

Quando ele passou o rifle para ela, os olhos de Valinda se arregalaram. Antes que ela pudesse perguntar o motivo, ele se virou e cravou o punho no rosto do homem que alegara ser marido dela. O golpe arrebatou o nariz dele. O sangue jorrou e ele caiu lentamente de joelhos, tombando no chão, desmaiado.

Os olhos dela se abriram ainda mais.

– Você também quer ensinar respeito para a senhorita? – perguntou

o soldado, cheio de ira, ao agora boquiaberto homem de olhos cinzentos.

Aterrorizado, ele balançou a cabeça.

– Não.

– Não o quê?

– Não, senhor!

O soldado respondeu com um sorriso mortífero.

– Esperto. Aquele ali é seu amigo?

Ele se referia ao homem louro ainda imóvel sob o olhar vigilante e a mira do rifle da mulher na carroça.

Ele aquiesceu.

– Qual é o nome dele?

– Appleton.

– E o seu? E nem pense em mentir para mim.

Olhos Cinzentos engoliu em seco.

– Billy Baxter.

– E esse aqui? – indagou, apontando para o homem no chão.

– Walter Creighton.

– Appleton! – chamou ele, relanceando os olhos para o outro lado do campo. – Aqui. Agora!

Appleton pareceu em dúvida. Seu amigo estava deitado imóvel na terra. Valinda supôs que ele não quisesse participar do que estava acontecendo. Porém, assim que uma bala da arma da mulher ecoou pelo ar e passou a centímetros de sua cabeça, a questão foi resolvida. Ele cruzou rapidamente o campo aberto.

Vendo-o mais de perto, o soldado notou a ferida feia e ensanguentada na garganta do outro.

– O que aconteceu aí?

– Essa vadia tentou enfiar um galho queimando pela minha goela – sibilou Appleton, fuzilando Valinda com o olhar.

O soldado se virou para ela, surpreso. Ele a examinou em silêncio por um instante.

– Muito bem – elogiou, por fim.

Mais uma vez, ela se sentiu inundada por uma sensação que não conseguiu nomear.

– Se algum de vocês um dia encontrar essa dama de novo, quero que corram como se suas calças estivessem pegando fogo – avisou o soldado, voltando a atenção para Appleton e Baxter.

Ele se abaixou um pouco para acrescentar:

– Porque, se eu ficar sabendo que vocês chegaram perto dela, vou encontrá-los. Entenderam?

– Sim, senhor!

– Agora peguem esse aí e sumam da minha frente.

A ordem não precisou ser repetida. Os homens foram embora arrastando o ainda inconsciente Creighton.

– Você se machucou? – perguntou o salvador a ela.

Val lhe devolveu o rifle.

– Vou descobrir depois que parar de tremer.

O medo ainda estava recente. Suas costelas e o peito doíam por ter caído no chão, mas a dor maior era por dentro. E se o soldado e a mulher não tivessem aparecido? Tentando não imaginar o que poderia ter acontecido, ela se forçou a inspirar para se acalmar.

Ele puxou um lenço do bolso do casaco e o estendeu para ela.

– Seu queixo e sua bochecha estão arranhados e sangrando.

Ela olhou para o lenço.

– Venha. Vou ajudar – falou ele.

O soldado abriu o lenço sobre a bochecha e o queixo dela, aplicou um pouco de pressão e limpou com cuidado a pele que agora ardia. Depois entregou o lenço a Valinda, que o pegou com mãos hesitantes, perguntando-se como aquele homem titânico podia ter um toque tão leve.

– Obrigada pelo resgate – agradeceu ela, com um tremor na voz.

– De nada. Aquela na carroça é minha cunhada, Sable.

A mulher agora vinha na direção deles com seu rifle em mãos.

– Eu sou o capitão Drake LeVeq. E a senhora é...?

– Valinda Lacy.



– Senhora ou senhorita?

– Senhorita.

– Prazer em conhecê-la, Srta. Lacy. Pode me dizer o que aconteceu?

Recompondo-se, ela contou a respeito da escola, do que encontrara lá dentro e dos livros queimados.

– Dois dias atrás, era minha sala de aula. Agora é uma alcova de fornicadores.

A expressão nos olhos dele se suavizou como se ele se divertisse.

– Qual é a graça, capitão?

– Peço desculpas. É que não é uma palavra que se espera ouvir de uma professora.

– Às vezes o inesperado é necessário.

– Como furar o pescoço de Appleton?

Ela assentiu.

– Vai dar queixa para o comandante?

– Vou.

– Meu nome é Sable LeVeq – apresentou-se a mulher que acabava de alcançá-los. – Você está bem?

Valinda olhou nos brilhantes olhos verdes dela.

– Vou ficar, graças a você e ao capitão.

– Fico feliz por termos aparecido na hora certa.

– Eu também.

O fato de que ela podia ter sido atacada da pior forma possível voltou a Valinda. Ela reviveu o terror de correr, ser agarrada e sentir-se impotente ao tentar lutar contra os agressores. A lembrança embrulhou seu estômago.

– Com licença, eu acho...

Ela se afastou alguns passos e seu estômago se esvaziou.

Momentos mais tarde, LeVeq lhe entregou um cantil para que ela enxaguasse a boca. Feito isso, Val o devolveu, se sentou na grama e esperou a tontura passar. O capitão e sua cunhada se sentaram com ela. A preocupação estava estampada em seus rostos, mas eles

permaneceram em silêncio, deixando que ela se recompusesse o máximo possível.

– Onde mora, Srta. Lacy? – perguntou ele, em voz baixa.

– Eu alugo um quarto no Tremé, no apartamento de Madeline e Georgine Dumas.

– E como vai voltar? Tem alguma montaria, uma carroça?

– Não. Vim de bonde até o ponto final e andei o resto do caminho.

– Você não vai voltar andando sozinha – determinou Sable. – Drake e eu passaríamos a noite toda preocupados. Vamos para o bairro Francês. Podemos deixá-la no caminho.

– Obrigada.

– Drake pode ter feito aqueles homens temerem a Deus por ora, mas quem sabe se eles não são estúpidos o suficiente para atacarem você de novo se a pegarem sozinha?

Valinda estremeceu só de pensar em encontrá-los outra vez.

O capitão se levantou e ofereceu a mão a ela.

Val ergueu os olhos, notou a preocupação dele e aceitou. A mão dele tinha cicatrizes e era calejada, grande e quente.

– Eu gostaria de dar uma olhada no celeiro antes de irmos, se não se importar – falou ele.

– Tudo bem. Eu não tenho ideia do que fazer com ele, agora que foi invadido. Alguém arrebitou o cadeado, o que significa que não há como mantê-los fora até que eu consiga um novo.

– Provavelmente vão arrebitá-lo de novo – ponderou Sable.

Val concordou e não ficou feliz ao perceber que perdera a sala de aula.

– A escola tem um patrocinador? – perguntou LeVeq.

– Sim, as Freiras da Sagrada Família. A propriedade era de um dos benfeitores do convento.

Juntos, eles voltaram até o celeiro.

– Se eu pudesse, colocaria alguns guardas aqui para que a senhorita continuasse a usá-la em segurança – comentou o capitão, após dar uma olhada no interior devassado. – Mas com tantas outras questões

urgentes na cidade, duvido que o Exército veja isso como uso eficiente de pessoal.

– Eu entendo – concordou Valinda.

Era uma triste realidade. Ela tivera tantas esperanças. Agora precisaria encontrar uma nova sala de aula e recomeçar.

– Vou conversar com as freiras e ver se elas podem arranjar outro lugar.

– Sinto muito – disse ele, com sinceridade.

Ela assentiu.

– É melhor irmos – falou Sable. – Tem alguma coisa aqui que precise levar?

– Só isso.

Val pegou o caixote com as lousas e o giz e deu uma última olhada no entorno.

– Venha – chamou Drake, seus olhos suaves agora. – Vamos levá-la para casa.

## CAPÍTULO 3

Drake fez o melhor que podia para conter sua raiva enquanto levava a Srta. Lacy para casa. Queria castigar os agressores dela até que implorassem pela misericórdia que ele não lhes daria. Não era preciso imaginar o que teria acontecido se ele e Sable não tivessem chegado. Ele sabia. Olhando para a professora sentada em silêncio ao seu lado, desejou poder voltar no tempo e apagar o terror que vira em seus olhos castanhos ao se aproximar. O incidente não seria algo que ela esqueceria facilmente, e ele queria puni-los por isso também.

Apesar disso, ela não agira como um cordeiro a caminho do matadouro. Ela lutara, e isso o impressionava. A ferida que tinha feito no pescoço de Appleton parecia séria o suficiente para precisar de cuidados médicos. Se dependesse de Drake, o corte infeccionaria, ficaria pútrido e nunca seria curado. Era um pensamento cruel para um homem criado na fé católica, mas cabível a um que descendia de piratas.

Quando eles chegaram ao Tremé, uma área nos limites do bairro Francês habitada principalmente por *creoles*, já estava quase escurecendo. Logo, a noite de Nova Orleans pertenceria aos que não tinham abrigo, aos andarilhos bêbados e às forças sombrias que perseguiam ambos.

Seguindo as orientações de Valinda, Drake parou a carroça na frente da pequena casa das irmãs Dumas.

– Obrigada de novo a vocês dois – disse ela de modo sincero e

fitando os olhos de Drake.

Embora ele não soubesse nada sobre ela, percebeu que queria muito descobrir. O sotaque não era do Sul, então de onde ela vinha? Estava sozinha na cidade? Há quanto tempo estava ali? Contudo, não fazia sentido detê-la apenas para satisfazer sua curiosidade. Depois do ataque que sofrera, ela provavelmente não tinha cabeça para frivolidades.

A voz de Sable invadiu os pensamentos dele.

– Srta. Lacy, se precisar de qualquer coisa, avise-nos. As freiras conhecem bem a família LeVeq. Na verdade, minhas filhas estudam na escola delas.

– E eu sou voluntário em um dos escritórios da Agência de Libertos – acrescentou Drake. – Se puder ajudá-la a encontrar outra sala de aula, eu o farei.

– Obrigada. Tenho tido bastante dificuldade para receber minha bolsa. Eu queria que tivéssemos nos conhecido antes. Mas em circunstâncias melhores.

– Eu também – murmurou ele, observando-a.

*Quem é você, adorável Valinda? Gostaria de jantar comigo?* Contudo, em vez de pronunciar essas perguntas em voz alta, conversaram sobre como encontrar outro local para as aulas. Embora financiar e construir escolas fosse parte das muitas atribuições da Agência de Libertos, logo que eram instaladas, eram queimadas por grupos escravocratas.

– Espaço disponível é algo raro – comentou ele.

– Eu sei.

– Agora que não tem uma sala de aula, é provável que não consiga receber a bolsa até que encontre outro espaço – acrescentou Drake.

Ela parecia ser o tipo de pessoa que gostaria de saber a verdade.

– Então isso vai me causar um problema.

– O que quer dizer?

Ela explicou sua situação com Georgine Dumas.

– Ninguém vai permitir que você fique na rua – garantiu ele.

Enfiou a mão no bolso do casaco e puxou um lápis e um bloquinho

de papel que usava para tomar notas.

– Se precisar de ajuda a qualquer momento, este é o endereço do meu escritório e do hotel onde meu irmão Archer trabalha. É para lá que vamos agora.

Ele entregou o papel a Val. Queria escrever também o endereço da sua casa, mas sabia que seria inapropriado.

Ela lhe dirigiu um breve sorriso.

– Obrigada de novo. Sinto que já disse isso uma centena de vezes, mas não é o suficiente.

– Estou feliz que Sable e eu estivéssemos por perto.

Sable desceu de seu assento para permitir que a professora passasse.

– Tchau – despediu-se a Srta. Lacy, fitando os olhos de Drake uma última vez.

Ele acenou com a cabeça e a observou caminhar até a porta. Quando ela estava em segurança do lado de dentro, a curiosidade dele voltou. Ele a veria de novo? Agora que sabia onde morava, será que poderia visitá-la? A mãe dele, a Adorável Julianna, era patrona das Freiras da Sagrada Família. Será que sabia algo sobre ela?

Sable abanou a mão em frente ao rosto dele.

– Drake, precisamos ir. Rai e meus filhos estão esperando. Você pode pensar em vê-la de novo mais tarde.

Envergonhado, ele sorriu e colocou os cavalos em movimento.

Eles chegaram ao hotel de Archer pouco tempo depois. Passaram pela pequena sala de jantar e seguiram para o cômodo dos fundos. A família LeVeq era grande, e o barulho da reunião podia ser ouvido enquanto eles se aproximavam.

Aplausos e gritos soaram quando Sable entrou. Drake escolheu uma cadeira vazia na ponta da mesa elegantemente posta para permitir que a convidada de honra tivesse seu momento de glória. O marido dela, Raimond, a puxou para si, deu um giro com ela e, depois, um longo beijo de boas-vindas. No momento em que a pôs no chão, ela foi cercada pelos filhos: os gêmeos de 15 anos, Cullen e Hazel; Blythe, que era mais nova do que eles, e Desiré, de 2 anos, que fugiu do colo da

avó e correu até Sable dando gritinhos de “Mama!”. Sable a pegou nos braços e abraçou e beijou todos eles. Conhecida na cidade por seu trabalho com órfãos, ela viajara até Biloxi para acompanhar três crianças sob seus cuidados até um novo lar amoroso. Drake, como o restante da família, estava feliz por ela ter voltado em segurança.

Drake era o quarto filho mais velho. Antes dele vinham Archer e o primogênito, Raimond. O irmão deles, Gerrold, nascido entre Raimond e Archer, tinha perdido a vida durante a guerra. Todos sentiam a dor de não ter mais sua presença animada. Entre os filhos LeVeq, depois de Drake vinham Beau e Phillipe, o caçula.

– Então, já descobriu como matar o tenente Merritt sem ser pego? – inquiriu Phillipe.

Drake alcançou uma das garrafas de vinho sobre a mesa com toalha branca e serviu uma taça para si.

– Não. Mas estou trabalhando nisso.

Todos ali sabiam da frustração de Drake em relação ao chefe do escritório. O irmão dele, Raimond, também tivera laços com a Agência de Libertos, mas se afastara fazia pouco tempo para se dedicar mais à política e ao grupo de homens pretos veteranos de guerra conhecido como Conselho.

– O que aconteceu com sua mão? – perguntou Beau. – Você atacou Merritt, espero.

Drake baixou os olhos para a pele ferida nos nós de seus dedos, e abriu e fechou a mão levemente inchada.

– Não.

Então ele contou aos irmãos o que havia acontecido.

Ambos ficaram indignados.

– Seu controle é admirável, irmão – comentou Beau. – Eu ainda estaria chutando esses desgraçados. A dama está bem?

– Na medida do possível, acho que sim.

A mente dele voltou para os arranhões e machucados nas bochechas macias de Val e sua raiva ressurgiu.

– Eu disse a ela que iria denunciar os homens ao superior deles, mas

sei que ele é tão inútil quanto Merritt, então não há por quê. Ele não vai repreendê-los.

– Talvez tenhamos a sorte de cruzar com eles de novo. De noite. Em um beco.

Drake riu, pediu licença para seus irmãos sedentos de sangue e foi cumprimentar a mãe, Julianna.



Na residência das Dumas, Val encarou Georgine, incrédula.

– Madeline faleceu hoje de manhã?

– Sim. Mais ou menos uma hora depois que você saiu para a Agência de Libertos. O médico disse que o coração dela não aguentou. Ela está na funerária.

Val pensou na gentileza de Madeline e desejou paz para sua alma.

– O que significa que agora eu posso me livrar de você.

Val a encarou. Depois do dia terrível que tivera, aquela era a última coisa que queria ouvir.

– Eu recebi minha bolsa. Tenho o dinheiro que devo.

– Suas coisas estão perto da porta.

Ela avistou sua bolsa verde bordada e sua valise de couro marrom. Estava cansada, com calor e ainda nervosa por causa do ataque que sofrera.

– Srta. Georgine, por favor! – implorou. – Fui atacada menos de uma hora atrás. Posso pelo menos passar a noite aqui?

– Vá embora. Estou de luto.

Contendo as lágrimas e a vontade de sacudir a velha megera até que seus dentes falsos caíssem, Val pegou suas coisas, deixou para trás o caixote com o giz e as lousas e voltou para a rua.

O convento ficava ali perto. Ela se recompôs e seguiu naquela direção. Fora avisada sobre sair sozinha depois de escurecer. As ruas não eram seguras e, como Val bem sabia agora, também não o eram durante o dia, então ela apertou o passo.



Ver a silhueta do convento à frente animou seu espírito cansado. Ao chegar ao portão, ela o puxou. Ele não se moveu. Deu um segundo puxão, mas o resultado foi o mesmo. Estava trancado.

– Não! – exclamou, chorando baixinho.

Parada sob o lampião da rua, ela examinou o elaborado trabalho em ferro em busca de um sino ou alguma outra forma de alertar as freiras de que ela precisava entrar, mas não havia nada. *E agora?* Considerou pular a cerca. Quando criança, fora a melhor escaladora de árvores do seu bairro. Contudo, ao contrário das árvores, o portão tinha lanças pontiagudas no alto. Val sem dúvida furaria as mãos ao usá-los para se equilibrar antes de saltar para o gramado lá dentro.

Desencorajada e desanimada, sentiu lágrimas queimarem seus olhos, mas as secou e começou a caminhar novamente. No curto tempo em que estava na cidade, conhecera apenas poucas pessoas – na maior parte, por meio das irmãs Dumas –, mas nenhuma delas bem o suficiente para lhes pedir um lugar para dormir, mesmo sabendo onde moravam.

Pensou em seus salvadores, os LeVeqs. Val também não os conhecia bem, mas eles tinham sido gentis. Detestava a ideia de depender da bondade deles duas vezes no mesmo dia, mas o que mais poderia fazer? Enfiou a mão no bolso da saia e puxou o pequeno papel que o capitão lhe dera.

Era difícil ler a anotação no escuro, mas ele dissera que iria com Sable para o hotel do irmão. Val tentou adivinhar as palavras e partiu, rezando para encontrar o lugar e para que ele e a cunhada ainda estivessem lá.

A rua estava cheia como se fosse meio-dia. Vendedores de bebidas exibiam seus produtos sob a luz dos lampiões, enquanto mulheres da noite se ofereciam nas esquinas e nas portas escuras dos bordéis. Val desviou de pessoas que dormiam nas calçadas. Bares ressoavam com a música de trombetas e tambores, para a alegria dos bêbados que dançavam e cambaleavam perto das entradas.

– Ei, moça bonita! – gritou um deles para ela. – Quer me aquecer

esta noite?

Os companheiros dele começaram a rir.

Ela seguiu olhando adiante e os ignorou enquanto acelerava o passo. Seus ombros doíam por causa do peso da bolsa e da valise. Suas costelas estavam doloridas da agressão. Ela estava cansada e se sentia terrivelmente solitária. Queria parar alguém e pedir informações sobre como chegar ao hotel do irmão do capitão, mas o ataque ainda era recente na sua memória e ela estava tensa demais. Ouviu tiros à distância, mais música alegre e a risada dos foliões de Nova Orleans. Não parou de andar.

Com sua esperança esmorecendo, ela encontrou uma mulher preta e idosa sentada atrás de uma mesa. Por estar bem debaixo de um lampião, Val conseguia ver bem seu rosto magro e envelhecido e o *tignon* de um vermelho vivo que cobria seu cabelo.

– Quer saber sua sorte, senhorita? – ofereceu a mulher.

– Não, senhora, mas pode me dizer se estou perto desse endereço?

Val lhe estendeu o papel. A mulher o pegou, deu uma olhada e o devolveu. Quando ela foi pegá-lo, a idosa segurou gentilmente sua mão, ergueu uma pequena lamparina que tinha ao lado e estudou a palma de Val sob a luz bruxuleante.

– Vai perder um amor, rejeitar um amor, encontrar um amor.

Val não confiava muito em profecias de videntes.

– Obrigada. Mas e o endereço?

A vidente sorriu.

– É ali – disse, apontando. – Do outro lado da rua.

O alívio tomou conta dela.

– Obrigada.

– Ouse amá-lo, senhorita.

– Quem?

– Ele – foi a resposta, como se fosse uma pergunta tola.

– Obrigada de novo – disse Val com educação, apesar do ceticismo, e atravessou a rua.

Atrás de si, ouviu a velha rindo baixinho.

Grata por encontrar a porta do hotel destrancada, Val entrou. Havia algumas mesas com toalha branca espalhadas pela pequena sala de jantar. As pessoas sentadas ali ergueram os olhos de seus pratos quando ela entrou. A forma como a encararam a deixou consciente de sua aparência amarfanhada.

Um homem em um impecável terno preto foi até ela.

– Desculpe, senhorita. Estamos prestes a fechar a cozinha, então não posso acomodá-la.

– Estou aqui para falar com o capitão LeVeq, por favor.

O homem avaliou as roupas dela e as malas que carregava. A expressão em seu rosto escuro foi de desaprovação.

– Sinto muito. O capitão está em uma reunião familiar particular e pediu para não ser incomodado.

– Eu estive com ele e a cunhada, Sable, ainda há pouco. Eles me disseram que eu deveria vir aqui se precisasse de assistência.

Ele forçou um sorriso.

– Tenho certeza disso, mas não estão disponíveis.

Ela pegou o papel do bolso da saia.

– Ele me escreveu isto.

O homem deu uma rápida olhada no bilhete.

– Vou pedir que saia antes que eu chame as autoridades.

– Acha que estou mentindo?

Outro sorriso falso.

– Saia, por favor.

A atitude condescendente dele, o dia horrível que ela tivera e a perspectiva de passar a noite na rua a forçaram a ser dura.

– Ou você me leva até ele ou vou gritar até perder a voz!

Ele abriu a boca para responder, mas ela foi mais rápida.

– Capitão LeVeq! – gritou bem alto.

Os clientes se surpreenderam e um burburinho encheu a sala.

– Capitão LeVeq! – gritou ela de novo, mais alto.

– Senhorita! – disparou o homem de preto, olhando em volta para os hóspedes incomodados. – Fale baixo!

– Capitão LeVeq!

Em um piscar de olhos, Drake apareceu no canto da sala de jantar. Seus olhos e sua voz demonstravam confusão.

– Srta. Lacy?

– Oi – disse ela, aliviada. – Ele não queria me levar até o senhor.

– Desculpe, Drake, mas... – falou o homem de terno preto.

Drake ergueu a mão para interrompê-lo.

– Tudo bem, Raoul.

Val tinha estado tão focada no capitão e no alívio que a presença dele trouxera que só então notou as outras pessoas de aparência preocupada que o cercavam. Eram na maior parte homens, mas ela também avistou Sable segurando uma garotinha. Ao lado dela havia mais três crianças.

– Desculpe por incomodar – sussurrou Val, recuperando-se mas ainda emotiva. – É que Georgine Dumas me expulsou e eu não tenho para onde ir.

Uma linda mulher mais velha com pele escura saiu de trás dos homens.

– Drake, conhece essa jovem?

– Conheço.

– Então convide-a a se juntar a nós.

Val balançou a cabeça.

– Não, por favor. Poderia apenas me indicar um lugar onde eu possa passar a noite? Não quero atrapalhar sua festa.

– Ela é sempre tão teimosa? – perguntou a mulher a Drake.

– Não sei, Mama – respondeu ele, parecendo divertir-se. – Eu a conheci hoje.

A mãe dele sorriu e Val notou que Drake tinha os olhos escuros dela.

– Você já jantou? – indagou a mulher.

– Não, senhora.

– Está com fome?

Val não podia mentir.

– Sim, senhora.

– Então venha, coma. Depois lhe arranclaremos um lugar para descansar, eu prometo.

Val olhou para todas as pessoas que esperavam sua resposta, seus olhos encontrando os de Drake por último.

– Minha mãe gosta de mulheres teimosas – brincou ele.

Ela achou graça, apesar de seu cansaço.

– Está bem. Eu aceito.

A família aplaudiu.

## CAPÍTULO 4

Drake não conseguia acreditar no tamanho de sua felicidade por ver Valinda Lacy de novo, mas essa felicidade vinha acompanhada de preocupação. Ela tivera um dia horrível. Primeiro o ataque, e depois fora cruelmente expulsa por sua senhoria. Ele queria levá-la para casa e desafiar qualquer um a machucá-la de novo. Em vez disso, se conteve e deixou que sua mãe e Sable cuidassem dela e lhe mostrassem onde estava a comida. Enquanto ele saboreava sua taça de vinho, seu irmão mais velho, Raimond, foi até ele.

– Conte o que aconteceu – pediu.

Sem tirar os olhos de Val, Drake relatou os detalhes do ataque.

O rosto de Raimond se nublou de raiva.

– Fico feliz por você estar lá. Muitas mulheres não têm heróis para salvá-las da violência, principalmente mulheres da nossa cor.

– Eu não diria que fui um herói.

– E como você se autodenominaria?

– Só alguém que a ajudou numa situação difícil.

– Sei. É por isso que você está olhando para ela como se fosse a única pessoa aqui?

Drake fez o melhor que pôde para esconder seu constrangimento.

– Tudo bem – falou Raimond. – Eu agi da mesma maneira na primeira vez que vi Sable. Achei que ia perder a cabeça quando ela foi levada.

Alguns anos antes, Sable, junto com os três filhos adotivos do casal,

tinha sido roubada por um fazendeiro. A dor de Raimond até que eles fossem encontrados era algo que Drake nunca esqueceria.

– Não vou me casar com ela, irmão.

– Foi o que eu disse a respeito de Sable. Agora não consigo me imaginar vivendo sem ela.

Os homens LeVeqs tinham um histórico de amar suas mulheres com ferocidade. O amor entre seus ancestrais, Dominic e Clare, era lendário. Drake tinha 8 anos quando o pai deles, François, perdera a vida no mar. A única coisa que impedira a Adorável Julianna de entrar no Mississippi para se juntar a ele na morte fora sua preocupação e seu amor pelos seis filhos que deixaria para trás. No ano anterior, ela se casara com um velho amigo, Henri Vincent, e o amava muito. Drake presumia que amaria sua esposa com a mesma paixão – quando a encontrasse, mas, no momento, ele não estava pronto. Estava contente com sua amante, Josephine.

– Ela é uma pequena beldade – comentou Raimond a respeito de Valinda.

– Sim, mas não se deixe enganar pelo tamanho dela.

Ele contou a Raimond sobre o galho que ela usara para furar Appleton.

– Nada como uma mulher que não cai sem lutar.

– Tenho certeza que Raoul nunca esquecerá isso. Ele provavelmente ainda está chocado pelos gritos desafiadores dela.

Rai riu e deu um gole em seu vinho. Drake observou Valinda conversar com a pequena Desiré e ficou feliz ao ver a professora sorrindo.

Archer se juntou a eles.

– Sua namorada fez Mama comer na mão dela.

Julianna tinha trocado de lugar para ficar ao lado de Val.

– Ela não é minha namorada.

– Não? Então você deveria avisar isso a Mama. Acho que ela viu uma nora em potencial.

Drake suspirou.

– Eu a conheci hoje.

– Não importa – rebateu Archer. – Sable parece ter gostado dela também.

– Eu duvido que qualquer uma das duas esteja planejando um casamento, Archer.

Ele deu de ombros.

– Aquele misterioso sexto sentido das mulheres permite que elas saibam de coisas que nós, homens, descobrimos só depois que a poeira baixa. Você está muito apaixonado por ela?

Drake lhe lançou um olhar exasperado.

– Phillipe e eu já decidimos: se você não marcar território, nós vamos – avisou Beau, juntando-se ao grupo.

– Vocês não sabem nada sobre ela.

– E desde quando isso é empecilho? – lembrou Archer.

– Ninguém vai marcar território nenhum – determinou Drake, dirigindo-se a Beau. – Deixem-na em paz.

– Tudo bem. Você tem uma semana – sentenciou Beau e se afastou.

Drake contraiu os lábios ao vê-lo sentar-se perto das mulheres, se inclinar e puxar conversa com a Srta. Lacy.

– Você poderia jogá-lo no mar? – pediu Drake a Raimond.

– Dez anos atrás, eu fiz o mesmo pedido a Mama em relação aos pirralhos dos meus irmãos, inclusive você. Ela disse que não.

– Que pena, ele seria uma ótima isca para tubarão. Achei que ele estava contente com as duas amantes que tem.

– Ele está sempre em busca de novas candidatas para seu harém – falou Archer.

– Ele deveria procurar em outro lugar, antes que eu o sufoque enquanto estiver dormindo.

Rai e Archer se viraram para Drake.

– Só porque não estou marcando território, não quer dizer que não esteja interessado – falou Drake.

E era preciso admitir que estava. Muito. Apesar de sua amante e mais algumas beldades que ele visitava de tempos em tempos, havia



algo na determinação da pequena Valinda que o atraía. Ele não conhecia nenhuma mulher com coragem de causar o tumulto que ela fizera na recepção. Nenhuma que não carregasse o nome LeVeq, pelo menos. Ouvir uma mulher chamando por ele fizera a festa parar e, depois de descobrirem de quem era a voz, ali estavam todos. Ele queria saber mais sobre ela.

Com a filha adormecida no colo, Sable foi até eles.

– Rai, precisamos ir para casa, colocar as crianças na cama.

Ele assentiu.

Então ela se virou para Drake.

– Odeio ser portadora de más notícias, mas sua namorada tem um noivo. Ele está em Paris no momento, mas vai voltar para os Estados Unidos em breve.

Drake sentiu como se tivesse sido acertado no peito por uma das âncoras de Raimond. Isso o surpreendeu. O compromisso de Val com outro homem devia apenas tê-lo feito dar de ombros e seguir em frente, mas, por razões desconhecidas, não reagiu assim.

Archer lhe deu um tapinha nas costas.

– Sinto muito, irmão.

– Talvez ele caia no mar na volta – aventou Rai.

Drake achou graça e ergueu sua taça em um brinde, mas isso não aliviou sua decepção.

– Pelo menos ela está salva do harém de Beau.

– Nenhuma mulher está a salvo – discordou Archer. – Já avisei a ele: na próxima vez que ele for duelar com um marido raivoso, vou ficar em casa. Outra pessoa pode ser o padrinho dele.

– Você vai sobreviver, Drake – confortou Rai. – Ainda tem Josie e quem mais você estiver encontrando.

Drake se orgulhava de esconder seus sentimentos. Tendo tantos irmãos, era necessário. Contudo, de alguma forma, Rai sempre conseguia enxergar por trás de sua máscara.

– Se você não sabe, está provado que sou discreto – ressaltou Drake.

Archer revirou os olhos.

– Eu vou consolar Raoul. Bom retorno para casa. Tenham uma boa noite.

Julianna chamou Drake.

– Sim, Mama?

– Valinda vai passar a noite na minha casa. Pode nos levar?

Ele olhou para Valinda, sentada ao lado da mãe dele. Ficou comovido com o cansaço evidente nos ombros e nos olhos dela.

– Posso, mas a senhora não veio com Phillipe?

– Vim. Mas ele exagerou um pouco no vinho e não quero acabar em uma vala. Valinda já sofreu o suficiente por hoje.

Ele concordou e procurou na sala pelo irmão mais novo.

– Onde está Phillipe?

– Ele e Beau acabaram de ir embora.

– Ele a trouxe na sua carruagem? Eu vim na carroça do Exército. Preciso devolvê-la e Havana está amarrado nela.

Havana era seu cavalo.

A mãe assentiu.

– Archer pode pedir que um de seus funcionários devolva a carroça de manhã.

– Tudo bem.

Drake era um homem de muitos talentos, mas nem mesmo ele poderia guiar dois veículos e montar um cavalo ao mesmo tempo. Olhou para as duas mulheres.

– Querem ir agora?

A mãe dele assentiu.

– Só preciso pegar minha bolsa e a valise – falou Valinda.

– Onde estão? – perguntou Drake. – Eu vou buscá-las.

– Perto do bufê.

Ele as pegou e guiou as damas para fora.

Quando chegaram à grande casa da mãe dele no Tremé, a hóspede já dormia.

– Pobrezinha – disse Julianna olhando para Valinda encolhida no

banco. – Não quero acordá-la. Você poderia carregá-la para o antigo quarto de Sable?

Drake sabia que aquele contato físico seria um tormento para ele, mas não podia dizer não à mãe. Depois de ajudar Julianna a sair da carruagem, ele se esticou e cuidadosamente acomodou Valinda nos seus braços.

Lá dentro, ele a deitou na grande cama de dossel e se afastou.

Julianna pôs um cobertor leve sobre a jovem. Ela e o filho saíram e fecharam a porta.

– Quanto tempo ela vai ficar com a senhora? – quis saber Drake.

– Não sei. Vamos conversar sobre isso de manhã. Reba e eu somos as únicas aqui e há muito espaço, então ela é bem-vinda pelo tempo que for necessário. Você vai ficar por um tempo e consertar aquele vazamento no teto da minha estufa?

A culpa o acertou. Ele vinha prometendo cuidar do telhado havia semanas.

– Desculpe por não ter resolvido isso ainda.

– Minhas orquídeas não gostam de tomar chuva.

– Eu sei.

Ele estava construindo uma casa no seu pedaço das terras dos LeVeqs e vinha concentrando seus esforços nisso.

– Eu fico. Volto para casa quando terminar aqui. Não deve demorar muito.

Ela sorriu.

– Obrigada. Vejo você de manhã.

Ela o mandou abaixar-se. Quando ele obedeceu, ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo carinhoso na bochecha dele.

– Boa noite, filho.

– Boa noite, Mama.

Depois de se acomodar no quarto que costumava dividir com Phillipe e Beau, Drake continuou a pensar em Valinda. Senti-la em seus braços e ver sua tranquilidade o fisgara ainda mais. Ela pertencia a outro, porém, portanto ele teria que afastar qualquer pensamento

sobre conquistá-la. Mas essa ideia o deixava mal-humorado. Determinado a arrancá-la da cabeça, ele tirou a roupa e se deitou.



Valinda acordou desorientada: não sabia onde estava e ainda usava as roupas da noite anterior. Afastando a névoa de sono, ela se sentou e olhou em volta, observando o belo quarto em que estava. As cortinas douradas estavam fechadas, mas um fio de luz brilhava forte sob elas, na madeira polida do chão. A cama era enorme e o estofamento dourado e felpudo da cadeira delicada, que fazia conjunto com a penteadeira marfim, combinava com as cortinas.

*Onde estou?* Sua última recordação era ter entrado na carruagem com o capitão LeVeq e a mãe dele. Teria adormecido no caminho? Seria uma boa explicação para o fato de não se lembrar de mais nada. Ela ficou surpresa e mais do que levemente envergonhada. Sim, tivera um dia longo e terrível, mas podia pelo menos ter ficado acordada por tempo suficiente para agradecer a generosidade da mãe dele em lhe oferecer um lugar para dormir.

E como tinha chegado ao quarto? Alguém a carregara? A possibilidade de ter sido o capitão deixou seu rosto quente.

Avistou sua bolsa perto da penteadeira. Observando as roupas sujas e amassadas que ainda usava, ela imaginou onde poderia se lavar e se trocar.

Ao sair da cama, notou três portas. Uma era um grande closet. A outra levava para um corredor silencioso e a última dava no maior banheiro que ela já vira. Havia um vaso sanitário e uma pia com uma reluzente torneira de bronze. A banheira com pés em garra era grande o suficiente para duas pessoas. Val deslizou a mão por sua borda curvada. Na casa das Dumas, a água era fria e só a cobria até a altura do quadril. Ela ansiava por ficar imersa em um longo banho quente, mas não tomaria essa liberdade sem a permissão de sua anfitriã.

Assim, depois de se inteirar dos aposentos, pegou um pedaço de sabão na bolsa e se lavou o melhor que pôde.

Ver-se no espelho lhe trouxe de volta os momentos aterrorizantes do ataque. Havia um hematoma em sua bochecha. Ela fechou os olhos, forçando-se a respirar fundo até que o medo insistente recuasse, e se perguntou se algum dia se livraria da lembrança daquele incidente. Por ora, contudo, conseguiu colocá-la de lado, vestiu roupas limpas, refez seu coque e saiu do quarto.

Uma curta caminhada pelo corredor a levou a uma escada. Ao descer, ela se viu encarando uma porta imponente que presumiu levar para a área externa. À sua direita estava uma grande sala com muitas janelas, mobília fina e luminárias que pareciam caras, mas não havia ninguém ali. Enquanto ainda tentava adivinhar onde poderia encontrar a mãe do capitão, Val escutou:

– Valinda? É você, querida?

– Sim, senhora.

– Já vou.

Alguns segundos depois, a matriarca LeVeq apareceu usando um belo vestido diurno cinza.

– Dormiu bem?

– Dormi. Que horas são?

– Quase uma.

– Da tarde?!

Julianna riu.

– Sim. Algum problema? Você tinha algum compromisso? Se perdeu algo, peço desculpas por tê-la deixado dormir. Supus que você precisasse descansar.

– Eu queria ver as freiras esta manhã. Não estou acostumada a acordar tão tarde.

E não estava mesmo. Em casa, ela se levantava todo dia às seis para acender as lareiras e o fogão para o café da manhã. As irmãs Dumas acordavam cedo também. Ao pensar em Madeline, fez mais uma prece silenciosa por sua alma.

– Mandei um bilhete para elas mais cedo avisando que você estava aqui. Elas responderam que estão recebendo a visita do bispo, de modo que ficarão em oração e não haverá aulas.

Valinda suspirou. Embora sua ida ao convento só fosse ser adiada por um dia, sentiu que enfrentava mais um empecilho.

– Precisamos de algo para passar no seu rosto – falou a matriarca. – Espere.

Ela saiu por um momento e voltou com um pequeno frasco.

– Isso vai ajudar na cicatrização.

Val foi até o grande espelho sobre a lareira e passou um pouco da mistura cremosa na bochecha.

– É de hamamélis, então não deve arder.

– Não arde. Obrigada – disse Val e devolveu o pote. – À noite eu passo mais. Preciso lavar as mãos.

Havia um pouco do bálsamo grudado em seus dedos.

– Vamos até a cozinha. Está com fome?

Val ouviu marteladas ao longe.

– Estou.

– Venha. Reba vai preparar algo para você.

– Torrada é suficiente.

Julianna parou.

– Eu trabalhei muito para dar uma boa vida a mim mesma e aos meus filhos. Temos mais do que torrada a oferecer aqui.

A leve bronca fez Valinda baixar a cabeça e sorrir.

– Sim, senhora.

Reba era uma mulher pequena e de boa constituição, mais ou menos da idade de Val. Tinha um sorriso fácil e pele marrom-clara cheia de sardas. Seu *tignon* era cinza e decorado com búzios. Enquanto Val lavava e secava as mãos, Reba disse:

– Estou fazendo costeletas, inhame e repolho para Drake. Ele vai estar com fome quando terminar. Quer um pouco?

Val ficou imóvel ao ouvir o nome de Drake.

– Hum.

– Ou, se quiser algo mais leve, tenho bacon, mingau de milho com camarão e ovos.

Val preferia a segunda opção, mas não queria dar trabalho.

– Dê a ela o mingau de milho com camarão e os ovos – ordenou Julianna, antes que Val pedisse as costeletas, como se lesse sua mente.

– Ela acabou de acordar. Costeletas podem pesar no estômago dela agora.

Reba assentiu.

– Sim, senhora.

– Sra. LeVeq... – tentou protestar Val.

– É LeVeq-Vincent, mas, por favor, pode me chamar de Julianna. Meu marido, Henri, está em Cuba no momento.

Val jamais pensaria em usar um tratamento tão íntimo para se dirigir a uma mulher da idade dela.

– Mas...

– Julianna – ressaltou ela, com mais firmeza. – Todo mundo me chama assim. Até meus filhos, às vezes.

Val sentiu que tinha poucas chances de ganhar aquela discussão, então se rendeu.

– Julianna.

– Muito bem. Agora, vamos lá fora enquanto Reba prepara sua comida. Quero ver como está minha estufa. Drake está consertando o telhado.

Preparando-se mentalmente para ver o capitão, Val seguiu Julianna pelo caminho de cascalho que cortava a paisagem bem-cuidada repleta de arbustos e árvores até chegarem a uma grande estufa. O filho dela estava no teto de madeira, pregando tábuas. Ele parou quando elas se aproximaram e, assim que os olhos dele encontraram os de Val, o coração dela deu um pulo dentro do peito. Com sua pele escura, barba curta e porte hercúleo, ele era de tirar o fôlego, uma descrição que ela nunca fizera de um homem. Todos os que ela conhecia em sua cidade eram notáveis, mas nenhum deles era tão fascinante quanto Drake LeVeq.

– Boa tarde, Srta. Lacy.

– Capitão.

Ele pegou uma toalha e secou o suor da testa, os olhos ainda fixos nela.

– Terminou? – perguntou Julianna.

– Quase – respondeu ele, mas manteve sua atenção focada em Val.

Nenhum homem jamais olhara para ela com tanta intensidade. Ela queria desviar os olhos, mas lhe faltavam forças.

– Dormiu bem? – indagou Drake.

– Dormi. Por muito mais tempo do que planejava.

– E eu me responsabilizo por isso – afirmou a mãe dele, com leveza.

– Mas ela parecia precisar do descanso.

– Parecia mesmo – ecoou ele.

– Valinda, Drake construiu esta estufa para mim anos atrás. Você gostaria de ver as lindezas lá dentro?

– Adoraria.

Nem que fosse para se livrar da presença desconcertante que era o filho dela.

– E eu, aqui, esperando ter a companhia de duas adoráveis damas enquanto trabalhava – protestou Drake.

– Termine meu telhado e talvez eu lhe dê permissão para comer.

Ele riu e voltou a martelar.

As marteladas ecoavam mais alto dentro da estufa, mas foi a riqueza das belas plantas que prendeu imediatamente a atenção de Val.

– Meu falecido marido, François, era um marinheiro mercante e trouxe minha primeira orquídea de uma viagem ao Brasil – explicou Julianna, apontando a colorida seleção de espécies vindas de diversos lugares distantes, como Bornéu, Índia e Austrália. – Eu não sabia como cuidar dela e tentei cultivá-la em casa. Ela morreu, e eu fiquei arrasada. Ele procurou por toda parte por alguém com quem eu pudesse aprender e encontrou um senhor dominicano chamado Yves, que cuidava das orquídeas em uma fazenda ao norte daqui. Yves disse que eu precisava de uma estufa, então François construiu a primeira



para mim. Toda vez que viajava, ele me trazia orquídeas. Eu ficava melhor em cuidar delas a cada nova aquisição.

– Que gesto lindo.

– Ele ganhou meu coração de muitas maneiras. Morreu em uma tempestade no cabo da Boa Esperança, quando os pirralhos, que é como Raimond chama os irmãos mais novos, eram pequenos. Eu achei que não conseguiria viver sem ele. Nunca tinha imaginado a dor que seria perdê-lo, perder nosso amor.

– Sinto muito por sua perda.

– Obrigada.

Val nunca ouvira ninguém professar seu amor de forma tão intensa. Seus pais tinham um casamento arranjado, assim como a maior parte dos adultos que ela conheceu enquanto crescia. Alguns casais se tratavam com gentileza, mas outros, como seus pais, mal se toleravam. E mais importante: as mulheres – particularmente sua mãe e sua irmã mais velha, Caroline – pareciam muito infelizes como esposas.

Para escapar dessa infelicidade e da perspectiva de seu pai casá-la com alguém que ela não suportasse, Val tinha concordado em se unir a seu bom amigo Coleman Bennett. Eles se respeitavam e gostavam um do outro, mas seu matrimônio não seria baseado no que as pessoas chamavam *amor*, porque era mais um arranjo de negócios do que qualquer outra coisa.

Na verdade, Val nunca vira nem sentira o amor. *Vai perder um amor, rejeitar um amor, encontrar um amor.* As palavras da vidente surgiram do nada e os pelos de sua nuca se arrepiaram. Ela as afastou e voltou sua atenção para a orquídea que Julianna descrevia.

Quando o tour terminou, elas voltaram ao calor do lado de fora e viram Drake reunindo suas ferramentas.

– Terminei, Mama. Troquei todas as tábuas ruins. Suas beldades estarão seguras por mais alguns anos.

– Obrigada.

– Vou me lavar para comer.

– Reba está fazendo um prato para Valinda também. Eu preciso

terminar de examinar alguns contratos. Você se importaria de fazer companhia a ela enquanto eu trabalho? Não devo demorar. Está bem para você assim, Valinda?

De início, Val planejara acordar, agradecer a Julianna por recebê-la na noite anterior, depois partir para conversar com as freiras a respeito de uma nova sala de aula e um lugar para ficar. Ela também precisava entrar em contato com seus alunos por causa da sala fechada. Não tivera a intenção de partilhar uma refeição com Drake. No entanto, agora que seus planos tinham sido alterados, não havia motivo legítimo para rejeitar o convite, então ela se rendeu novamente.

– Está ótimo.

– Que bom. Vou pedir que Reba leve os pratos de vocês para o gazebo. Está uma tarde tão bonita. Vocês podem comer lá.

Observando Val, LeVeq disfarçava seu divertimento. Era como se ela soubesse quanto era inútil nadar contra a forte correnteza que era sua mãe.

– Só vou levar alguns minutos – assegurou Drake às mulheres, então pegou seu cinto de ferramentas e a escada e saiu.

Enquanto ele se afastava, Val não conseguia tirar os olhos dele. A camisa branca, fina e encharcada de suor grudava em seus ombros largos e no vão de suas costas. Drake caminhava como se ele próprio houvesse criado o mundo. Cada passo a deixava tão hipnotizada que ela não ouviu o que Julianna dizia.

– Desculpe. O que disse?

A matriarca deu um sorriso astucioso.

– O gazebo é por aqui.

Envergonhada por ter sido flagrada, Val a seguiu por outro caminho de cascalho que passava por grandes arbustos de rosas vermelhas, hibiscos rosa-escuros e gardênias brancas perfumadas. A combinação de aromas dava uma adorável doçura ao ar parado. Um gazebo feito de ferro forjado e madeira ficava sob a copa ampla de um antigo carvalho de galhos cobertos por um musgo claro.

– Que lugar maravilhoso! – elogiou Val, observando seu entorno.

– Fico feliz que goste. Drake construiu o gazebo também.

Val estudou a estrutura e o intrincado trabalho em ferro.

– Quem fez a ferragem?

– Drake. Ele é arquiteto, carpinteiro e ferreiro. Duvido que exista alguma coisa que ele não consiga desenhar ou construir.

Val assentiu, fascinada pelas voltas e reentrâncias das paredes de ferro do gazebo, mas suas necessidades imediatas voltaram.

– A senhora sabe de algum lugar onde eu possa ficar enquanto procuro uma nova sala de aula?

– É mais do que bem-vinda aqui e eu tenho uma carruagem menor que você pode usar para se locomover durante sua busca. Você sabe guiar?

– Sim.

Seu pai a proibira, mas Cole, seu noivo, ensinara a ela mesmo assim.

– Todos os meus filhos moram perto e eu sei que eles não vão se importar de acompanhá-la, se for necessário. Enquanto isso, se quiser alguma renda, eu poderia empregá-la temporariamente como minha assistente, para cuidar de pequenas tarefas e da correspondência. Sempre tenho mais trabalho do que consigo dar conta.

– Que tipo de trabalho a senhora faz?

– Tenho negócios no mercado imobiliário, naval, de importação e exportação e mercado financeiro.

Val achou aquilo surpreendente. De onde ela vinha, as poucas mulheres donas de negócios que conhecia ofereciam seus serviços apenas a outras mulheres; eram costureiras, cabeleireiras, cozinheiras e lavadeiras. Nunca tinha conhecido uma que atuasse nos “círculos masculinos” do mercado de trabalho.

– Existem outras mulheres aqui com interesses similares?

– Sem dúvida. Nova Orleans possui um longo histórico de mulheres de negócios. Em certo momento, mulheres pretas livres eram donas de uma parte considerável das propriedades da cidade.

Julianna a examinou por um momento.

– O que você espera da vida, Valinda? – perguntou em tom sério.

Ninguém nunca lhe fizera aquela pergunta. De acordo com as regras da sociedade, presumia-se que ela viveria do modo que o pai ou o marido decidissem.

– Fundar uma escola e criar meu próprio currículo.

– Seu noivo também quer isso para você?

– Sim. Ele é provavelmente o único homem que conheço que quer isso.

– Então você fez uma escolha sábia.

Val também achava que sim, e era bom sentir que outra pessoa concordava, porque seu pai não tinha pensado da mesma forma. Ele queria casá-la com um homem mais velho, com fortuna e status, assim como fizera com a irmã dela, Caroline.

– Eu estarei no meu escritório – avisou Julianna. – Venha me ver quando vocês terminarem de comer e podemos conversar mais a respeito de suas possíveis responsabilidades.

– Sim, senhora.

Julianna sorriu e deixou Val sozinha.

## CAPÍTULO 5

Depois da partida de Julianna, Val se acomodou no assento de couro do banco de ferro do gazebo e absorveu os aromas e o silêncio. Julianna era uma mulher notável. Val pensou que a matriarca LeVeq e sua avó Rose se dariam maravilhosamente bem se um dia se conhecessem. Rose tinha ganhado a vida como costureira e não se casara de novo depois da morte do avô de Val. Todos os homens que a cortejavam pareciam focados em controlar seu dinheiro, ela contara a Val, então ela cuidara da vida sozinha, temperando-a com ousadia, independência e obstinação.

E agora ali estava sua neta, esperando sentada para fazer uma refeição com Drake LeVeq. Ela nunca tinha comido sozinha com um homem que não fosse de seu círculo familiar. O que eles diriam? Ela conseguiria disfarçar seu nervosismo? Mais importante ainda: conseguiria se manter indiferente?

Algo lhe dizia que as mulheres fluíam na direção dele. Ela não queria ser vista como uma conquista em potencial. Ainda assim, a ideia de ficar sozinha com ele lhe causava uma estranha ansiedade. Queria saber mais sobre ele, o que poderia parecer inapropriado para uma mulher que tinha um noivo e para a mulher adequadamente educada e recatada que seu pai queria tanto que ela fosse. Mas Val sempre fora ousada. Dentro dela, adormecida, estava a menina que adorava subir em árvores e jogar beisebol e que não dera um gemido sequer ao levar uma surra do pai por ter sido suspensa por três dias da

Escola para Meninas Pretas Respeitáveis da Sra. Brown depois de exigir ter aulas de ciências. Ela sentia que estar perto de Julianna faria aquela menina ganhar asas outra vez e voar. O que Drake LeVeq despertaria nela, porém, não sabia.

Momentos mais tarde, ele chegou carregando uma bandeja com a comida. Sua camisa limpa era azul-clara. Dois botões no alto estavam abertos, expondo as linhas fortes de seu pescoço. Percebendo que estava encarando de novo, ela desviou os olhos rapidamente.

– Sua comida, mademoiselle.

O sotaque francês dele era outra arma no arsenal de predicativos que ela achava atraente. Dizer-se imune seria mentira.

– Obrigada.

Ele colocou o primeiro prato na frente dela, pôs o segundo do outro lado da mesa e sentou-se. Evitando olhar na direção dele, Val se concentrou em desembulhar seus talheres, que estavam dentro de um guardanapo de linho.

– Precisa de mais alguma coisa? – perguntou ele.

Ela tirou a tampa de prata de seu prato e examinou o mingau de milho com camarão, os ovos mexidos e as fatias de baguete torradas.

– Não, está ótimo.

– Excelente.

O prato dele estava cheio de costeletas, inhame, couve e pão. Havia também uma tigela grande de *gumbo* e arroz. Ele deve ter notado o espanto no rosto dela, porque se explicou:

– Telhados dão trabalho e eu ainda estou em fase de crescimento.

Val assentiu, achando graça.

– Devo fazer as preces? Ou quer ter a honra?

Val ficou tão surpresa que só conseguiu dizer:

– Não, vá em frente, por favor.

Ele assentiu, abaixou a cabeça e sussurrou as palavras.

– Amém – concluiu ele.

Ela ecoou a palavra e tentou não demonstrar mais espanto.

Drake pegou seus talheres e começou a cortar a comida.

- Algum problema, *chérie*?
- Eu... eu não estava esperando por aquela oração.
- Não? – retrucou ele com um tom de humor em sua voz e seus olhos escuros.

Ela balançou a cabeça.

- Fomos criados na fé católica e sempre agradecemos antes de uma refeição – falou Drake. – Na verdade, quando éramos pequenos, meus irmãos e eu brigávamos pela oportunidade de fazer a oração. Dar graças agradava à minha mãe e nós vivíamos para isso. Ainda vivemos.

Val começou a comer seu mingau de milho com camarão. Nunca tinha comido aquele prato antes e o achou tão saboroso que chegou a gemer, deliciada.

Os olhos de Drake voaram para ela.

Val congelou.

- Desculpe. Eu não pretendia fazer isso alto.
- Não existe um homem no mundo que não goste de ouvir o prazer de uma mulher.

Um calor se acendeu dentro de Val e ela percebeu que não devia estar sozinha com ele.

- Conte um pouco sobre você, *chérie*. De onde você é?

Decidindo que falar sobre si era um assunto muito mais seguro do que seu prazer, ela respondeu:

- Nova York.
- Irmãos?
- Uma. Uma irmã mais velha chamada Caroline.
- Vocês são próximas?
- Nós éramos antes de ela se casar, dois anos atrás. Agora ela mora na Filadélfia, então não a vejo tanto quanto gostaria. O marido é mais velho e não gosta de viajar.

Drake examinou o rosto de Val como se buscasse algo além daquela resposta, e ela se perguntou se ele intuía a dor que ela sentia ao ver a personalidade vibrante da irmã ser lentamente apagada pelo

casamento com um homem trinta anos mais velho. Ela bebeu um gole de sua água, como se isso pudesse lavar sua tristeza.

– Fale de você – pediu Val. – Como foi crescer com tantos irmãos?

– Divertido. Alguns hematomas, porque brigávamos o tempo todo, e houve momentos em que eu quis enterrar um... ou mais... deles embaixo do gazebo. Mas eu não os trocaria nem por todas as pérolas do Oriente.

Ela deu uma risada leve.

– Caro e eu tínhamos nossos momentos também. No dia que ela contou aos nossos pais que eu tinha subido até o topo do enorme bordo dos vizinhos, eu também quis enterrá-la viva.

– Você subia em árvores?

Ela assentiu.

– Meu pai ficou tão furioso que me trancou em casa por uma semana.

– Ele provavelmente estava com medo que você caísse.

– Ele estava com mais medo de eu me rebelar, de ser indomável, como ele me chamava. Meninas direitas e comportadas não sobem em árvores nem se ajoelham na terra para brincar com bolinhas de gude. Nem jogam beisebol ou fazem todas as outras coisas que eu adorava.

Ele parou seu garfo a meio caminho da boca.

– O que foi? – indagou ela, com humor na voz. – Eu o alarmei?

– Acho que estou apaixonado.

– Não, não está. Coma sua comida.

– Você é boa de verdade nas bolinhas de gude?

– Sou hábil o suficiente para que Cole e os outros meninos se recusassem a me deixar jogar com eles.

– Cole?

– Meu noivo.

– Ah.

Mais uma vez, Drake examinou o rosto dela como se buscasse respostas. Ele voltou sua atenção para a tigela de *gumbo*.

– Fale sobre ele.



– Meu pai trabalha para o dele, então nos conhecemos desde sempre. Cole é editor de jornal. Ele e o sócio, Lenny, estão em Paris para conseguir apoio financeiro e abrir o próprio jornal.

– É um casamento por amor?

Val fez uma pausa. Era sua vez de estudá-lo.

– Não. Não é – respondeu ela, com sinceridade. – Imagino que acredite que o amor exista, não?

– Eu acredito. E você?

– Não existem casamentos por amor na minha família ou nas famílias que eu conheço, então tendo a dizer que não.

– Raimond e Sable se amam, meus pais também se amaram, assim como nossos bisavós, Dominic e Clare. O amor é real, *chérie* – acrescentou ele.

O sotaque e a paixão que ele colocou nessas palavras eram uma combinação tão poderosa que, se ele afirmasse que a lua era feita de sorvete, ela pediria uma tigela e uma colher. Val olhou para aqueles lábios cheios e se lembrou da suavidade dos dedos dele em seu rosto arranhado. O bom senso mandava que ela se levantasse e fugisse dele como se corresse de chamas, porque Drake LeVeq era perigoso de formas que uma mulher comprometida e intocada como ela sequer podia imaginar. Que o Senhor a ajudasse, porque ela se sentia atraída por ele.

– Se não vai se casar por amor, então para quê?

– Para ter a liberdade de viver como quero. Cole me permitirá isso, e não precisarei ficar presa a um homem que não suporto.

Como a irmã, ela observou em silêncio.

– Não acredita que um homem que a ame possa lhe oferecer a mesma liberdade?

– Se um casamento me der a liberdade que desejo, por que eu precisaria de amor?

– Pela companhia. Devoção. Brincadeiras na cama.

– Brincadeiras na cama? – ecoou ela, em dúvida.

Pela expressão divertida de Drake, Val calculou que ele estivesse se

referindo a relações conjugais. A recatada e bem-criada Val teria recuado diante de um assunto tão inapropriado, mas a garota que seu pai chamava de indomável perguntou:

– Está falando de relações conjugais?

– Estou.

– Brincadeiras na cama são para amantes e mulheres da noite, não para esposas.

Ele se reclinou na cadeira com um brilho nos olhos.

– Tem certeza? Uma esposa pode ser amante e esposa ao mesmo tempo.

Val decidiu que aquela conversa era demais para ela, porque a afirmação de Drake não fazia sentido.

– Você tem uma amante?

Ele assentiu.

– Tenho.

Ela não quis explorar o motivo de ficar decepcionada com a resposta. Afinal, eles não eram nada um do outro.

– Se uma esposa pode ser amante, você planeja se casar com ela?

– Não. Ela ficaria estarecida se eu a pedisse em casamento.

Ele se calou por um momento, depois começou a rir.

– Estou vendo que precisarei ficar bem atento ao debater com você.

– Concordo.

– Sua confiança é intrigante. Se já não fosse de outro, eu a cortejaria.

A respiração dela falhou.

– É muito ousado, capitão.

– Sou descendente de piratas. A ousadia está no meu sangue.

O calor que correu pelas veias dela não teve nada a ver com o clima de Nova Orleans, e tudo a ver com o titã impressionante que a observava tão de perto. Apesar de seu laço com Cole, ela se perguntou como seria namorar um homem como ele.

– Se eu deixar de lado minha ousadia e pedir muito educadamente, posso chamá-la de Valinda?

– Pode, sim.

O fato de ele ser pirata e cavaleiro na mesma medida só aumentava sua aura cativante.

– Obrigado. Por favor, me chame de Drake.

– Chamarei.

Por um momento a força do silêncio entre eles tornou desnecessária qualquer palavra. O ar pareceu mais espesso, mais carregado. Usando todas as suas forças para desviar a atenção dos olhos dele, Val se voltou para sua refeição e não notou o sorriso astucioso do titã.

Quando terminaram de comer, ele recolheu os pratos e os empilhou na bandeja com uma eficiência que mostrou que essa tarefa não lhe era nem um pouco estranha.

– Além de conversar com a minha mãe, vai fazer algo mais hoje?

– Eu gostaria de encontrar uma forma de avisar a meus alunos que a escola está fechada.

– Tem algo em mente?

– Não exatamente. Sei onde alguns trabalham. Se eu conseguir falar com eles, espero que passem o recado adiante.

Val não queria que seus alunos pensassem que ela os abandonara ou que não se importava com eles o suficiente para dar uma explicação a respeito da interrupção das aulas.

– Onde eles trabalham?

– Um é confeitiro no Hotel St. Louis. O nome dele é Eb Slayton. Dina Watson trabalha para um fabricante de charutos. Tem um papel na minha bolsa com o nome do estabelecimento.

– Eu não tenho nada urgente pelo resto da tarde. Posso levá-la, se quiser. O cocheiro da minha mãe está de folga hoje, então tenho certeza que ela não vai se importar se pegarmos a carruagem dela emprestada.

Val considerou a oferta. Entrar em contato com seus alunos era prioridade, e ela estava de fato apreciando a companhia dele.

– Se ela não se importar de adiar nossa conversa, eu ficaria grata por sua ajuda.

– Então vamos falar com ela.

Depois que Val explicou a situação, Julianna aprovou. Uma Val feliz subiu até seu quarto para pegar o nome da tabacaria onde Dina trabalhava e se juntou a Drake na carruagem para seguirem em direção ao bairro Francês.

Estar sozinha em uma carruagem com um homem que não era da família também era novidade para Valinda. Quando eles partiram, ela precisou abafar seu nervosismo. *Se já não fosse de outro, eu a cortejaria.* A afirmação dele ainda lhe arrancava o fôlego, mas ela estava convencida de que não tinha sido nada mais do que uma brincadeira casual. Homens não cortejavam mulheres como ela. Como dissera seu pai depois de Val espantar mais um de seus pretendentes, ela tinha estudado demais, era independente demais e tinha opiniões demais.

Seus olhos passaram pelas mãos grandes e marcadas de Drake, que seguravam as rédeas, e por seus ombros muito largos. Ao lado dele, ela se sentia minúscula, uma liliputiana de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swi .

Val dera a Drake o nome da tabacaria para onde deveriam ir e descobrira que ele e os irmãos eram clientes assíduos do lugar.

– Obrigada por me ajudar.

– De nada. Quantos alunos você tem?

– Quinze. Só nos reunimos às segundas e quintas, porque são os dias em que a maioria consegue arranjar tempo para ir. Às terças e quartas eu dou aulas para crianças no convento.

– Gosta de ensinar?

– Gosto.

Ela suspirou. Era triste não poder mais lecionar.

Ele provavelmente ouvira o suspiro, porque olhou para trás e perguntou:

– Qual o problema?

– As coisas não estão saindo como imaginei. Cole vai voltar para os Estados Unidos logo e eu precisarei partir. Não sinto que consegui muita coisa.

– Algum dos seus alunos sabe ler e não sabia antes?

– Sim.

– Então você conseguiu muita coisa. Saber ler vai mudar a vida deles para melhor.

As palavras dele aliviaram sua infelicidade.

– É gentil da sua parte dizer isso. Obrigada.

– É a verdade, *chérie*. Se ensinou pelo menos uma pessoa a ler, já é uma pessoa a mais que poderá passar essa habilidade para seus filhos e para os outros. Do seu jeitinho, você está lhes dando um futuro melhor.

Ela apreciou esse bálsamo também.

– Quando for embora, você e Cole irão voltar para Nova York?

– É bem provável.

E ela voltaria para seu trabalho no ateliê da avó enquanto procurava por um lugar para dar aulas.

– Nova York é um bom lugar para viver?

– Se você tiver dinheiro, sim. Mas a região onde moramos tem ruas estreitas e lotadas, que ficam sujas de esgoto e lixo. Os governantes vêm tentando limpar a área, mas o progresso tem sido lento.

– Nova Orleans era assim também, até que o general Butler chegou com tropas da União e limpou todos os dejetos que deixavam as ruas pútridas. Provavelmente foi a única coisa em relação a ele que as pessoas do lado perdedor da guerra não odiaram.

Ela tinha lido sobre o general nos jornais de Nova York e a respeito dos famosos penicos vendidos em Nova Orleans que tinham o rosto dele pintado no fundo.

– Sua família sempre viveu aqui?

– Meus bisavós vieram para Nova Orleans depois que a ilha em que moravam, perto da costa de Cuba, foi destruída por um furacão.

– Eles eram livres?

– Meu bisavô era. Minha bisavó, não. Ele a roubou da mulher que a escravizara numa viagem pelo mar.

Os olhos de Val se arregalaram. Ele olhou para trás e riu da

expressão no rosto dela.

– Ele era bucaneiro.

– A palavra elegante para “pirata”.

– Sim.

– E eles se casaram por amor?

– Sim. Ela tinha dois filhos escravizados em Charleston e, depois que Dominic os roubou também, eles se mudaram para a ilha.

– É uma história e tanto.

– Tudo verdade. Os dois se amavam loucamente.

O tom dele tinha tanta convicção que ela se perguntou no que consistia o amor. Como ele surgia? Como fazia uma pessoa se sentir? Ela não tinha respostas.

– Sua família sempre viveu em Nova York?

– Só depois que os pais da minha mãe saíram da Virgínia e foram para o norte. Ambos tinham sido escravizados. Meu pai era bebê quando os pais dele escaparam da Carolina do Norte e foram para Nova York.

– Escapar deve ter sido aterrorizante.

– Para minha avó, Rose, foi, com certeza, porque ela era relativamente jovem e fugiu sozinha.

– Seus avós ainda estão vivos?

– Minha avó está, mas meu avô faleceu quando eu tinha 12 anos. Ela nunca se casou de novo. Diz que todos os homens que apareceram queriam controlar seu ateliê de costura e seu dinheiro.

– E a neta dela tem a mesma aversão a esse tipo de controle?

– Sim – respondeu Val, fitando-o nos olhos com firmeza.

Ele lhe deu um pequeno sorriso.

– Continue assim, *chérie*. Nós, piratas, também não gostamos de ficar nas mãos de outra pessoa.

Quando chegaram ao centro da cidade, ele guiou a carruagem pelas ruas congestionadas até o Hotel St. Louis.

– Este lugar não nos recebe pela porta da frente, então vou acompanhá-la até a entrada dos fundos.

Depois de amarrar os cavalos ao poste, ele a guiou pelo beco cheio de lixo até a porta designada para entregas e funcionários. Para a alegria dela, Eb e outros homens e mulheres estavam almoçando ali. Ele pareceu ao mesmo tempo surpreso e confuso quando ela se aproximou.

– Srta. Lacy? O que está fazendo aqui?

Ele lançou a Drake um olhar longo e inquisidor com uma ponta de desconfiança, então ela fez as apresentações e explicou:

– Estou hospedada na casa da mãe do Sr. LeVeq por enquanto, e ele fez a gentileza de me trazer até aqui.

– Entendo.

Ele olhou para Drake de novo, que aceitou calmamente seu escrutínio.

– Uns bandidos se apossaram da nossa sala de aula, Sr. Slayton, então preciso encontrar outro lugar.

– Ah, não – falou ele, sua voz áspera de decepção. – Que notícia terrível.

– Sim, é mesmo. E, como não sei onde a maior parte dos outros alunos mora, eu esperava que pudesse me ajudar a espalhar a notícia de que não haverá aulas até segundo aviso.

Ele balançou a cabeça com tristeza.

– Com certeza. Quanto tempo acha que levará até podermos recomeçar?

– Não sei ao certo.

Ela desejou ter uma resposta melhor.

– Assim que souber, pode me avisar? Quero muito continuar aprendendo. Os outros também.

– Eu sei que vocês querem.

– Talvez haja vagas em algumas das escolas da Agência de Libertos que ainda estão operando – ressaltou Drake, entrando na conversa.

Eb assentiu.

– Antes de encontrar a Srta. Lacy, ninguém mais estava aceitando alunos novos, mas vou começar a procurar de novo.

– Talvez tenha mais sorte dessa vez – sugeriu Val com esperança. – Não que eu queira perdê-lo para outra professora.

E ela não queria mesmo, mas ele precisava continuar estudando.

– Quem mais a senhorita vai procurar? – perguntou Eb.

– Dina Watson, Abner Little e Remus Blue. São as únicas pessoas que me deram informações para entrar em contato se eu precisasse.

– Eu sei onde alguns dos outros moram e trabalham. Vou avisá-los quando for para casa.

– Eb! – chamou um homem com jaleco branco de chef, inclinándose porta adentro. – Hora de voltar ao trabalho.

– Já estou indo.

Eb começou a caminhar na direção da porta.

– Foi bom ver a senhorita. Cuide dela, Sr. LeVeq. Ela é muito especial.

– Cuidarei.

Val se forçou a não encarar os olhos de Drake, evitando o que poderia encontrar neles.

– Ainda posso ajudar seu irmão, se ele precisar – lembrou ela a Eb.

– Ele precisa.

E, com isso, seu aluno desapareceu do lado de dentro.

Enquanto voltavam para a rua movimentada, Drake perguntou:

– Por que o irmão dele precisa de ajuda?

– Ele está tentando encontrar a esposa. Quer colocar um apelo nos jornais, mas não sabe ler nem escrever.

– É gentil da sua parte.

– Se eu estivesse na posição dele, também iria querer encontrar minha família.

– Eu também.

Ela ergueu os olhos para ele quando viraram a esquina.

– Temos sorte por termos nascido livres, pelo menos nesse aspecto.

Ele assentiu.

– Minha avó tinha um irmão mais novo e duas irmãs mais velhas –



contou Valinda. – Ela nunca mais os encontrou nem soube deles desde que escapou. Ainda tem esperanças de conseguir notícias.

– Espero que ela consiga.

A sinceridade na voz dele era a mesma em seu olhar firme. Naquele instante, algo dentro dela mudou, fazendo-a desejar conhecê-lo melhor.

– Eu espero também.

– A tabacaria fica logo à frente – informou ele, falando baixo.

A sineta acima da porta tocou quando eles entraram. O aroma forte de tabaco impregnava o ar.

Um homem mais velho e baixinho, de pele muito branca e cabelos pretos que começavam a rarear, saiu de trás de uma cortina – que Val imaginou levar para os fundos da loja – para recebê-los. O rosto dele se iluminou ao ver Drake.

– Drake LeVeq, como vai? – perguntou ele com forte sotaque francês.

– Estou bem, Eugene. Esta é a Srta. Lacy. Val, este é Eugene Bascom, o proprietário.

Ele inclinou a cabeça com elegância.

– Mademoiselle Lacy. Prazer em conhecê-la.

– Obrigada. É um prazer conhecê-lo também.

– Drake, veio comprar charutos?

– Sim. E a Srta. Lacy gostaria de falar com uma de suas funcionárias.

Eugene parou.

– Quem? – perguntou ele a Val.

– Dina Watson. Ela é minha aluna.

– É com a senhorita que ela está aprendendo a ler e a escrever?

– Sim. Ela tem se saído muito bem na escola.

Os modos dele esfriaram.

– Entendo.

Drake também notou a mudança.

– Algum problema, Eugene?

– Não. Por que deseja falar com ela? – perguntou o proprietário a Val.

– Quero lhe dar um recado a respeito da escola.

– Dê a mim e eu repasso para ela.

– Gostaria de dá-lo eu mesma, se for possível.

Val queria ter certeza de que Dina receberia a notícia.

O maxilar dele ficou rígido e seu olhar também endureceu.

Nesse exato momento, um homem mais jovem apareceu. Ele era alto, mas sua semelhança com Eugene fez Val pensar que talvez fossem pai e filho.

– Sr. LeVeq. Seus charutos estão prontos.

– Obrigado, Quentin. Esta é a Srta. Lacy. Ela gostaria de falar com Dina.

– Pois não. Só um momento.

Eugene lançou um olhar de repreensão para o filho, que o ignorou e voltou para trás da cortina. Quando ele retornou, veio acompanhado de Dina.

Os olhos escuros dela se arregalaram.

– Srta. Lacy? Como vai?

– Eu estou bem.

Ela encarou Drake por um longo momento, então se virou de novo para a professora.

– Quent disse que a senhorita queria falar comigo.

Val notou a suavidade do olhar de Quentin enquanto ele observava Dina, assim como o desgosto na expressão de Eugene. Sem fazer ideia do que isso significava, ela deixou a questão de lado e avisou Dina sobre a escola.

– Ah, não. Eu queria tanto aprender a ler melhor...

– Eu sei, e sinto muito, mas está fora das minhas mãos.

A decepção dela ficou evidente.

– Eu ajudo você – consolou-a Quentin.

– Você não tem tempo para isso – estourou Eugene.

– Posso encontrar tempo – respondeu o jovem, seus olhos ainda em

Dina. – É importante que ela aprenda a ler.

Sua voz suave combinava com sua expressão.

Dina lhe deu um sorriso.

– É muito gentil da sua parte, Quent, mas não quero que seu pai fique bravo com você. Ele acredita que uma mulher como eu só serve para varrer o chão e não tem por que tentar aprender e melhorar.

Eugene ficou vermelho como um tomate.

Dina se virou para Val.

– Srta. Lacy, obrigada por vir. Por favor, me avise se começar outra classe – pediu, depois acrescentou com aspereza: – Preciso ir. Tenho um chão para varrer.

Dina desapareceu nos fundos da tabacaria.

Quentin olhou com desagrado para o pai, depois se voltou para Drake.

– Vou buscar seus charutos – avisou.

Drake assentiu.

Quentin seguiu Dina.

Fervendo por causa da análise que Dina fizera da situação, Val se dirigiu ao dono do estabelecimento.

– Sr. Bascom, por favor, me perdoe por fazer uma pergunta que pode soar rude, mas realmente acredita que Dina não deveria aprender a ler? – inquiriu o mais calmamente que pôde.

O rosto dele se endureceu.

– Isso não é da sua conta.

A resposta a fez querer jogar as mãos para o alto, em exasperação. Ela se virou para Drake.

– Tenho certeza que não é nisso que Eugene acredita, Valinda – disse Drake. – Porque, se fosse, a Casa LeVeq e seus muitos associados teriam que levar os negócios para outro lugar.

Os olhos antes raivosos de Bascom se arregalaram, alarmados.

– Ele vai permitir que Quentin ajude Dina até que ela consiga outra professora, não vai, Bascom? – prosseguiu Drake.

Eugene assentiu com tanta força que Val poderia jurar que as

entradas em seus cabelos recuaram mais um centímetro.

Com os olhos ainda grudados no agora trêmulo comerciante, Drake lhe deu um sorriso frio.

– Que bom. Vou conferir o progresso da Srta. Watson na próxima vez que vier aqui. Que tal, Eugene?

– Está ótimo. Muito bom.

Quentin voltou com os charutos. Drake agradeceu e eles partiram.

– Obrigada – disse Valinda, já do lado de fora. – Que homem horrível!

– De nada.

– Sei que algumas pessoas não estão contentes com a forma como as coisas mudaram desde o fim da guerra, mas não é mais ilegal que ela aprenda a ler e a escrever.

– Exatamente. E eu aplaudo você por confrontar Bascom daquela forma.

– Ter um pirata comigo ajudou.

– Sempre a seu dispor, mademoiselle. Para onde agora?

– Vamos ver Abner Little no açougue Caldwell e Remus Blue, sacristão na igreja de Santo Agostinho.

Os dois homens ficaram tão desapontados com a notícia quanto Dina e Eb. No caminho de volta para a casa de Julianna, a decepção de Valinda voltou também. Contudo, ela diminuiu quando Val se lembrou que fizera diferença na vida de seus alunos, mesmo que ela nunca mais encontrasse uma sala de aula. Além disso, ainda se apegava à esperança de que as freiras oferecessem uma solução.

Olhou para Drake. Ele fora o herói de que ela precisava na tabacaria. Se estivesse sozinha, duvidava que Bascom tivesse cedido. Ameaçar o lucro do homem tinha sido uma excelente estratégia. Não havia um comerciante no mundo que veria a perda de um grupo de clientes valiosos como uma boa prática de negócios. Tê-lo ao seu lado fizera toda a diferença para ela e Dina. Val seria eternamente grata.

Eles encontraram Julianna sentada à sua mesa no escritório.

– Bem-vindos de volta. Encontraram seus alunos?

– Encontramos, sim – respondeu Val.

– Que bom. Drake, vai ficar para o jantar?

Já era fim de tarde.

– Não. Vou para casa. Vejo a senhora daqui a um ou dois dias – disse ele, depois se virou para Val. – Gostei de passar o tempo com você.

– Eu também.

– Talvez possamos repetir em breve.

Ela não disse sim, mas também não disse não.

– Vou trazer minhas bolinhas de gude da próxima vez – falou ele.

Ela não conseguiu evitar um sorriso.

– Se não se importar de perdê-las...

– Eu adoro um desafio.

– Notei isso.

Ele se curvou.

– Até a próxima. Adeus, *chérie*. Adeus, Mama.

Val o observou partir e, quando se virou de volta, Julianna a observava, pensativa.

– Senhora?

Julianna respondeu com um leve abanar de mãos.

– Nada. Sente-se e vamos discutir o que podemos fazer a respeito do seu futuro imediato.

## CAPÍTULO 6

Depois de deixar a casa de Julianna, Drake cavalgou Havana pela estrada de terra batida que levava até sua parte da propriedade dos LeVeqs. Cada irmão possuía um pedaço, mas Archer vivia em seu hotel, e Phillipe e Beau mantinham apartamentos no bairro Francês. Raimond e Drake eram os únicos que haviam feito suas casas ali, embora a de Drake ainda estivesse em construção.

Conforme ele cavalgava, seus pensamentos se voltavam para Valinda. Ele gostara de passar algum tempo na companhia dela. A moça era inteligente, atenciosa e muito surpreendente. Ele certamente não havia esperado que ela confrontasse Bascom. Supôs que essa fosse a parte indomável que o pai dela tanto reprovava. O fato de ela não acreditar no amor o preocupava. Contudo, ele imaginou que fosse verdade, já que ela nunca o sentira nem o presenciara. Seu noivo pensaria do mesmo modo? Se sim, Drake achava o homem um louco por conhecê-la há tantos anos e não ter se apaixonado. O próprio Drake estava a meio caminho de se apaixonar por ela, era preciso admitir, e a conhecia havia apenas 24 horas.

Embora não pudesse tê-la, Drake se permitiu imaginar como seria, porque fantasiar não feria ninguém. Eles brincariam com bolinhas de gude, jogariam damas e xadrez e conheceriam o Oriente em uma das viagens de Rai. Ele iria querer saber as opiniões dela sobre as maquinações políticas do momento e a levaria a corridas de cavalos e à ópera. Ele se perguntou se ela sabia nadar ou cavalgar e se ainda

gostava de subir em árvores. E, sim, haveria brincadeiras na cama. Ela usava o cabelo em um coque apertado que exibia as belas linhas de seu pequeno rosto e o espaço tentador de seu pescoço acima da blusa fechada. Ele imaginou roçar os lábios naquelas costas macias até que Val gemesse de prazer.

Se ela fosse dele, ele construiria não apenas uma sala de aula, mas uma escola inteira, e lhe daria de presente de aniversário ou Natal, demonstrando o que significava ser amada e adorada por um homem da Casa LeVeq.

Assim que ele avistou sua casa, ouviu gritos de mulher e, em seguida, um choro tão cheio de dor que forçou Havana a galopar a toda a velocidade.

Era sua criada, Erma Downs. Estava ajoelhada na terra em frente à varanda. Com a cabeça jogada para trás, lágrimas escorrendo pelo rosto, chorava como se seu coração tivesse se partido. Sua nora, Allie, a abraçava e soluçava amargamente.

Ao desmontar, ele correu para o lado dela.

– Sra. Erma!

– Mataram meu menino! – gritou ela.

Ele sentiu o sangue gelar.

– Quem?

– Mataram meu menino! – disse a mulher com ódio. – Mataram meu menino!

Seu capataz, Solomon Hawk, e alguns dos homens livres que ele tinha contratado para ajudar na construção da sua casa observavam com gravidade.

– Allie, o que aconteceu? – perguntou Drake com urgência.

– Daniel não queria assinar o contrato, então o mestre Atwater atirou nele.

Liam Atwater era um dos mais cruéis fazendeiros escravocratas da região.

– Quando?

– Hoje de manhã.

Primeiro Drake ficou sem palavras, depois enraivecido. Ele se controlou. Haveria tempo para deixar sua raiva correr mais tarde.

– Venha. Vamos levar você e a Sra. Erma para dentro. Onde está seu filho Bailey?

Allie apontou para a carroça que Drake não tinha notado até então. Ele se virou e viu Bailey, com seus 7 anos, imóvel como uma pedra no assento.

– Atwater o matou na nossa frente – contou Allie com voz trêmula.

O rosto pequeno e inexpressivo de Bailey contrastava com a tristeza de seus olhos marejados. Drake lutou contra a emoção que embargava sua garganta.

– Traga-o para dentro. Eu levo a Sra. Erma.

Ela foi até Bailey. Drake ergueu uma Erma ainda em prantos e a levou para dentro.

Mais tarde, quando já havia deixado a mulher descansando em um dos quartos, Allie lhe contou a história.

– Daniel não achou o contrato de trabalho justo. Dizia que ele precisava trabalhar seis dias por semana, do amanhecer até a noite, ficar responsável pelos animais e pelas ferramentas, e ele não poderia sair da fazenda sem permissão. Essa foi a parte que mais incomodou Daniel. Ele disse ao mestre Atwater que somos livres e que, depois que o trabalho estivesse terminado, teríamos o direito de ir e vir como quiséssemos. Quando os outros homens também não assinaram, o mestre Atwater ficou muito bravo.

Drake sabia que muitos fazendeiros escravocratas usavam os contratos para prender os libertos em uma nova forma de escravidão. Ele tinha visto arranjos com páginas de tarefas pelas quais os trabalhadores eram responsáveis e penalidades caso não fossem cumpridas. Poucos faziam referência ao pagamento. Alguns até proibiam conversa durante o trabalho e exigiam que os libertos fossem subservientes a todo momento.

– Ele permitiu que vocês o enterrassem?

As lágrimas dela correram de novo enquanto ela balançava a cabeça.



– Mestre Atwater disse que qualquer um que o desafiasse seria jogado no pântano, então eles colocaram o corpo de Danny numa carroça e foram embora.

Ela desabou e Drake a apoiou. Os olhos dele se fecharam enquanto ela desabafava seu desespero.

– Vou fazer uma queixa de manhã e verei se podemos mandar prender Atwater – falou Drake.

Ele sabia que era mais provável achar um pote de ouro no fim de um arco-íris. O Exército não faria nada, nem as autoridades, mas ele levaria o assunto o mais longe que pudesse. Enquanto isso, tentaria recuperar o corpo de Daniel.

Drake foi até as terras de Atwater acompanhado por Solomon. Sabia que Atwater não permitiria que eles entrassem em sua propriedade, então contornaram a casa e cavalgaram por mais 2 quilômetros antes de chegarem à área que levava ao pântano. A parte realista dele sabia que a busca seria inútil. Com as águas escurecidas pela decomposição das plantas e havendo ainda os crocodilos, ele teria sorte de achar qualquer coisa. Mas, por Erma, Allie e seu filho Bailey, precisava pelo menos tentar.

Ele e Solomon guiaram lentamente suas montarias através da densa floresta de carvalhos imponentes e chão lamacento, na esperança de encontrarem os rastros da carroça na qual o corpo fora transportado. Se conseguissem, talvez pudessem determinar em que parte do pântano ele tinha sido jogado. Depois de uma hora procurando na escuridão, eles encontraram o que parecia ser a marca fresca das rodas. Estavam observando o entorno quando dois homens a cavalo apareceram de trás das árvores. Ambos estavam armados. O mais velho era Boyd Meachem, capataz de Liam Atwater. O mais jovem era o filho de Boyd, Ennis.

De trás da mira de seu rifle, Boyd sorriu. Seu rosto magro parecia uma caveira e os dentes eram manchados de tabaco.

– Ora, veja só, Ennis. Encontramos uns invasores abusados. O que está fazendo aqui, LeVeq?

– Vim buscar o corpo de Daniel Downs.  
– Quem? – indagou Boyd, ainda sorrindo.  
– A essa altura, já virou comida de crocodilo – falou Ennis.  
– Cale a boca! – sibilou o pai dele, depois se voltou para Drake. – Não me lembro de ninguém com esse nome.

– Então Atwater não atirou nele na frente da mulher e do filho? – questionou Drake, abrindo caminho pela raiva dentro de si.

Algo atravessou o rosto de Boyd. Podia ser arrependimento, culpa ou vergonha, mas desapareceu tão rápido quanto surgira.

– Ele não matou ninguém. Mesmo se tivesse matado, o que você tem a ver com isso?

– A mãe de Daniel trabalha para mim.

Mais uma vez, algo fugidio passou pelo rosto magro do homem.

Nesse meio-tempo, Ennis se pronunciou mais uma vez:

– Se ficar enfiando o nariz onde não é chamado, vai acabar virando isca de crocodilo também.

Drake sabia que Ennis era parte de um grupo supremacista vagabundo formado por homens brancos pobres e iletrados, todos determinados a voltar no tempo. Drake o encarou.

– Nesse caso, Atwater teria o nariz dos meus irmãos e do Exército nos negócios dele. Acha que ele gostaria disso, Boyd?

Ennis recebeu um olhar de repreensão do pai antes que Boyd voltasse sua atenção para Drake.

– Vá para casa, LeVeq. Não há nada aqui. E não quero vê-lo nas terras de Atwater de novo.

Drake sabia bem que, se Boyd quisesse dar um fim nele e em Solomon, ele poderia. Seus corpos, como o de Daniel, nunca seriam encontrados. Em vez de tornar-se uma fonte de dor para Julianna, Drake ofereceu ao capataz um aceno de cabeça quase imperceptível. Virando seu cavalo e torcendo para não levarem um tiro nas costas, ele e Solomon foram embora.

A noite caía. Solomon foi para casa. Julianna e Erma Downs se

conheceram na igreja de Santo Agostinho, então Drake parou na casa da mãe para lhe contar sobre o assassinato.

Ao ouvir a notícia, Julianna secou as lágrimas dos olhos. Ao seu lado estava uma solene Valinda.

– Erma e eu nos conhecemos logo depois que ela recebeu sua alforria – contou Julianna. – Ela guardou cada centavo por dez anos, na esperança de comprar a liberdade dele, mas ele acabou sendo convocado durante a guerra, e agora isso. Ela deve estar com o coração partido. Já entraram em contato com as autoridades?

– Vou fazer isso de manhã. Solomon e eu fomos ao pântano para tentar recuperar o corpo, mas Boyd Meachem nos expulsou.

– Será que algum dia esses semeadores da discórdia vão deixar nossa gente viver em paz? – indagou Julianna, balançando a cabeça em repulsa. – Tem algo que eu possa fazer por Erma ou a nora?

– Vou perguntar e lhe direi.

– Certo – respondeu a mãe suavemente. – Diga a ela que mando minhas condolências. Vou acender uma vela pela alma de Daniel.

– Vou falar para elas.

– E, por favor, tome cuidado amanhã. Algumas pessoas não vão gostar que você leve esse assunto às autoridades.

– Eu sei, mas devo isso a Erma e sua família, tentar conseguir alguma justiça.

– Eu concordo, mas, de novo, tome cuidado.

Ele assentiu.

– Eu lhe contarei o que acontecer.

– Obrigada.

Ele se despediu das mulheres e partiu.



Na quinta de manhã, Drake abordou Merritt em seu escritório antes que eles abrissem as portas para o público. O tenente estava se

barbeando com a ajuda de um pequeno espelho que pregara na parede.

– Preciso falar com o senhor – anunciou Drake.

Merritt parou e se virou.

– Sobre?

– Um homem livre foi assassinado ontem por se recusar a assinar um contrato de trabalho que ele considerou injusto.

Merritt o examinou como se tentasse determinar quão rápido poderia acabar com aquela conversa. Voltou a passar a navalha por cima e em volta de sua barba e das costeletas.

– Como sabe, nós encorajamos que eles assinem considerando justo ou não. Eles precisam trabalhar.

– Não em condições similares à escravidão.

– Não temos controle sobre os termos.

– Mas deveríamos nos posicionar em relação a um homem que foi assassinado na frente da mulher e do filho de 7 anos.

Merritt exalou com um ruído que parecia irritação e frustração. Ele lavou o resto de sabão do rosto, então se secou com uma toalha pequena.

– Certo, estou escutando. O que aconteceu?

Drake relatou o que sabia, acrescentando:

– É o mesmo Liam Atwater que expulsou trabalhadores de sua fazenda depois da colheita do ano passado para não pagar a eles o salário que devia.

– E ele foi avisado para não fazer isso de novo.

– Mas não foi avisado para não matar.

– O que você quer que eu faça, LeVeq?

– Que o prenda.

– Há testemunhas?

– A mulher e o filho.

– Quero dizer testemunhas brancas.

O maxilar de Drake ficou tenso.

– Tenho quase certeza de que o capataz dele estava lá.

– Mas não tem certeza.

– Não.

– Onde está o corpo?

– Foi levado ao pântano e deixado lá.

– Então não há testemunhas confiáveis nem corpo. A polícia vai querer provas para pelo menos uma dessas questões, ou para ambas.

– Está dizendo que não vai pedir que ele seja acusado de assassinato?

– Estou dizendo que, com base no que você me contou, não há nada que o Exército possa fazer. Agora, há uma fila de libertos vivos diante da nossa porta esperando para serem atendidos, então você deveria ir para sua mesa.

Drake não sabia por que tinha se dado ao trabalho. Ele sabia que Merritt não iria se importar com o que acontecera.

– Vou levar isso ao alto escalão – avisou Drake, engolindo sua raiva.

– Boa sorte, mas não espere ter sua mesa quando voltar. Voluntário ou não, eu acabei de lhe dar uma ordem explícita. Ignore-a e seus serviços não serão mais necessários. E vou levar isso ao alto escalão.

Drake deu uma risada amarga. Uma frase de três palavras lhe veio à mente, mas, em vez de pronunciá-la em voz alta, ele se virou e saiu do escritório de Merritt. Parou na frente da sua mesa, pegou sua pasta e saiu da Agência de Libertos pela última vez.

Sua busca por alguém disposto a exigir justiça continuou no escritório do comandante regional da Agência.

– Ele está doente e não está recebendo ninguém no momento – disse o assistente a Drake.

– Quando deve voltar?

O assistente deu de ombros.

– Então quem eu posso procurar?

– Seu comandante local.

– Ele se recusa a apoiar uma acusação.

– Então não sei o que dizer. Sinto muito.

Com sua frustração crescendo a cada respiração, ele foi até as

autoridades locais, que informaram que uma mulher preta não podia testemunhar contra um homem como Atwater.

– Até que você encontre alguém habilitado, nada pode ser feito.

No ano anterior, a polícia municipal, com a ajuda dos bombeiros, havia marchado e atacado os presentes em uma Convenção Republicana. Ao fim da ação, 34 pessoas pretas estavam mortas. Drake sabia que eles não iriam ajudar Erma e seu filho, mas precisava esgotar as possibilidades.

Enquanto isso, para não ir até a casa de Atwater e atirar nele, Drake voltou para a sua própria e acendeu a forja. Quando as chamas chegaram à temperatura certa, ele colocou a máscara protetora, o avental e as luvas e descontou sua raiva em pedaços de ferro até que a escuridão da noite não lhe permitisse mais enxergar.



Deitado na cama na manhã seguinte, seu humor ainda estava tão ruim quanto no dia anterior. Além de inútil, sua busca por justiça para o marido assassinado de Allie lhe custara sua posição na Agência de Libertos. De certa forma, ele estava bravo consigo mesmo por ter deixado o destino de tantas pessoas pretas libertas nas mãos de homens como Merritt. Por outro lado, arrastar-se de volta para sua mesa com o rabo entre as pernas e obedecer às ordens de Merritt significaria ignorar a morte de Daniel e ter que conviver com essa injustiça pelo resto da sua vida, assim como Allie e seu filho. O bisavô de Drake, Dominic, salvara toda a população de uma ilha de ser reescravizada. O mínimo que o atual LeVeq podia fazer era defender a vida de um homem. Ele podia imaginar o que Dominic faria com alguém como Atwater. Drake e seus irmãos tinham aquele mesmo sangue pirata forte nas veias.

Sua casa em construção ainda não tinha uma cozinha funcional, então a maior parte das refeições era preparada do lado de fora, em uma grelha de ferro e tijolos. Quando ele saiu da cama, encontrou

Erma diante da grelha com um bule de café e algumas frigideiras. Ela ainda estava de luto, por isso Drake não esperara vê-la trabalhando.

– ‘Dia, Sra. Erma.

– ‘Dia, Sr. Drake. Conseguiu alguma ajuda para meu Daniel?

Ele balançou a cabeça.

– Até agora, não.

– Provavelmente não vai conseguir.

Ele sabia que ela estava certa e isso reacendeu sua raiva. Respirou fundo para evitar que lhe subisse à cabeça.

– Como estão Allie e Bailey? – perguntou.

Drake ainda não os tinha visto naquela manhã.

– Tristes. Ela quer voltar para o Texas e ficar com a família. Eu gostaria que eles permanecessem aqui comigo, mas ela está determinada a ir embora, então eu dei a minha bênção. Nada vai trazer Daniel de volta para nós, mas talvez ela encontre paz para sua dor ao lado da família.

– Como ela pretende ir?

– Ela tem dois irmãos que moram por perto. Vão levá-la para casa. Eles vão partir em breve.

Ele sentia um peso no coração por não ter sido capaz de dar a Allie a paz que ela merecia. Esperava que deixar a Louisiana ajudasse a cicatrizar seu luto para que ela pudesse começar a se ajustar à vida sem o marido.

Erma apontou para as frigideiras.

– Fiz algo para o senhor comer. Ouvei as marteladas na noite passada.

– Desculpe se incomodei a senhora.

– Não incomodou. Eu não consegui dormir, de qualquer forma. Ouvir o senhor batendo aquele ferro me fez desejar saber fazer aquilo também. Talvez me ajudasse a liberar um pouco dessa dor.

Ele pensou em ajudá-la a encontrar alguma paz.

– Quer ir visitar sua irmã por um tempo?

A irmã dela, Lena, morava em uma das paróquias vizinhas.

– Pensei nisso. Vai ficar bem se eu for?

– Vou, sim. Eu posso cozinhar ou comer na casa de Julianna até que a senhora volte. Fique o tempo que precisar.

A senhora ficou com os olhos úmidos de lágrimas.

– Obrigada – sussurrou.

Eles tinham se conhecido razoavelmente bem nos três meses em que ela vinha trabalhando para ele. A mulher dava duro, tinha uma personalidade agradável e sabia fazer um *gumbo* excepcional.

– Quando a senhora quer ir?

– Hoje é cedo demais?

– Não. Quer que eu a leve até lá?

– O senhor poderia?

Ele assentiu. Garantir que ela chegasse em segurança o faria se sentir útil, tornando a dor dela mais suportável.

– Tem certeza que não vou atrapalhar?

– Tenho. Se tudo der certo, estarei de volta à noite, então não tem problema. Vá arrumar as coisas que quer levar e sairemos depois que eu comer.

Lágrimas encheram os olhos dela novamente.

– O senhor é um bom homem, Sr. Drake. Obrigada.

– De nada.

Ela o deixou com o silêncio da manhã. Ele se serviu de uma xícara de café de chicória, colocou um pouco dos ovos e bacon das frigideiras em seu prato e se sentou em um caixote para comer.

Anoitecia quando ele voltou para casa. Ele e a Sra. Erma não tiveram contratempos pelo caminho, mas, por garantia, Drake vestira seu uniforme e fora armado com um rifle e pistolas. Havia cada vez mais incidentes causados por supremacistas nas estradas, decididos a mostrar aos antigos escravizados que depois da rendição eles não estavam mais livres do que eram antes. Pessoas tinham sido espancadas, arrastadas, linchadas e assassinadas. Ele esperava que Allie e seus irmãos chegassem em casa em segurança. Mas não se preocupava muito: os dois homens eram veteranos de guerra e



estavam pesadamente armados. Qualquer supremacista em busca de uma presa fácil não seria recebido com sorrisos.



Drake preparou o próprio café da manhã no dia seguinte e decidiu que faria uma visita à mãe. Queria saber como Julianna e Valinda estavam e se as freiras haviam conseguido outra escola para ela. A verdade era que só queria ver a professora e seu sorriso. Depois do dia anterior, ele precisava de alguma beleza em sua vida. O fato de ela estar prometida a outro continuava a ser uma decepção, mas ele podia viver com isso.

Primeiro, contudo, tinha um compromisso com Fred Kirk, um proprietário de terras idoso que vivia ali perto. Drake e seus homens haviam sido contratados por ele para transformarem um velho estábulo em uma cocheira para duas carruagens. Agora chegara a data do pagamento. Kirk não era o indivíduo mais honesto do mundo. Tinha fama de oferecer pagamento parcial – às vezes, pagamento nenhum – para os serviços que contratava. Ele prometera a Drake que honraria sua dívida. Para o caso de ele ter mudado de ideia, contudo, antes de sair de casa, Drake se preveniu: pegou no barracão um item que poderia ser útil e o colocou no chão de sua charrete.

Drake foi até a propriedade de Kirk e observou com orgulho a cocheira recém-construída. Era feita de tijolos, com teto plano de madeira. Pequenas janelas instaladas em duas das paredes levavam luz natural para o interior. Drake avaliou que ele e seus homens haviam feito um bom trabalho. Ele desceu da charrete, andou até a porta da frente e bateu.

Kirk, que parecia uma velha tartaruga, atendeu.

– ‘Dia, LeVeq. Veio buscar seu dinheiro?

– Sim, senhor.

Drake pegou as notas e as contou. Ele parou, olhou para o velho e contou de novo.

– Está faltando.

Kirk ergueu o queixo, mostrando seu pescoço enrugado.

– É o que acho que o trabalho vale.

Drake controlou seu temperamento.

– O senhor me deu sua palavra. Os homens que me ajudaram a construir aquela cocheira esperam receber o pagamento inteiro.

– Você é rico. Pode completar o resto.

Drake fora avisado por alguns outros construtores da região para não aceitar o trabalho, mas Drake tinha o coração mole. Kirk jurara que pagaria e dissera que não conseguia contratar mais ninguém por causa de mal-entendidos do passado.

– Precisa me pagar o que deve, Sr. Kirk.

– Isso é tudo o que vai receber, LeVeq, então pode ir embora.

Com isso, ele abriu um sorriso arrogante para Drake e fechou a porta na sua cara. Surpreso, Drake ficou parado ali por um momento.

– Eu vou embora, com certeza – resmungou.

Andou até sua charrete, levou a mão ao piso e pegou uma marreta.

Havia na cocheira uma carruagem, que ele empurrou um pouco para o fundo por segurança. Então, empunhando a pesada marreta, deu um poderoso golpe. Foram as janelas que ele quebrou primeiro. O som do vidro estilhaçando foi uma sinfonia para seus ouvidos e o fez sorrir. O alvo seguinte foi a parede de tijolos à esquerda. Tinha sido construída com destreza e não cairia facilmente, mas Drake não se importava. Continuou a marretar.

Momentos mais tarde, Fred Kirk surgiu, correndo o mais rápido que suas pernas velhas conseguiam carregá-lo.

– O que você está fazendo? – gritou.

Drake parou.

– O que parece que estou fazendo?

E voltou à destruição.

– Não pode fazer isso!

Drake o ignorou. O estrondo ritmado da marreta enchia o ar com poeira e pedaços de tijolo vermelho. E fazia maravilhas por sua alma ainda enraivecida.

– É melhor sair do caminho – avisou Drake.

– Pare com isso! – continuou a gritar.

Drake não parou. Sua empreitada logo destruiu os tijolos que apoiavam o teto de madeira, que desmoronou como um amante rejeitado.

– Eu vou pagar!

– Tarde demais.

Drake começou a atacar a parede direita. Levou quase uma hora para deixar a cocheira destrocada e, quando terminou, deu uma olhada na pilha de tijolos, vidro e madeira e, mentalmente, se congratulou.

Kirk, que sofrera um pouco mais a cada estrondo da marreta, não parecia nada feliz.

Drake alongou seus braços doloridos e devolveu o dinheiro. Ele pagaria os homens com seus próprios fundos.

– *Au revoir*, Sr. Kirk.

Ele andou até sua charrete, jogou a marreta no fundo e foi embora.

## CAPÍTULO 7

Sam Doolittle, o cocheiro de Julianna, guiava a carruagem pelo trânsito lento da Canal Street. Sentada ao lado da senhora, Valinda se perguntou se algum dia chegariam ao convento. Havia carroças, rebanhos, pessoas montadas em cavalos, outras montadas em vacas – algo que ela nunca vira em Nova York – e multidões de todas as cores, formas e idades na rua e nas calçadas. As Freiras da Sagrada Família haviam mandado uma mensagem na noite anterior pedindo que Valinda fosse vê-las. Ela só esperava conseguir chegar antes do anoitecer.

– Depois de deixá-la no convento, tenho alguns negócios para resolver – disse Julianna. – Quando terminar seus assuntos, encontre-me no Christophe para almoçar. Sable irá nos encontrar também.

Valinda não via Sable desde a noite de sua festa de boas-vindas. Pensar naquele dia fazia o rosto de seus agressores surgir em sua memória, então ela tratou de mudar o rumo de seus pensamentos.

– Você lembra como se chega ao Christophe? – perguntou Julianna.

– Lembro, sim.

O trânsito parou.

– Senhoras, parece que alguém deixou cair um fardo de madeira à frente – anunciou o Sr. Doolittle. – Talvez fiquemos aqui por algum tempo.

Valinda suspirou. Estavam a uma pequena caminhada do convento e ela não queria se atrasar.

– Julianna, acho que vai ser mais rápido se eu andar.

– Tem certeza?

Valinda assentiu.

– Eu a encontro depois no Christophe – prometeu a jovem.

Deixando a carruagem para trás, ela se tornou um pequeno peixe no mar de pessoas que se moviam pelo bairro Francês. O trajeto ressoava com o cantarolar de vendedores e a música de tabernas que nunca fechavam. Ela desviou de soldados vestidos com o azul da União e de mulheres que carregavam trouxas de roupa para lavar sobre suas cabeças cobertas com *tignons*. Homens livres usando trajes simples feitos em casa andavam ao lado de *creoles* com ternos caros, enquanto a cacofonia de conversas em diversas línguas criava uma sinfonia à parte. Quanto mais tempo ela passava em Nova Orleans, mais amava a vitalidade e a energia da cidade.

Quando ela virou uma esquina, ficou frente a frente com um de seus agressores, Walter Creighton. Alarmada, deu um salto.

– Ora, ora – desdenhou ele. – Olhe o que temos aqui.

O nariz dele estava inchado, e os olhos, roxos e quase fechados.

– Você me paga, sua vadiazinha.

– Eu não lhe devo nada. Agora saia do meu caminho.

Eles estavam em uma calçada lotada. Nem mesmo ele seria idiota o suficiente para agredi-la na frente de tantas testemunhas.

– Da próxima vez, não vai haver um belo francês para me impedir de abrir suas pernas.

Ela controlou a repulsa.

– Vou avisar a ele que você mandou lembranças – rebateu.

O homem hesitou. Ela passou por ele empurrando-o. Com o coração acelerado e as pernas trêmulas, Valinda retomou sua jornada.

Por fim, chegou ao convento. Contudo, a reunião não demorou muito. Por conta de pressões dos *creoles*, o convento não matricularia mais homens libertos ou seus filhos em suas escolas. Como resultado, os serviços dela não eram mais necessários.

Quando ela se levantou para ir embora, agradeceu às freiras por

receberem-na e fez o melhor que pôde para esconder sua decepção.

– Que Deus esteja com você, Valinda – disseram enquanto ela partia.

– Obrigada.

Ela voltou para as calçadas lotadas para se encontrar com Julianna e Sable no Christophe. Lá fora, deixou sua decepção ocupar seus pensamentos. Segundo as freiras, os grupos de *creoles* não queriam seus filhos em escolas que também abriam as portas para ex-escravizados e estavam ameaçando retirar seu patrocínio. Como essas famílias eram o principal apoio financeiro da ordem, não restara opção às freiras exceto obedecer. Elas garantiram que uma solução viável ainda poderia ser encontrada, mas, por ora, riqueza e classe social haviam suplantado as necessidades dos recém-libertados.

Valinda não estava feliz. Era mais um golpe em seus sonhos de lecionar. Ela se perguntou se não era mesmo para eles se realizarem. Também descobrira que, por conta da falta de fundos, o estado da Louisiana vinha fechando muitas escolas estabelecidas pela Agência de Libertos. Isso não fazia sentido para Val, porque os libertos e suas famílias precisavam de educação para terem um futuro bem-sucedido. Sim, havia pessoas que acreditavam que trabalhar no campo era tudo que os ex-escravizados poderiam conquistar, mas ela não concordava. Durante o mês que passara em sua agora abandonada sala de aula, os alunos tinham se mostrado empenhados, concentrados e gratos por aprenderem.

Pensando neles, ela se perguntou se todos haviam sido contatados pelos que ela encontrara. Mas seu próprio destino era igualmente preocupante. Sem um lugar onde ensinar, a Agência de Libertos não lhe pagaria – e, sem sua bolsa, ela não poderia ficar em Nova Orleans. Valinda era grata a Julianna por lhe oferecer um trabalho temporário ajudando no escritório e com tarefas diárias, mas não era uma posição permanente. Tudo o que Val queria era ensinar e, assim, fazer a diferença na vida das pessoas. Mesmo que seu tempo em Nova Orleans terminasse assim que Cole voltasse aos Estados Unidos.

Ao se aproximar do Christophe, ela viu a esquina na qual encontrara a vidente, mas a senhora não estava lá. *Vai perder um amor, rejeitar um amor, encontrar um amor.* Val afastou a profecia da cabeça. Tinha coisas mais urgentes em que pensar.

Quando ela entrou no hotel, foi recebida por Raoul, que não pareceu feliz em revê-la.

– Madame Julianna está à sua espera – avisou ele em um tom altivo que pareceu sugerir que ela se atrasara. – Por aqui.

Val ignorou a alfinetada e o seguiu até a mesa onde Julianna e Sable estavam sentadas.

– Obrigada – disse Val a Raoul, mas ele já tinha se virado e ido embora.

– Então, como foi a reunião? – perguntou Julianna quando Val se acomodou.

Val suspirou e relatou os detalhes. Tanto Sable quanto Julianna pareceram decepcionadas.

– Ouvi rumores sobre isso – contou Julianna. – Eu me perguntei se elas se curvavam à pressão, mas suponho que não tiveram escolha.

– Sinto muito, Valinda – falou Sable.

– Mas por que essas pessoas fariam uma exigência assim? – indagou Val.

– Primeiro, não são todos os *creoles* que pensam dessa forma – respondeu Julianna. – Mas a oposição é suficientemente forte para ser levada a sério. Por quê? Porque eles valorizam suas posições sociais acima de tudo. Não querem ser colocados na mesma categoria dos libertos só porque todos nós temos sangue africano. Eles se apegam à crença de que sua educação e riqueza os tornam superiores. Durante a guerra, foram até Washington para se encontrarem com o presidente Lincoln na esperança de serem designados como uma classe especial de indivíduos, mas esse status nunca foi dado.

– Então eles querem punir as freiras?

– Se isso for necessário para manterem suas posições, sim.

Val achava aquilo uma loucura.

– Não é novidade que olhem com descaso para ex-escravizados como eu – apontou Sable. – Alguns ainda se recusam a me cumprimentar quando nos cruzamos.

– Eu não sabia que você tinha sido escravizada – disse Val.

– Eu fui. Raimond e eu nos conhecemos em um dos campos formados por escravizados. Ele estava estacionado com as tropas da União e eu era uma fugitiva.

Era a primeira vez que Val ouvia algum detalhe sobre a vida de Sable.

– Quando Rai e eu nos casamos, houve matronas dessas famílias *creoles* chorando pela cidade toda.

Julianna riu.

– Algumas até ousaram me dizer que eu não tinha o direito de estar na Casa LeVeq.

– Não que nos importássemos com o que pensavam – acrescentou Julianna. – Meu filho a amava e ela o amava. Só isso tinha importância. Mas alguns dos *creoles* estão mudando de ideia. O *Tribune* os tem encorajado a abandonar essa posição, porque os dois grupos, o de homens livres e o de libertados, precisam um do outro. O país não está fazendo distinções entre os dois e seríamos mais fortes unidos, especialmente na questão do sufrágio.

Val concordou.

Quando o garçom chegou com os cardápios, a conversa foi momentaneamente interrompida. Val escolheu peixe. Julianna e Sable fizeram o mesmo.

– As freiras fecharem suas portas causa um problema para mim também – falou Sable depois que o garçom se afastou. – Meus filhos e meus órfãos estão matriculados na escola delas. Agora preciso encontrar outro lugar para eles.

– Você coordena um orfanato?

Sable assentiu.

– Coordeno. Doze crianças. Sete meninas e cinco meninos.

– Você consideraria ser a professora deles, Valinda? – perguntou



Julianna.

A animação de Val aumentou.

– Consideraria. Você tem um lugar onde eles possam ter aulas, Sable?

– Infelizmente, não. A menos que seja ao ar livre. Mal há espaço suficiente para eles na casa em que vivem na nossa propriedade.

Antes que Valinda pudesse perguntar, Julianna acrescentou:

– E eu também não tenho uma propriedade para oferecer.

– Então o que podemos fazer?

– Podemos conseguir um local temporário, mas pode não ser ideal – disse Julianna. – Há aspirantes a políticos chegando à cidade como as pragas do Egito e comprando terras abandonadas ou tomadas por bancos como se valessem ouro, porque na verdade valem. Nova Orleans era a cidade mais rica do Sul antes da guerra e todo mundo espera que volte a ser.

– Eu ensinava em um celeiro, Julianna. Se pudermos encontrar um lugar com paredes e um telhado, eu posso dar aulas – ressaltou Val, com a esperança renovada. – Quando podemos começar a procurar?

– Por mim, imediatamente, de preferência – ressaltou Sable. – Não quero que as crianças fiquem muito tempo sem escola. Vou perguntar a Rai se ele sabe de um lugar adequado. Quanto tempo você ficará em Nova Orleans?

– No máximo um ou dois meses. Meu noivo, Cole, planeja voltar por essa época.

– Dois meses de escola para as crianças é melhor do que nada – observou Sable. – Enquanto isso, eu posso procurar por alguém permanente.

Valinda ficou decepcionada por não ser essa pessoa.

– Também vou perguntar aos meus conhecidos sobre lugares que comportem uma classe – garantiu Julianna. – Alguém nessa cidade deve ter quatro paredes e um teto que possamos alugar.

Val se perguntou como mencionar o assunto delicado de sua compensação, mas decidiu só expressar sua preocupação.

– Eu precisaria ser paga.

Julianna acenou com a mão.

– Sim, com certeza. E, se não se importar de ter a minha companhia, é mais do que bem-vinda para continuar morando comigo e Reba até que seu noivo venha buscá-la. Assim não precisa gastar seu salário com aluguel. O preço da moradia está bem alto também.

Ela ficou grata pela oferta.

O almoço chegou pouco depois. Enquanto comiam, elas discutiram as qualificações de Valinda.

– Eu tive uma educação padrão, mas meu pai não permitiu que eu continuasse estudando. Implorei a ele para me deixar frequentar uma faculdade, mas ele acha a educação prejudicial às mulheres.

Julianna e Sable balançaram a cabeça ao ouvir isso.

– Então eu continuei sozinha. Minha avó, Rose, é costureira de nova-iorquinas ricas e uma de suas clientes é casada com um professor universitário. Depois que minha avó lhe contou como eu adorava estudar, ele me convidou para conhecer sua biblioteca. Eu nunca tinha visto tantos livros. Quando ele disse que eu podia ler o que quisesse, achei que tivesse morrido e ido para o céu.

– Quantos anos você tinha? – perguntou Julianna, sorrindo.

– Catorze e, desde então, eu li tudo o que estava ao meu alcance: clássicos gregos, livros de ciência e astronomia. Filosofia. Arquitetura. Eu posso não ser professora por formação, mas tenho conhecimento.

– Talvez mais do que a maioria – comentou Sable.

Val apreciou ouvir isso.

Elas passaram alguns minutos falando sobre as idades dos órfãos e em que ponto estavam em seus estudos.

A conversa foi interrompida quando Archer chegou à mesa. Diferente de Drake e Raimond, ele tinha a pele mais clara e o corpo mais esguio. Os filhos de Julianna tinham uma variedade de tons de pele e portes, mas todos eram inegavelmente bonitos.

– Ah! – exclamou sorrindo, em pé diante delas. – Três das mais

belas damas de Nova Orleans. Estão gostando dos pratos ou devo demitir os cozinheiros?

– Acredito que o emprego deles esteja seguro – respondeu uma divertida Sable.

Ele se virou para Valinda.

– Está se sentindo à vontade, Srta. Lacy?

– Estou. Sua mãe tem sido muito generosa.

– Que bom. Se eu puder ajudar de qualquer maneira, por favor, me avise.

– Obrigada.

Valinda viu Julianna olhar para trás de Archer e sorrir.

– Ah! Drake está aqui.

Valinda se virou. Ela precisava contar a ele sobre seu encontro com Creighton, mas decidiu esperar para quando estivessem sozinhos. Ele parou atrás da cadeira dela e sua proximidade a envolveu como o calor de uma lareira.

– O que está fazendo aqui? – indagou Julianna.

– Passei na sua casa para vê-la e Reba avisou que a senhora tinha vindo almoçar com Sable e Valinda.

A voz de barítono fluiu para dentro das veias de Valinda. Ao erguer os olhos, ela descobriu que os dele a aguardavam.

– Já almoçou? – perguntou a mãe.

– Não.

– Por favor, junte-se a nós.

– Obrigado. Estalajadeira, traga-me uma cadeira – ordenou a Archer.

– Pegue você. E acabamos de abrir para o almoço, então não coma tudo o que há na cozinha. Preciso alimentar outros clientes.

– Sua comida não é tão boa assim, irmão.

– Poderia não falar isso tão alto? – reclamou Archer, perdendo a paciência.

Ele pareceu escandalizado e olhou para os outros clientes com preocupação.

Julianna e Sable riram. Valinda também. Ela gostava das brincadeiras entre irmãos.

– Drake, pegue uma cadeira e sente-se – ordenou a mãe. – Archer, vá fazer o que quer que você faça aqui.

Archer lançou um olhar zangado de brincadeira para o irmão.

– Senhoras, seus pratos são por minha conta. O urso paga o dele.

Drake colocou uma cadeira entre a mãe e Valinda.

– Você é tão gentil... – disparou ele para o irmão.

Archer beijou o rosto da mãe e foi embora.

Valinda se perguntou se *urso* seria o apelido de Drake. O tamanho dele certamente lembrava um.

Depois que Drake fez seu pedido ao garçom, sua mãe perguntou:

– Então, como foram as coisas com as autoridades?

– Não muito bem.

Ele contou a elas sobre sua busca fracassada por justiça para o filho de Erma.

– Allie não pode testemunhar por ser uma mulher preta.

Val sabia que, embora essa prática fosse considerada ilegal, muitas regiões do país continuavam a segui-la, mesmo no Norte.

– E eu fiquei tão furioso com a recusa de Merritt de registrar a acusação que saí da Agência de Libertos – prosseguiu Drake.

Julianna pareceu surpresa.

– Ah, não.

Ele assentiu.

– Era isso ou não conseguir viver comigo mesmo. Vou ser voluntário em algum outro lugar.

– Sempre preciso de ajuda com as distribuições de comida – lembrou Sable.

– Certo. Diga em que dia precisa de mim. Os escritórios dos Republicanos oferecem vários serviços que a Agência de Libertos tem, então vou ajudar lá também.

Testemunhar a frustração e a infelicidade de Drake mexeu com os sentimentos de Valinda.

– Como está a Erma? – quis saber a mãe dele.

– Eu a levei até a casa da irmã ontem. Disse a ela para ficar lá o tempo que precisar. Vou falar com Rai a respeito do que fazer agora.

Julianna pareceu muito preocupada. Por um momento, ela examinou o rosto dele em silêncio.

– Vai tomar cuidado? – perguntou ela por fim.

– Sempre, Mama. Não se preocupe.

Valinda não tinha ideia de qual era o assunto subentendido entre os dois, mas notou que até a expressão de Sable se tornou grave. Val sentiu que estava sendo excluída de algo importante, mas era educada demais para enfiar o nariz onde não tinha sido chamada.

A refeição de Drake chegou, e, apesar do aviso do irmão, ele parecia ter pedido tudo que a cozinha oferecia. Havia um bife grosso, três pedaços de bagre frito, couve, mandioca, uma grande tigela de arroz e metade de uma baguete cheirosa e ainda quente.

Julianna riu e ele olhou para a mãe com ar de inocente.

– O que foi?

– Sempre fico impressionada com a quantidade de comida que você consome, meu filho.

– Ainda estou em fase de crescimento, Mama. E destruir a coqueira que construímos para o velho Kirk abriu meu apetite.

– Por que você a destruiu?

– Ele não queria pagar o valor combinado. Então, em vez de deixá-lo ficar com a coqueira, usei a marreta para expressar meu descontentamento. Levei mais de uma hora para quebrar tudo, mas ele vai pensar duas vezes antes de tentar enganar alguém de novo.

– Muito bem! – exclamou Sable com uma risada.

Valinda ficou impressionada. A maior parte das pessoas processaria o homem ou simplesmente pegaria o que ele houvesse pago e iria embora com raiva. Drake não fizera nada disso, e o lado indomável dela o aplaudia pela solução inovadora.

– Como vai a busca por uma nova sala de aula? – perguntou Drake a Valinda.

– Não muito bem.

Ela relatou o problema que as freiras enfrentavam, assim como a decisão decepcionante que tinham tomado.

– Esses *creoles* deveriam ser chicoteados. É injusto pressionar as freiras assim.

– Eu concordo.

– Se você ficasse em Nova Orleans, eu lhe construiria uma escola.

Valinda piscou.

– Tem alguma vaga de professora esperando por você em Nova York? – sondou Sable.

– Não. Por enquanto, não – respondeu por fim, ainda atônita pelas palavras de Drake. – Mas não deve ser difícil conseguir.

Havia muitas escolas para estudantes pretos na cidade de Nova York e arredores.

Entretanto, ela continuava fisgada pelas palavras de Drake. Ele lhe construiria mesmo uma escola? A oferta era tão impressionante quanto ele próprio. Mas ela não iria ficar. Quando Cole retornasse da Europa, ela deixaria a vibrante Nova Orleans para trás. Era desconcertante pensar nisso.

Valinda olhou na direção do capitão e se perguntou quanto tempo levaria para que ele a esquecesse depois que ela fosse embora. Reconhecendo a tolice disso, ela voltou-se para sua comida.

– A senhora se incomoda se eu ficar na sua casa até Erma voltar? – pediu Drake à mãe. – Posso cozinhar para mim mesmo em casa, mas a comida de Reba é melhor e eu provavelmente não vou querer fazer nada além de ferver água depois de trabalhar na casa o dia todo.

– Sabe que eu não me incomodo. Vá quando quiser. Henri volta de Cuba amanhã. Depois que ele tiver descansado, vamos a Baton Rouge para ver uma propriedade que ele está interessado em comprar. Eu vou me sentir melhor sabendo que Reba e Valinda não estão sozinhas na casa.

Valinda não tinha certeza de como se sentia em ficar na casa com Drake, mesmo que Reba estivesse lá.

– Quanto tempo a senhora vai passar fora? – perguntou Val.

– Dois dias. Três, no máximo. Caso se sinta sozinha, Sable está perto.

– Na verdade, se você não tiver nada urgente amanhã, vou buscá-la para que conheça os órfãos para quem vai dar aula – disse Sable casualmente.

– Eu adoraria – garantiu Val.

Mesmo que seu tempo em Nova Orleans terminasse mais cedo do que ela desejava, dar aulas para crianças era uma coisa pela qual ansiava e talvez lhe permitisse conhecer Sable melhor.

Drake pareceu confuso.

– Vai dar aulas para os órfãos, Valinda?

– Sim.

Sable explicou como a decisão das freiras de fechar a escola afetava seus órfãos.

Drake olhou para Valinda.

– É muito generoso da sua parte.

A sinceridade no olhar dele a fisgou, e ela não saberia explicar por que ele a abalava como nenhum homem antes.

A voz de Julianna quebrou o feitiço.

– Mas precisamos alugar um espaço que sirva de sala de aula. Você poderia perguntar aos proprietários que conhece se eles têm um celeiro, um chalé ou outro espaço que ela possa usar?

– Imagino que vocês prefiram um lugar perto do orfanato, certo?

– Sim – respondeu Valinda. – Se eu puder pegar uma carroça emprestada, também posso buscar as crianças todas as manhãs antes da aula se for necessário.

Ele assentiu.

– Vou ver o que posso fazer.

– Obrigada.

– De nada.

O tom suave da voz dele a envolveu mais uma vez, deixando-a quente e desconcertada. Ela sabia que não devia reagir assim a ele, mas

parecia ser algo incontrolável. Uma parte de Val queria explorar o que ele despertava nela, e então ela lembrava que ele tinha uma amante e que seu futuro era ao lado de Cole.

Quando todo mundo terminou de comer, era hora de ir embora.

– Faremos um jantar na minha casa amanhã à noite para recepcionar Henri – anunciou Julianna. – Então, Drake, garanta que seus irmãos estejam cientes do compromisso.

– Sim, senhora.

– E diga a eles que amantes, casas de apostas e clubes de cavalheiros não são desculpas aceitáveis. Apenas hospitais ou morte.

Ele riu.

– Direi.

– Henri passou quase três meses fora e senti muita falta dele – acrescentou a mãe. – Eu gostaria de celebrar sua volta para casa com toda a família.

– Eu estarei lá – assegurou Sable.

Julianna olhou para Valinda.

– Agora você também é parte da família. Gostaria de jantar conosco e conhecer meu Henri?

– Seria uma honra.

O jantar para o marido dela seria a segunda comemoração em uma semana. Valinda não pôde deixar de invejar o prazer que os LeVeqs tinham em seus laços familiares. Sua família era o oposto. Não havia brincadeiras nem alegria. Eles celebravam o Natal e pouca coisa além disso.

– Vou passar na sua casa hoje para levar as coisas que vou precisar enquanto ficar com a senhora, Mama – avisou Drake.

Ela assentiu.

Ele lançou um último olhar intenso para Valinda, despediu-se dela com um meneio da cabeça e partiu.





Valinda passou o lento caminho de volta para a casa de Julianna pensando em seu futuro. Na verdade, ela percebeu que não queria voltar para Nova York. Um forte sentimento lhe dizia que seu destino estava em Nova Orleans. Não recebera notícias de Cole a respeito da busca por um investidor, mas se perguntou se seria possível convencê-lo a tentar abrir seu jornal ali. Talvez de início fosse difícil entender o volátil clima político da cidade e seus efeitos na vida cotidiana dos cidadãos, mas será que ele estaria disposto a arriscar? Era uma pergunta que ela pretendia lhe fazer.

Quando chegaram à casa de Julianna, o calor pesava sobre eles. Havia uma brisa, porém, que tornava a alta temperatura ao menos suportável.

– Vou sair deste calor e descansar no meu quarto – avisou Julianna.

– Fique à vontade para fazer isso também se quiser.

– Acho que vou trabalhar na correspondência primeiro, se a senhora não se importar.

Ela assentiu.

– Sem problema. Eu vou descer mais tarde.

Julianna subiu as escadas para seu quarto e Valinda foi para o escritório. O sistema de arquivamento de Julianna aparentemente consistia em jogar todos os recibos e contas em uma caixa e esperar que eles se organizassem. Valinda tinha passado o dia anterior separando cartas de diversos remetentes, documentos de negócios e os que tratavam da administração da casa. Alguns deles datavam de dois anos antes. Valinda sorriu e balançou a cabeça enquanto os selecionava.

O trabalho fez o tempo passar depressa, mas ela ficou feliz quando finalmente chegou ao fundo da caixa e pôde começar a juntar os iguais.

– Será que consigo convencê-la a fazer uma pausa?

Ela ergueu os olhos e viu Drake à porta, segurando um copo de limonada em cada uma de suas grandes mãos.

Ela não queria admitir quanto ficava feliz por revê-lo.

– Com limonada, você consegue me convencer a atravessar o Mississippi a pé.

– Acho que o gazebo já é longe o suficiente. Está muito mais fresco lá fora do que aqui.

O suor nas costas da blusa dela e na pele acima da gola alta de seu colarinho de renda era prova disso, então ela se levantou. Ele lhe estendeu um copo, ela deu um gole e seu murmúrio de prazer atraiu os olhos dele para os dela.

– Precisa parar de fazer isso, sabia?

– Não posso expressar meu prazer pela limonada?

– Só se quiser que eu fique me perguntando o que mais a faz ronronar.

Como se ela já não estivesse quente o suficiente, o calor das palavras dele acendeu cada centímetro de seu corpo.

– Mais lábia de pirata? – rebateu ela, com mais ousadia do que sentia.

– Sim. E seria um cortejo de pirata se você fosse livre.

Val respirou fundo para se controlar.

– Vamos até o gazebo – falou ela.

Com os olhos brilhando, ele deu um passo para o lado.

– Depois de você.

Com a companhia desconcertante dele fazendo sinos tocarem em seu íntimo, ela andou pelos jardins até o gazebo. Por conta do controle que seu pai exercia sobre sua vida em casa, franzindo o cenho para tudo o que estivesse relacionado a socialização, festas ou diversão, ela não fazia ideia de que existiam homens como Drake no mundo – homens capazes de deixá-la de pernas bambas com meras palavras ou fazer seu coração acelerar com um olhar expressivo.

Eles se sentaram no gazebo como tinham feito antes. Ela sorveu a bebida saboreando a brisa e o fato de ter escapado do calor sufocante dentro da casa. Drake se recostou, observando-a.

– Está em vantagem aqui – falou Val.

– Como assim?

– Você está acostumado a conversas descontraídas. Eu não.

– Não é difícil aprender.

– E se eu não quiser?

– Então eu a superestimei.

– Do que está falando?

– Eu acho que seu lado indomável gosta de um desafio, caso contrário não teria subido em árvores, jogado beisebol ou se divertido ao vencer aqueles meninos nas bolinhas de gude. Mas acho que você não deixa esse lado sair para brincar há algum tempo. Ele se mostrou um pouco na última vez que estivemos aqui. Tenho a impressão de que você gostou de nossa esgrima verbal.

Ela não respondeu.

– Seu noivo prefere a jovem indomável ou a senhorita mansa?

– Por que isso importa?

– Porque eu vejo uma mulher se contentando com uma pequena fatia do bolo quando poderia tê-lo inteiro.

– Por estar com alguém que não amo?

Ele assentiu.

– Já tivemos essa conversa.

– E eu ainda estou confuso com a sua escolha.

– Que não é da sua conta.

– Verdade, mas...

– Sem mas. Eu escolhi Cole. Ele me escolheu. Não precisamos da sua aprovação ou da sua bênção.

Ele deu um gole em sua bebida e sorriu.

– Qual é a graça?

– Só estou satisfeito em vê-la pegar sua espada, *chérie*.

Ela revirou os olhos.

– Você é mesmo insuportável.

Ele brindou batendo o próprio copo no dela.

– Peço desculpas por deixá-la brava. Não era minha intenção e você está certa: sua escolha de marido não me diz respeito.

A sinceridade do tom de Drake acalmou a ira dela.

- Ele gosta de verdade de mim.
- Então talvez você tenha uma vida feliz.
- Está sendo sincero?
- Se ele é sua escolha, sim.

Valinda não sabia por que fizera aquela pergunta a ele. Como ela dissera, não precisava da aprovação dele. Ainda assim... ele a salvara de Creighton, ficara ao lado dela na tabacaria, até se oferecera para lhe construir uma escola. Havia mulheres que provavelmente venderiam a alma pela atenção de um homem como aquele.

Antes de ir para Nova Orleans, ela nunca tinha duvidado da decisão de se casar com Cole. O matrimônio beneficiaria a ambos. Ela não sabia nada sobre amor ou devoção e ainda guardava consigo a ideia de que nenhum dos dois era necessário. Contudo, aquele homem enorme, tentador e barbado sentado em frente a ela causara rachaduras no chão que a sustentava. Val esperava que Cole concordasse em se instalar em Nova Orleans, porque ela realmente queria ficar perto de Julianna e Sable e aprender tudo que elas tivessem para ensinar sobre a vida, mas isso também resultaria em um contato perpétuo com Drake.

Val o fitou nos olhos.

- Algum problema? - perguntou Drake.

Ela balançou a cabeça.

- Não - mentiu. - Só estava me perguntando se eu conseguiria convencer Cole a abrir um jornal aqui.

- Você quer ficar?

- Quero. Sei que a situação política não é ideal e tive vários empecilhos ao tentar dar aulas, mas a cidade está me conquistando.

Ela amava a comida, os sons, o cheiro do Mississippi, a animação eterna no ar.

- Será que ele vai concordar?

Ela deu de ombros.

- Não sei.

E como ela lidaria com as ocasiões em que Drake estivesse presente?

Lançou outro olhar furtivo na direção dele e o viu observando-a como se tivesse lido seus pensamentos e se divertisse com suas tentativas de negar o que sentia.

– Eu quis esperar até estarmos sozinhos para contar que vi Creighton hoje antes de chegar ao convento.

Drake ficou imóvel.

– Conte o que aconteceu.

Ela obedeceu e, no fim, acrescentou:

– Os olhos dele ainda estão tão inchados por causa do seu soco que fiquei surpresa de ele sequer conseguir me enxergar.

– Sinto muito por não estar lá – murmurou ele.

Ela achou isso enternecedor.

– Você não pode estar em todos os lugares, e estávamos no meio do bairro Francês. Ele me assustou, mas não fiquei preocupada que fosse me atacar com tantas pessoas em volta.

– Ainda assim, ele não tinha o direito de abordá-la, muito menos fazer ameaças. Ele foi avisado.

Ele observou Val em silêncio por um momento e ela se perguntou o que poderia estar passando pela cabeça dele.

– O que foi? – perguntou ela por fim.

– Deixando Creighton de lado, eu simplesmente gosto de passar o tempo com você.

Apesar de seu pequeno embate verbal alguns minutos antes, ela também gostava da companhia dele.

– Minha mãe lhe mostrou minha casa na árvore?

– Sua casa na árvore? – repetiu ela, desconfiada. – Não.

Ele se levantou.

– Venha. Deixe-me mostrá-la, já que você gosta de escalar.

– Eu não subo em árvores há décadas.

– Talvez isso reacenda seu lado indomável.

Achando graça e sem saber como agir, ela se levantou e o seguiu mais para dentro do bosque. Era uma caminhada curta.

Val avistou as ruínas periclitantes da casa, com tábuas quebradas e

pedaços de madeira reaproveitada bem no alto de um grande carvalho coberto de musgo.

– Essa é sua casa na árvore?

– O que sobrou dela, sim. Eu a construí quando tinha 10 anos, e serviu a seu propósito na época.

– Agora parece que serve de ingresso para o hospital.

– Isso magoa, *chérie*.

O telhado feito de papel de alcatrão exibia grandes buracos que combinavam com os rombos no que um dia fora o chão.

– Qualquer um que seja tolo o suficiente para subir lá vai acabar se machucando – falou Valinda.

Ela espiou a escada gasta pregada ao troco.

– Era assim que você subia?

– Sim. Nossos pés eram menores naquela época, então os degraus eram mais curtos.

Val observou a inclinação.

– É bem alto. Imagino que você conseguisse avistar quilômetros e quilômetros do campo.

– Eu conseguia. E me sentia o rei do mundo lá em cima.

– Eu amava ficar acima de tudo.

– Meus irmãos e eu vivemos muitas aventuras. Em um dia, éramos piratas navegando os mares e, no outro, balonistas pairando sobre o Haiti. Nós imaginávamos que éramos membros da Guarda Nativa da Louisiana e salvávamos as tropas na guerra de 1812.

Ela ficou surpresa com isso.

– Você nunca ouviu sobre como a Guarda da Louisiana salvou as tropas? – indagou ele.

– Não.

– É uma parte famosa da história de Nova Orleans. Lembre-me de contá-la em outra ocasião.

– Pode deixar.

Ela observou a casa na árvore de novo.

– Parece que você não brinca ali em cima há bastante tempo.

Ele assentiu.

– Quando meus irmãos e eu começamos a crescer, ela ficou pequena demais para nós, mas foi divertido enquanto durou.

A nostalgia terna no tom dele a comoveu e ela se lembrou novamente dos fortes laços que ele mantinha com a família. Drake parecia confortável em expressar o que sentia pelos outros LeVeqs. Ela não se lembrava de um dia ter ouvido seu pai mencionar sentimentos tão fortes por seus parentes.

– Minha mãe até nos deixava dormir lá em cima às vezes – acrescentou ele. – Até uma noite em que estávamos um pouco violentos e Phillipe caiu no chão e quebrou o braço. Aí foi o fim. Mas, como tinha sido eu o construtor, ela ainda me deixava dormir lá sozinho.

Val não conseguia imaginar seu pai permitindo que ela tivesse uma casa na árvore, mas conseguia imaginar como devia ter sido divertido.

– Obrigada por me trazer aqui.

– De nada. Estou planejando uma muito maior na propriedade perto da minha nova casa. Estou decidindo em qual árvore vai ser.

– Mesmo?

– Todo menino precisa de uma casa na árvore.

– Mas você é adulto agora.

Ele sorriu.

– Verdade, mas nunca serei velho demais para aventuras. Poderíamos usá-la para a hora do chá.

Ela riu.

– Chá?

– Por que não? Talvez, se seu noivo concordar, eu possa convidar vocês dois quando estiver pronta. Acha que ele aceitaria?

– Acredito que sim. Nós escalamos muitas árvores juntos e era sempre ele quem me desafiava a ir mais alto. Quando minha irmã me dedurou, foi o fim.

– Fique à vontade para subir na minha quando quiser.

Ela sentiu que ele estava fazendo referência a mais do que um

carvalho. Subitamente, ficou difícil respirar.

– Acho melhor voltarmos para a casa.

– Como quiser.

– Você está se divertindo? – perguntou Valinda.

– Se estou me divertindo?

– Às minhas custas?

– Nunca, *chérie*, mas estou gostando de imaginar como nos divertiríamos juntos se você estivesse livre.

Ela precisava admitir que a ideia de se divertir como adulta lhe era estranha. Seu pai acharia absurda.

– Eu nunca associei diversão com nada além da infância.

– Então precisamos mudar isso.

– Como?

– Eu construiria uma casa na árvore onde pudéssemos tomar chá, escapar do calor do dia e dormir juntos à noite.

Os olhos de Val se fecharam quando o tom sedutor das palavras dele passou por seus ouvidos.

– Nós caçaríamos sapos e vaga-lumes. Pegaríamos um dos barcos de Raimond e velejaríamos até Cuba para jantar com meus primos e então caminharíamos pela praia sob a luz do luar.

Ela encarou os olhos escuros dele.

– Depois eu a beijaria até o amanhecer.

Trêmula, ela notou a intensidade dos olhos de Drake. O ar entre eles estava tão carregado quanto na iminência de uma tempestade de verão. Se ele a beijasse naquele momento, ela estaria perdida.

– Por favor, não me beije.

– Não vou. Não a menos que você esteja livre para me pedir isso.

Ela tentou se convencer de que não havia propósito em se sentir atraída por ele, mas o impulso de jogar a cautela pela janela e caminhar por aquela praia ao luar era forte.

– Venha, *chérie*. Vou levá-la de volta.

Então, com um toque suave, Drake apoiou a mão na base das costas dela. Ele a guiou pelo caminho e a acompanhou em silêncio até a casa.



## CAPÍTULO 8

Julianna estava sentada na sala lendo o *Tribune*. Quando Drake entrou com Valinda, ela ergueu os olhos e os avaliou em silêncio por um longo segundo.

– Vai ficar para o jantar, filho? – perguntou, então.

– Não. Vou me encontrar com Hugh para terminar os planos da minha cozinha. Volto à noite.

– Dê minhas lembranças a ele.

– Darei.

Depois de se despedir e trocar um último olhar com Valinda, Drake foi embora.

Enquanto cavalgava, ele pensou em como queria ficar para o jantar e passar mais tempo na companhia de Valinda, mas precisava se afastar dela, não ser o homem que queria encontrar algum canto escondido e beijá-la até que ela derretesse. Valinda pertencia a outro, e ele era um tolo por expressar o tempo todo o que sentia por ela. Só que não conseguia se conter. Perto da casa da árvore, o impulso de puxá-la para seus braços e finalmente provar os lábios dela quase vencera suas defesas. Apenas recobrou o controle quando ela lhe pediu com delicadeza que não a beijasse. Dali em diante, porém, se ela lhe oferecesse uma migalha de encorajamento que fosse, era melhor que seu noivo ficasse na Europa, porque Drake não iria desistir dela.

Por causa da festa de recepção de Henri, ele teve que cancelar seus

planos de ir ao teatro com a amante, Josephine. O fato de ter uma amante enquanto desejava Valinda o deixava dividido, mas ele precisava vê-la antes de ir encontrar Hugh.

Josephine DuSable morava em um pequeno chalé que herdara da mãe nos limites do Tremé. A matriarca da família, Mala, fugira para Nova Orleans durante a rebelião liderada por Toussaint L'Ouverture no Haiti e, depois de alguns meses, chamara a atenção de um francês. Naquele tempo, por causa do pequeno número de mulheres europeias em cidades como Nova Orleans, Biloxi e St. Augustine, os homens franceses e espanhóis também se relacionavam tanto com mulheres escravizadas quanto com as pretas livres como Mala. Era o chamado *mariage de la main gauche* – ou “casamento de mão esquerda” – no qual, em troca dos favores da dama, o homem sustentava a casa, providenciava a educação dos filhos – normalmente na Europa – e, em alguns casos, libertava a mulher e as crianças caso tivessem sido escravizados. Quando o homem morria, a mulher e os filhos costumavam ser herdeiros mencionados no testamento.

Josephine e Drake estavam juntos havia dois anos. Ele não era o primeiro protetor dela e provavelmente não seria o último. Para ela, o relacionamento não era um “casamento de mão esquerda”, apenas negócios. Para Drake, depois de escapar das mães *creoles* e suas filhas em busca de casamento desde os 16 anos, o jeito de ser dela era um bálsamo. Nunca mencionava casamento nem filhos. Ela era inteligente, engraçada, investia bem seu dinheiro e podia participar de conversas sobre todos os assuntos, de política a ópera.

Drake gostava de Josephine tanto na cama quanto fora dela, mas nenhum deles tinha ilusões sobre amor. Ela valorizava sua independência e a si mesma. Quando sua beleza esmaecesse, ela provavelmente já teria usado seu talento para os negócios para se tornar dona de metade da cidade.

Drake tocou a sineta do chalé. A porta foi aberta por sua criada de longa data, Selma. A mulher mais velha e de pele escura também tinha suas raízes no Haiti.

- Boa tarde, Sr. LeVeq.
- Olá, Selma. Sua senhora está disponível?
- Para o senhor? Com certeza.

Ela deu um passo para o lado e ele entrou.

- Ela está na sala – avisou a mulher.

Para a surpresa dele, o cômodo estava cheio de caixas de diversos tamanhos. Vestidos e chapéus cobriam os móveis. Sapatos e bolsas estavam alinhados em frente à lareira. A bela Josephine de pele marrom-clara e radiante estava parada, pensativa, no meio do caos.

- Josie?

Ela se virou e seu sorriso o aqueceu como sempre acontecia.

- Olá, Drake.
- O que é tudo isso?

Ele avançou pelo cômodo e viu livros empilhados no chão, mais sapatos, frascos de perfume, sais de banho, além de roupas de cama, porcelana e panelas.

- Estou me mudando para a Cidade do México.

- É mesmo? – indagou ele, conseguindo de alguma forma não ser nocauteado pela notícia inesperada.

- Sim. Conheci um cavalheiro espanhol disposto a fazer valer a pena.

- Você vai sentir falta de Nova Orleans.

- Eu sei. Mas, com o dinheiro dele, posso pagar por isso.

O sorriso dele se seguiu ao dela.

- Então faça o que for melhor – concluiu Drake.

- Desculpe por contar tão de repente. Eu planejava conversar sobre isso amanhã, quando fôssemos ao teatro.

- É por isso que eu vim. Minha mãe vai dar um jantar para a família amanhã e exige minha presença. Henri está voltando para casa.

- Ah. Esse cancelamento será bom para mim. Preciso fazer as malas.

- Quando vai partir?

- No início da semana que vem. Vendi o chalé, mas ainda preciso

cuidar de alguns negócios.

– Se eu puder ajudar de alguma forma, fique à vontade para me chamar.

– Farei isso. Teremos uma última noite juntos?

O rosto de Valinda atravessou a mente de Drake, e ele balançou a cabeça.

– Não. Vou deixá-la fazer as malas.

– Não? – ecoou ela, com uma risada desconfiada. – Você está doente?

Ele sorriu.

– Não.

– Conheceu outra pessoa?

– Não.

De fato conhecera, mas Valinda não podia ser dele, não importava quanto ele desejasse.

– Acho que está mentindo para mim, Drake LeVeq – disse Josephine em tom de brincadeira. – Mas não importa. Espero que ela o faça feliz.

Drake foi até ela e lhe deu um beijo suave na testa.

– Vá com Deus, Josie. Aproveite sua nova vida no México.

– Obrigada, Drake. Obrigada por todas as coisas boas, os vestidos e o resto. Vou sentir saudades.

– Também vou sentir falta de nosso tempo juntos.

Ele se despediu e saiu.

Ao montar o cavalo, ele se pegou sentindo um misto de divertimento e humilhação. Sabia que não era honrado ter uma amante enquanto se sentia atraído por Valinda, mas nunca lhe ocorrera que Josephine se retiraria da equação e resolveria o problema de forma tão pragmática. Drake se perguntou se algum dos seus irmãos já fora pego de surpresa daquela forma. Não que ele planejasse perguntar. Eles nunca o deixariam em paz se soubessem.

Então, tendo sido dispensado pela amante enquanto desejava uma mulher que pertencia a outro, deixou a cidade em direção à fazenda

abandonada que seu bom amigo Hugh comprara e torceu para que ele tivesse algum conhaque lá.



– Então Josie trocou você por outro.

Drake e Hugh estavam sentados na varanda de sua mansão em ruínas. Ela tinha sido queimada pelos proprietários anteriores para torná-la inabitável quando a perderam para o banco durante a guerra. O plano de Hugh era reconstruí-la e colocá-la à venda.

– Sim. Dizer que estou surpreso seria pouco.

– Você sempre disse que ela era uma mulher de negócios.

– Verdade, mas nunca achei que seria posto de lado como um comprovante de venda sem valor.

Hugh deu um gole em seu conhaque.

– É o preço que pagamos por subestimar o assim chamado sexo frágil.

– Acho que sim.

Hugh era grande e forte como Drake. No entanto, era branco e de cabelo e barba ruivos.

– Já tem uma substituta em mente?

– Não. Preciso lambar minhas feridas primeiro. Porém...

Hugh olhou para o amigo.

– Porém o quê?

Drake contou a ele sobre Valinda e seu noivo.

– Não deves cobiçar a mulher do próximo – ressaltou Hugh.

– Então é bom que ele não esteja próximo a mim.

Hugh riu.

Drake sorriu. Os dois tinham se conhecido em 1862, logo depois de a União invadir Nova Orleans e fechar os portos do rio Mississippi. Hugh fora para a cidade lutar ao lado deles. Ele era de uma região no leste do Tennessee onde as pessoas se identificavam como unionistas e

“heróis da América”, fortes opositores dos Confederados. Como Drake e sua família, Hugh era um republicano radical.

– Que boatos são esses sobre Liam Atwater ter assassinado alguém?  
– perguntou Hugh.

– Ele assassinou mesmo. Daniel Downs. Filho da minha empregada.

– Ele era o filho da Sra. Erma?

Drake assentiu.

– Morto na frente da mulher e do filho de 7 anos. O corpo foi jogado no pântano.

– Meu bom Deus!

– Vou falar com o Conselho sobre isso. Não podemos deixá-lo ficar impune.

– Não conseguiu nenhuma ajuda das pessoas da região nem do Exército?

– Nenhuma.

– Tem algo em mente?

– Tenho.

– Se você e o Conselho precisarem de ajuda, me avise.

Depois que o pai e os tios foram caçados e mortos pelos Confederados por se recusarem a se alistar durante a guerra, Hugh não nutria a menor simpatia por conservadores de nenhuma espécie. Agora, ele e os soldados da União com os quais servira faziam o melhor que podiam para combater a violência dos supremacistas e proteger propriedades, escolas e igrejas dos libertos. Eles também haviam se infiltrado em alguns grupos que defendiam a volta da escravidão e passavam informações importantes para o Conselho. No ano anterior, durante a sangrenta revolta de três dias em Memphis, dois amigos de infância de Hugh tinham sido mortos – junto com outras 44 pessoas pretas – pelos apoiadores dos supremacistas. Para ele, a batalha do pós-guerra era pessoal.

– Então, o que você quer fazer com a sua cozinha? – interpelou Hugh, que também era carpinteiro.

Os dois homens passaram a hora seguinte falando de plantas,

desenhando rascunhos na terra e especulando quantos homens extras precisariam para terminar o projeto. Depois que a casa de Drake estivesse pronta, eles se concentrariam em reconstruir a mansão de Hugh.

Quando os planos foram concluídos, Drake se lembrou da busca de Valinda.

– A professora em que estou interessado precisa de um lugar para dar aulas. Pode ser um celeiro, uma casa velha, qualquer tipo de estrutura. Se você souber de um espaço disponível, poderia me avisar?

– Um antigo vagão de trem serviria?

Drake o encarou.

– Um vagão de trem?

– O Exército me deu um contrato para consertar trilhos. Os vagões abandonados que encontramos no caminho têm sido queimados quando não são mais utilizáveis.

– Quantos você tem?

– Encontrei três ontem.

Drake ficou intrigado.

– Em que condições eles estão?

– A madeira está bem danificada. Alguns estão sem portas, mas podem ser consertados e seriam de graça.

– E o teto?

– Alguns estão quase intactos.

Drake pensou nisso por um momento.

– Você acha que podemos tirar a madeira dos que estão em pior estado e usar para consertar, digamos, um ou dois?

– Não vejo por que não. Está tentando ganhar pontos com a dama?

– De jeito nenhum. Só estou interessado em ajudar meus semelhantes.

Hugh deslizou alguns centímetros para o outro lado da varanda.

– Estou me afastando só para o caso de algum raio acertá-lo por mentir.

Ambos riram.

– Tem algum jeito de você levar os vagões para meu terreno, onde eu poderia trabalhar neles? – pediu Drake.

– Temos algumas carretas, então sim.

– Quando?

– Está ansioso, hein? – provocou Hugh, sorrindo. – Vou precisar de um dia ou dois para providenciar as coisas, aí meus homens e eu levaremos para você.

– Quanto vai cobrar?

– Se você pagar pelo aluguel dos cavalos, que não são meus, já será suficiente.

Drake estava imerso em pensamentos.

– Certo.

Ele gostava da ideia, mas queria ver os vagões para ter certeza se era possível restaurá-los.

– Podemos ir ver os vagões?

– Agora?

– Sim. Não quero que você tenha o trabalho de movê-los se eu não puder restaurá-los.

– Confie em mim. Vai dar certo.

– Espero que não seja o conhaque falando.

– Não é. Isso vai lhe dar alguns pontos com a sua professora. Eu prometo.

Drake queria mesmo fazer Valinda feliz.

– Para onde você vai agora? – perguntou Hugh.

– Para o bairro Francês, fazer Archer me alimentar.

– Tenho algumas galinhas que podemos cozinhar – comentou ele e ergueu a garrafa de conhaque. – E temos essa fina bebida francesa para terminar.

Drake sorriu.

– Então, vamos comer.

Depois da refeição, Drake deixou Hugh e cavalgou até a casa de Raimond para a reunião do Conselho. Composto por veteranos, homens libertos e alguns homens pretos que eram membros confiáveis



do Partido Republicano, o grupo fora formado depois da rendição do Sul. Ele atuava em negociações de contratos de trabalho, informava as pessoas a respeito de seus direitos e fazia o melhor possível para influenciar os políticos locais e do estado. A população conhecia sua face pública, mas havia partes da operação que eram conduzidas nas sombras.

Drake entrou no celeiro onde estavam se reunindo e acenou com a cabeça para os doze homens que já se encontravam ali, quatro dos quais eram seus irmãos. A agenda foi aberta com relatórios enviados por grupos semelhantes espalhados pelo Sul. Falavam de assuntos relacionados a posse de terras, leis segregacionistas e o estado geral dos direitos dos libertos.

Rai começou com as boas notícias sobre o número crescente de escolas e faculdades estabelecidas na região, em especial o Howard College, em Washington – nomeado em homenagem ao abolicionista general Howard –, e o St. Augustine Normal School and Collegiate Institute e o Freedmen's College, na Carolina do Norte.

Drake viu as pessoas assentindo em aprovação.

Rai, então, passou para assuntos mais sérios.

– O general Sheridan determinou que a Louisiana e outros estados começarão em 1º de maio a registrar eleitores pretos e brancos nos termos das recém-aprovadas Leis de Reconstrução. As eleições acontecerão para selecionar delegados para formarem as novas convenções constitucionais. Prevemos que haverá violência. Sheridan prometeu manter o processo o mais seguro possível, mas nós sabemos que não há tropas suficientes para cumprir essa promessa. Mande mensagens pedindo a veteranos que se voluntariem como fiscais da paz e que repassem o pedido para todos os veteranos que conhecem.

– E que venham armados – acrescentou Beau.

Como o 1º de maio era dali a apenas duas semanas, Drake perguntou:

– Você pediu ajuda a Hugh e aos amigos dele?

– Não, mas, se você puder fazer isso, eu terei uma coisa a menos na

cabeça.

– Eu falo com ele.

– Obrigado.

Eles passaram mais alguns minutos discutindo sobre a localização dos postos de registro. Como Rai apontara, a violência era quase certa, porque os Confederados seriam proibidos de colocar seus nomes nas cédulas como delegados.

– Então essas Leis de Reconstrução dão o direito de voto aos homens pretos em toda a parte? – indagou Mason Diggs, um dos veteranos.

– Não. Só nos estados que se rebelaram.

– Isso não faz sentido.

– Diga isso aos tontos do Congresso – retrucou Rai.

Todos sabiam que os eleitores pretos teriam vantagem numérica nos cinco estados: Alabama, Flórida, Louisiana, Mississippi e Carolina do Sul. Se os delegados eleitos pudessem de fato reescrever as Constituições estaduais, as condições no Sul mudariam para melhor. Drake era pessimista em relação à política, de modo que duvidava que os Confederados permitiriam que eles mantivessem o poder por muito tempo.

Havia brigas internas no Partido Republicano e os supremacistas vinham retornando à arena política com facilidade através do frágil juramento que o presidente Johnson exigia para perdoar ex-Confederados. Rebeldes que juravam lealdade à União recebiam de volta suas terras e seu poder. Não parecia muito relevante o fato de eles terem cometido traições que custaram milhares de vidas ao país.

Com ex-Confederados recuperando seu espaço, mais leis segregacionistas eram instauradas. Elas prejudicavam os recém-libertos e vinham quebrando o Partido Republicano do estado em três.

Contudo, as forças opostas, apoiadoras da escravidão, também estavam fraturadas. Havia os que eram contra qualquer coisa que beneficiasse os ex-escravizados – desde a posse de propriedades até o estabelecimento de escolas. Outros, mais pragmáticos, apoiavam

direitos limitados – ainda que se opusessem à igualdade social – e culpavam a abordagem linha-dura do primeiro grupo pela interferência do governo federal na política do estado.

Como resultado, o estado era um barril de pólvora. Os democratas a favor do sistema escravagista, conspirando com alguns republicanos sulistas, estavam determinados a restaurar a velha ordem a qualquer custo. O tumulto na Convenção estadual do ano anterior, durante o qual a polícia e as Forças Armadas mataram 34 homens pretos e três radicais brancos, era um exemplo revelador de até onde eles estavam dispostos a ir para conquistar seus objetivos.

Raimond continuou a reunião.

– Alguém conhece um homem chamado William Nichols? – perguntou ele.

Ninguém se manifestou.

– Ele é um dos líderes dos grupos que vêm confrontando as companhias de bonde na questão dos bondes com estrelas – explicou Rai.

Com mais pessoas pretas e brancas que o apoiavam questionando as políticas discriminatórias, a situação dos transportes estava chegando ao limite. Muitas pessoas pretas tentavam andar nos carros destinados a pessoas brancas, apesar da lei. Em resposta, motoristas e passageiros brancos as arrastavam para fora dos bondes e as agrediam. Um veterano preto uniformizado embarcara em um coletivo só para brancos com a mãe e a vira ser “brutalmente expulsa”, de acordo com o relato de um jornal. Em resposta, soldados haviam tentado descarrilhar um bonde só para brancos.

– William Nichols planeja ser preso e então desafiar no tribunal a legalidade da marcação dos bondes. Nós recebemos direitos, mas ninguém sabe o que eles realmente garantem, então essa é uma forma de testar.

Drake ficou impressionado.

– Você acha que o tribunal vai ouvi-lo?

– Se ele for preso, não tenho certeza se os tribunais terão outra

escolha.

– Ele revelou quando planeja fazer isso?

– Acredito que será logo, então fiquem de olhos abertos. Vamos apoiá-lo como pudermos. Alguma pergunta ou comentário?

Como ninguém falou nada, Rai prosseguiu:

– Agora um pouco de humor. Elwood Reynolds, um homem que escravizava pessoas pretas, quer que eu converse com os libertos de lá, porque eles se mudaram para a casa dele.

Archer riu.

– O quê?

Rai fez que sim.

– Ele tem famílias pretas morando na sua cozinha, na sala, no escritório... e ontem uma família de cinco se mudou para o quarto. Eles disseram que a casa foi construída com o trabalho deles, de modo que também são donos dela.

– Eles têm um bom argumento – ponderou Drake.

– Eu concordo.

– Você vai até lá? – perguntou Diggs.

– Não. Eu disse a ele que não tenho autoridade e, como o Exército já comunicou que não vai expulsá-los, pois não há ninguém disponível para isso, ele vai ter que se virar sozinho.

Por todo o Sul, escravocratas estavam tendo dificuldades para se ajustar a uma forma de vida que já não os colocava no topo.

– Nossa maior preocupação esta noite é Liam Atwater – ressaltou Rai. – Drake, você poderia atualizar todo mundo, por favor?

Drake levou alguns minutos para contar a história e terminou com:

– Sua viúva e seu filho merecem justiça.

– Matar nossa gente sempre foi como matar moscas para ele – falou o membro do Conselho e político republicano Kennard Guyton, amigo de longa data dos LeVeqs. – O número de pessoas que morreram na fazenda dele ano após ano ultrapassou o de qualquer outro fazendeiro escravocrata da região.

Atwater possuía uma enorme fazenda de cana-de-açúcar. Trabalhar

com a cana era de longe o trabalho mais brutal que uma pessoa escravizada podia receber. A maioria morria antes dos 25 anos de infecções causadas por cortes feitos pelas folhas da planta, mordidas das cobras venenosas que espreitavam nos canaviais ou de exaustão, de tanto mexerem o caldo da cana em tanques sobre chamas – que muitas vezes eram colocados ao sol quente da Louisiana.

– Nós todos ouvimos a história de Drake – disse Rai. – Todos a favor de buscar justiça para a viúva e o filho de Daniel Downs, levantem a mão.

Todos os homens ergueram as mãos.



Valinda abriu as portas duplas e saiu para a varanda do quarto. Soprava uma brisa refrescante e a noite estava viva com o som de insetos e o coro suave dos sapos coaxando. Ela respirou fundo e se sentiu relaxar.

Um mensageiro das freiras chegara depois do jantar para lhe trazer um telegrama de Cole. Ele e Lenny tinham atracado em Maryland e estavam a caminho de Nova Orleans de trem. Ele estimava levar três, quatro dias no máximo. Val estava feliz por ele ter voltado em segurança ao solo americano e mal podia esperar para vê-lo e ouvir tudo sobre a Europa e sua busca por parceiros de negócios.

Contudo, a chegada iminente dele também significava que ela teria que deixar Nova Orleans muito mais cedo do que planejava e não sabia como lidar com esse conflito. Conseguiria convencê-lo a ficar?

Deu um tapa em um mosquito que se banqueteara em seu braço como se ela fosse uma sobremesa. Voltou para suas reflexões, mas logo o rosto de Drake brilhou em sua mente e ela se distraiu. Quanto mais jurava não pensar nele, mais pensava. Recordou o momento em que havia pedido que ele não a beijasse e parte dela ficou decepcionada. Essa parte não se importava com seu compromisso com Cole nem com nenhuma outra barreira que ela havia erguido contra o urso que

era o filho de Julianna. Essa parte queria saber como seria beijá-lo. Os lábios dele seriam rígidos? Suaves? O beijo seria casto ou teria o poder de derretê-la como as palavras dele faziam? Val não tinha resposta. Sua única certeza era que estava seguindo por um caminho perigoso e não conseguia encontrar os freios.

Ela estapeou outro mosquito que zunia em volta do seu pescoço e mais um que a picou através da manga de seu robe de cetim cinza, então decidiu entrar. As portas tinham tela, e ela as deixou abertas para que a brisa e as canções da noite entrassem enquanto relaxava em uma poltrona no escuro. Gostava daquele quarto enorme com seus belos móveis, sobretudo da banheira grande. Com a permissão de Julianna, ela se dera o mimo de um belo banho fazia pouco tempo e desejara carregar a banheira para Nova York se de fato voltasse para casa.

Era uma ideia tola, porque duvidava que ela e Cole pudessem pagar por um lugar grande o suficiente para acomodar a banheira depois que se casassem. As pessoas pretas tinham como única opção morar nas áreas mais lotadas e menos cuidadas de Nova York. Nenhum de seus conhecidos possuía uma casa com um cômodo sequer em que coubesse um móvel tão luxuoso. Ainda assim, morar no apartamento de cinco cômodos acima do ateliê da avó fizera Valinda e sua irmã, Caroline, acreditarem que eram relativamente ricas quando mais jovens, porque sempre havia comida na mesa e o pai delas trabalhava como barbeiro na loja do pai de Cole.

Só na adolescência, ao ser matriculada na Escola para Meninas Pretas Respeitáveis da Sra. Brown, ela conhecera garotas de famílias ricas de verdade – alunas que iam todo dia para a escola em carruagens próprias guiadas por cocheiros; meninas de lugares distantes, como Boston e Filadélfia, que moravam na escola porque suas famílias pagavam por esse conforto; e as que chegavam com móveis para seus quartos, incluindo guarda-roupas cheios de vestidos. Val nunca tivera mais do que dois pares de sapato por vez – um para o dia a dia e outro para ir à igreja ou ocasiões especiais. Na Escola da

Sra. Brown, ela conhecera jovens que possuíam cinco ou seis pares de sapatos e um número igual de casacos e luvas.

Ela se perguntou como as posses de sua família se comparavam às dos LeVeqs. Sabia que, quando ela e Cole se casassem, eles não chegariam nem perto. Ter uma banheira como a daquele cômodo seria um sonho.

Quando ela fechou as portas e se deitou na cama, não sonhou com banheiras luxuosas. Em vez disso, sonhou que estava sendo perseguida por cães ferozes.

Ela corria, o coração acelerado de medo enquanto tentava se manter à frente da matilha que latia e rosnava. As pernas longas e ágeis deles logo venceram a distância e Val foi derrubada no chão. Gritando e se contorcendo para escapar, ela agarrou o pescoço do animal mais próximo para evitar que suas presas espumantes se afundassem na sua pele. As feições do cachorro se transformaram no rosto de Walter Creighton e ele abriu um sorriso maldoso. Ela conseguiu se libertar de alguma forma, ficou de pé e voltou a correr. Eles a perseguiram, uivando como cães de caça enlouquecidos. Julianna acenava freneticamente para ela de uma varanda, mas os cachorros estavam entre elas, então Val seguiu correndo.

Os cachorros desapareceram. Uma carroça surgiu. Seu pai saltou da boleia. Havia fogo nos olhos dele quando ele amarrou os pulsos da filha com uma corda apertada e prendeu a ponta da corda na parte de trás da carroça. Ele correu de volta para a boleia. Ao lado dele estava um homem. Ele olhou para ela. Antes que Val pudesse reconhecer o rosto vagamente familiar, a carroça partiu e ela tropeçou e caiu no chão. Arrastada pela terra, ela gritava para que o pai parasse. Ele não a ouvia. Val gritava e tentava desfazer os nós, mas não conseguia. Levantava-se por alguns segundos, perdia o equilíbrio de novo e caía, e assim foi vez após vez. Exausta, ela se rendeu e foi arrastada como uma boneca de pano.

Acordou assustada. Levou as mãos ao rosto suado e inspirou, trêmula. Cenas do pesadelo ainda preenchiam sua cabeça. O homem

com o pai dela... tinha certeza de que o conhecia, mas sua identidade permaneceu trancada atrás da porta da sua mente. Ela de repente lembrou que a irmã estava no sonho também. Caroline estava sentada bem no alto de um carvalho, observando tudo com lágrimas nos olhos.

Val se levantou e foi até o banheiro. Jogou água no rosto e inspirou mais uma vez. Depois voltou para a cama, mas ficou acordada até o amanhecer.



## CAPÍTULO 9

Quando Val desceu para o café da manhã, a noite perturbadora devia transparecer em seu rosto, porque Julianna perguntou:

– Você não dormiu bem?

– Não – confessou Val, sem esconder a verdade.

Drake, que também estava à mesa, olhou para ela com preocupação.

– Posso mandar Drake chamar o médico se você estiver doente.

Quer passar o dia na cama?

– Não. Sable vem me buscar mais tarde. Estou só um pouco sonolenta. Vou melhorar até ela chegar.

Nenhum dos LeVeqs parecia convencido, mas ela ignorou isso e silenciosamente se serviu de salsichas, ovos e mingau. Como Drake continuava a examiná-la, ela se voltou para ele.

– Estou bem, Drake – garantiu.

– Não mentiria se estivesse doente, não é, *chérie*?

A sinceridade e a gentileza no tom dele derrubou mais uma das barreiras de Val.

– Não. Eu tive um sonho ruim. Foi só isso.

Ela sabia que ele tinha mais perguntas, então tentou acalmá-lo.

– Não precisa se preocupar. Por favor, tome seu café, eu vou ficar bem.

Ele a observou por mais alguns segundos e então obedeceu.

Val decidiu mudar de assunto.

– A que horas seu marido chega? – perguntou à anfitriã. – Reba

precisa da minha ajuda com os preparativos?

Julianna balançou a cabeça.

– Não. Vai ser só a família, então ela não precisa de ajuda extra. O barco dele está previsto para chegar à uma da tarde. O Sr. Doolittle e eu iremos encontrá-lo nas docas. Estou tão animada para tê-lo em casa de novo!

– A que horas será o jantar? – indagou Drake.

– Às sete, no máximo. Quais são seus planos para o dia?

– Trabalhar na minha casa.

– Poderia poupar a viagem de Sable e deixar Valinda na casa dela no caminho? Tenho certeza que Sable gostaria de não precisar vir até aqui. Tudo bem para você, Valinda?

Val poderia jurar que Julianna estava sutilmente tentando unir o casal, mas era educada demais para expressar essa acusação.

– Desde que Drake não precise se desviar do caminho dele.

– Não precisa.

– Então, obrigada desde já.

– De nada.

Assim que acabou seu café, Drake se virou para Valinda.

– Vou selar meu cavalo e encontro a senhorita lá fora – avisou ele.

Assim que ele saiu, Julianna trouxe outro assunto à tona.

– Seu noivo comentou onde vai se hospedar quando ele e o sócio chegarem?

Valinda tinha contado sobre o telegrama a Julianna.

– Não.

– Imagino que a chegada antecipada dele signifique que você não poderá dar aulas às crianças de Sable.

– Eu espero convencê-lo a abrir o jornal aqui em Nova Orleans.

– Não quer voltar para casa?

Ela balançou a cabeça.

– Você acha que ele vai concordar?

– Não sei.

– E se ele recusar? Então o que acontecerá?

– Essa é uma pergunta que tenho feito a mim mesma.

E ela ainda não tinha respostas. Tudo o que ela sabia era que não queria voltar para Nova York. Em Nova Orleans, ela poderia continuar a ajudar os libertos e, embora sua estadia tivesse sido desafiadora nas últimas semanas, estar sozinha lhe permitira experimentar a independência. Casar-se com Cole lhe ofereceria um pouco de liberdade das expectativas sociais também, mas seria suficiente?

*Ou ela passaria o resto da vida assombrada pelo que poderia ter alcançado caso tivesse escolhido permanecer solteira ou ser cortejada por Drake?*, uma vozinha lhe sussurrava.

– A vida pode ser desafiadora – disse Julianna, compreensiva. – Se eu puder ajudar de alguma forma, me avise.

– Avisarei. Obrigada.

Ela encontrou Drake à sua espera ao lado de seu grande garanhão preto.

– O cavalo tem nome? – perguntou ela.

– Havana. Rai me deu de presente de aniversário quando ainda era um potro, alguns anos atrás.

Ele deu um tapinha afetuoso no cavalo.

– Está pronta? – perguntou a Val.

Ela assentiu. Antes que pudesse piscar, ele a ergueu e a colocou de lado no lombo do cavalo, então montou atrás dela. O calor daquele corpo grande tornava difícil para Valinda respirar.

– Algum problema, *chérie*?

– Eu preferiria caminhar ao seu lado.

– Rai e Sable moram a quase 3 quilômetros de distância. Quero chegar lá ainda hoje.

– Eu acho que seu sangue pirata está se aproveitando da situação.

– Nenhum pirata que valha seu sal deixaria que uma mulher cavalgasse na garupa do cavalo. Seu hematoma está melhor.

A mudança abrupta de assunto a pegou desprevenida. Ela ergueu a mão até o ponto na sua bochecha.

– Sua mãe me deu algo para ajudar com a cicatrização.

– Ainda dói?

– Um pouco.

Ela pensou que nenhum homem tinha o direito de ser tão bonito, observador e capaz de encantá-la tão facilmente. E, ainda assim, ali estava ele.

– Apoie-se em mim para podermos partir. Eu vou me comportar bem.

Cada centímetro dela desejava experimentar aquela proximidade, ainda que fosse apenas pelo curto trajeto de 3 quilômetros. No fim, o desejo ganhou. Ela se encostou no peito forte dele e rezou para que suas roupas não pegassem fogo quando ele incitou Havana a partir.

– Confortável? – perguntou Drake enquanto mantinha o cavalo em um passo calmo.

Val ergueu os olhos.

– Achei que você quisesse chegar lá rápido.

– Eu quero, mas também quero aproveitar sua companhia.

A proximidade atordoante dele e seu cheiro limpo e másculo confundiam os sentidos dela, deixando-a vivamente consciente da presença dele, desde o topo da cabeça até os dedos dos pés. Para se distrair, ela tentou guardar marcos do caminho, caso algum dia precisasse ir até Sable sozinha, mas tudo em que conseguia se concentrar era o passo comedido do cavalo e o peito duro como pedra do homem que a abrigava de forma tão protetora.

– Recebi um telegrama de Cole ontem. O navio dele atracou em Maryland. Ele voltou mais cedo e deve chegar a Nova Orleans em alguns dias.

– Imagino que não seja por isso que você teve um pesadelo.

Ele baixou os olhos e deu seu belo sorriso a Val, que não foi capaz de responder de nenhuma outra maneira exceto sendo recíproca.

– Não foi.

– Que bom. Não preciso de mais motivos para escorraçá-lo.

– Prometa que vai ser respeitoso quando conhecê-lo.

– Eu sou um pirata. Nós mentimos.

– Drake...

Ela deu um soquinho brincalhão no braço dele.

– Ai! Só estou sendo sincero. No entanto, piratas podem ser subornados.

– Não vou deixar você me beijar.

– Não foi isso que eu quis dizer, mas é bom saber que você está com beijos na cabeça.

– Não estou.

– Você também é meio pirata?

A vergonha esquentou as bochechas dela.

– Gosta dos beijos dele?

– Isso não é da sua conta.

– Talvez você tenha a chance de comparar, antes que ele chegue.

– Você devia estar se comportando.

– Eu me comportarei muito bem quando beijá-la, *chérie*. Prometo.

Sentindo-se derreter, ela imaginou se ficaria muito ferida caso caísse do cavalo.

– Você é impossível.

– Não. Eu sou um filho da Casa LeVeq.

Ela riu.

– Conte sobre a sua casa – pediu Val. – No que você vai trabalhar hoje?

– Em peças de ferro para o gazebo. Vai ser parecido com o de Mama, mas talvez eu use ferro para o teto também, em vez de madeira.

– Onde você aprendeu a trabalhar com ferro?

– Comecei aprendendo com um africano que foi vendido e escravizado aqui. O homem que o escravizava lhe permitia trabalhar para outras pessoas e ele conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar a própria liberdade. Fui aprendiz dele por dois anos e meio.

– Quantos anos você tinha quando começou?

– Doze. Eu morei na oficina dele durante o primeiro ano, mas ele não me deixou chegar perto da forja pelos primeiros seis meses. Eu

carregava e buscava coisas, varria e observava o trabalho dele. À noite, depois que a oficina fechava, ele me ensinava a respeito do que envolvia ser ferreiro: as tradições africanas, os diferentes métodos de trabalhar o ferro, como controlar a temperatura do fogo... Quando se convenceu de que eu tinha o respeito e o conhecimento necessários, ele começou as aulas práticas.

Ela observou as mãos marcadas dele e correu um dedo por uma das cicatrizes maiores.

– Foi assim que conseguiu todas elas?

– Algumas. Algumas são da carpintaria. Outras, de simplesmente ser um LeVeq com cinco irmãos.

Val sorriu para Drake, que fitou seus olhos.

– Se você for mesmo embora de Nova Orleans, vou ficar com seu sorriso para poder observá-lo sempre que pensar em você – disse Drake.

Val examinou o rosto dele esperando ver zombaria e provocação. Em vez disso, por um instante de partir o coração, encontrou um olhar solene que logo se afastou e voltou a focar na estrada.

Quando chegaram ao alto portão de ferro que levava a uma das propriedades do irmão dele, cinco crianças sorridentes vieram correndo para encontrá-los enquanto gritavam:

– Tio Drake! Tio Drake!

Como Valinda conhecera os filhos de Sable no Christophe, presumiu que aqueles seriam alguns dos órfãos. Pareciam não ter mais do que 7 anos e seus sorrisos iluminados mostravam quanto gostavam de Drake. Ele cumprimentou cada um pelo nome e perguntou como estavam. Eles responderam com histórias sobre pescar girinos, quem tinha ganhado a corrida do dia anterior e sobre terem ficado acordados até tarde na última noite para ver a lua.

– Quem é ela? – perguntou um menininho com os dentes da frente faltando enquanto ele e os outros caminhavam alegremente ao lado do grande cavalo.

– Esta é a Srta. Valinda.

– Ela é sua namorada? – indagou uma das meninas.

Ele riu.

– Não. Ela vai ser a nova professora de vocês.

Val viu os rostos jovens a avaliarem sob a luz dessa nova informação.

– Você é malvada? – quis saber um menino.

– Não – assegurou Val.

– Que bom. Tio Rai mandou um professor embora porque ele gritava com a gente o tempo todo.

– Eu prometo que não vou gritar – garantiu a eles.

– Ela é bonita, tio Drake – apontou uma das meninas.

– Você acha? – perguntou ele para a garotinha.

Ela assentiu.

– Eu também – falou ele.

Atordoada pelo elogio, Valinda voltou sua atenção para o grande sobrado branco de madeira. Havia graciosas escadas à esquerda e à direita que levavam a uma sacada com grades de ferro forjado no segundo andar. Ela se perguntou se aquelas grades e a casa também eram trabalhos de Drake. Sable saiu para a varanda com a filha nos braços. Seu cabelo estava escondido sob um *tignon* verde estampado e ela usava uma blusa branca simples e uma saia cinza. Ela cumprimentou Valinda com um sorriso.

Drake saltou do garanhão e, antes que Valinda tivesse chance de reagir, suas mãos fortes a ergueram sem esforço e a colocaram suavemente no chão. Esperando que seu rosto não revelasse quanto Drake tirava seu fôlego, ela caminhou com ele na direção da varanda. As crianças os seguiram.

– Bom dia, Valinda – cumprimentou Sable. – Como vai?

– Estou bem. E você?

– Estou bem – retrucou ela e então se dirigiu ao cunhado: – Drake, eu podia ter ido até a casa de Julianna para buscá-la. Na verdade, ia sair agora mesmo.

– Mama achou que assim seria mais fácil, já que estou indo para

casa.

Os bracinhos gorduchos de Desiré se estenderam na direção de Drake e ele a pegou do colo da mãe.

– Bom dia, doce Desi. Como vai? Está mantendo o papai na linha para mim?

– Sim – disse a pequena, orgulhosa.

– Boa menina. Me dá um beijo?

Ela pressionou os lábios contra a bochecha dele.

– Obrigado. Nunca deixe um menino beijar você, entendido?

– Entendido.

Sable parecia divertida quando ele devolveu a criança a seus braços.

Val continuava impressionada com o jeito brincalhão de Drake.

Ele se despediu.

– Aproveitem o dia juntas, senhoras. Eu as verei no jantar.

Ele baixou os olhos para as crianças que o idolatravam.

– Quem quer montar no urso até o cavalo dele? – perguntou.

– Eu! – gritaram todas elas.

– Subam, então.

E, para a surpresa de Valinda, algumas escalaram as costas largas de Drake enquanto outras se agarraram a seus grandes braços e às pernas compridas. Ele grunhiu e, com as crianças risonhas penduradas em seu corpo, rugiu de novo e seguiu lentamente até seu cavalo.

– Elas o adoram – comentou Sable. – Acho que sabem que, no coração de Drake, ele na verdade é igual a elas, só que mais alto.

Valinda observou o urso chegar à sua montaria. Depois de se libertar das crianças, ele voltou para a sela. Acenou em despedida para as mulheres e seguiu para o portão enquanto carinhas risonhas corriam ao lado dele.

– Vamos entrar – chamou Sable.

Valinda lançou um último olhar para Drake, que se afastava a galope do portão, antes de seguir a outra mulher para dentro.

Sable entregou Desiré para a criada sorridente e guiou Val até uma sala lindamente arrumada, com móveis finos e luminárias. Uma



grande pintura a óleo de Sable com um belo vestido esmeralda estava pendurada acima da lareira. Valinda se sentou.

– Parece que não vou ficar aqui tempo suficiente para ensinar as crianças – disse ela.

Então contou sobre o telegrama de Cole e quanto estava dividida.

– Se a decisão fosse totalmente sua, você ficaria?

– Ficaria, mas fiz uma promessa a Cole.

– E vocês vão se casar por amor?

Val fez uma pausa, fitou os olhos verdes que a aguardavam e negou com a cabeça. Quantas vezes ainda ouviria aquela pergunta?

– Não, mas nos importamos muito um com o outro – explicou Valinda. – Não estou convencida de que o amor seja necessário a um casamento.

– Para quem nunca conheceu o amor, eu imagino que não seja, mas eu ficaria perdida sem Rai na minha vida. É verdade que às vezes quero pendurá-lo em um varal, porque nós dois somos teimosos e cheios de opiniões. Na verdade, estou muito chateada com ele neste momento.

Valinda ficou surpresa com a confissão e queria detalhes, mas sabia que era melhor não perguntar.

Naquele instante, Raimond LeVeq entrou na sala. Usava um termo escuro que parecia enfatizar seu porte e beleza.

– Bom dia, Valinda.

Val fez um aceno com a cabeça e notou a forma como Sable olhou para ele com desprazer.

– Vejo que ainda está brava – disse ele para a esposa.

– Você não pode sair por aí socando o nariz das pessoas, Raimond.

– O tampinha mereceu, *ma reine*.

Val não entendia francês, mas, pela entonação suave, notou que era um termo carinhoso.

A resposta de Sable foi igualmente suave:

– Pare de tentar me bajular.

– Está funcionando? – perguntou ele.

A diversão nos olhos dele os tornava muito semelhantes aos de Drake.

Valinda pigarreou.

– Hum. Talvez eu devesse deixar vocês sozinhos.

Raimond balançou a cabeça.

– Não é preciso – falou, e se virou para Sable. – *Bijou*, quando um homem idolatra a esposa e é constantemente desafiado por um tampinha que se diz poeta e afirma amar a esposa que o homem idolatra, ele pode escolher não socar o nariz dele. Eu escolhi diferente. Fique feliz por eu só ter quebrado o nariz dele.

Sable balançou a cabeça diante da defesa do marido.

– Você ouviu a parte sobre ser idolatrada? – perguntou ele baixinho.

– Não está atrasado para uma reunião? – rebateu ela, parecendo ao mesmo tempo não acreditar e se divertir.

– Eles podem esperar. Que tal, depois que voltarmos do jantar de Henri, eu me ajoelhar e... implorar pelo seu perdão?

– Fique feliz por não ser casada com um LeVeq – falou Sable a Valinda enquanto fitava os olhos do marido. – Esses homens são incorrigíveis.

Rai andou até onde a esposa estava.

– Você gostaria disso? Eu, de joelhos? – perguntou de novo.

Um rubor passou pelas bochechas de Sable.

– Vá para sua reunião, Rai.

– Você vai ficar muito satisfeita quando eu terminar de implorar pelo seu perdão.

Ela apontou para a porta, finalmente soltando uma risada.

– Para fora, seu homem ultrajante.

Sorrindo masculamente, ele se inclinou para baixo e a beijou com tanta suavidade e devoção que ela derreteu em sua poltrona esmeralda. Valinda tentou não ficar encarando.

Ele se endireitou e, devagar, traçou o lábio inferior dela com o polegar.

– Eu volto lá pelas seis – prometeu.

E seguiu para a porta.

– Vejo você hoje à noite, Valinda.

Depois que ele saiu, Sable se voltou mais uma vez para Val.

– Como eu ia dizendo, um varal de roupas.

Porém Valinda sabia que ela não falava sério. Ela também tinha consciência de que tinha acabado de testemunhar algo que nunca vira entre seus pais, algo que ela e Cole tampouco experimentariam: paixão.

Val passou o resto da manhã com as crianças, o que liberou Sable para cuidar de alguns negócios em seu escritório. Eles leram para ela e ela leu para eles. Ela se juntou a eles em um animado jogo de pega-pega, procurou pedras coloridas e insetos perto da floresta de pinheiros e se sentou com eles à mesa improvisada sobre cavaletes para almoçarem.

Ela se divertiu a cada instante e aquilo a fez pensar na conversa que tivera com Drake. Fazia anos que ela não brincava e precisava admitir que aquelas horas de risadas e despreocupação aliviaram seu espírito e afastaram o pesadelo.

Depois do almoço, as coisas se acalmaram. Alguns dos mais novos cochilaram, enquanto os mais velhos leram, fizeram desenhos ou simplesmente ficaram deitados lá fora, no campo, contemplando as nuvens – uma atividade que Val amava quando mais jovem.

Val e Sable aproveitaram o momento de quietude na varanda dos fundos.

– Por quanto tempo eles descansam? – perguntou Val.

– Uma hora ou duas. Muito obrigada pela ajuda hoje. Consegui tempo para escrever cartas para alguns dos homens libertos e suas famílias. Estou muito atrasada com isso.

Sable percebeu a confusão no rosto de Val.

– Comecei a escrever cartas pelos que não sabem ler ou escrever quando ainda estava no campo de escravizados onde Rai e eu nos conhecemos – explicou Sable. – Agora faço o mesmo pelos libertos de Nova Orleans.

Val compreendeu.

– O irmão de um dos meus alunos me pediu para fazer algo parecido. Ele quer colocar um anúncio nos jornais para tentar encontrar a esposa.

– Já ajudei com coisas assim também. Sei como é ter parentes desaparecidos. Venho procurando pela minha irmã, Mavis, e pelo meu irmão, Rhine, desde a Liberdade. Toda noite eu rezo para que eles estejam vivos e bem e para que possamos nos reencontrar.

Val pensou em sua avó e nos irmãos dela.

– A escravidão é algo horrível – disse Sable. – Trouxe tanta dor e sofrimento para as pessoas da nossa cor.

Val concordou.

– No Norte e no Sul. Eu tinha 11 anos quando a Lei sobre Fuga de Escravizados foi implementada, em 1850. Ainda me lembro de como as pessoas ficaram apavoradas com a possibilidade de serem pegas por todos aqueles caçadores que foram para o Norte. Os caçadores não se importavam se você tinha papéis ou não. Algumas das minhas colegas perderam pais, mães... Famílias inteiras fugiram para o Canadá para se esconder.

– No Sul era difícil ter notícias do Norte, então não sei nada desses tempos.

– Nossos pais nos levavam e buscavam na escola. As igrejas distribuíram apitos para as mulheres e crianças mais velhas, porque às vezes os caçadores vinham durante o dia, enquanto os homens estavam no trabalho.

– Por que apitos?

– Serviam de alarme. Eu me lembro da minha avó e algumas outras mulheres soprando seus apitos enquanto expulsavam um caçador da nossa rua. Quanto mais elas sopravam, mais mulheres se juntavam. Elas se armaram com colheres e garfos compridos. Frigideiras. Cabos de vassoura. O homem não conseguiu correr rápido o suficiente e apanhou bastante.

Sable riu.

– Deve ter sido uma cena e tanto.

– Foi.

Ela assistira ao episódio da porta do ateliê da avó.

– Quando minha avó voltou, ela marchou para dentro, guardou seu esfregão e disse: “Ele não vai voltar.”

– Eu iria gostar se você ficasse, Valinda. Provavelmente nos divertiríamos juntas. Tenho uma família, mas poucas amigas.

Val lembrou que, no almoço no Christophe, Sable comentara que as mulheres *creoles* a excluía.

– Talvez as mulheres daqui mudem de ideia – aventou Valinda.

Sable deu de ombros.

– Quem sabe, mas eu realmente queria que você não fosse embora.

– Há uma chance de eu ficar. Vamos esperar e ver o que Cole dirá.

– Vou ficar de dedos cruzados.

Val planejava fazer o mesmo.



Naquela noite, enquanto Val se vestia em seu quarto para o jantar de boas-vindas, ela pensou de novo em seu dia com Sable e no momento apaixonado entre ela e o marido. Val se perguntou qual seria a sensação de ter um laço como aquele e se eles eram brincalhões um com o outro o tempo todo. A promessa de Raimond de implorar pelo perdão de Sable a fizera corar. Val imaginou que ele podia estar aludindo a algo mais íntimo, mas, sendo inocente nesses assuntos, não teve certeza.

A grande sala de jantar estava cheia de LeVeqs. Havia conversa, risadas, uma mesa gloriosamente posta para os adultos e uma menor para os mais jovens. De pé em frente à lareira, usando um elegante vestido índigo, estava Julianna. Ao lado dela havia um homem alto e bonito que usava óculos. Os dois estavam conversavam de forma animada com Raimond e Sable. Ao ver Val, Julianna a chamou.

– Valinda Lacy, conheça meu marido, Henri Vincent.  
– Prazer em conhecê-lo, senhor.  
– O prazer é todo meu – respondeu ele com sotaque francês. – Julie me disse que talvez a senhorita não fique conosco por muito mais tempo.

– Eu espero que meus planos mudem.  
– Eu espero também.

Naquele momento, Reba anunciou o jantar e todo mundo seguiu para a mesa. Val notou que Drake não estava presente. Disse a si mesma que não estava decepcionada com a ausência dele, mas era mentira.

Escolheu o lugar em frente a Raimond e Sable. Quando todo mundo se acomodou, Beau foi até Val.

– Posso? – perguntou ele, indicando a cadeira vazia à esquerda dela.  
– Sem dúvida.

Ele se sentou.

– Ouvi dizer que vai nos deixar.  
– Possivelmente – respondeu Val.  
– É uma pena. Eu esperava que...

Um tapinha seco no ombro dele o fez erguer os olhos.

Drake.

Como os irmãos, Drake usava um terno preto bem-cortado que enfatizava seu porte.

Beau sustentou o olhar do irmão. Nenhuma palavra foi dita. Beau suspirou alto e se levantou.

– Aproveite seu jantar, Valinda.  
– Obrigada.

Drake se sentou.

– Boa noite, *chérie*. Como foi seu dia? – perguntou ele, despreocupado.

Ela olhou para Sable do outro lado da mesa, que riu.

– Muitos varais, Val. Vários.

Val se inclinou na direção de Drake.

- Por que você fez seu irmão sair? – indagou ela baixinho.
- Eu não fiz. Ele decidiu que queria se sentar em outro lugar.

Ela revirou os olhos.

Conforme a refeição progredia e a conversa fluía com as risadas, Val notou a felicidade de Julianna. Ela e Henri estavam sentados ao lado um do outro. Compartilhavam sussurros e sorrisos e deixavam evidentes seus sentimentos um pelo outro. Henri era canhoto. Julianna era destra. A mão direita dele segurava a esquerda dela o tempo todo e Val achou esse gesto terno e doce.

- Há quanto tempo sua mãe e Henri são casados? – perguntou baixo para Drake.

- Pouco mais de dois anos. Eles se casaram alguns meses depois que Rai e Sable trocaram votos.

- Eles parecem felizes.

- Eles são. Ele era o melhor amigo do meu pai e amava mamãe em silêncio. Eles já deviam ter se casado há anos, mas Henri não queria desrespeitar a memória do meu pai.

Outro casamento por amor, ela percebeu. Na verdade, Julianna tivera dois.

Val olhou para Drake.

- O que foi?

Ela queria entender os sentimentos que uniam Sable a Raimond e Julianna a Henri e o que isso significava para eles como indivíduos, mas não sabia como expressar a questão de forma que fizesse sentido.

- Nada.

- Tem certeza?

Ela assentiu e se voltou para a comida no prato.

A sobremesa era um aveludado pudim de pão coberto com uma rica calda de baunilha. Quando todos já tinham um pedaço em seus pratos de sobremesa, Raimond se levantou. A sala ficou em silêncio. Ele ergueu sua taça de vinho.

- Um brinde a Henri e nossa Adorável Julianna. Que o amor de vocês dure.

Exclamações de alegria encheram o ar. Henri deu um beijo em sua dama, para alegria de todos.

No fim da noite, despedidas foram trocadas, todos voltaram para suas casas, e Julianna e Henri se retiraram para seus aposentos. Val e Drake foram os únicos que restaram na silenciosa sala de jantar e, depois da noite insone na véspera, Val estava cansada.

– Boa noite, Drake.

Ela estava saindo da sala quando ouviu o pedido:

– Eu poderia aproveitar sua companhia mais um pouco?

Ela se virou. Encontrando seu olhar intenso, sentiu que algo estava prestes a mudar, mas não identificou o quê. Tudo o que ela sabia dele, de quanto adorava suas na árvore até seu jeito atencioso inato, fazia com que desejasse descobrir ainda mais. Em vez de debater os motivos pelos quais não deveria aceitar o convite, ela respondeu:

– Sim.

– Os mosquitos talvez nos façam voltar para dentro, mas vamos nos sentar no gazebo?

Ela assentiu. Quando ele ofereceu seu braço, o gesto silencioso a fez engolir em seco, porém ela permitiu que ele a guiasse para a noite.

O luar banhava o caminho de cascalho com uma luz pálida. A brisa era suave e o ar trazia o aroma das damas-da-noite de Julianna. Val disse a si mesma que não estava nervosa de verdade. Afinal, ela já estivera no gazebo com ele antes – mas nunca sozinha e no escuro, uma voz em sua mente lembrou com sabedoria.

Eles se sentaram à mesa do gazebo um de frente para o outro. Ela ouviu um fósforo sendo riscado e fez-se luz no pavio de uma pequena vela que estava em um pedaço de lata no centro da mesa.

– Você veio preparado – observou ela.

– Eu queria conseguir vê-la e achei que isso a deixaria mais confortável.

– Aprecio que tenha se preocupado.

– Sou sempre um cavalheiro.

Por alguns instantes, o silêncio se abateu sobre eles, trazendo



consigo a música da noite. Valinda saboreou a brisa e a viu agitar a chama da vela.

– Conte algo sobre você que eu não saiba, *chérie*.

– Ninguém nunca me chamou de *chérie* antes – respondeu ela.

– Não?

– Você chama outras mulheres assim? Sua amante, talvez?

– É seu lado indomável perguntando?

– Sim.

Ela queria saber porque, se ele chamasse, ela preferiria ser chamada pelo nome.

– Então diga a ele que não e que já não tenho uma amante. Ela recebeu uma proposta melhor.

Val examinou o rosto dele à luz bruxuleante.

– Ficou triste com isso?

– Meu ego ficou. O resto de mim vai sobreviver. Eu gostei do tempo que passamos juntos, mas era um arranjo de negócios, nada mais.

Val percebeu quão ingênua ela era. Nunca tinha considerado que o arranjo de um homem com sua amante pudesse ser visto tão friamente. O fato de ele não ter mais uma amante, contudo, não a entristecia.

– Conte mais alguma coisa – pediu ele com delicadeza.

O beijo apaixonado entre Raimond e Sable surgiu na cabeça de Val, mas ela evitou acrescentar isso à conversa.

– Eu canto, bordo e toco o piano de forma terrível.

– Todas as coisas que a sociedade espera que uma dama domine.

– Infelizmente, sim. Gosto de ciência, mas meu pai não me permitiu estudar mais.

– Por que não?

– Ele acredita que educação demais prejudica as mulheres e as torna incapazes de ter filhos. Você acha que o fato de uma mulher querer aprender seja prejudicial?

– Tendo a Adorável Julianna como mãe? Não.

Valinda sorriu. Era fácil conversar com ele. Nesse sentido ele era

parecido com Cole. Pensou em seu noivo e se perguntou sobre o futuro com ele.

– Uma moeda pelos seus pensamentos – ofereceu Drake.

– Honestamente? Eu estava pensando em Cole.

– Devolva minha moeda.

Ela riu.

– Eu estava pensando que vocês dois são parecidos. É fácil conversar com ambos.

– Não importa. Um homem convenceu uma linda dama a se sentar com ele no escuro e ela lhe contou que estava pensando em outro.

– Eu nunca fui beijada – sussurrou ela.

Desejou poder voltar atrás, depois achou melhor não. Então decidiu que Drake LeVeq fazia com que ela perdesse a cabeça.

Drake examinou o rosto dela nas sombras.

– Nunca?

– Nunca.

– Nem mesmo pelo seu noivo?

– Não. Quero dizer, ele me beijou na testa e no rosto. Mas...

– Não nos lábios?

Ela balançou a cabeça. A luz fraca da vela revelou as perguntas que ele não proferiu.

– Por favor, não o julgue – pediu Val.

– Não vou julgar.

Ela não tinha certeza se acreditava nele, mas escolheu aceitar sua palavra.

– Cole é incrivelmente gentil e bondoso.

– Não precisa defendê-lo, *chérie*.

– Eu sinto que sim.

– Não precisa.

Mais uma vez aceitando a palavra dele, ela assentiu.

– Então, aqui estou eu, uma mulher adulta que, esta manhã, viu seu irmão dar um beijo em Sable que pareceu derretê-la da cabeça aos pés,

e eu não sei nada disso – acrescentou Val. – Mas sinto que deveria, mesmo que a sociedade pense que uma garota bem-criada não deva.

Ela olhou para Drake.

– Eu culpo você e seus parentes piratas. Eu estava bem até conhecer sua família e todo esse amor, toda essa paixão de vocês.

Ele riu.

– Quer sentar ao meu lado?

Ela se levantou e se juntou a ele do outro lado da mesa. Ele passou um braço pelo ombro dela e a puxou para si.

– Nós, LeVeqs, podemos ser muito contagiosos.

– Meus pais mal conseguem ficar no mesmo cômodo, mas eu vi como Henri segurava a mão de Julianna durante o jantar e foi tão comovente. Isso tudo é diferente demais para mim.

– Nenhuma família é igual a outra – ressaltou ele.

– Os pais de Cole ao menos gostam um do outro, mas não ficam de mãos dadas no jantar, e nunca os vi agindo como Sable e seu irmão hoje de manhã.

– O que você quer dizer?

– Ela estava brava com ele por ter socado um poeta.

– Ah, o impertinente Gaspar Cadet. Rai estava louco para jogá-lo na sarjeta havia anos. Mas Sable não parecia chateada com Rai no jantar hoje.

– Ele disse a Sable que, quando chegassem em casa depois do jantar, ele iria se ajoelhar e pedir desculpas e que ela ficaria muito satisfeita. O rosto de Sable ficou parecendo um tomate.

A risada de Drake foi alta o suficiente para assustar a lua.

– Eu presumo que isso tenha algo a ver com o que você chamou de *brincadeiras na cama*, correto?

– Sim.

– E o que significa?

– Eu não posso contar, *chérie*. Isso você terá que descobrir com Cole.

Ela deixou a cabeça cair no ombro dele.

– Por que os homens querem que as mulheres solteiras sejam tão ignorantes?

– Eu não sei, mas é como o mundo funciona.

– É muito injusto.

Ele se virou para olhá-la nas sombras.

– Eu a adoro tanto.

– Mas não o suficiente para me contar o que Rai quis dizer?

Ele riu.

– Não, então pare de perguntar.

Ela suspirou.

– Não faça bico, *chérie*.

– Mais uma coisa na lista do que as mulheres não devem fazer?

– Se você fosse minha, eu estaria de joelhos neste momento, acredite em mim.

Nem mesmo as sombras conseguiam esconder o calor nos olhos dele. Ele deslizou um dedo lento pelo lábio inferior dela e seus olhos se fecharam.

– Em vez disso, posso beijá-la? – perguntou num sussurro.

Val não tinha mais defesas.

– Sim...

Ele roçou seus lábios na testa dela.

– Se você fosse minha, não haveria segredos... apenas prazer.

Ele beijou suas pálpebras trêmulas, traçou um caminho lento e agonizante até o espaço atrás da orelha dela e suavemente brincou com a ponta da língua na borda dos lábios dela. Quando eles se abriram em um suspiro, ele os tomou em um beijo que arrancou gemidos dela e fez sua cabeça girar e o corpo derreter. Val nunca experimentara nada assim.

Então ele se afastou lentamente. Flutuando nas sensações, foi preciso alguns segundos para que o cérebro dela voltasse a funcionar e ela conseguisse se mover. Ao abrir os olhos e olhar para cima, ele a encarava. Val estendeu a mão e tocou seu rosto barbado. Seu lado

indomável a fez inclinar-se na direção dele e beijá-lo de novo, com ousadia, e se regozijou com o som do gemido dele.

A pressão dos lábios dele aumentou, os braços se apertaram em volta dela e a puxaram para mais perto, levando o calor e a suavidade de Val ao encontro da firmeza dele. Lábios quentes buscaram a fina faixa de pele acima de sua gola alta, enquanto a mão grande dele explorava suas costas. Os lábios dele cobriram os dela de novo e o mundo começou a girar. Havia uma ardência entre as coxas dela. Seu sangue corria. Ele então levou as mãos à cintura dela, afastou seus lábios e aumentou um pouco a distância entre eles.

– Você pertence a outro, *chérie*. Está me fazendo esquecer disso.

Val se sentia como se tivesse corrido por muitos quilômetros. Se isso era paixão, ela queria mais.

– Vamos entrar – falou ele.

– Drake...

– Vamos. Caso contrário, eu vou acabar de joelhos e você, com o vestido na cintura.

Os olhos dela se arregalaram.

Ele sorriu e ficou de pé. Ela se levantou também. Nunca tinha sentido aquilo com Cole ou com qualquer outro.

– Obrigada pelo beijo.

– De nada.

Ele assoprou a vela e levou Valinda de volta para a casa.

Lá dentro estava silencioso como antes, mas Val não era mais a mesma. Os beijos de pirata de Drake tinham aberto uma porta que ela queria escancarar. Ela e Cole iam se casar, mas ele não a deixava sem fôlego nem fazia com que quisesse ser beijada até o amanhecer, porque eles não sentiam atração física um pelo outro, portanto, nenhum desejo.

– Boa noite, *chérie*.

– Boa noite.



Às duas da manhã, Liam Atwater foi acordado pelo som de alguém batendo à sua porta. Pensando que estava sonhando, ele ignorou de início, mas, como o barulho continuou, sentou-se na cama.

– Tem alguém à porta? – perguntou a mulher dele, Mildred, sonolenta.

– Sim. Volte a dormir.

Ela rolou para o lado. Usando um camisão de dormir desbotado que deixava suas pernas pálidas e ossudas à vista, ele calçou seus chinelos de couro surrados e pegou o rifle que mantinha ao lado da porta do quarto. A batida continuou.

– Estou indo, droga! – gritou ele. – Calma!

Ele parou por um momento para olhar pela janela da sala, mas, como não viu nada na escuridão, foi até a porta e a escancarou. Foi surpreendido por mãos fortes que seguraram seus braços. Ele lutou para se libertar. Alguém tomou seu rifle.

– Me solte! Quem são vocês? – gritou, furioso.

Foi levado à força até a varanda enluarada. Da escuridão saíram cinco homens cavalgando lado a lado sem pressa. O vento erguia a ponta de suas capas pretas. Os rostos deles estavam escondidos sob capuzes escuros.

Liam tremeu de medo. Abriu a boca para gritar o nome de Mildred, mas a mordação foi mais rápida e bem apertada. O capuz colocado sobre a cabeça dele o mergulhou numa escuridão total e o terror o fez sujar as calças. Seus pulsos foram amarrados às costas e ele foi arrastado pela varanda e depois pelo terreno úmido de orvalho.

Perdeu um chinelo, mas seus captores não se importaram. Ele gritou, berrou e implorou, mas a mordação abafou tudo. Liam tinha 1,63 metros e pesava 63 quilos. Os homens que o atacavam naquele pesadelo não tiveram dificuldade em jogá-lo no fundo de uma carroça. Quando ela partiu, ele ouviu Mildred gritando, mas não restava nada que ele pudesse fazer.

Quanto tempo a jornada levou, Liam não saberia dizer. Mas nem mesmo o capuz escondia o cheiro de vegetação apodrecida ou o canto

peculiar dos sapos e os grunhidos dos crocodilos. Estavam no pântano. A carroça diminuiu o ritmo e então parou.

Ele foi tirado de dentro dela e posto de pé. Pela primeira vez, alguém falou com ele:

– Liam Atwater, você é culpado pelo assassinato de Daniel Downs e a justiça será feita.

Ele chorou por trás da mordação. Seus braços foram agarrados de novo. Ele tentou se libertar, mas foi erguido e colocado no que pareceu ser um barco.

– Você não deu nenhuma chance a Daniel, mas nós não somos completamente desalmados – prosseguiu a voz. – Em algum lugar próximo de você há um facão. Encontre-o e talvez consiga se salvar, mas seja rápido. Há buracos no fundo da canoa. Ela vai afundar logo e os crocodilos virão depressa.

Soluçando, ele sentiu o barco ser empurrado para a água. Estendeu freneticamente as mãos atadas em uma busca desesperada pelo facão, mas não achou nada exceto a água que subia devagar. Deslizou com cuidado, mas depressa, e por fim sentiu a lâmina embainhada. Em sua empolgação, porém, fez o barco virar.

Caiu na água com as mãos ainda amarradas às costas. Tentou se agarrar ao barco em desespero, então ouviu a água se agitar em três pontos. Ele congelou. Crocodilos.

Gritando dentro do capuz molhado, ele não precisou esperar muito até que fosse arrastado para o fundo e se afogasse.

## CAPÍTULO 10

Drake desceu para o café da manhã e encontrou Valinda à mesa.

– Bom dia, *chérie*.

– Bom dia – disse ela, tímida.

Ele passou os olhos pela boca de Val e se forçou a esquecer o doce gosto dela, na noite anterior, em seus braços.

– Onde estão a Adorável Julianna e Henri? – perguntou ele, sentando-se.

– Reba disse que estão comendo no quarto.

– Ah, é isso que pombinhos fazem depois de ficarem separados.

Dormiu bem? Sem mais pesadelos?

– Sem mais pesadelos.

– Que bom.

– Como você dormiu?

– Bem.

Tinha sonhado com ela. Sonhos quentes e sensuais de pirata.

Reba entrou.

– Drake, há soldados lá fora perguntando por você.

Ele se levantou e saiu da sala. Lá fora estava seu inimigo da Agência, o tenente Merritt, e três homens montados.

– Em que posso ajudar, tenente? – perguntou Drake com frieza.

Merritt o encarou com raiva de cima de sua montaria.

– Onde você estava por volta das duas da manhã?

Drake olhou para ele.



– Aqui, na cama. Por quê?  
– Tem uma testemunha?  
– Ou me conte do que isso se trata ou vá embora. Meu café da manhã está esfriando.

Ele sabia que Merritt não gostava de ser desafiado, sobretudo por pessoas pretas, mas isso era problema dele, não de Drake.

– Liam Atwater foi levado de sua casa por homens a cavalo por volta desse horário e não foi visto desde então.

– De novo, por que está aqui?  
– Para averiguar se você sabe algo sobre isso.  
– Não sei.

Drake cruzou os braços. Ele percebeu o olhar de Merritt ir além dele, então ele se virou e viu sua mãe, Henri e Valinda observando da porta.

– Mais alguma coisa?  
– Se eu descobrir que você esteve envolvido...  
– Não vai. Bom dia, tenente.

Ele subiu os degraus. O tenente enraivecido girou sua montaria e partiu com os outros.

Lá dentro, Henri foi até Drake.

– Sobre o que era?

Primeiro Drake contou a ele sobre o assassinato de Daniel Downs.

– Aparentemente, na última madrugada alguns homens arrastaram Atwater para fora de casa e agora ele está desaparecido – acrescentou Drake.

– Para sempre, eu espero – falou Julianna. – Como ele ousou assassinar um homem na frente da mulher e do filho?

– O tenente acha que você sabe algo a respeito porque você estava tentando mandar prender Atwater? – indagou Valinda.

– Imagino que sim.

Ela balançou a cabeça.

– Se o Exército tivesse ajudado, talvez esse assassino não estivesse sabe-se lá aonde o levaram. Venha comer antes que seu café fique frio.

Ele sorriu.

– Sim, senhora.

Julianna e Henri voltaram para seus aposentos, e Drake se juntou de novo a Valinda na mesa.

– Você disse que falou com a polícia e o Exército sobre o assassinato – comentou Val. – Se eles acham que você está envolvido, é possível que os supremacistas também achem e busquem retaliação?

Ele a estudou e lembrou que ela possuía inteligência e beleza.

– É bem provável, mas meus irmãos e eu estaremos preparados.

– Será que algum dia este país vai se recuperar da guerra?

Ele pensou nos relatos que Rai tinha compartilhado na última reunião do Conselho, a respeito do aumento da violência pelo Sul.

– Nem tão cedo. Talvez nem mesmo durante nossas vidas.

– É triste pensar que as pessoas pretas ainda vão ter que exigir justiça quando a pequena Desiré for adulta.

– De fato é.

– Então, você e seus irmãos estavam envolvidos?

Ele a estudou de novo.

– Você pensaria mal de nós se estivéssemos?

– Não. Alguém tem que nos defender se o governo não o faz. Em 1863, nos tumultos por causa do alistamento militar obrigatório, turbas atacaram pessoas pretas por toda a cidade. Chegaram a queimar um orfanato. Quem nos odeia não tem vergonha disso. Se arrastá-los para fora de suas casas for lhes dar uma lição, sou a favor de arrastá-los todas as noites até que aprendam.

Ele ficou impressionado com o discurso inflamado dela.

– Seus pais têm essa mesma visão?

– Minha avó Rose, sim, mas discussões políticas não são encorajadas em casa. Meu pai diz que apenas homens entendem essas questões complexas e, como ele é o único homem na casa, ele tem seus debates na barbearia onde trabalha.

– Seu pai se parece com a maior parte dos homens que conheço.

– Infelizmente, ele se parece com a maior parte dos que conheço

também. É por isso que gostei tanto de conhecer sua mãe. Ela é como minha avó, a quem também admiro, porque elas abriram o próprio caminho e são forças notáveis.

– É isso que você quer ser? Uma força notável?

– Sim, e ensinar garotas a aspirarem o mesmo.

– Qual o seu sonho, *chérie*?

– Ser diretora de uma escola onde meninas que, como eu, não tenham interesse por bordado ou piano e que possam aprender sobre o que quiserem: matemática, botânica, as estrelas. Elas poderiam estudar animais ou anatomia. E eu teria dinheiro para contratar professores excelentes, que não acreditassem que aprender iria prejudicá-las.

– Isso é bem ambicioso.

– Sim, mas sonhos não podem se tornar realidade se você não sonhá-los.

Naquele momento, Drake desejou dar a ela seus sonhos e qualquer outra coisa que aquela mente aguçada quisesse. Ela era esperta, engraçada, ousada e, como ele descobrira na noite anterior, cheia de paixão. Ele pensou nos suspiros dela durante aqueles dois beijos curtos e a recordação fez sua virilha se tensionar em resposta.

Embora Drake tivesse dito que não julgaria Cole, não podia imaginar se satisfazer com beijos desapaixonados em sua testa e bochechas. Se Val fosse dele, ele faria amor com ela do anoitecer até o alvorecer e então rezaria para que o dia tivesse mais horas e a semana, mais dois dias. E isso ainda não seria suficiente.

– No que você está pensando? – indagou Val.

– Pensamentos de pirata.

– Que tipo de pensamentos de pirata?

– Sinceramente?

Ela fez que sim.

– Fazer amor com você do anoitecer até o alvorecer. Todo dia.

Os olhos dela se fecharam por um momento. Em resposta, ele sorriu.

– Você perguntou, *chérie*.

– Perguntei, não foi?

– Sim.

Se ele estivesse pensando direito, esqueceria a sensação de tê-la nos braços, de querer provar sua boca madura e dar a ela uma longa e sensual lição do que significava um homem estar de joelhos. Em alguns dias, o noivo dela chegaria. Embora Valinda agora pudesse estar se questionando, ele duvidava que ela ficaria em Nova Orleans. Assim que visse Cole, seus planos se reafirmariam e ela pegaria o trem de volta para Nova York. Ele imaginou por quanto tempo ela se lembraria dele. E que raios ele faria com os dois vagões de trem que pedira a Hugh para entregar?

– Drake?

Ele olhou para Val.

– Obrigada pelo beijo da noite passada. Não me sinto mais tão ignorante.

Ele assentiu.

– Fico feliz.

Ele queria avançar naquela conversa, convencê-la a subir em seu colo e fazer todo tipo de coisa de pirata com ele, mas decidiu começar afastando-se dela naquele exato momento, mesmo que seus olhos se demorassem em sua boca doce.

– Então, quais são seus planos para hoje? – indagou ele.

– Sable e eu combinamos que darei aulas para as crianças de qualquer forma, pelo menos até a chegada de Cole. Quando ele estiver aqui, direi a ela qual será minha decisão final.

– Precisa de carona?

– Eu ia perguntar a Julianna se o Sr. Doolittle poderia me levar, para não atrapalhar você.

– Não atrapalha.

Para um homem decidido a se afastar, era preciso admitir que ele estava fazendo um trabalho bem ruim.

– Tenho lousas e livros para levar. Não daria para carregá-los em

Havana.

– Está certo. Faz sentido. Eu vou ao estábulo. Mas não tenho certeza se estarei aqui para jantar hoje.

Ele notou a decepção dela.

– Você pertence a outro, *chérie*. Não quero que esses beijos cheguem mais longe. A paixão pode levar a algo de que você se arrependeria, então preciso deixá-la em paz.

Ela assentiu.

– Você está certo.

– Aproveite seu dia com Sable.

Ela assentiu discretamente mais uma vez e ele a deixou à mesa.



Solomon Hawk, capataz de Drake, e os cinco homens livres que ele tinha contratado como operários já trabalhavam quando ele chegou.

– Bom dia, Drake.

– Bom dia, Solly.

A decisão que ele tomara a respeito de Valinda o deixara mais do que um pouco mal-humorado.

– Em que pé estamos hoje?

Solly o avaliou por um momento, como se pesasse seu humor.

– Planejando terminar a estrutura da cozinha para começar a assentar os tijolos – respondeu.

– Está bem. Vou ficar trabalhando no gazebo.

Drake levou Havana até o estábulo. Parou um pouco para cumprimentar os homens e seguiu para o barracão. Lá dentro ficavam sua forja, a bigorna e outras ferramentas do ofício. Vestiu seu avental de couro. Valinda tentou entrar em sua cabeça, mas ele a afastou, pegou uma pá e cavou as camadas superiores de cinzas na forja. Acrescentando carvão novo, ateou fogo e esperou que as pedras atingissem a temperatura correta.

Assim que isso aconteceu, ele começou a trabalhar no ferro que usaria no gazebo. Martelou, afinou e lentamente torceu as tiras de metal para fazer as voltas e os caracóis necessários para as paredes externas. A frustração que sentia em relação a Valinda permanecia, assim como seu desejo. Ele estava fazendo a coisa certa, mas não era obrigado a gostar disso.

Drake ergueu os olhos enquanto trabalhava e viu seu irmão Raimond, de braços cruzados, apoiando-se na entrada do barracão. Drake não tinha ideia de quanto tempo fazia que ele estava ali, mas, antes de perguntar, usou mais alguns minutos para terminar de martelar a peça na qual trabalhava e então a deixou de lado para esfriar. Ele ergueu a máscara e tirou as luvas.

– O que foi?

Raimond entrou.

– Nossa, como estamos mal-humorados! É bom ver você também. Espinho na sua pata?

Drake suspirou.

– Mama e Henri vão para Baton Rouge depois de amanhã – falou Rai. – Eu só queria ter certeza de que alguém ficará na casa com Valinda e Reba enquanto eles estiverem fora.

– Eu disse a ela que iria ficar, mas apreciaria se alguém pudesse me substituir. Estou tentando terminar a casa.

E evitar Valinda.

– Estou a caminho de Lafayette, Archer não pode sair do hotel e Beau e Phillipe partiram esta manhã para Cuba para buscar umas encomendas minhas que estão para chegar. Ficarão uns quatro ou cinco dias fora, então temo que precise ser você.

– Tudo bem.

– Por que o mau humor?

– Preciso parar de desejar a bela Valinda e não está sendo fácil aceitar isso.

Rai examinou o rosto dele.

– Sabe que o noivo dela deve chegar a qualquer momento?

– Sei.

– Eu vi como você fez Beau sair do lado dela no jantar da noite passada.

Drake foi até a forja e abafou o fogo lá dentro.

– Ele tomou essa decisão sozinho.

– Sozinho nada! Em dois segundos, você o jogaria no meio da rua. Você não pode ficar com uma mulher que já está prometida a outro, Drake.

– Eu sei. Sempre soube disso. Ela subia em árvores quando era pequena, Rai!

Rai abaixou a cabeça e a balançou, divertindo-se.

– O tipo de mulher que todo Rei da Casa da Árvore precisa. A que ponto esse sentimento já chegou?

– Bem longe.

– E o que vai acontecer se ela for embora?

Drake deu de ombros.

– Cavalgo para o Norte e a roubo de volta?

Os sorrisos deles se encontraram.

– Falou como um verdadeiro pirata.

Rai fez uma pausa por um momento, medindo a reação de Drake.

– Sei que você não precisa dos meus conselhos – disse Rai.

– Correto.

Rai riu.

– Pois bem, faça o que for melhor para ela. Não para você. Mas, caso precise de mim para ir até o Norte, é só avisar.

Drake amava seus irmãos, mas ele amava Rai mais do que todos.

– Eu aviso. Boa viagem até Lafayette.

Rai assentiu e saiu.

Drake expirou longamente e voltou ao trabalho.



Valinda se levantou na carroça para ver a fila quilométrica de rostos

brancos e pretos. Tentou não deixar que seu coração se partisse. Ela e Sable estavam trabalhando como voluntárias na distribuição de comida, mas Val não esperara que essa tarefa fosse tão difícil emocionalmente. Havia famílias, homens solteiros, mães solteiras carregando bebês e mulheres mais velhas com crianças pequenas agarradas a suas saias simples. Havia idosos deitados em carroças e outros empoleirados na garupa de mulas. Todos estavam famintos. Todos esperavam pacientemente. O que mais a abalava era a resignação nos olhos deles. Muitos pegavam os sacos de inhame, carne de porco e feijão e agradeciam com um meneio de cabeça; outros apenas iam embora.

Ela arrastou mais um saco de 5 quilos de inhame até a borda da carroça. Os músculos de seus braços queimavam com esforço ao qual ela não estava acostumada.

– Meus braços estão pegando fogo – disse a Sable.

– Vai passar em alguns dias. Faça uma pausa e vá ajudar a Sra. Bentley nas mesas de auxílio financeiro. Ela precisa descansar. Ela está sentada à mesa embaixo daquele carvalho ali.

Val observou as duas longas filas que iam da mesa até o fundo do campo aberto.

– Por que as filas estão divididas?

Uma só tinha pessoas pretas. A outra, brancas.

– As mulheres brancas mais velhas não querem ficar na mesma fila das pessoas que antes trabalhavam para elas.

Val achou isso triste. Todo mundo estava em busca de assistência. Ainda assim, algumas pessoas colocavam o preconceito como prioridade. Imaginando se algum dia a nação se livraria desse pensamento segregador, Val deixou Sable e se pôs a atravessar o campo.

Centenas de pessoas estavam por ali. Se não fosse pela ausência da alegria, aquela reunião poderia ser confundida com uma feira rural. A maioria das pessoas em pé no sufocante calor de Nova Orleans estava lá em busca de comida, para pedirem auxílio do governo ou para



relatar espancamentos, assassinatos e outros incidentes violentos aos representantes da Agência de Libertos que vestiam o azul da União. As únicas pessoas sorridentes eram os libertos na fila para se casarem.

A Sra. Bentley, uma mulher branca e magra de meia-idade, vinda de Ohio, era uma das centenas de missionários que tinham se deslocado para o Sul a fim de ajudar a Agência. Depois de uma rápida apresentação, ela fez Val se sentar na cadeira de junco ao lado dela.

– Observe por um momento o que eu faço e depois você fará sozinha. Vou ajudar com os casamentos. Preciso de alguma alegria depois de passar a manhã sentada aqui.

Val leu o formulário impresso pelo governo que ela precisava preencher para cada requerente. Havia colunas para o nome do requerente, sua idade, número de filhos com menos de 14 anos em casa e o motivo pelo qual a pessoa queria assistência. A mesa dela recebia as mulheres brancas e, depois de observar a Sra. Bentley conduzindo algumas entrevistas, ela foi deixada sozinha.

– Posso ajudar? – perguntou ela à próxima da fila.

Era uma mulher mais velha trajando um vestido marrom manchado e amassado, com a bainha esfarrapada e suja. O cabelo fino e grisalho estava puxado para trás, revelando um rosto ossudo e de lábios apertados. Ela ignorou Val.

– Com licença, senhora. Se puder se aproximar, vou preencher seu formulário.

– Vou esperar a outra mulher voltar – disse ela com firmeza, sem fitar os olhos de Val.

– Ela não vai voltar.

Ao ouvir isso, ela imediatamente saiu da fila.

Enquanto ela se afastava, Val ficou observando-a, surpresa. Algumas outras, que conseguiram ouvir, fizeram o mesmo. Val suspirou.

A mulher seguinte se aproximou da mesa. Era de meia-idade e vestia uma blusa suja que um dia fora branca e uma saia escura remendada na lateral com tecido verde. Estava descalça e tinha duas

crianças pequenas e de rosto sujo. Parecia cansada, mas cumprimentou Val com um aceno.

– Seu nome, por favor? – perguntou Val com gentileza.

– Mary Castle. Tenho 47 anos. Eu tenho esses dois netos. Eles têm 4 e 5 anos. São da minha filha, mas ela saiu da cidade há algumas semanas e não voltou.

Val anotou tudo.

– Por que a senhora não pode trabalhar? – prosseguiu Val.

– Perdi meu marido na guerra e estou com as duas crianças.

Val acrescentou isso ao relatório.

– Sabe quando vou receber o dinheiro? Já é a quarta vez que estou pedindo.

– Não, não sei.

– Certo, obrigada.

– De nada.

Mary foi embora e a mulher seguinte se aproximou.

Val preencheu formulários pelas duas horas seguintes. Algumas mulheres se recusaram a ser entrevistadas por ela, mas a maioria não parecia se importar com a cor da sua pele. Muitas eram mais velhas e citavam suas idades e saúde ruim como motivo de não poderem trabalhar. Uma mulher era cega; outras, como Mary Castle, tinham crianças pequenas em casa. As histórias eram tristes. Val chegara ao Sul imaginando que apenas as pessoas pretas passavam necessidades e precisavam de ajuda; ela estava errada.

No fim do dia, enquanto Sable guiava a carroça para casa, Val perguntou:

– Quando as pessoas que pediram auxílios receberão o dinheiro?

Sable olhou para o lado.

– O mais provável é que nunca recebam.

– Por que não?

– Não há dinheiro. Os formulários serão preenchidos e esquecidos.

O estado não tem fundos e as paróquias também não.

Val ficou estarrecida.

– Esse processo todo não é nada além de um exercício – completou Sable. – É de partir o coração.

Val pensou em todas as pessoas que tinha encontrado naquele dia: idosos, cegos, crianças.

– É assim com as pessoas pretas também?

– Sim.

– Por que oferecer esperança quando não há nenhuma? – indagou Val.

– É o que todo mundo tem se perguntado. Os homens no Congresso não veem necessidade de fazer mais do que enviar alguns centavos e dizer clichês. É enfurecedor.

Val concordava. Mary Castle já solicitara o auxílio quatro vezes. O que aconteceria com ela e as centenas de outras pessoas que não receberiam nada?

– Então, agora que viu o tamanho do problema que enfrentamos, o que você acha?

– Acho que preciso ajudar no que puder.

Sable assentiu.

– Amanhã é minha visita semanal ao orfanato para crianças e jovens pretos. Quer vir junto depois da aula dos meus órfãos?

– Quero.

A visita do dia seguinte ao orfanato da cidade também alimentou em Valinda a necessidade de ajudar. A maioria das crianças fora abandonada e tinha menos de 10 anos de idade. A falta de dinheiro era evidente nas refeições simples, compostas de mingau e torrada; nas roupas de segunda mão dadas por Sable, outros voluntários e as igrejas locais; e nos catres finos e gastos nos quais elas dormiam. Contudo, por serem crianças, receberam com sorrisos a visita de Sable e Val, que lhes sorriram em resposta. Val levara consigo alguns livros e se sentou no chão para ler para elas.

Quando chegou a hora de ir embora, Val já decidira que, caso ficasse em Nova Orleans, uma das primeiras coisas que faria seria ensinar as crianças do orfanato a ler.

Deitada na cama naquela noite, ela pensou em tudo o que tinha visto e feito nos últimos dois dias e também pensou em Drake. Ele não voltara para a casa de Julianna desde que decidiram se afastar um do outro. Val dissera a si mesma que era melhor assim, ainda que a lembrança dos beijos dele permanecesse vívida. Ela estava prometida para outro homem, mas era difícil apagar sua primeira prova da paixão e a alegria que encontrara nas conversas com Drake. Ele a apresentara para sua família, dissera que lhe construiria uma escola e perguntara sobre seus sonhos. Só isso já bastava para gostar dele para sempre. Desde o dia horrível em que eles se conheceram e Drake a salvara, ele sempre fora gentil e atencioso. Embora Val estivesse noiva de Cole, sentia a falta de Drake LeVeq.

Na segunda manhã sem Drake, Julianna e Henri se prepararam para partir para Baton Rouge. Henri tinha se recuperado o suficiente de suas viagens e ansiava por avaliar a terra que pretendia adquirir. Ele estava do lado de fora, atento enquanto o Sr. Doolittle e o jardineiro de Julianna, um jovem chamado Frank Poole, colocavam a bagagem na carruagem que levaria os patrões até a estação de trem.

Na sala, Julianna perguntou para Val:

- Teve notícias de Cole?
- Ainda não. Mas imagino que ele vá chegar a qualquer momento.
- Mesmo que ele chegue, não ouse ir embora de Nova Orleans antes que eu volte.

Val sorriu.

- Eu jamais partiria sem me despedir.
- Que bom. Drake prometeu ficar aqui enquanto estivermos fora para cuidar de tudo, mas eu não o vi. Raimond disse que o lembrou do compromisso. Espero que ele não tenha esquecido. Às vezes ele fica tão focado no que está construindo que perde a noção do tempo.
- Tenho certeza de que Reba e eu podemos nos virar sozinhas.
- Não duvido disso, mas me preocupo com os supremacistas e suas cavalgadas noturnas.

Val compreendia. Os jornais estavam cheios de novos relatos

aterrorizantes sobre incêndios e mortes. Tinha havido também editoriais exigindo a prisão dos sequestradores de Liam Atwater. O fato de Drake não ter negado sua participação naquele desaparecimento continuava a preocupá-la quanto a uma retaliação contra ele e sua família.

E, de repente, Drake e seu glorioso 1,80 metro apareceram, e a respiração de Valinda falhou. Os olhos deles se encontraram. O coração dela acelerou tanto que Val teve certeza de que todo mundo na sala podia ouvi-lo.

Drake cumprimentou Valinda com um leve aceno de cabeça, que ela respondeu com um meneio trêmulo. Ele foi até as damas e deu um beijo no rosto da mãe.

– Bom dia, Mama. Vim me despedir e perguntar se tem algo que a senhora quer que eu faça por aqui enquanto estiver fora.

– Fiquei preocupada que você tivesse esquecido.

– Não.

Henri entrou.

– Está pronta, Julie?

Ela assentiu e se virou para Valinda.

– Caso seu noivo precise de um lugar para ficar, mande-o falar com Archer. Tenho certeza de que ele terá um quarto disponível.

– Farei isso. Divirtam-se.

– Cuide dela, Henri – falou Drake.

Henri acompanhou a esposa até a carruagem, deixando Valinda e Drake sozinhos. O silêncio entre eles era desconfortável, tão carregado quanto naquela noite no gazebo.

– Vai dar aulas hoje?

– Não. Hoje é o médico quem está lá.

– As crianças estão doentes?

– Fungando um pouco. Sable disse que todas as crianças vão acabar ficando assim. Só quer ter certeza de que não seja algo sério.

– Ah.

Mesmo com a chegada iminente de Cole, o homem olhando nos

olhos dela iluminava seus sentimentos como um farol na escuridão.

– Como você tem passado? – perguntou ele.

– Bem – respondeu ela com delicadeza. – Tenho ajudado Sable nas obras de caridade. E você?

– Estou bem. Onde e como você ajudou?

Ela contou a ele sobre o primeiro dia e o que passara com os órfãos.

– Você está de parabéns. Também fui voluntário lá há um tempo. Vou voltar, mas não com a Agência de Libertos, quando a casa estiver terminada.

– Como vai a obra?

– Deve ficar pronta logo.

Outro silêncio desconfortável.

– Como não há aulas hoje, vou organizar o resto dos arquivos de Julianna – disse Val por fim.

– Onde está Reba?

– No mercado. Deve voltar logo.

– Vou ver se o jardineiro precisa de ajuda com alguma coisa – falou ele.

Ela assentiu e o observou ir embora.



Drake ajudou Frank Poole a arrancar alguns velhos lódeões-americanos que Julianna queria substituir por magnólias. Fazia alguns meses que ela contratara Frank, que tinha 30 anos, por intermédio da Agência de Libertos. Julianna queria ajudar os homens livres a estruturarem suas novas vidas; ter um emprego era um bom começo. Drake e seus irmãos pensavam o mesmo. Os operários que eles contratavam eram ex-escravizados, assim como as camareiras do hotel de Archer. Rai tinha um pequeno exército de libertos empregado em seus armazéns, navios e docas.

Drake não sabia nada do passado de Frank, mas aprendeu um pouco enquanto trabalhavam e o homem falava de sua busca pela mãe.

Durante a pausa para o almoço, comendo os sanduíches que Reba tinha lhes preparado, Frank contou mais a Drake:

– Eu fui vendido quando tinha 5 anos, mas procuro por ela desde o dia seguinte à Liberdade. Procurei por todo o Mississippi, onde eu acho que nasci, mas ninguém ouviu falar nela nem no homem que a escravizava.

– Por que você acha que nasceu lá?

– Havia uma senhora no último lugar em que estive e ela me disse que alguém tinha lhe contado, mas posso ter nascido em qualquer lugar, então vou continuar procurando.

A julgar pelo número de anúncios e cartas em alguns dos jornais destinados a pessoas pretas, só na região de Nova Orleans havia uma enxurrada de pessoas em busca de familiares vendidos. Multiplicando isso pelos aproximadamente três milhões que tinham sido mantidos em escravidão por todo o Sul antes da Liberdade, Drake supôs que haveria milhares e milhares de pessoas na esperança de restabelecer laços com parentes.

– Você vai ficar em Nova Orleans?

– Só até o fim do verão. Depois vou seguir para Baton Rouge. Se não a encontrar lá, talvez vá para o Texas. Minha esposa diz que vai me deixar se eu a fizer se mudar de novo. Nós temos mudado de um lugar para outro desde a Liberdade, então entendo a reclamação dela, mas preciso encontrar minha mãe. É o que ela espera que eu faça. Por que teria cortado minha orelha assim, se não fosse para me reconhecer?

Ele virou a cabeça e Drake viu o lóbulo encurtado de sua orelha esquerda. Ele se perguntou quão comum essa prática havia sido. Hester Vachon, esposa do melhor amigo de Rai, Galen Vachon, nascera escravizada. A mãe cortara a ponta do mindinho dela quando ainda era recém-nascida, para o caso de a criança ser vendida e a mãe ter que procurá-la. Que outros métodos os pais escravizados usavam na esperança de reencontrarem os filhos? Era uma pergunta que ele não saberia responder. Tinha consciência da sorte que ele e os irmãos

tinham por haverem nascido livres. Não conseguia imaginar a dor de ser vendido e ficar longe dos pais.

– Se houver algo que minha família possa fazer para ajudar, por favor, nos avise.

Frank assentiu.

Eles terminaram o almoço e voltaram a trabalhar.

No fim do dia, Frank foi embora e Drake entrou na casa para se lavar. Quando passou pela cozinha, ficou surpreso ao ver Valinda mexendo uma panela no fogão.

– Onde está Reba?

– Ela precisou sair. Um homem veio mais ou menos uma hora atrás com um bilhete do cunhado dela. A irmã de Reba está doente. O cunhado tem que trabalhar hoje à noite e pediu que Reba fosse ficar com ela.

– Ele contou se era grave?

– Não, mas ela falou que avisaria caso precisasse se ausentar por mais tempo.

Ele não queria ficar na casa sozinho com Valinda. Só de olhar para ela, tinha vontade de jogar todas as boas intenções pela janela. O desejo continuava a atormentá-lo.

– Ela deixou o jantar pronto. Está com fome?

Ele estava, mas não tinha nada a ver com encher o estômago.

– Estou. Mas vou me lavar primeiro.

E ele a deixou sozinha.

Val precisava admitir que passara por um momento de pânico quando Reba saía. Ficar sozinha na casa com Drake só ia fortalecer aquilo que os dois estavam determinados a evitar. Por causa das circunstâncias do casamento dela com Cole, não haveria relações íntimas. Era egoísmo da parte dela desejar outra amostra da paixão porque não teria mais nenhuma na vida? Como Drake reagiria se ela pedisse uma noite em seus braços? Como ela começaria a conversa? O que diria? Queria saber as respostas.

Drake desceu limpo e refrescado, mas ainda assombrado pelo



desejo que sentia por Valinda. De certa forma, Drake queria que o noivo dela já tivesse chegado; assim poderia se ocupar com outras coisas – como encontrar uma forma de mandar o homem de volta para Nova York sozinho. Por ora, contudo, ela reinava em seus pensamentos. Ela, com seu sorriso ensolarado, pele marrom-clara, humor afiado e lábios que eram feitos só para ele. Drake ficara feliz em vê-la e agora precisava atravessar a noite sem puxá-la para o colo e lentamente tirar suas roupas. Pensar nisso fez sua virilha latejar e ele suspirou por conta da tortura a que se submetia.

Ele a encontrou na cozinha, tirando a comida do forno com as mãos protegidas por uma toalha. Gostou de ver o traseiro delineado pela saia quando ela se inclinou.

– Quer comer na sala de jantar ou sozinho no seu quarto?

– Eu gostaria de comer lá fora com você, se não se importar.

Ela se virou, o estudou por um longo momento, depois voltou o foco para sua tarefa. Tirou outro prato e o colocou no balcão.

– Não me importo.

Eles trocaram um olhar. Drake baixou os olhos para a boca dela – o que o fez lembrar seu gosto e forma –, então encarou os olhos castanhos. O desejo que o aguardava neles era hipnotizante.

– Não deveria me olhar assim, *chérie*.

– Não?

– Estou fazendo meu melhor para manter distância. Você não está ajudando.

– E se eu não quiser que você mantenha distância?

Ele viu franqueza naqueles mesmos olhos castanhos.

– Você está determinada a me fazer perder a cabeça, não está?

Ela balançou a cabeça com um sorriso malicioso, então ficou séria.

– Eu gostei do que houve no gazebo. Provavelmente foi a única vez em que experimentei a paixão verdadeira. É errado querer mais disso para guardar comigo?

Ele não sabia como responder.

– Cole e eu não desejamos um ao outro. Não existe atração física.

Não é por isso que vamos nos casar. Você me mostrou paixão, então, na verdade, a culpa é sua.

– Está me culpando?

– Foi você quem me beijou no gazebo.

– Então, o que você quer, Srta. Indomável?

– Uma noite, uma tarde... com você.

– Não vou tirar sua inocência, Valinda.

– Não é isso. Minha mãe diz que essa parte é horrível, de qualquer forma. Ela contou para mim e para minha irmã que, quando meu pai insiste, ela recita o alfabeto na cabeça até que ele termine.

O queixo de Drake caiu e ele riu.

– O alfabeto?

– Sim. Ela disse que normalmente termina quando chega à letra P.

A risada saiu em uma erupção e ele não conseguia parar.

– O que é tão engraçado? – perguntou Val, sorrindo.

Drake gargalhava a ponto de os joelhos perderem a força. As costelas quase doíam de tanto vibrarem.

– Ah, senhor! Vou morrer bem aqui, na cozinha de Reba.

Ele, por fim, se recompôs e, com um olhar divertido, observou Val como o tesouro que ele a considerava.

– Nenhum amante minimamente competente deixaria a mulher tão entediada a ponto de ela recitar o alfabeto.

– Não?

– Não, *chérie*. Ela não deve pensar em mais nada exceto no prazer que está sentindo.

Valinda pareceu confusa.

– É por isso que preciso de mais aulas – atalhou ela.

– Só que não serei eu a lhe entregar seu diploma – ressaltou ele. – Não importa o que você e Cole sintam um pelo outro, esse não é meu papel.

– Eu entendo.

– Mas você concorda?

– Estamos fechando um contrato?

– Você pode pensar assim. Não quero que você tenha raiva de mim quando terminarmos.

Drake a avaliou por um instante.

– Tem certeza de que é isso que quer? – conferiu ele.

– Tenho.

– Absoluta?

Ela assentiu.

– Sim.

– Então vamos comer. Eu ensino quando terminarmos.

Pensar em dar a Valinda o prazer que ela pedira o fez querer cancelar o jantar e carregá-la para o quarto imediatamente. Nenhum homem em sã consciência diria não a uma noite de brincadeiras sensuais, mesmo com o limite que ele traçara para ambos. Mas ele queria cortejá-la, seduzi-la, lhe dar a medida completa de quão avassalador o desejo podia ser, então deixou de lado o impulso de tê-la naquele momento. Com Reba fora de casa, eles tinham a noite inteira.



Parada do lado de fora, no terraço conectado ao quarto dele, Valinda observou a noite cair. O vento soprava mais forte. Uma tempestade estava a caminho. Ela ouvia os suaves movimentos de Drake lá dentro, mas não sabia o que ele estava fazendo. Preparando as coisas, talvez.

Não que ela soubesse que coisas seriam. Nunca estivera no quarto de um homem e se sentia nervosa como nunca na vida. Chegou a pensar em dizer que tinha mudado de ideia, mas a verdade era que não tinha. Ela queria o que quer que estivesse por vir. Com ele.

Então, de repente, ele surgiu atrás dela. Seus braços envolveram sua cintura com delicadeza e ela fechou os olhos ao senti-lo.

– Uma tempestade se aproxima – disse ele, baixo.

*Em mais de um sentido*, pensou ela. Um raio riscou o céu ao longe e foi seguido pelo rugido baixo de um trovão.

Os lábios dele roçaram a orelha dela.

– Tem certeza de que é isso que você quer?

Ondas de sensações nublavam sua mente.

– Sim.

Os lábios dele deslizaram pela linha do maxilar dela e ele mordiscou sua orelha devagar. O murmúrio baixo de excitação que ela emitiu se misturou ao vento que aumentava.

– Eu vou beijar você... – sussurrou ele e levou a mão ao seio dela. – E tocá-la... – prosseguiu e fez o polegar se mover com a delicadeza de uma pluma pelo bico do seio.

Val jogou a cabeça para trás e um som de prazer escapou de seus lábios.

– E fazer isso de novo e de novo – provocou ele.

As mãos grandes e masculinas saíram para brincar, tocando, circulando gentilmente até Valinda poder jurar que pegaria fogo.

– Mal posso esperar para prová-los – falou Drake.

As pernas de Val ficaram bambas e a respiração falhou. Ela não sabia que aqueles toques faziam parte do que receberia ao ousar pedir por aquela noite. Perdida nas sensações que ele causava, ela notou ao longe o início de um temporal. Ela não se importava de ficar ensopada, desde que ele não parasse.

Contudo, sem dizer uma palavra, Drake a ergueu e a carregou para dentro.

A única lamparina mal iluminava o quarto: a maior parte dos objetos, incluindo a enorme cama de dossel dele, ficava nas sombras. Com cuidado, Drake pousou Valinda de pé na penumbra. Ela tremia e ele passou um dedo, sem pressa, pela sua bochecha. O tremor dela aumentou, mas ela respirou fundo, tentando se acalmar, mesmo que seus sentidos estivessem quase fora de controle.

– Não quero que você tenha medo – disse ele de forma reconfortante. – Quero que isso seja tão especial quanto você esperava. Se precisar parar para recuperar o fôlego, é só dizer. E, a qualquer

momento, se quiser parar com tudo, diga também. Não vou ficar com raiva nem chateado.

Ela deu um breve aceno, mas estava determinada a ir até o fim.

– Venha se sentar comigo – chamou ele.

Drake pegou a mão dela e a levou até a poltrona posicionada perto da janela. Ele sentou e a puxou, guiando-a até que ela ficasse de lado em seu colo. Seus braços a puxaram para mais perto e ele deu um beijo suave em sua testa.

– Como você quer ter suas aulas? Prefere ficar nua, parcialmente vestida ou totalmente vestida?

A proximidade dele e os toques suaves de seus lábios na orelha dela tornavam difícil pensar e mais difícil ainda formular uma frase.

Ele a beijou, então, de verdade, por completo. O mundo girou. Os sentidos dela despertaram. Depois de mais alguns instantes, ele afastou a boca.

– Devo tirar sua roupa para poder beijar cada centímetro de sua pele? – sussurrou, afogueado.

A voz dele fez Valinda ferver. Quando ele a apoiou em seu ombro firme e tomou o mamilo dela na boca, a temperatura subiu ainda mais. A fina blusa de algodão que vestia por baixo como combinação não eram barreira suficiente para conter o calor da boca dele. Gemendo, ela se arqueou para oferecer mais e ele a tomou ainda mais fundo, pegando o outro seio firme e cobrindo-o de carícias.

– Preciso de uma resposta, *chérie*.

Por mais que ele a fizesse se sentir ousada, aquela era a primeira vez de Val com um homem. Ela não tinha coragem de ficar nua, nem mesmo parcialmente. Então, de alguma forma, conseguiu responder:

– Vestida.

– Certo, vamos guardar a nudez para outra hora.

Ele passou um dedo pelos botões dela.

– Mas vou abrir isto, tudo bem?

Com o pulso acelerado, ela fez que sim.

– Só que primeiro eu quero mais dessa boca maravilhosa.

Ele a beijou pelo que pareceram momentos infinitos, sua alma em chamas. Ele ensinava. Ela aprendia. A língua dele provava a dela. Ela provava a dele. Ele roçou seu rosto levemente barbado no dela e ela saboreou a sensação. Ele deslizou beijos ardentes pelo maxilar dela e pela pele acima da gola alta da blusa e ela gemeu.

Cumprindo sua promessa, ele abriu os botões dela, beijando cada pedaço de pele exposta pelo caminho. A língua dele brincou no pescoço dela e sua boca traçou um caminho ardente e preguiçoso pela parte de cima da combinação. Ele puxou o algodão de lado e, pela primeira vez na vida dela, um homem tomou seu seio nu na boca. Ela se enrijeceu com um gritinho baixo.

– Pequeno e perfeito, como você.

Ele a mordiscou com carinho. As sensações estalavam nela como raios. Drake baixou o outro lado do tecido e se banqueteceu no outro seio da mesma forma que a fizera gemer. Ele passou um tempo enorme alternando sem pressa entre um e outro enquanto ela gemia e a excitação pulsava entre suas coxas.

A mão dele ergueu sua saia e desceu-lhe pela perna, mapeando seu comprimento com uma palma aquecida enquanto a tormenta da paixão a acertava como os ventos poderosos da tempestade lá fora.

– Quer que eu lhe dê prazer, *chérie*?

Ela não sabia o que isso significava, mas se sentia muito perto de algo brilhante, atordoante e novo.

Ele recapturou a boca dela em mais um beijo feroso e a mão que subia languidamente a saia dela deslizou para o espaço entre suas coxas. Quando ele fez os dedos circularem pelo calor úmido que se obrigava ali, ela se estilhaçou e gritou.

Drake quis levá-la até a cama e encher seu corpo virgem com o máximo dele que ela aguentasse receber. Mas não podia. Ela não era dele. Levá-la ao prazer o deixara tão duro que ele provavelmente nunca mais andaria de novo. Enquanto ela flutuava nas asas do orgasmo, ele a ajudou a voltar a si com carícias e beijos suaves em sua

boca. Ao ouvir a respiração dela recuperar o ritmo normal, ele a beijou de novo e se afastou.

- Como foi?
- Meu senhor! – respondeu ela, sem fôlego.
- Nenhuma vontade de recitar o alfabeto?
- Nem uma letra.
- Você é uma mulher cheia de paixão, Valinda Lacy.

Drake não estava nem perto de se saciar dela, então começou a brincar com a língua por cima de um mamilo tentador e ainda úmido enquanto os dedos que estavam entre as coxas dela continuavam a deslizar e acariciar.

- Conseguiu criar recordações suficientes?

O gemido dela o deixou ainda mais rígido. Ela estava molhada e era tão macia que a vontade de prová-la era quase insuportável. Em vez disso, Drake se forçou a recapturar a boca dela. Valinda não era dele, então ele escolheu, com pesar, deixar essa iniciação para o marido dela.

Mas isso não significava que ele negaria mais prazer a ela. O quadril dela se ergueu em resposta ao convite carnal que o toque dele oferecia. Ele deslizou mais um dedo para dentro dela com ousadia e começou a movê-lo ritmadamente, o que a fez soltar um grito estrangulado que agitou o silêncio.

Pelo resto da noite, enquanto a tempestade rugia lá fora, a paixão os fez perder a noção do tempo. Ele sugava, ela arqueava. Ele mordiscava, ela gemia. Quando finalmente ficaram saciados, Drake sabia que deveria levá-la de volta para seu quarto, mas, ao olhar para ela, a encontrou adormecida.

Apreciando as recordações que ele mesmo teria, Drake deu um beijo na testa de Valinda, se acomodou e fechou os olhos com ela nos braços.

## CAPÍTULO 11

– Bom dia.

Drake abriu um olho e viu seu irmão Archer parado à porta, com os braços cruzados e uma curiosidade divertida nos olhos. Dormindo aconchegada ao corpo de Drake, Valinda se mexeu. Ao perceber o visitante, ela se assustou e se virou de costas depressa para fechar os botões da blusa enquanto Drake lançava um olhar furioso para o irmão.

– Vocês dois parecem confortáveis.

– Vá embora – grunhiu Drake.

– Eu vou em um minuto. Só queria avisar Valinda que o noivo dela e o sócio estão lá embaixo.

Em pânico, ela se levantou correndo.

– Pode dizer a eles que descerei em breve?

Archer assentiu.

Antes que ela pudesse sair correndo, Drake pegou sua mão e a fitou nos olhos. Então deu um beijo suave na ponta de seus dedos e a soltou. Val saiu apressada.

O olhar de Drake ficou na porta aberta e então pousou no rosto de Archer.

– Mama não ensinou você a bater quando a porta está fechada?

– Eu bati. Na porta dela também. Nenhuma resposta. Imagine minha surpresa ao encontrá-la aqui. Qual é o problema de vocês?

Drake se levantou.



- Não se meta.
- Drake...
- Intrrometido e surdo – decidiu Drake, cortando-o.

Archer suspirou.

- Certo. Eu só espero que você saiba o que está fazendo.
- Não sei, mas obrigado pela torcida.

Archer balançou a cabeça, deu meia-volta e saiu pisando firme com suas botas caras. Drake passou a mão com pesar por seu rosto barbado e foi para o banheiro.

Em seu quarto, Val se olhou no espelho. Seus olhos estavam vermelhos por ter dormido pouco; o cabelo, uma bagunça; os lábios, inchados de tantos beijos. Ela precisava de um longo banho para se recompor, mas não tinha tempo. Quando Cole chegara? E o que Archer pensara ao vê-la dormindo com o irmão? Ela não tinha respostas. Tudo o que sabia era que precisava se arrumar logo para evitar que seu prometido esperasse ainda mais.

Quando ela entrou na sala, Cole e o sócio, Leonard Carson, sorriram. Lenny se levantou. Cole, com a ajuda de sua bengala, fez o mesmo. Ele abriu seu braço livre e ela se encaixou ali para um abraço forte.

- É tão bom ver você, Cole.
- Você também, Val.

Ela abraçou Lenny também e então fez um gesto para que eles se sentassem. Arriscou um olhar na direção de Archer, em pé perto das janelas, e ele lhe deu um sorriso que a fez se sentir melhor.

- Quando vocês chegaram?
- Ontem à noite, no auge da tempestade. Um cocheiro nos deu o nome do hotel de Archer. Imagine nossa surpresa quando lhe dissemos por que estávamos em Nova Orleans e ele mencionou que você estava hospedada com a mãe dele.

- Ela tem sido uma bênção.

Cole pareceu confuso.

- O que aconteceu com as freiras? Você não estava com elas?

Valinda fez um breve resumo de suas aventuras de hospedagem e de como tinha acabado na casa de Julianna.

– Ela está aqui, para que eu possa agradecer pessoalmente a ela por lhe oferecer abrigo? – perguntou Cole.

– Ela e o marido estão em Baton Rouge. Vão voltar em um ou dois dias.

– Então você está aqui sozinha?

– Não, a cozinheira está aqui, mas saiu ontem para visitar um parente doente. O irmão de Archer, Drake, também está aqui.

Nesse momento, Drake entrou na sala. Seus olhos e modos eram distantes quando ele atravessou o cômodo e estendeu uma das mãos para Cole.

– Drake LeVeq.

Cole o observou enquanto se cumprimentavam.

– Coleman Bennett.

Drake e Lenny também trocaram um aperto de mãos, então o primeiro se juntou a Archer. Com os braços cruzados, encarava os visitantes como um sentinela raivoso.

Valinda notou a pequena demonstração de surpresa de Cole e a forma como ele se virou para Drake como se o reavaliasse. Ele e Lenny trocaram um olhar antes que Cole voltasse sua atenção para ela.

A culpa queimou dentro de Valinda. Desejou que o pirata emburrado saísse e lançou um rápido olhar para Archer, que suspirou e balançou a cabeça em resposta à atitude do irmão. Como não lhe restava mais nada a fazer fora gritar com Drake para que fosse gentil, Val abriu um sorriso luminoso e se voltou para o noivo.

– Então, conte sobre Paris – pediu ela.

Cole, que nunca fora de se intimidar, se dirigiu aos LeVeqs antes de responder a Val.

– Vocês se importariam se conversássemos em particular? Sei que é a casa da sua mãe, mas...

– De jeito nenhum – interrompeu Archer. – Venha, irmão, vamos ver o que encontramos na cozinha para alimentar você.

Archer não dera opção a Drake, então ele inclinou a cabeça para se despedir.

– Divirtam-se – falou.

Quando eles saíram, Val relaxou, mas percebeu as perguntas que Cole não fizera. Em vez de enfrentá-las, contudo, ela disse:

– Então, Paris. Encontraram um investidor?



Na cozinha, Archer pôde demonstrar sua irritação.

– Você não sabe mesmo o que está fazendo, não é? – ralhou ele com Drake. – Vou ter que amarrá-lo lá fora até Mama e Henri voltarem?

Drake lançou um olhar irado ao irmão e colocou uma frigideira no fogo.

– Acho que estou perdendo a cabeça.

– Ela não é sua – disse Archer sem rodeios.

Raimond também tinha apontado isso.

– Já tenho um Raimond na minha vida, Archer. Não preciso de outro.

– O que você precisa é levar esse seu eu apaixonado embora daqui e deixá-la decidir o próprio futuro sozinha.

– Eu não estou apaixonado.

– Excitado, então.

Ignorando isso, Drake quebrou ovos em uma tigela, pegou creme de leite no gelo e derramou um pouco sobre os ovos. Ele se perguntou se Valinda estava com fome. Ela não havia tomado café da manhã, mas, graças à forma como ele agira na sala, ela provavelmente lhe daria um soco se ele atrapalhasse a reunião, então deixou essa ideia de lado.

– Você já comeu? – indagou Drake.

Archer sorriu.

Drake colocou uma panela de mingau no fogão, então pegou a comida que sobrara da noite anterior e adicionou um pouco dela ao número cada vez maior de itens no fogo.

Archer riu.

– Você nunca vai se casar. Não existe mulher no mundo que vá cozinhar tanta coisa todos os dias.

Na caixa de pão, Drake encontrou o restante das baguetes que Reba assara na véspera.

– Você notou que estou fazendo tudo isso sozinho? Também é possível contratar pessoas para este trabalho. São chamadas cozinheiras.

Quando tudo que ele planejava comer estava pronto, Drake se serviu e ele e Archer foram para a sala de jantar.

– Você vai levar Bennett e o amigo de volta para o Christophe? – perguntou Drake, começando a comer.

– A menos que você prefira fazer isso.

– Se você tiver trabalho, Valinda e eu podemos levá-los. Não tem por que você perder a manhã toda.

Drake e Archer podiam ter seus atritos, mas ainda eram irmãos que cuidavam um do outro.

– Na verdade, eu tenho – falou Archer. – Roudanez e alguns dos outros proprietários de jornais estarão num jantar esta noite. Sei que minha equipe pode cuidar das coisas, mas quero estar lá durante os preparos, caso precisem de mim. Porém, prefiro ficar se você estiver planejando jogar o homem no pântano.

– Prometi a Valinda que seria gentil. Só não planejava ter que dividi-la esta manhã.

Era verdade. Ele ansiara por um café da manhã tranquilo, só os dois.

– Pode ir. Eu tomo conta do precioso noivo dela.

Archer sorriu.

– Tente não envergonhar mais sua namorada.

– Ela não é minha namorada, lembra?

Archer lhe deu um tapinha fraternal nas costas e saiu.



Na sala, Valinda escutou Cole e Lenny falarem de sua viagem à França, dos pontos turísticos que haviam visitado, das pessoas que tinham conhecido. Parecia ter sido uma experiência maravilhosa, mas a questão principal permanecia sem resposta.

– Vocês encontraram um investidor?

Cole e Lenny sorriram.

Ela riu.

– Parem de me provocar e respondam.

– Não conseguimos – revelou Cole. – Mas encontramos alguém disposto a nos vender seu jornal, junto com as prensas e o armazém de onde o dirige.

O rosto e a voz de Valinda se encheram de surpresa.

– Ah, meu Deus! Isso é maravilhoso!

– Ele é idoso e quer se afastar do negócio. O preço que pediu é um pouco mais do que Lenny e eu podemos pagar de imediato, mas ele está disposto a esperar o resto.

– O fato de Cole e eu já termos publicado um jornal contou a nosso favor – acrescentou Lenny. – Ele tinha algumas pessoas interessadas, mas nenhuma delas com experiência no ramo.

– Ele disse que o jornal tem assinantes por toda a Califórnia – continuou Cole. – Se isso for verdade, provavelmente conseguiremos lucrar logo e pagar o que ainda devemos.

Val parou.

– Califórnia?

– Sei que não é o que planejamos de início, mas não podemos deixar essa oportunidade passar.

Val olhou de um para o outro. A animação deles era evidente e ela ficava feliz por terem encontrado um negócio tão bom. Mas Califórnia?

– Eu tinha esperança de convencê-los a abrir um jornal aqui, em Nova Orleans.

Eles congelaram e Cole examinou o rosto dela.

– Você gosta daqui, não?

– Gosto. Muito. A situação das pessoas aqui é tão dura, eu gostaria de ficar e ajudar. Sei que concordei em me casar, mas não estou certa quanto à Califórnia, Cole.

– Drake LeVeq tem algo a ver com isso, Val?

– Ele parecia querer atirar nós dois na sarjeta mais próxima – comentou Lenny.

Val decidiu evitar a questão.

– Ele é descendente de piratas – argumentou ela. – Tenho esperança de que possa ser curado.

Cole riu.

Então ela contou a eles como ela e Drake tinham se conhecido. No fim da história, os dois homens estavam enraivecidos.

– E nenhum dos homens foi acusado na Justiça?

– Não até onde eu sei.

– Fico feliz por ele tê-la salvado – falou Cole. – Mas por que você iria querer ficar aqui depois disso?

Lenny expressou uma preocupação semelhante.

– Até os jornais de Paris estavam cheios de histórias sobre a violência racial daqui, Val. Este lugar não é seguro.

– O país está cheio de violência racial. Não importa para onde se vá, é impossível escapar – argumentou ela. – Vocês se lembram dos tumultos por causa do alistamento militar obrigatório em Nova York?

A expressão no rosto deles deixou evidente que sim.

Valinda gostava de Cole e também gostava de Lenny por causa da afeição que eles tinham um pelo outro. Mas ela estaria disposta a fazer as malas e se mudar para o outro lado do país agora que morara sozinha ali? Estar em Nova Orleans, com sua longa história de mulheres pretas audaciosas – como Julianna – lhe mostrara que ela não precisava de um marido para ser aceita pela sociedade e alcançar seus objetivos. Tendo trabalhado ao lado de Sable, ela sabia quanto ainda havia por fazer e queria participar, aproveitar a chance de fazer a diferença.

Porém Cole e Lenny poderiam ser bem-sucedidos se o casamento

não acontecesse?

– Quanto tempo vocês planejam ficar em Nova Orleans?

– Esperávamos buscar você e pegar um trem para o oeste de manhã – respondeu Cole. – Nós e o dono do jornal viemos para os Estados Unidos no mesmo navio. Combinamos de encontrá-lo em São Francisco. A viagem pode levar um mês ou mais.

– Ah.

– Podemos esperar, se você precisar de uns dias para pensar. E talvez descubramos o que você vê neste lugar quente e úmido.

– O clima é realmente horrível. Disseram que fica bem pior conforme o verão avança – contou Val, depois ficou pensativa e os avaliou por um momento. – Me deixem pensar no que quero fazer e eu avisarei. Também prometi a Julianna que não iria embora enquanto ela estivesse fora, então, se eu decidir ir para o oeste, não será antes que ela e o marido voltem.

– É justo – concordou Cole. – Se decidir não vir conosco, eu ficarei triste por não tê-la mandando em mim, mas vou entender. Lenny e eu iremos tentar sozinhos. Homens como nós têm feito isso desde o início dos tempos.

Ainda na adolescência, Cole contara a ela sobre sua atração por homens. Val guardara esse segredo feito um dragão que protegia um tesouro. Cole e Lenny tinham se conhecido durante a guerra. Val não entendia os porquês e comos do laço que compartilhavam, mas gostava o suficiente de Cole para que a decisão de posar como sua esposa – de modo que os dois homens pudessem ficar juntos e ela evitasse que seu pai lhe escolhesse um marido – tivesse sido fácil. Agora tudo estava de cabeça para baixo e, sim, Drake fazia parte dessa equação.

Archer entrou na sala.

– Desculpem por interromper. Estou voltando para o bairro Francês. Algum de vocês gostaria de ir comigo? Senão, Drake se ofereceu para levá-los quando estiverem prontos.

Lenny se levantou.

– Eu vou voltar com você, Archer – disse, e então olhou para Val e Cole. – Conversem, vocês dois. Eu preciso dormir. Cole, vejo você mais tarde.

Depois da demonstração que Drake dera, Val não estava certa de que era uma boa ideia que ele levasse Cole de volta ao Cristophe, mas decidiu se preocupar com isso quando fosse a hora.

– Obrigada, Archer.

Quando ele e Lenny saíram, Val se perguntou onde Drake estaria, mas voltou sua atenção para Cole.

– Como está sua perna?

Ele olhou para baixo e esfregou o joelho devagar.

– Dolorida. Com a longa travessia pelo mar, a viagem de trem e a umidade daqui, eu provavelmente deveria ter ido com Archer. Preciso descansá-la.

Ele se ferira enquanto lutava em New Market Heights. Lenny servia no hospital aonde ele fora levado. Valinda era grata por Cole não estar entre as centenas de homens mortos naquele dia. No entanto, ele teria que usar a bengala pelo resto da vida.

– Se você decidir não ir conosco para a Califórnia, o que fará com relação a seu pai? – perguntou Cole.

Ele tinha acabado de levantar a questão que espreitava no fundo da mente de Val como uma tempestade ameaçadora.

– Não sei, mas não vou ser despachada para um casamento como Caroline. Vê-la tão infeliz faz meu coração doer.

– Mas ele vai insistir que você se case e, se você se recusar, como eu sei que pretende, ele pegará o primeiro trem para o Sul.

Era uma previsão bastante provável. Harrison Lacy estava convencido de que o jeito rebelde da filha só poderia ser contido pela mão firme de um marido. Ele tinha consentido a contragosto o casamento de Val com Cole porque era funcionário do pai dele e não queria comprometer seu emprego. Sem Cole na equação, ele afirmaria que era seu direito escolher um substituto e exigiria que ela



concordasse. Contemplar isso a enfurecia e, precisava admitir, era algo em que não queria pensar.

Eles passaram a hora seguinte falando da viagem a Paris, dos pais dele e de seu passado em comum. Quando terminaram, ele a olhou por um longo momento.

– Então, você nunca respondeu à minha pergunta sobre LeVeq – mencionou Cole. – Você sente algo por ele?

Ela tinha torcido para que ele deixasse o assunto de lado, mas Cole a conhecia melhor do que qualquer um.

– Você sabe que pode falar a verdade para mim, Val. Nós criamos esse esquema de casamento para que eu e Lenny tivéssemos cobertura, mas não quero que você sacrifique sua chance de ter o que nós temos por causa de um sentimento de lealdade.

Ela pensou por um longo momento antes de perguntar:

– O que é o amor, Cole?

Ele lhe deu um pequeno sorriso.

– Sentir saudades quando se está longe. A alegria de acordar toda manhã e saber que aquela pessoa está lá e quão abençoado você é por terem mais um dia juntos. Querer o melhor para ele e ele querer o melhor para você. O amor significa muitas coisas, Val, grandes e pequenas.

Ela deixou que isso preenchesse sua mente e seu coração.

– Quero que você seja feliz, Val. Você sempre quis conquistar o mundo. Ter o amor da pessoa certa nos torna mais fortes, não fracos. Espero que o que eu disse tenha ajudado.

– Sim. Obrigada.

Embora Cole estivesse fazendo seu melhor para esconder a dor da perna ferida, Val conseguia notá-la em seu cenho franzido e seu maxilar tenso.

– Deixe-me encontrar Drake para que ele possa levá-lo de volta ao bairro Francês. Você precisa descansar.

Ele não discutiu.

– Seria bom.

Ela se levantou de sua cadeira.

– Já volto.

Ela encontrou Drake sentado no gazebo com uma xícara de café. Quando ele ergueu os olhos, ela foi inundada pelas memórias de sua noite de paixão.

– Se veio me dar bronca, tem todo o direito – disse ele.

– Você prometeu que seria gentil.

– Prometi e peço desculpas. Primeiro Archer nos acordou, então você saiu correndo para receber suas visitas. Não era assim que eu tinha planejado nossa manhã.

A suavidade do tom dele e a decepção que ele expressava comoveram Val, mesmo que Drake tivesse agido como um pirata raivoso.

– Você pode levar Cole de volta ao Christophe? A perna dele está doendo.

– Pode deixar. Você comeu alguma coisa?

– Não.

– Deixei um pouco de comida para você no fogão. Podemos ir depois que você terminar.

Ela queria protestar sobre o tempo que perderiam enquanto ela estivesse comendo. Quanto mais rápido Cole voltasse a seu quarto, mais cedo ele tiraria o peso de sua perna, mas discutir só atrasaria a jornada.

– Tudo bem. Não vou demorar.

Ele se levantou.

– Enquanto isso, eu vou me desculpar.

Quando ele se ergueu, ela sorriu.

– Obrigada.

Ela sabia, pelo que viu nos olhos de Drake, que ele iria beijá-la. Quando ele o fez, foi um beijo suave, doce e prazeroso. Ele se afastou e roçou o nó de um dedo pela bochecha dela.

– Venha nos encontrar quando terminar.



Quando Drake entrou na sala, percebeu que Cole ficou tenso.

– Vim me desculpar pela grosseria de hoje cedo. Minha mãe me criou para ser melhor do que isso.

– Valinda disse que está procurando uma cura para seu sangue de pirata.

Drake riu.

– Até onde a família sabe, não tem cura. Valinda e eu iremos levá-lo de volta assim que ela tomar café. Ela virá nos encontrar em breve.

– Não quero atrapalhar.

– Não atrapalha – garantiu Drake.

Cole fez um gesto em direção a uma poltrona.

– Então sente-se, por favor – pediu o convidado. – Assim teremos uma chance de conversar. A menos que tenha alguma coisa para fazer.

– Não tenho.

Drake se sentou. De certa forma, ele invejava Cole por ser amigo de longa data de Valinda. Ele a conhecia de formas que Drake talvez nunca conseguisse.

– Então, há quanto tempo está apaixonado por ela? – começou Cole.

Pego de surpresa, Drake estudou o rosto fino de Cole, com sua barba bem-aparada e olhos castanhos destemidos.

– O que o faz pensar que estou apaixonado?

– É só um palpite. Que homem não estaria? Val é esperta, inteligente, linda. Mas tem uma veia rebelde bem forte. Nunca encontrou uma regra que não quisesse desafiar.

– Ela me contou que o pai a chama de indomável.

– Entre outras coisas. Se ela decidir ficar, vocês terão que enfrentá-lo. Ele tem tentado colocar rédeas nela desde que a conheço. Não permita que ele faça isso.

Drake notou a firmeza dessas últimas palavras.

– Ela disse que vai ficar? – indagou.

– Ainda não, mas acho que ela já decidiu. Só está tentando

encontrar uma forma de não me decepcionar muito. Ela gosta de Nova Orleans.

– Nós gostamos de tê-la aqui. Ela e minha mãe se dão bem.

– Você não respondeu à minha pergunta sobre estar apaixonado por ela, mas tudo bem. Não é mesmo da minha conta, afinal. Só quero que ela seja feliz e querida como merece. Deus sabe que o pai dela não vai se esforçar para que ela tenha isso.

Drake não tinha conhecido o pai dela, mas, a julgar pela avaliação de Cole, já não gostava do homem.

– Quando ele descobrir que terminamos o noivado, virá a Nova Orleans para levá-la para casa – prosseguiu Cole. – Mais uma vez: não deixe que ele faça isso.

Drake assentiu.

– Parece que, aos seus olhos, ele é um grande homem – brincou Drake.

Cole riu.

– Deu para perceber?

Drake tinha se preparado para não gostar de Cole Bennett. Contudo Valinda dissera que ele era um bom homem e Drake agora entendia por quê.

– Saiba que farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que ela fique feliz e segura enquanto estiver aqui.

– Eu acredito em você. Ela me contou do ataque que sofreu e que você a salvou. Os agressores tiveram alguma punição?

– Além de eu ter quebrado a cara de um deles, não. São soldados e conheço o comandante deles. Esse tipo de comportamento não o incomoda.

– Que pena.

Val se juntou a eles.

– Estamos prontos para partir? – perguntou ela.

– Vou pegar a charrete e encontro vocês lá fora – respondeu Drake.

No veículo, ele se sentou às rédeas e observou Cole se apoiar pesadamente na bengala enquanto caminhava. Sua expressão

mostrava a dor que sentia e Drake se perguntou se ele passara a vida toda com aquele problema. Seria falta de educação indagar, então ele guardou a pergunta para quando ficasse sozinho com Valinda.

– Cole, sente-se na frente – disse Valinda. – Eu vou atrás.

A preocupação e o cuidado expressos no rosto dela demonstravam quanto ela lhe queria bem. Drake tentou se convencer de que isso não o incomodava, mas, mais uma vez, invejou o laço entre eles.

Quando todos embarcaram, Cole, com a respiração pesada por conta do esforço, se inclinou para trás no assento.

– Em dias assim, eu queria ter deixado o cirurgião cortar fora minha perna.

Drake o encarou.

– Eu lutei em New Market Heights – explicou Cole. – Quebrei a perna em vários pontos na batalha.

Não era a resposta que Drake esperava. Ele pôs a charrete em movimento e a virou na direção do bairro Francês.

– Vocês lutaram com bravura naquele dia – disse ele a Cole.

– Os generais não tinham certeza se iríamos lutar, mas lutamos e bem.

– Catorze medalhas de honra foram concedidas ao grupo, se me lembro bem.

– Sim. Merecidas. Mas, quando os majores tentaram recompensar os homenageados com promoções, o Departamento de Guerra vetou.

Drake sabia desse episódio insultante.

– Você lutou? – perguntou Cole.

– Sim. Primeira Guarda Nativa, depois Primeira Infantaria Corps d’Afrique. Em 1864 o Exército nos colocou no 73º regimento da USCT, mas a essa altura talvez só uma centena dos mil voluntários originais continuavam servindo.

Valinda se inclinou para a frente.

– Por que tão poucos? – indagou ela.

– Tiraram a patente dos nossos oficiais superiores e os substituíram por brancos que nos odiavam. Adicione a isso comida ruim e

condições terríveis, então muitos homens simplesmente desertaram e voltaram para casa.

– Mas, sem os combatentes pretos, a União não teria vencido – acrescentou Cole com sabedoria.

Drake concordava e decidiu que, sim, gostava de Cole Bennett. Bastante.

A jornada foi lenta. A chuva da noite anterior tinha deixado as ruas lamacentas e, duas vezes, Drake precisou descer e desatolar a charrete. Quando entraram nas ruas do bairro Francês, Cole observou o trânsito pesado e a riqueza de pessoas nas calçadas.

– Estou impressionado com a quantidade de gente que há aqui. Eu pensava que Nova York fosse lotada.

– Verdade. É assim até depois que o sol se põe.

Eles encontraram um homem montado em uma vaca e a expressão no rosto de Cole fez Valinda rir.

– As pessoas montam em vacas aqui? – perguntou o nova-iorquino.

Drake sorriu.

– Elas montam no que tiverem.

– Há vacas andando pelas ruas em Nova York, mas ninguém monta nelas.

Eles, por fim, chegaram ao Christophe. Cole desceu lentamente para a calçada e Valinda se juntou a ele.

– Posso trazer Valinda amanhã, se quiser vê-la de novo – ofereceu Drake.

– Seria ótimo.

Valinda lhe deu um sorriso para demonstrar quanto sua oferta lhe agradava.

– Que tal no almoço? – sugeriu ela ao noivo.

Os dois marcaram um horário.

– Minha mãe vai querer celebrar que você e Leonard estão na cidade, então planeje-se para permanecer aqui pelo menos mais dois dias – avisou Drake. – Ela vai ficar muito decepcionada se não puder conhecê-los.

– Os LeVeqs parecem comemorar tudo o que há sob o sol – comentou Valinda.

– Val e eu conversamos a respeito de eu ficar mais alguns dias – falou Cole. – E não fazem uma festa por minha causa há algum tempo, então estou ansioso para o que quer que sua família planeje.

– Entre e descanse – pediu Val, dando um abraço e um beijo de despedida na bochecha de Cole. – Vejo você e Lenny amanhã.

Val e Drake o observaram caminhar lentamente até a porta e desaparecer lá dentro, depois ela se juntou a ele na boieira.

– Gostei do seu amigo – disse ele.

– Sabia que você iria gostar.

Drake virou a charrete na direção da casa da mãe. Quando deixaram para trás o engarrafamento na Canal Street, Valinda puxou outro assunto.

– Cole e Lenny vão assumir um jornal na Califórnia.

Drake escutou com atenção enquanto ela contava os detalhes. Não gostava da ideia de ela ir embora, mas não lhe cabia pressioná-la para fazer o que ele quisesse. Assim, guardou suas opiniões para si. A vida era dela.

– Você vai junto? – perguntou Drake, torcendo para que sua apreensão não fosse notada.

– Não sei. A ideia de me mudar para o oeste não me anima. Ter que começar de novo... encontrar um lugar para morar e um trabalho como professora. Talvez eu esteja errada e tudo se ajeite, mas...

– Mas...?

Ela deu de ombros.

– Eu gosto daqui.

– Você e Cole discutiram a possibilidade de você ficar?

– Sim. Ele deixou para mim a decisão. Quer que eu seja feliz.

– Você sempre pode ir visitá-lo na Califórnia.

– Verdade.

Drake sabia que ela estava dividida, mas ele não. Queria que ela ficasse. Com ele.

– Se você decidir ficar, o que isso vai significar para o seu noivado?

– Ele terminaria. Cole e Lenny iriam tocar suas vidas e eu, a minha.

Drake se virou para Val. Ele não respondera à pergunta de Cole a respeito de estar apaixonado por Valinda, mas estava. A possibilidade de que ela rompesse o noivado e ficasse livre para ser cortejada e se casar o fazia querer gritar de alegria. Mas ele afastou esse sentimento. A decisão ainda era dela.

– Só que ainda não decidi. Vamos ver o que acontece.



Reba estava na cozinha quando eles voltaram.

– Como está sua irmã? – perguntou Drake.

– Ainda se recuperando. Ela caiu descendo do bonde e torceu feio o tornozelo. O médico quer que ela fique de repouso mais uns dias. Minha prima Renée vai ajudar até ela conseguir ficar de pé.

– Bom saber.

– Seu amigo Hugh passou aqui procurando você – comentou Reba.

– Avisou que os vagões estão na sua casa.

Os olhos de Drake brilharam de alegria.

– Obrigado.

Ele se virou para Valinda.

– Tenho uma surpresa para você.

– O que é?

– Surpresa.

– Tome cuidado com essas surpresas dos LeVeqs, Valinda – advertiu Reba. – Quando era menino, Beau me trouxe uma surpresa certa vez. Um sapo de duas cabeças.

Valinda riu.

– É um sapo? – perguntou ela a Drake.

– Não.

Ele olhou torto para Reba, que riu.

– Vamos até minha casa e eu lhe mostro – falou Drake a Val.



– Eu queria ver um sapo de duas cabeças.

Ele pegou a mão dela.

– Venha.

Os dois voltaram para a charrete. Drake se perguntava o que ela acharia dos vagões.

– A surpresa é ver a casa que você está construindo?

– Não, mas a surpresa está no meu terreno.

– Você construiu sua casa na árvore – arriscou ela.

Drake examinou o rosto curioso dela e notou quanta alegria ele lhe dava.

– Não. E você não vai acertar, então só espere. Vamos chegar logo.

Ela bufou fingindo irritação e se recostou.

Ele sorriu.

Quando saíram da estrada e entraram no terreno dele, Drake começou a imaginar qual seria a reação de Val à casa dele. Quando tinha recebido suas terras, todos os 6 hectares estavam cobertos de árvores até onde a vista alcançava: carvalhos e nogueiras de vários tipos. E, por causa dos canais ali perto, havia garças e pelicanos, tartarugas, sapos – nenhum de duas cabeças, até onde ele sabia – e uma variedade de peixes, além de crocodilos.

Seus operários estavam trabalhando. Alguns assentavam tijolos na cozinha enquanto outros lixavam e nivelavam o carvalho necessário para completar o piso da casa.

– É um terreno bonito, Drake.

– Obrigado. Também gosto dele.

Ele notou que ela observava os homens e suas atividades.

– Quer fazer um tour depois que eu lhe mostrar a surpresa?

– Quero.

Durante todo o dia Drake vinha se perguntando quando poderia beijá-la de novo. O beijo rápido que tinham trocado mais cedo só aumentara seu apetite. Ele ainda estava mal-humorado pela manhã interrompida, mas poder passar um tempo com Valinda era uma bênção e ele não iria reclamar.

– Você jantaria comigo hoje à noite?

– Depende. Eu vou gostar da surpresa?

Drake fez uma careta para Val, que riu em resposta.

– Sim – aceitou ela. – Não importa qual seja a surpresa. Jantarmos juntos vai ser ótimo.

Se ele pudesse escolher, os dois jantariam juntos todos os dias, e tomariam café da manhã também, mas ele lembrou que ela talvez não ficasse.

Ao ver seu capataz caminhando para encontrá-los, Drake parou a charrete e esperou que ele se aproximasse.

– Valinda, este é meu capataz, Solomon Hawk. Sol, Valinda Lacy.

– Prazer em conhecê-la, mademoiselle.

– O prazer é meu, Sr. Hawk.

– Disseram que Hugh veio aqui e trouxe uma coisa – falou Drake.

– Sim. Mandei deixarem perto das nogueiras ali. Achei que seria melhor ficarem na sombra.

Drake assentiu.

– Certo. Voltamos logo. Obrigado.

– Prazer em conhecê-la, Srta. Lacy.

– Igualmente.

Drake atravessou o curto trecho de terreno aberto até o lugar que Solomon indicara e parou. Então desceu da charrete e a contornou para ajudar Valinda a saltar.

– Por aqui.

Ele a levou até onde os vagões estavam, sob a sombra das nogueiras.

– *Voilà* – disse ele.

– Esta é a surpresa? – perguntou ela, cética, observando os dois vagões quebrados.

Drake se perguntou se ela acharia sua ideia louca.

– Pensei em consertá-los e transformá-los em salas de aula.

Ela o encarou por um longo momento, voltou sua atenção para os vagões e caminhou para olhar mais de perto.

– Quanto tempo você acha que levaria para arrumá-los?

– Algumas semanas.

Ela espiou dentro e examinou o interior por mais algum tempo.

– É uma ótima ideia, Drake.

Ele foi tomado pelo alívio.

– Eu poderia colocar as crianças em um e os adultos no outro. O que você acha?

– Acho que a decisão é sua. Quando Hugh me contou dos vagões, lembrei que você estava em busca de uma sala de aula.

Valinda continuava a examinar os vagões.

– Hugh tem acesso a mais vagões, então meu plano é usar parte da madeira recuperável de outros para fazer os reparos desses – explicou Drake. – Podemos recortar as paredes e acrescentar algumas janelas, para que não fique tão escuro. Fazer estantes, bancos para os alunos... uma mesa para você, se quiser.

Ele parou de repente.

– Por que você está chorando?

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

– Esta é a melhor coisa que alguém já fez por mim.

Ele a puxou para si e passou um braço pelos ombros dela.

– Compensa minha grosseria com Cole?

– Sim. Compensa tudo. Todas as decepções e reveses. Eu posso realmente dar aula neles.

Valinda enlaçou a cintura de Drake e o abraçou com força.

– Muito obrigada – sussurrou Val. – Mesmo.

Ela se afastou e olhou para o rosto dele.

– Isto é muito melhor que um sapo de duas cabeças. E sabe o que mais?

– O quê?

– Isto sela minha decisão. Vou ficar em Nova Orleans.

Drake queria uivar de alegria.

– Então vamos aprontar esses vagões para os seus alunos.

Drake deslizou um dedo pelo rosto de Val, depois por sua boca e a beijou lenta e completamente, deixando que sua doçura o preenchesse.

O fato de ela não acreditar no amor tornava a perspectiva de cortejá-la um desafio maior, mas ele iria com calma, mesmo que a paciência não fosse uma de suas virtudes.

Afastando-se com relutância, Drake pegou a mão de Val para retornarem à charrete.

Sentada ao lado dele enquanto voltavam para a casa em construção, Valinda não conseguia acreditar que Drake fizera aquilo por ela. Ninguém nunca lhe dera algo tão transformador – como ela tinha certeza de que seria, não apenas para ela, mas para seus alunos também. Imaginou as matérias que ensinaria, o bem que faria, e era tudo graças a ele. Na noite anterior, Drake lhe dera paixão; hoje ele a colocara no caminho de seu futuro.

Quando Drake a ajudou a descer da charrete, ela viu de perto, pela primeira vez, a casa que ele estava construindo. Não era imponente como a de Julianna nem grande como a de Sable e Raimond, mas Valinda a achou adorável. Tinha dois andares e duas colunas na entrada. Grandes carvalhos se alinhavam dos dois lados. O teto estava pronto e havia vidro nas janelas.

– O que você acha? – perguntou Drake.

– É linda, Drake. Gostei muito.

Ela correu um olhar de aprovação pela estrutura.

– Deixe-me mostrar a cozinha.

Como muitas cozinhas no Sul, a dele não ficava na casa principal. Val imaginava que isso tinha a ver com o calor, mas nunca perguntara. A dele, como a de Julianna, era feita de tijolos e se conectava à casa por uma passagem coberta. A cozinha ainda estava sendo construída e, quando eles se aproximaram, o homem que assentava os tijolos parou de trabalhar e Drake fez as apresentações.

De lá, Valinda seguiu Drake por um caminho aberto no meio dos carvalhos até a cabana onde ele fazia seu trabalho de ferreiro. Val olhou em torno do espaço cavernoso, notando a grande forja e o conjunto organizado de marretas, lixas e pinças.

– Nunca vi um ferreiro trabalhar. Posso assistir ao seu trabalho

algum dia? Gosto de aprender coisas novas.

– Quando você quiser.

Ela deu uma última olhada em volta, imaginando a forja cheia de pedras de carvão em brasa e ele de avental e máscara.

– Para onde agora?

– Quero mostrar onde estou pensando em colocar o gazebo e a casa da árvore.

Ela sorriu.

– Mostre o caminho – pediu.

O terreno do gazebo era perto da casa, mas ainda não havia sido limpo.

– Quanto tempo vai levar para derrubar as árvores?

– Não muito, mas quero terminar a casa primeiro. O gazebo pode ficar para depois que eu recuperar o fôlego.

Ela pensou no gazebo de Julianna.

– Você vai colocar flores e arbustos como os que sua mãe tem?

– Acho que sim, mas vou deixar essa decisão para minha futura esposa. Por enquanto, só quero um lugar onde eu possa apreciar um charuto e um copo de conhaque depois de um longo dia.

Fitando os olhos dele, Valinda o imaginou se casando com uma mulher que poderia desfrutar de tudo que ele tinha para oferecer – seus beijos, seu senso de humor, suas surpresas. Ela desviou os olhos.

– Onde você vai colocar a casa da árvore?

– Venha. Vou mostrar.

Eles abriram caminho pelas nogueiras, depois passaram por um pequeno grupo de árvores perenes. Drake parou em frente a dois carvalhos enormes dispostos lado a lado.

– Eu gosto desses dois.

Ela examinou o tamanho e a configuração dos galhos.

– Eles parecem um pouco com o lugar onde está a casa da árvore do terreno da sua mãe.

– Você tem um bom olho. Foi o que me atraiu neles.

Drake apontou os galhos que usaria para sustentar a base e os que

precisariam ser removidos.

– É bem ambicioso, Drake.

– Grandes ambições tornam um homem grandioso. Mas isso também vai ter que esperar até a casa ficar pronta.

– Quanto tempo vai levar até você terminá-la?

– Sem imprevistos, mais um mês, no máximo. Mama e Sable vão me ajudar a escolher os móveis. Elas sabem que, se fosse por mim, eu compraria uma cama, uma mesa para comer e pronto. Não sou de luminárias chiques e poltronas.

– Você precisará de um lugar para as visitas se sentarem.

– Também não sou de visitas.

Ela sorriu com suavidade.

– Sua esposa vai querer receber visitas.

– Vai?

O tom e o olhar dele fizeram a respiração de Val parar.

– Tenho certeza que sim – conseguiu sussurrar.

– Bom saber. Terei isso em mente.

Depois de alguns momentos de um silêncio de acelerar o coração, ele perguntou:

– Você gostou da noite passada?

As memórias do tempo que passaram juntos ressurgiram e a encheram de desejo.

– Sim.

– Também é bom saber disso.

Os mamilos de Val se enrijeceram e um murmúrio familiar despertou entre suas coxas. *Ele causaria a mesma reação na futura esposa?*, perguntou-se ela. Seus olhos vagaram para a boca dele e as lembranças do seu calor se juntaram ao dela.

– Você acha que minha esposa me deixaria tirar a roupa dela no gazebo, sob as estrelas, e gostaria de ter seu prazer na casa da árvore?

Os olhos dela se fecharam e uma nova onda de calor atravessou seu corpo quando ela imaginou ser a ganhadora desse prazer.

– Eu tiraria a roupa dela e provocaria seus tesouros pequenos e

perfeitos até ficarem duros como pedras preciosas. Acha que ela gostaria disso também?

– Pare com isso, Drake – sussurrou ela.

– *Chérie*, eu só estou começando – murmurou ele. – Mas venha. Vamos voltar para a casa da minha mãe, onde você pode se refrescar. Está muito calor aqui fora hoje.

Ainda que o sorriso a traísse, era irritante que Drake conseguisse parecer tão inocente depois de suas palavras terem feito Val derreter.

– Realmente precisamos encontrar uma cura para você – provocou ela.

– Piratas não podem ser curados. Muitas pessoas já tentaram.

– Só me leve de volta à charrete.

Ele lhe estendeu a mão.

– Não – disse ela. – Talvez você seja contagioso.

Ele riu.

– Viu? Você está aprendendo a zombar.

Ela apontou para ele com firmeza, seus olhos brilhando.

Drake riu de novo e começou a caminhar.

Val o seguiu imaginando se Sable teria cordas extras de varal.



Valinda ficara em silêncio desde que os dois voltaram à charrete. Drake olhou para ela e se perguntou no que estaria pensando. Será que passara do limite? Ou a ofendera? Irritara? Envergonhara? Ele sabia que às vezes exagerava.

– Você está quieta. Está brava comigo, *chérie*?

– Por que eu estaria? – perguntou ela, com malícia nos olhos.

Vendo isso, ele decidiu prosseguir com cautela.

– Talvez eu tenha sido ousado demais hoje?

– Porque fez eu me lembrar da forma como tirou minha roupa e me

tocou ontem à noite? Das lambidas? Dos beijos? Do jeito como você me tomou na sua boca?

Drake ficou duro como aço.

– Do jeito como me sentei no seu colo com as pernas escandalosamente abertas enquanto você me levava ao prazer?

Drake quase tirou a charrete da estrada.

Val lhe deu um sorriso felino.

– Por que eu estaria brava, Drake? Eu disse que gosto de aprender coisas novas.

Momentaneamente sem fala, ele só a encarou.

– Está quente aqui fora hoje, não? – comentou Valinda.

Fitando aqueles olhos sensuais, ele precisou de toda a força que tinha para não seguir até as árvores e lhe mostrar o que era realmente quente.

– Está cutucando um urso, Srta. Lacy?

Ele estava ao mesmo tempo impressionado e achando graça.

– Não. Estou apenas respondendo à pergunta do urso.

– Ele gostou.

– Que bom.

– Ainda vai jantar comigo mais tarde?

– Vou.

Gostando disso também, ele seguiu guiando a charrete até pará-la em frente à porta da casa de Julianna.

– Vejo você hoje à noite.

– Não vai entrar?

– Vou trocar esta charrete por Havana e ir para casa. Preciso ajudar lá, mas volto para o jantar.

– Obrigada de novo pelos vagões.

– De nada, e obrigado pelo trajeto estimulante.

Valinda sorriu e caminhou até a porta.

Drake foi embora.



## CAPÍTULO 12

Ao anoitecer, Drake decidiu que era hora de parar de trabalhar. Estava satisfeito com o progresso que ele e seus homens fizeram ao longo do dia. Todos os tijolos da cozinha tinham sido assentados e o piso estava sendo instalado na casa. Quando essa etapa terminasse, o chão seria coberto com lonas para protegê-lo durante a pintura das paredes.

Então Drake montou em Havana e cavalgou na direção da casa da mãe para jantar com Valinda. Durante toda a tarde, enquanto martelava mais ferro para o gazebo, ele tinha pensado na surpreendente conversa que tiveram. Quem diria que Valinda sabia ser tão divertidamente sedutora? Ela o transformara em pedra. Ele nunca imaginara que ela lhe pagaria com tanta ousadia e charme e se perguntou que outras surpresas ela teria guardadas. Esperava descobrir no jantar.

Hugh e cinco de seus homens estavam em seus cavalos na frente da casa de Julianna quando Drake chegou. Ao ver seus rostos sombrios, Drake compreendeu que algo estava errado.

– O que aconteceu?

– Por enquanto, nada – respondeu Hugh. – Mas você vai ter problemas esta noite.

Drake olhou de Hugh para seus homens.

– Entrem.

A história que lhe contaram o deixou gelado. Supremacistas

estavam a caminho para vingar o desaparecimento de Liam Atwater. Fazia menos de uma hora que Hugh tinha recebido a dica de um de seus infiltrados.

– É melhor trazer seus irmãos para cá, para ajudá-lo a defender este lugar.

– Todo mundo está fora. O único que está na cidade é Archer.

Hugh soltou o ar demoradamente.

– Certo, então meus homens e eu vamos ficar. Mande alguns outros em busca do máximo de veteranos que conseguirem. Com sorte, homens suficientes responderão ao chamado e chegarão antes que qualquer coisa aconteça. Você e sua família já ajudaram muita gente por aqui. Vamos torcer para que isso seja retribuído.

Drake concordava.

– Qual é o grupo?

– Defensores da Causa.

Drake conhecia o nome através de seu trabalho na Agência de Libertos. Eram um bando pequeno e frouxo famoso por aterrorizar homens libertos que viajavam nas estradas. Algumas mortes tinham sido atribuídas a eles também, mas nenhum dos integrantes do grupo fora preso ou acusado, até onde ele sabia.

– Vir atrás de mim é um passo ousado para eles.

Hugh concordou com um meneio de cabeça.

– Eles têm um novo líder faz mais ou menos um mês. Ele usa um capuz nas reuniões, segundo meu homem infiltrado contou.

– Escondendo sua identidade.

– Sim.

– O que ele monta?

Muitos homens eram conhecidos por seus cavalos.

– Nada marcante. Um cavalo diferente a cada vez que se encontram.

– Esperto, então. Mais esperto do que os covardes analfabetos que ele comanda.

– Muito mais esperto. Convenceu os membros que atacar pessoas conhecidas como você vai assustar os homens livres o suficiente para

fazê-los pensar duas vezes antes de se registrarem para votar na eleição constitucional do outono. Também vai vingar Atwater.

Drake remoeu as palavras de Hugh.

– Novos membros vão se juntar a eles em hordas se forem bem-sucedidos. Não é uma estratégia ruim. Eu queria saber quem é esse novo líder.

– Se ele vier com o bando esta noite, talvez a gente descubra.

Drake tinha toda a informação de que precisava por ora.

– Certo. Há duas mulheres aqui. Me deixem conversar com elas e então você e eu podemos discutir sobre a melhor forma de combater essa ameaça.

Hugh assentiu.

– Obrigado, Hugh.

– De nada. Não posso deixar que nada aconteça com você. Com quem eu iria beber?

– Me faça um favor: mande um dos seus homens ao Christophe para avisar Archer. Talvez isso nos deixe com um homem a menos, mas meu irmão vai querer estar aqui.

– É para já.

Drake foi falar com Reba e Valinda. Ele as mandaria para a casa de Rai para esperar com Sable e seus filhos. Seu irmão ainda estava em Lafayette, até onde Drake sabia, então rezou para que os supremacistas não atacassem a propriedade dele também. E havia sua própria casa. Drake sabia que seria impossível defender ambos os terrenos com a quantidade de homens disponíveis, mas a escolha de onde ficar era fácil.

Drake viu os rostos solenes de Val e Reba. Reba tinha seu rifle. Ela sabia atirar tão bem quanto qualquer homem e não tinha medo de mostrar isso.

– Fiquem na floresta – orientou Drake.

Ele deu um abraço tenso em Reba e fez o mesmo com Valinda. Quando a apertou junto ao coração, mandou um pedido aos céus para que não fosse a última vez.

– Tome cuidado, Drake – sussurrou ela.

– Farei o possível.

Eles se beijaram e, quando se separaram, as duas mulheres deslizaram pela porta dos fundos da cozinha, saindo para a noite.

Uma hora mais tarde a lua estava alta no céu e homens começaram a chegar para ajudar Drake e Hugh a defenderem a Casa LeVeq. Um amplo contingente de colegas de Drake da Guarda Nativa da Louisiana apareceu primeiro, seguidos pelo homem de Hugh à frente de uma coluna de outros quinze veteranos de guerra a cavalo e trajando uniformes. Em grupos de dois ou três, chegavam homens libertos, fazendeiros e pessoas que Drake nunca vira.

– A Sra. Sable cuida da minha família – explicou um desses desconhecidos a Drake. – Viemos cuidar da dela.

A emoção embargou a garganta de Drake.

À meia-noite, quarenta homens, montados e a pé, faziam guarda em frente à casa, iluminados por tochas. Vendo-os, o coração de Drake se aqueceu. Eles estavam correndo perigo para ajudar a família dele. Drake seria eternamente grato.

Os homens se posicionaram na frente e nos fundos da casa, em meio às árvores que ladeavam a estrada e no telhado. Todos estavam a postos quando mais cinco cavaleiros chegaram. À frente deles estavam Archer e Raimond. Drake nunca ficara tão feliz ao vê-los.

Archer desmontou enquanto Rai ficou na sela.

– Acabei de voltar e estava no Christophe quando o homem de Hugh chegou – disse Rai. – Preciso cuidar de Sable e dos meus filhos. Conversamos depois que isso acabar.

Ele partiu, seguido por três homens.

– Obrigado por avisar – falou Archer, sério.

Drake assentiu. Ele e seus amigos se acomodaram para esperar.

Não demorou muito. Os supremacistas frequentemente começavam seus ataques noturnos tocando cornetas feitas de chifres, para atordoar a vítima tirando-a do sono e jogando-a no terror. Ao ouvir o toque das cornetas, Drake abriu um sorriso frio. Não imaginava quantos homens

estavam a caminho, mas sabia que eles estavam mais acostumados a atacar famílias indefesas. Não estariam esperando mais de quarenta indivíduos armados, muitos dos quais tinham experiência militar.

Momentos mais tarde, dez homens, seus rostos escondidos embaixo de velhos sacos de tecido, apareceram carregando tochas e soprando cornetas. Por cima da cacofonia, uma voz forte gritou:

– Drake LeVeq, prepare-se para encontrar o Criador.

Os descendentes do pirata Dominic LeVeq não cediam 1 centímetro ao enfrentar assassinos. Não negociavam, não tentavam aplacá-los nem davam a outra face. Quando os Defensores da Causa esporearam seus cavalos na direção da varanda de Julianna, Drake gritou:

– Fogo!

No silêncio que seguiu ao ataque, os sacos foram removidos dos rostos dos homens mortos caídos na estrada enlameada, para serem identificados. As tochas revelaram que nove dos dez eram locais, incluindo Ennis Meachem – filho do capataz de Liam Atwater, Boyd. O décimo homem não era da Louisiana, mas Drake o reconheceu de imediato: o tenente Josiah Merritt.

Contudo, não foi uma vitória total. O vento que se erguia carregava o cheiro acre de fumaça e querosene. Drake congelou e olhou para oeste. O céu coloria-se em um tom de vermelho opaco. Embora ele estivesse longe demais para ver as chamas, sabia o que significavam. Abafando suas emoções, ele voltou sua atenção para agradecer aos homens antes que fossem embora. Lamentaria sua perda mais tarde.

Os corpos foram colocados em uma carroça. Hugh os levaria para a cidade. Drake não sabia como as autoridades reagiriam, mas havia soldados brancos e pretos entre seus defensores. Se ele precisasse de testemunhas a seu favor, eles prestariam depoimento.

Antes que Hugh e seus homens saíssem, ele e Drake trocaram um forte abraço fraternal.

– Obrigado de novo – disse Drake com sinceridade.

Ele estaria sofrendo por perdas maiores se não fosse pela ajuda de seu grande amigo do Tennessee.

– De nada. Eu venho amanhã e podemos conversar sobre a reconstrução.

– Certo.

Quando Hugh e seus “heróis da América” foram embora, Drake olhou para Archer, que disse solenemente:

– Sinto muito pela sua casa.

– Eu sabia que podia acontecer. Antes a minha do que esta aqui. Mama a deixou sob meus cuidados. Já imaginou como ficaria brava se eu tivesse permitido um bando de porcos vestindo sacos queimarem a casa?

Archer riu.

– Vamos ver se ela tem algum conhaque.

Drake lançou um último olhar sombrio para o oeste e seguiu Archer.

À primeira luz, os irmãos foram avaliar os danos nas terras de Drake. Não sobrara muito da casa que ele havia construído com tanto cuidado e devoção. As paredes externas eram agora uma concha carbonizada e ele conseguia enxergar as árvores atrás da estrutura através do que costumava ser a sala. As colunas da varanda, o piso recém-instalado, as janelas, o telhado, tudo se fora.

Drake estava grato por nenhum de seus trabalhadores morarem ali, de modo que nenhuma vida se perdesse.

Eles viraram suas montarias para os fundos. A madeira da cozinha tinha sido consumida, restando apenas os tijolos empretecidos. No entanto, o barracão de trabalho fora perdido. Drake desmontou e chutou as pilhas de cinzas ainda fumegantes, desenterrando algumas ferramentas: um par de pinças, a cabeça parcialmente derretida de um martelo. Ele ergueu os olhos para o rosto grave de Archer.

– Você vai reconstruir – assegurou seu irmão.

E ele iria.

Ao escutar cavalos, Drake se virou e viu Rai montado e acompanhado por uma carroça guiada por Sable. Com ela estavam Reba e Valinda. Elas saltaram e lhe ofereceram abraços e condolências.

– Estou tão feliz que você esteja bem! – confessou Val, apertando-o com força.

Ele olhou para o rosto preocupado dela e admitiu que tê-la por perto reduzia parte de sua tristeza.

– O homem de Hugh me contou algumas coisas no caminho, quando vínhamos do Christophe. Conte-me o resto.

Drake narrou a história começando com Hugh à sua espera quando ele chegou em casa e terminando com a descoberta do tenente Merritt entre os supremacistas mortos.

– Você acha que ele era o novo líder misterioso? – perguntou Rai quando ele terminou.

– Não sei ao certo, mas meu palpite é que sim.

O maxilar de Rai ficou tenso.

– Vou investigar. O general Pershing precisa ficar sabendo e não vai ficar feliz de descobrir que Merritt estava envolvido. Também vou falar com Roudanez para colocar o incidente no jornal. As pessoas precisam saber a verdade.

Drake concordava. Se alguém conseguiria trazer as pessoas certas para o seu lado, era Raimond.

Depois de mais alguns minutos de discussão, Rai os deixou para voltar ao bairro Francês.

– Eu preciso voltar ao Christophe – desculpou-se Archer.

Drake entendia.

– Vou esperar por Sol e os trabalhadores e começaremos a limpar.

– Val e Reba, posso deixar vocês na casa de Julianna no meu caminho – ofereceu Sable em seguida.

Drake queria que Val ficasse com ele, mas sabia que ela almoçaria com Cole. Ele imaginou que ela pediria a Archer que a levasse e a trouxesse de volta. A forma como os olhos deles se encontraram lhe deu a sensação de que Val também queria ficar, mas Drake sabia que ela não deixaria os amigos esperando.

– Drake, vejo você mais tarde? – perguntou Val, baixo.

Ele assentiu.

– Cuide-se, irmão – falou Archer, pronto para partir. – Avise se precisar de alguma coisa.

– A mim também – emendou Sable.

– Avisarei.

Valinda fitou os olhos dele até que Sable guiou a carroça de volta à estrada.

Quando seus trabalhadores chegaram para começar o dia, ficaram boquiabertos com a destruição. Ele relatou o episódio da noite anterior. Depois que eles se recuperaram do choque, começaram a ajudá-lo com a limpeza. O que restara das paredes seria derrubado e as tábuas do piso que sobreviveram seriam retiradas. Depois trariam cavalos para arar por baixo da sujeira e das cinzas, acrescentariam uma camada de terra e nivelariam o lugar para a reconstrução planejada. Seria um trabalho duro e não ficaria pronto da noite para o dia.

Cumprindo sua promessa, Hugh também apareceu.

– Eles pegaram você de jeito – falou ao ver o dano.

– Eu sei – respondeu Drake, solene.

Ao ver um cavaleiro se aproximando, Drake ficou imóvel. Era Boyd Meachem. Quando ele chegou a poucos metros, lançou um olhar rancoroso a Drake do alto de seu cavalo.

– Você matou o meu menino!

Drake não estava com cabeça para isso.

– Talvez ele devesse ter ficado em casa ontem à noite.

Boyd olhou para o que restara da casa de Drake.

– Os homens que fizeram isso mereciam uma homenagem.

– Vá para casa, Boyd.

Ele riu.

– Espero que seja a casa da sua mãe na próxima vez.

Furioso, Drake arrancou Boyd do cavalo e o ergueu enquanto gritava na cara dele.

– Torça para não ser enterrado com Ennis da próxima vez!

Ele o atirou longe, e o homem de olhos arregalados, que aterrissou



de bunda nas cinzas e na lama, se levantou cambaleante e abalado.

– Nos velhos tempos, você seria enforcado pelo que acabou de fazer!

– Saia das minhas terras.

Com o máximo de dignidade que podia, Boyd voltou à sua sela.

– Não vou esquecer disso, LeVeq.

– A mulher e o filho de Daniel Down também não – respondeu Drake.

Virando seu cavalo, ele foi embora.

Enquanto o observavam, Hugh perguntou:

– Quando isso vai acabar?

– Provavelmente nunca – respondeu Drake com raiva. – Homens como Boyd não querem abrir mão do passado.



Depois de voltar do almoço com Cole e Lenny, Val se sentou no gazebo, a cabeça fervilhando com os acontecimentos das últimas 36 horas. Primeiro fora a chegada deles, seguida pelos dois vagões presenteados por Drake e sua decisão de ficar em Nova Orleans, o que significaria contar a Cole no almoço que ele viajaria para o oeste sem ela. Valinda ficava triste de pensar que ele estaria tão longe, mas, como Drake ressaltara, ela sempre poderia pegar o trem e ir visitá-lo. Val estava certa de que Cole sentiria falta dela em sua vida também, mas eles sempre quiseram o melhor um para o outro, de modo que ele dera sua bênção à decisão dela.

O fim do noivado exigia uma carta para os pais de Val, contudo, e seu pai não ficaria feliz com a notícia. Ele não veria a estadia dela em Nova Orleans como uma chance para que a filha trilhasse o próprio caminho no mundo, porque não acreditava que ela fosse capaz disso. Era uma mulher, afinal, e mulheres precisavam de um marido para guiar suas vidas e seus pensamentos. Só que Valinda não precisava que ninguém guiasse seus pensamentos – algo provado durante a época de

escola, quando ela passara quase tanto tempo na sala da Sra. Brown, levando broncas, quanto na sala de aula. Ainda assim, o pai iria querer que ela cedesse ao seu julgamento e fizesse o que ele mandava.

A salvação de Valinda talvez fosse a idade. Ela já tinha passado da fase que a sociedade considerava adequada para o casamento. Encontrar alguém para substituir Cole poderia ser uma tarefa tão difícil que o pai a deixaria em paz. Val não se importava de levar o rótulo de solteirona caso seguisse a vida sozinha. Com certeza havia coisas piores do que ser uma mulher solteira dona da própria vida, livre para ir e vir como quisesse, livre para explorar o prazer.

Ela pensou em sua noite com Drake e corou. Mulheres bem-criadas sabiam muito pouco sobre seus corpos, mas piratas bem-criados aparentemente sabiam muito. O que a fez pensar se o sangue dele de fato era contagioso, porque gracejar com ele na charrete da forma como ela fizera não estava em seus planos. Como se suas palavras viessem de um lugar que ela nunca soubera existir. Depois de fazê-la derreter, ele merecia uma dose do próprio veneno acalorado.

Em retrospecto, ela estava satisfeita com sua ousadia e com o poder que parecia lhe dar. Supunha que uma mulher não devesse admitir essas coisas, mas sentia que estar em Nova Orleans a transformava de uma forma excitante. E encorajava as partes reprimidas dela a acordarem e caminharem livremente. Val estava ansiosa pelo futuro, mas não um escolhido pelo pai.

Com isso em mente, ela pegou a caneta e começou sua carta.

Mas a noite anterior e Drake ainda estavam na sua cabeça. Valinda nunca temera tanto por outra pessoa quanto no momento em que Drake lhe contara que os supremacistas estavam vindo atrás dele. A corrida louca pela floresta com Reba fora aterrorizante, mas empalidecia só de pensar no medo que sentira pela segurança dele. Ela acordara apavorada na manhã seguinte, sem saber se seu pirata estava vivo ou morto. Ao vê-lo, o pavor havia sido substituído por uma alegria que irradiava dentro dela como o calor do sol.

Isso significava que ela estava apaixonada? Como uma mulher sem

experiência no amor saberia? Era preciso admitir que ela gostara de seus momentos de paixão, mas saber que havia uma chance real de nunca mais vê-lo vivo, ouvir sua voz ou ver seu sorriso, como na noite anterior, a deixara de coração partido. Ela pensou na descrição que Cole fizera do amor e decidiu que provavelmente era o que sentia.

Depois de terminar sua carta e prepará-la para o correio, Valinda foi se sentar para jantar. Nessa hora, Drake entrou. Estava coberto de cinzas e sujeira e fedia a fumaça.

– Como você está? – perguntou ela com delicadeza.

– Já estive melhor – respondeu ele e deu uma olhada rápida para o prato dela. – Preciso me limpar.

– Posso esperar por você, se quiser.

Parte da tensão que ele havia trazido consigo pareceu se desfazer.

– Eu quero.

– Reba disse que você estaria morrendo de fome, então tem comida suficiente na cozinha para alimentar todos os clientes do Christophe.

– Que bom. Eu volto logo.

Assim que Drake saiu, Valinda foi à cozinha alertar Reba de que ele chegara, depois voltou para seu lugar à mesa. Ela quase chorara ao ver o que tinha restado da casa dele de manhã, tamanha fora sua dor. Drake lhe mostrara o lugar com tanto orgulho na véspera, deixando transparecer o amor que dedicara àquele trabalho. E agora?

A angústia que ela vira nos olhos dele ao chegar com Sable e Reba lhe dera vontade de esquecer o almoço com Cole e ficar com ele, na esperança de que sua presença o animasse. Só que Drake desejava começar a limpar os destroços e ela não queria atrapalhar.

No almoço com Cole e Lenny, ela ficara em dúvida sobre contar ou não a eles o incidente da noite anterior, mas se decidira pelo sim. Os dois tinham ficado estupefatos com a história e mais uma vez expressaram sua preocupação com a decisão dela de permanecer ali. Ela argumentara que se render ao medo e fugir não melhoraria em nada a situação. Afinal, os residentes de Nova Orleans não iriam fazer as malas e ir embora. Eles tinham vidas, famílias, amigos, empregos.

Todos ficariam e fariam o melhor a seu alcance para ajudar a mudar as coisas. E ela faria o mesmo.

Pouco tempo depois, limpo e vestindo uma camisa branca simples e calça escura, Drake entrou carregando uma bandeja que devia estar sofrendo com o peso da montanha de comida sobre ela. Frango frito, feijão-vermelho com arroz, inhame, um prato de camarões cozidos e uma porção de outras delícias gastronômicas, incluindo um grande pedaço de torta.

Val ficou boquiaberta e Drake sorriu com inocência ao se sentar.

– Então, o que você fez hoje? – perguntou ele, atacando o prato.

– Archer foi muito gentil e pediu que o Sr. Doolittle me levasse ao bairro Francês para eu almoçar com Cole e Lenny. Eu contei a eles que vou ficar em Nova Orleans.

Drake estacou.

– E a reação deles?

– Eles aceitaram bem. Como não vou com eles, vão partir no trem da manhã. Você acha que podemos levá-los à estação?

– Sem dúvida. O que você precisar.

– Obrigada. Também contei a eles sobre a noite passada. Ficaram preocupados por me deixarem aqui, mas eu disse a eles que fugir não vai mudar nada.

– Não, não vai.

– Como está a limpeza?

Ele suspirou.

– O melhor que se pode esperar, eu acho.

– Você vai dar início à reconstrução imediatamente?

– Não, vou esperar até o outono, quando o tempo refresca.

Enquanto isso, vou pegar alguns trabalhos para poder cobrir os custos. Mas há boas notícias. Seus vagões estão bem.

– Isso é uma boa notícia.

– Arrumá-los vai me ajudar a esquecer a noite passada.

Ela viu as sombras que atravessaram o rosto dele.

– Eu sinto muito, Drake.

Ele deu de ombros.

– É o preço por exigir justiça, eu acho. Só fico feliz por ter sido a minha casa e não esta.

Drake olhou lentamente em volta da sala de jantar.

– Esta casa guarda tantas recordações preciosas: festas, batizados, discussões, risadas – falou ele, com nostalgia. – A família ficaria arrasada se algo acontecesse a este lugar, principalmente Mama. Minha casa não trazia nenhuma lembrança, exceto as minhas da construção. Com sorte, a substituta durará tanto quanto esta aqui e será cheia do mesmo tanto de boas memórias.

Comovida, ela se perguntou como seria compartilhar uma vida de memórias com ele.

– É uma forma maravilhosa de encarar as coisas.

– É o que me resta – disse ele, então, como se precisasse disso, mudou de assunto. – Diga: o que você planeja ensinar quando os vagões estiverem prontos?

Ela removeu a pergunta por um momento e respondeu com sua própria questão:

– Quando você começar a reconstruir, acha que teria tempo de ensinar algumas das suas habilidades aos alunos?

Ele pegou um pouco de *gumbo* com o garfo.

– Por exemplo...?

– Como usar martelos e serras. Assentar tijolos. Esse tipo de coisa.

– Não vejo por que não. Quantas vezes por semana?

– Um ou dois dias, para começar. Saber algo que lhes valha um emprego será tão importante quanto aprender a ler e a escrever, você não acha?

– Sim.

– Será que eu convenceria um dos seus irmãos a ensinar navegação? Em Nova York, esse era um dos assuntos que os meninos podiam estudar, junto com astronomia.

– Não posso responder por eles, mas você, com certeza, pode perguntar.

– Vou permitir que as meninas estudem essas matérias também, se quiserem. Diferente da Sra. Brown, não acho que seja perda de tempo.

– Quem é essa?

– A diretora da escola que eu frequentei.

– Foi isso que lhe disseram? Que aprender essas coisas era perda de tempo?

– Sim. Nas palavras dela, o papel de uma mulher era cuidar da casa, criar os filhos e apoiar as iniciativas do marido – desdenhou Val.

O sorriso de Drake a fez sorrir também.

– Quando eu me recusei a aprender a tricotar, ela me fez sentar na neve como punição.

– Parece que você e a Sra. Brown viviam esgrimindo.

– Houve dias em que eu quis ter uma espada mesmo. Não sei quem era pior: ela ou meu pai.

– O que sua mãe dizia de toda a confusão que você causava?

– Para eu parar de criar tantos problemas e fazer o que me mandavam. Minha avó Rose era a única que ficava do meu lado. Mas ela dizia que eu precisava ser mais respeitosa e, estava certa, porque às vezes minha língua era um pouco afiada demais.

– Por exemplo...?

– A Sra. Brown certa vez disse que nós, mulheres, deveríamos ficar contentes por deixarmos os homens tomarem decisões por nós. Eu respondi que, se minha avó acreditasse nisso, ela teria sido escravizada a vida toda, em vez de fugir do homem que a escravizava.

– Você tinha um bom argumento.

– Ela não gostou. Me fez escrever “não vou responder aos meus superiores” cem vezes.

– Você aprendeu sua lição?

– Sim, eu aprendi que a Sra. Brown era uma estúpida, mas guardei isso para mim.

– Quantos anos você tinha?

– Nove? Talvez 10. Na verdade, minha avó era a culpada por eu causar tantos problemas. Ela e meu avô eram abolicionistas ferrenhos.

Quando eu era pequena, ela me levava aos protestos. Assim que meu pai descobriu, ficou furioso e a proibiu. Então, para despistá-lo, ela dizia que ia levar a mim e minha irmã às docas para receber carregamentos de tecidos ou que iríamos ao mercado. Por causa dela, eu ouvi discursos de defensores dos direitos das pessoas pretas como a Sra. Frances Watkins Harper, o Sr. William Still, da Filadélfia, e do grande Frederick Douglass. Meus avós também escondiam fugitivos no sótão de vez em quando, até que eles pudessem ser levados para o Canadá.

– Então você virou uma causadora de problemas de forma honesta?

– Creio que sim. Quando eu enfrentava a Sra. Brown, minha avó lembrava que eu não precisava ser quem minha professora ou meu pai queriam que eu fosse quando crescesse. Eu poderia ser quem Valinda queria ser.

– Ela parece ser uma mulher sábia.

– Ela é.

Val parou por um momento e pensou em quanto sentia falta de sua avó e prometeu escrever para ela nos dias seguintes.

– Escrevi para meus pais contando que Cole e eu terminamos o noivado. Eles precisam saber.

– Talvez seu pai a surpreenda e aceite sua decisão de ficar.

Ela balançou a cabeça.

– Só se alguém tiver jogado um feitiço nele e o transformou em outra pessoa, mas veremos.

Estudando o rosto dela, Drake notou a tristeza por baixo da piada e quis consertar isso. Ele não gostou de saber que algo pesava dentro dela e lhe causava preocupação. Então voltou a conversa para um assunto que ela pudesse aproveitar.

– Que outras coisas você gostaria de fazer pelos seus alunos?

– Quando Cole e eu éramos crianças, uma professora da escola dele tinha uma caixa de vidro em uma sala que se chamava Caixa dos Objetos Misteriosos e Outras Curiosidades.

– O que havia dentro dela?

– Conchas, pedras de lugares distantes, coisas interessantes e preservadas, como lagartos, insetos e ovos de pássaro.

– E você gostaria de ter uma caixa assim.

– Sim. Seus irmãos navegam o mundo todo. Se eu pedir com jeitinho, acha que eles começariam a me trazer esse tipo de coisa?

– É uma ideia interessante, *chérie*. Tenho certeza de que eles ficarão felizes em ajudar. Na verdade, Phillipe já tem uma coleção de pedras de lugares distantes. Ele provavelmente lhe emprestaria algumas.

A animação dela era evidente.

– Isso seria ótimo. Vou pedir a ele.

Drake decidiu que não se importaria de passar o resto da vida fazendo-a feliz.

– As crianças para quem vou dar aula serão muito parecidas comigo mesma na infância, no sentido de que nunca se afastaram mais do que alguns quilômetros de casa – prosseguiu Valinda. – Eu nunca tinha saído de Nova York antes de vir para cá.

Isso o surpreendeu.

– É mesmo?

Ela assentiu.

– Viajar sozinha foi muito corajoso da sua parte.

– Era ser corajosa ou ficar em casa e aguentar meu pai destruindo meus sonhos.

Ela ficou em silêncio por um momento, como se pensasse nisso.

– Você provavelmente viu o mundo, não é?

– Uma boa parte dele, sim. Da próxima vez que eu viajar, você gostaria de ir comigo?

– Para onde?

– Cuba? Espanha? Mama tem parentes lá. Poderíamos ver os castelos mouros. Ou ir à França, de onde os LeVeqs vêm. Ou visitar o Brasil, onde a família de Reba costumava viver. Escolha um lugar e os navios de Rai nos levarão até lá.

– Eu adoraria isso.

Ele também. Se Val fosse dele, ele colocaria o mundo aos pés dela.



– O que mais você gostaria de fazer que nunca fez?

Ele a observou pensar por um momento.

– Colocar meus pés descalços no mar. Ver montanhas de perto em vez de através de uma pequena janela de trem – respondeu ela, sonhadora.

Drake nunca imaginara que ouvir os sonhos de uma mulher pudesse abrir o coração dele.

– Mais alguma coisa?

– Quando eu era pequena, minha mãe me deixava levar um cobertor para fora à noite para que eu pudesse deitar na grama e olhar as estrelas. Mas só por um tempo e só quando meu pai estava fora, fazendo o que quer que ele fizesse quando saía com os amigos. Eu ficava deitada, olhando para cima, e me perguntava por que a lua e as estrelas estavam lá e o que significavam.

Os olhos de ambos se encontraram.

– Eu gostaria de fazer isso, mas pelo tempo que eu quisesse. Você provavelmente acha que isso é uma besteira infantil.

– Nunca, *chérie*.

Ele imaginou seu terreno e buscou o lugar perfeito de onde ela poderia observar as estrelas com seu cobertor.

– Quero lhe agradecer de novo pelos vagões. Eu estava sendo sincera quando disse que ninguém nunca me deu um presente tão precioso.

– De nada.

– Eu não sabia que um pirata podia ser tão generoso.

– E eu não sabia que uma professora podia ser tão tentadora.

– Está mudando de assunto.

– Eu sei. Piratas podem ser obstinados, às vezes.

No entanto, a verdade era que ele não precisava dela fisicamente, ao menos não naquela noite. A refeição e a conversa deles tinham ajudado a dissipar parte da raiva e da angústia que sentia. Valinda fora o bálsamo de que o espírito dele precisava desde que vira aquele céu vermelho.

Eles terminaram a refeição.

– Quer vir se sentar no gazebo comigo? – convidou Drake.

Ele não estava pronto para se afastar dela.

– Ficar com você tornou um dia terrível suportável – prosseguiu ele.

– Sim – sussurrou ela.

Assim, eles se sentaram lado a lado e, conforme a lua se erguia, conversaram sobre tudo e qualquer coisa: livros favoritos, seus aniversários, o cachorro que os meninos LeVeqs tiveram e que comia os sapatos de Julianna. Deliberadamente evitaram falar sobre a violência da noite anterior, assim como do incêndio, e os dois ficaram felizes por isso.

Valinda estava contando a ele sobre a primeira vez em que a irmã dela tentara preparar uma torta de maçã, quando Caro havia usado sal em vez de açúcar. Nesse momento, Val ouviu um ronco e, ao olhar na direção de Drake, o encontrou dormindo. Depois da noite que ele tivera, seguida pelo esforço para limpar os destroços durante a maior parte do dia, era surpreendente que ele tivesse permanecido tanto tempo acordado.

Ela precisou dar uns bons chacoalhões para despertá-lo.

– Desculpe, *chérie*. Não quis dormir enquanto você falava.

– Tudo bem. Venha, vamos entrar.

Ele passou as mãos pelo rosto, levantou-se e caminhou com ela de volta para a casa. Reba tinha deixado algumas lâmpadas acesas antes de se recolher ao seu quarto perto da cozinha, então eles as apagaram e subiram as escadas com o luar entrando pelas janelas.

No topo da escadaria, Drake baixou os olhos para encontrar os de Val.

– Obrigado pela sua companhia – disse ele, com carinho. – Eu precisava disso e... de você.

Em silêncio, ele correu um único dedo pelo rosto dela, então se inclinou e a beijou suavemente por um momento longo e duradouro. O beijo que deveria ser de despedida se tornou mais profundo e acendeu as brasas que restaram do último encontro apaixonado deles.

Drake não planejara isso, mas algo na proximidade dela, em seu cheiro, no calor de seus lábios e na pele reluzente o acordaram por dentro, trazendo consigo um desejo insistente de fazer mais do que só deixá-la ir para o quarto. Ela era como um bálsamo para o ódio que tinha destruído os sonhos dele, e o feitiço dela parecia bani-lo. Ele se curou em sua boca carnuda e então roçou os lábios na doce curva do maxilar dela enquanto suas mãos começaram a explorar seu corpo pequeno.

Ele mapeou sua coluna, seu torso magro e o quadril coberto pela saia. Desceu a cabeça para se banquetear no mamilo já rígido através do tecido fino da blusa dela. Seus gemidos suaves o deixaram ainda mais duro. Botões foram abertos, a combinação dela abaixada e a boca quente de Drake dominou a de Val. Ele lambeu e brincou, fazendo-a arquear-se em busca de mais, e ele obedeceu em silêncio. Ele deixou um dedo percorrer a pele dos seios dela em adoração, depois se alimentou maliciosamente de um e então do outro enquanto subia as saias dela pelas pernas, expondo as roupas de baixo simples que iam até os joelhos.

Val tinha perdido qualquer noção de tempo e espaço. Todo o seu ser estava focado no prazer que ele lhe oferecia.

– Segure sua saia para mim, *chérie* – sussurrou ele, ousado.

Ela agarrou o tecido em volta de seus quadris e avidamente afastou as pernas para permitir que ele explorasse sensualmente a janela úmida e morna entre suas coxas através da fenda em sua roupa de baixo.

– Tão molhada para mim – gemeu ele.

Quando o dedo de Drake deslizou para dentro da carne de Valinda, ela o recebeu com um gemido e seus quadris responderam ao ritmo excitante e lânguido dele. Eles se erguiam, buscavam, e um grunhido leve como uma pluma escapou dos lábios dela. Um segundo dedo se juntou ao primeiro, aumentando o calor, e ela cavalgou ambos escandalosamente.

O orgasmo de Val se aproximava, se alastrava, tentando-a a

sucumbir, mas isso acabaria com o prazer ofuscante com que Drake a presenteava e ela estava faminta demais para isso.

Ele retirou os dedos orvalhados e talentosos e os fez circular o botão pulsante e rígido que a tornava mulher, depois os reintroduziu com uma força e doçura que a fizeram se estilhaçar e gritar sem som, a boca espremida contra o peito firme dele para que ninguém os ouvisse.

Ele a despertou com beijos suaves em seus lábios e carinhos gentis nas coxas que pareciam já não ter nenhum osso. Em silêncio, ela abriu os olhos. Preenchida por tudo o que sentia por ele e ainda ressoando com o que a fizera sentir, Val esticou os braços e levou as mãos ao rosto barbado dele.

– Obrigada.

Ele virou a mão dela e depositou um beijo em sua palma.

– Boa noite, *chérie*.

– Boa noite, Drake. Durma bem.



Na manhã seguinte, Val estava triste quando ela e Drake acompanharam Cole e Lenny à agitada estação de trem de Nova Orleans. A partida deles dava a sensação de um capítulo que se encerrava na vida dela. Embora o novo capítulo fervilhasse de possibilidades ilimitadas, ela sentiria muita falta de Cole.

– Estarei a apenas uma viagem de trem de distância – lembrou ele. – O maquinista disse que, sem problemas, chegaremos lá em mais ou menos um mês.

Ela lhe deu um abraço apertado.

– Vá com Deus.

Deu, então, um abraço em Lenny.

Quando ela se afastou, Cole disse:

– Tente ficar longe de problemas.

Ela sorriu enquanto segurava o choro.

– Farei o possível.

Cole olhou para Drake.

– Estou contando com você para mantê-la segura, LeVeq.

– Não se preocupe. Vou protegê-la tanto quanto ela permitir.

Cole riu.

– Falou como alguém que a conhece bem. Por favor, diga à sua mãe que lamentamos não ter ficado tempo suficiente para conhecê-la. Não tivemos intenção de faltar com o respeito.

– Eu direi.

O apito do trem soou, sinalizando sua partida iminente.

– Cuidem um do outro – pediu Val aos amigos que partiam.

Eles assentiram. Valinda sabia que não precisava se preocupar, mas se sentia melhor dizendo isso. Embora eles fossem discretos, ela estava certa de que houvera alguns incidentes preocupantes na vida que navegavam juntos que eles não compartilharam com ela, então esperava que a Califórnia fosse tudo o que eles imaginavam.

– Coloquem meu nome na lista de assinantes e enviem a primeira edição.

– Faremos isso.

Ela os observou caminhar até o trem e seu coração doeu ao ver a dificuldade de Cole para subir os degraus do vagão. Ele olhou para trás e deu um último aceno, e Val quis chorar.

– Vou sentir saudades deles – disse ela.

Drake a puxou gentilmente para si.

– Você vai vê-los de novo.

Valinda tinha certeza que sim. Saber disso a deixava um pouco melhor, mas a tristeza permanecia. Enquanto ela e Drake caminhavam de volta para a charrete, a voz da velha vidente sussurrou dentro dela.  
*Vai perder um amor, rejeitar um amor, encontrar um amor.*

## CAPÍTULO 13

No dia seguinte, depois que o Sr. Doolittle buscou Julianna e Henri na estação de trem e os levou para casa, Drake contou a eles sobre seu encontro com os supremacistas e o incêndio. A mãe dele levou as mãos ao rosto e seus olhos arregalados se encheram de lágrimas.

– Ah, Drake, eu sinto muito.

Chorando, ela abriu os braços para o filho, que a abraçou com força.

– Tudo bem, Mama, não chore – sussurrou ele, emocionado. – Minha única preocupação foi que a senhora tivesse uma casa para onde voltar.

Juliana chorava baixinho.

Val, Reba e Henri, que assistiam a tudo, secaram as próprias lágrimas.

Depois de alguns momentos, Julianna ergueu os olhos para Drake.

– Você vai reconstruir, certo?

– Sim.

– Que bom. Vou precisar me confessar e pedir perdão pelo que sinto por esses homens, mas estou feliz por eles não terem machucado você.

Henri deu a ela seu lenço.

– E seu noivo, ele está aqui? – perguntou Julianna a Valinda, recompondo-se.

– Não.

Valinda explicou tudo e contou sobre a decisão que ela tomara.

– Eu sinto não ter podido conhecê-lo e ao sócio, mas fico feliz que você vá ficar. Gosto da sua companhia.

Julianna então cumprimentou Reba.

– Henri e eu vamos subir para nos recuperar da viagem de trem. Você poderia nos levar algo para comer? – pediu.

– Do que a senhora gostaria?

– Torta. Um grande pedaço de torta e café.

– É para já.

Julianna deu um último abraço no filho, então ela e Henri se recolheram ao seu quarto no andar de cima.



Nas duas semanas seguintes, as autoridades locais chegaram à conclusão que as mortes dos Defensores da Causa eram justificáveis pelas circunstâncias, então nem Drake nem os homens que defenderam a Casa LeVeq enfrentaram acusações. O general Sheridan começou uma investigação para descobrir quais oficiais do Exército tinham se aliado a grupos de ódio e prometeu manter Drake e Raimond informados. Determinados a mudar as práticas discriminatórias do sistema de trânsito da cidade, William Nichols, um homem preto, e dois amigos de pele clara embarcaram em um bonde só para brancos e se recusaram a sair. A polícia foi chamada e ele foi preso por perturbar a paz ao entrar em um bonde “para uso exclusivo de pessoas brancas”. Cidadãos de todas as raças esperaram ansiosamente por seu julgamento para ver o que a corte decidiria.

A caminho da casa de Julianna, depois de mais um dia exaustivo distribuindo comida, Sable cuidava das rédeas com Valinda ao lado. Valinda vinha ficando mais forte por lidar com os sacos pesados de alimentos, mas ainda era um trabalho exaustivo.

– Posso fazer uma pergunta? – pediu a professora. – E se for íntima demais, pode me dizer.

Sable olhou para ela.

– Pergunte.

– Como você soube que estava apaixonada por Raimond?

Sable riu suavemente.

– Eu não estava, de início. Ele era arrogante demais para o meu gosto. Ele me deixou com tanta raiva uma vez que atirei nele sua roupa molhada. Ele me deixou ainda mais irada no dia em que me jogou no ombro feito um saco de batatas e me carregou pelo campo formado por escravizados onde eu vivia. Mas o homem tinha mais charme do que o bom Deus deveria permitir. Quando comecei a sentir saudades dele, a sentir meu coração acender ao vê-lo de novo e a querer passar todos os momentos da minha vida com ele, eu soube que tinha me apaixonado perdidamente.

Val a encarou.

– Então você se casou com ele?

– Meses depois, e só porque Julianna me pediu.

Val ficou confusa.

– Depois da guerra, a família precisava de fundos para se reerguer. Havia uma herança em dinheiro deixada por um parente, mas o filho mais velho, Rai, precisava se casar para recebê-la – explicou Sable. – Julianna me escolheu, sem saber que nós nos conhecíamos e que não tínhamos nos despedido em termos exatamente amigáveis quando deixei o campo. Na verdade, ele estava furioso comigo. Eu achei que nunca mais fosse vê-lo, mas lá estava eu, a caminho do altar.

– Ele amava você?

– Julianna insistiu que sim. Eu estava cética, mas, no fim, ela estava certa. Mulher sábia, nossa Julianna.

– Então vocês resolveram suas diferenças?

– Depois de alguns desentendimentos, mal-entendidos e de eu tê-lo feito perder a festa de aniversário da amante.

Val achou intrigante o brilho nos olhos verdes de Sable.

– Vou dizer apenas que ele me fez uma visita a caminho da festa e acabou ficando a noite toda. Comigo, sua esposa.

Sable espiou Val.



– Você está apaixonada por alguém? – perguntou.

– Acho que estou apaixonada por Drake, mas, como não entendo nada sobre o assunto, não sei o que fazer. Eu conto a ele? Fico quieta?

– Eu vejo a forma como ele age quando está com você. Ele também está apaixonado.

– Ele sabe que estou apaixonada por ele?

– Apesar de parecerem experientes, os homens podem ficar inseguros com coisas assim. Então, de início, é provável que não.

– Então eu devo ficar quieta?

– Não existem dois amores iguais, Val. Você saberá quando for a hora certa e ele também.

– Isso não ajuda muito, Sable.

Sable riu.

– Desculpe, mas é a melhor resposta que posso dar. Por outro lado, mal posso esperar para que você seja minha cunhada.

Val gostava da amizade que nascia entre elas. Sable era honesta, trabalhadora e devotada a suas causas. Contudo, para serem cunhadas, ela e Drake teriam que se casar – e as reservas de Val quanto a um matrimônio permaneciam.

– Eu também gostaria de ser sua cunhada, mas não tenho certeza se quero me casar com ele ou com qualquer outro, na verdade. Nos casamentos que conheço, as mulheres não são muito felizes.

– Nem todos os homens comandam suas esposas como reis raivosos.

Passar o tempo com Sable e Rai e Julianna e Henri começava a fazer com que Valinda entendesse isso.

– Obrigada por responder minhas dúvidas. Eu aprecio isso, de verdade.

– Sempre que precisar, estou aqui. Como vão as salas de aula? – perguntou Sable, mudando de assunto.

– Quase prontas.

Nos fins de tarde, Val vinha ajudando Drake, Hugh e os trabalhadores na transformação dos vagões. Sem ter habilidades úteis

na carpintaria, ela recolhia madeira velha, varria e fazia o que lhe pedissem.

– Mas faz alguns dias que não vou lá – prosseguiu Valinda. – Você e eu temos estado muito ocupadas.

Era verdade. Elas cruzavam a cidade ajudando com a distribuição de comida, recolhendo doações de roupas e cobertores nas igrejas, visitando as crianças no orfanato. Val também dava aulas para os órfãos de Sable três manhãs por semana. Seus dias eram exaustivos, mas ela estava orgulhosa do trabalho que fazia e sabia que a avó também ficaria.

Sable a deixou na casa de Julianna, onde Val encontrou Drake sentado na sala com a mãe. Val e ele não tinham muito tempo sozinhos desde que Julianna voltara de Baton Rouge, mas vê-lo sempre fazia com que ela se acendesse por dentro.

– Boa noite, *chérie*. Como vai?

Ela cumprimentou Julianna com um aceno de cabeça e respondeu a ele:

– Cansada.

Ela desabou, exausta, em uma cadeira.

– Como foi seu dia? – perguntou a Drake.

– Foi bom. Tenho uma surpresa para você.

Ela pensou na última vez em que eles haviam falado de surpresas e a história de Reba lhe veio à mente.

– É um sapo? – indagou, sorrindo.

Ele riu.

– Não.

Julianna pareceu confusa.

– Ignore-a, Mama – falou Drake e voltou sua atenção para Val. – Eu gostaria que vocês duas viessem até minha casa por alguns minutos.

– Do que se trata? – indagou Julianna.

– Vamos. Eu guio.

Na verdade, só o que Val queria era comer, tomar um longo banho

quente na banheira e dormir, mas seguiu Drake e a mãe até a carruagem.

A surpresa era gloriosa.

Os vagões, cobertos com uma camada fresca de tinta vermelha, brilhavam sob o sol de fim da tarde. Fitas brancas que terminavam em um grande laço enfeitavam as portas de ambos.

– Estão prontos? – perguntou Val, animada, saltando para fora da carruagem.

Ele assentiu.

– Terminei ontem, tarde da noite. Precisei deixar a tinta secar antes de mostrá-los a você.

– Obrigada!

E Valinda jogou os braços em torno da cintura dele, cheia de alegria.

– Podemos ver por dentro? – pediu Julianna.

Ele pegou uma tesoura no bolso da calça de trabalho e a entregou a Valinda.

– Faça as honras.

Val cortou as fitas. Drake abriu as portas pesadas e fez um gesto para que as damas entrassem. O interior cheirava a madeira recém-lixada e tinta. Maravilhada, Val examinou os bancos e os armários nas paredes. Ela não sabia quantos alunos teria, mas os três lindos bancos de pínus tinham espaço para pelo menos cinco pessoas em cada. Na frente da sala ficava uma linda mesa que ela não sabia que ele iria construir. Vê-la trouxe lágrimas aos olhos da professora.

– Ah, Drake... É lindo!

Ela passou a mão de leve pela superfície, examinou as gavetas de cada lado do tampo compacto e se imaginou em pé atrás dela, vendo os rostos ansiosos de seus alunos.

– Você fez um belo trabalho, Drake. Um belo trabalho – elogiou a mãe.

– Como vou lhe retribuir isso? – indagou Val, transbordando de emoção.

– Só dê aos seus alunos a melhor educação que puder e isso será pagamento suficiente.

Eles foram ver o segundo vagão. Nele, os bancos ficavam um pouco mais afastados.

– Os adultos precisam de mais espaço para as pernas – explicou Drake.

– Quando as aulas vão começar? – perguntou Julianna a Val.

– O mais rápido possível.

– Isso é tão empolgante! – comemorou a idosa. – Faça uma lista dos materiais de que vai precisar e eu ajudarei nas compras.

Val ficou tocada pela generosidade dela.

– Obrigada!

Valinda olhou para Drake e seus sentimentos por ele a preencheram de tal maneira que ela ficou sem palavras. Como se pudesse ler seus pensamentos, ele apenas assentiu e disse:

– De nada.

Val estava nas nuvens no caminho de volta para a casa de Julianna. Pensava em planos de aulas e na lista de materiais de que precisaria – e, enquanto isso, seu cérebro gritava: *Eu tenho uma escola!*

Quando chegaram à casa, Julianna se voltou para o filho.

– Você vai jantar conosco?

– Não. Hugh está organizando uma despedida para um de seus homens que vai voltar para o Tennessee.

Valinda ficou decepcionada por não poder passar a noite com ele, mas guardou isso para si. Em algum momento eles teriam um tempo juntos.

Assim que ela e Julianna entraram na casa, Reba apareceu.

– Valinda, chegou um telegrama para você enquanto estavam fora.

Confusa, Val pegou o papel e o abriu. A mensagem acabou com a felicidade do dia.

– Está tudo bem? – perguntou Julianna.

– Não. É do meu pai. Ele exige que eu vá para casa.

Desanimada, dobrou o papel novamente e o colocou no bolso da

saia.

– E o que você pretende fazer? – quis saber Julianna.

– Mandar um telegrama em resposta dizendo que não voltarei.

Julianna estendeu o braço e deu um aperto de solidariedade na mão dela.

– Vamos apoiá-la no que pudermos.

– Obrigada.

Henri voltara de um compromisso de trabalho e se juntou a elas para o jantar, mas Val estava sem apetite.

Depois da refeição, Julianna e Henri saíram para ir à Opera House enquanto uma Val taciturna se sentou no gazebo. Tinha certeza de que o pai iria até Nova Orleans determinado a arrastá-la de volta para casa assim que recebesse sua resposta. Ela detestava pensar no escândalo que ele faria, mas não iria voltar para Nova York.

Ela expirou, suspirou. Sua escola abriria logo e esse precisava ser seu foco, não ficar se perguntando quanto tempo teria antes que ele chegasse. Talvez ela pudesse encontrar alguém que fizesse um vodu para transformá-la em um pássaro. Assim ela sairia dali voando e voltaria para ser ela mesma depois que ele tivesse ido embora. Ou talvez ela pudesse fugir com o circo. Essa ideia tola a fez sorrir. Pensou em buscar o apoio da mãe, mas ela nunca ficaria do lado de Val em algo tão crítico.

Depois de muito pensar, ela concluiu que a única maneira de mandar o pai de volta para Nova York era já ter um marido quando ele chegasse. As chances de que isso acontecesse eram nulas, então lhe restavam umas duas semanas para se preparar para o escândalo.

Ao ouvir passos, ela se virou e viu Drake.

– Olá – disse ela, em voz baixa.

Drake se sentou ao lado dela.

– Qual o problema?

Val pegou o telegrama do bolso e o entregou a ele.

Drake leu.

– Entendi.

- Imagino que ele vá chegar em duas semanas ou menos.
  - Tem certeza?
  - Depois que eu mandar minha resposta amanhã? Absoluta.
- Ele lhe deu um abraço reconfortante.
- Sinto muito por isso ter estragado seu dia.
  - Eu também.
  - Talvez ele ceda depois que você lhe mostrar a escola.
  - Eu queria acreditar nisso.

Ela duvidava que a escola fizesse alguma diferença. O pai não queria que ela ficasse sozinha, sobretudo tão longe. Era enlouquecedor que ele não acreditasse que ela fosse capaz de cuidar de si mesma.

- Eu não preciso que ele cuide da minha vida.
- Eu sei disso, *chérie*.

Ela queria que o pai soubesse.

- Então, se ele não ceder, o que acontece? – perguntou Drake.
- Muitos gritos de raiva e lágrimas, imagino – desabafou ela, então se virou para Drake. – Eu tenho uma linda escola nova, graças a você. Não vou abandonar isso.

A generosidade de Drake continuava a preencher seu coração. Ele tinha tornado o sonho dela realidade. Ir embora seria como dizer que o presente dele não significava nada.

- Posso perguntar uma coisa? E, por favor, fique à vontade para dizer não.

- Envolve sapos de duas cabeças?

Ela riu.

- Não. Quer se casar comigo?

Ele ficou imóvel.

- Não seria para sempre – continuou ela, depressa. – Só até meu pai ir embora. Se ele acreditar que tenho um marido, vai desistir e voltar para casa. Depois podemos conseguir uma anulação ou o que precisarmos para desfazer o casamento.

Drake não respondeu de imediato.

- Não tem importância – emendou Val. – Foi uma ideia estúpida.

– Talvez não tão estúpida. Mas vamos supor, só supor, que eu queira ficar casado.

Ela congelou e examinou o rosto dele, tentando descobrir sua intenção.

– Não pensei tão adiante. Eu... eu só imaginei isso um segundo atrás.

– Você gostaria de continuar sendo a Sra. Drake LeVeq?

– Eu... não sei. Nunca quis um marido.

– Eu sei.

– Bem, para que você concorde, imagino que eu poderia.

– Seu entusiasmo é muito animador.

– Drake, me desculpe. Estou tentando salvar meu futuro e você está me fazendo perguntas difíceis.

– Como a que você me fez?

Era um bom argumento.

– Não importa. Esqueça que eu perguntei.

Ele se levantou.

– Eu me casarei com você se isso ajudá-la a ficar em Nova Orleans. Descobriremos como desfazer isso depois que seu pai for embora.

O gelo na voz dele a encheu de tristeza.

– Drake...

– Avise a Mama que ela vai ganhar uma nora temporária. Vejo você amanhã.

Ao ficar sozinha, Val baixou a cabeça. Não tivera intenção, mas o magoara. Ela se sentia terrível.



Drake foi até a casa de Rai. Sable abriu a porta, deu uma olhada no rosto dele e disse:

– Ele está no escritório.

– Obrigado.

Drake bateu à porta.

– Entre – falou o irmão.

Drake entrou. Sentado atrás da escrivaninha, Rai observou seu rosto.

– Qual o problema? – perguntou o mais velho.

– Valinda me pediu em casamento.

– E você está chateado por quê? – indagou Rai, confuso.

– Seria temporário.

A confusão aumentou.

– Bem, comece do começo.

Drake não sabia ao certo por que estava ali, mas, embora Rai tivesse um jeito mandão e às vezes insuportável de irmão mais velho, também era a ele que todos costumavam recorrer quando tinham algum problema ou precisavam conversar sobre algo.

– Então você está chateado porque ela não deu pulinhos de alegria e disse que deseja ficar com você até que a morte os separe? – indagou Rai assim que Drake terminou sua história.

– Talvez.

– Ela está procurando uma saída para a armadilha do pai, Drake. Eu sei que você acha que o sol nasce e se põe porque você caminha sobre a terra... todos nós, homens LeVeq, achamos isso... mas uma coisa que Sable me ensinou é que às vezes o mundo não gira ao nosso redor.

O maxilar de Drake ficou rígido.

– Eu sei que é difícil ouvir isso, mas você está apaixonado, irmão – prosseguiu Rai. – Seu ego será atacado regularmente e, depois de um tempo, você não vai mais se importar, porque acordará todo dia ao lado da coisa mais linda da sua vida. Uma mulher que poderia ter escolhido qualquer outro homem no mundo, mas escolheu você. Você teria ficado mais feliz se ela tivesse pedido isso a Archer ou, que Deus não permita, a Beau?

Os olhos de Drake fulminaram Rai.

– Pois então. Agradeça pelo que tem. Vai dar certo. Sempre dá. Mais alguma coisa?

– Não.



Drake se levantou e foi até a porta.

– Drake.

Ele parou.

– Segundo Sable, Val também está apaixonada por você. Você é um LeVeq. Se não conseguir descobrir como tornar isso permanente, vou deserdá-lo e leiloar sua cadeira à mesa de Mama.

Achando graça apesar de estar mal-humorado, Drake saiu.



Desanimada por causa do desentendimento com Drake, Valinda estava sentada à mesa de jantar, preparando aulas para seus alunos, quando Julianna e Henri voltaram.

– Como foi a ópera? – perguntou ela.

– A soprano deixou muito a desejar – contou Julianna. – Mas a Opera House só permite nossa presença ocasionalmente, então aproveitamos a generosidade preconceituosa deles quando podemos.

– Posso conversar com a senhora um minuto antes que suba? – pediu Val.

– Pode, sim.

Henri deu um beijo na bochecha da esposa.

– Vejo você lá em cima. Boa noite, Valinda.

– Boa noite, senhor.

Julianna se sentou.

– Aconteceu algo enquanto eu estava fora?

– Sim. Eu serei uma nora temporária.

A mulher ergueu uma sobrancelha.

– Temporária?

Val explicou.

– Eu o magoei com minha falta de entusiasmo – acrescentou ela ao fim.

A culpa a tomou de novo.

– Eu me sinto péssima.

– Drake pode ser o maior e mais forte dos meus filhos, mas também é o de coração mais mole. Ele esconde isso porque os irmãos com frequência o provocavam quando eram menores.

Julianna parou por um momento, como se recordasse.

– Quando Drake tinha talvez 5 ou 6 anos, ficou muito apegado aos patinhos e leitões que tínhamos. Ele os alimentava, brincava com eles. Eu, obviamente, criava os animais para a ceia de Natal. Aí o Natal chegou. Estávamos jantando e Archer, eu creio, fez um comentário dizendo que os amigos patos de Drake eram deliciosos. Drake olhou para seu prato, olhou para mim, e seu rostinho desmontou. Ele saiu da mesa chorando. Até hoje ele não come pato.

– Minha nossa.

– Os irmãos dele uivaram de rir.

Val sentiu muita pena dele.

– Ele chamava os patos de Josephine e Napoleão.

Julianna ficou em silêncio de novo, antes de prosseguir em voz baixa:

– Quando recebi a notícia de que o navio do meu François havia afundado e todos os homens pereceram, tive que contar aos meninos que seu pai não iria voltar para casa. Foi difícil para todos, mas Drake se recusou a acreditar. Disse que ia sair para esperar, porque papai sempre voltava para casa. Ele ficou sentado perto da estrada e não aceitava entrar. Ficou lá por dias. O dia todo. A noite toda. Não se importava se era inverno ou se estava chovendo ou se fazia frio. Ele acreditava que seu pai iria voltar para casa. Em um desses dias, nevou. Olhei para fora e o vi coberto de neve, tremendo. Eu fiz Rai e Gerrold o trazerem para dentro. Ele lutou contra eles, se debatendo o caminho todo.

Val viu a dor nos olhos dela.

– Quantos anos ele tinha?

– Oito.

Val agora tinha mais peças de Drake para juntar àquelas que já haviam achado o caminho do seu coração.

– Eu queria ter tido tempo para pensar na pergunta dele antes de responder, só que ele me pegou de surpresa. Tentei me desculpar, mas ele foi embora.

– Quando ele se magoa, pode se fechar, mas aquele coração enorme dele sempre se abre de novo. Vocês dois vão acertar as coisas e, se isso conta para algo, acho que seu plano para se livrar de seu pai é bom. O que acontece depois é escolha sua e do meu filho.

– A senhora iria me querer como nora?

Julianna sorriu e se levantou.

– Até que a morte nos separe – disse, e deu um aperto afetuoso no ombro de Val. – Boa noite, Valinda.

– Boa noite.

Deitada na cama, Valinda pensou de novo na pergunta de Drake. Ela continuaria casada com ele se tivesse opção? Ficar perto de Sable e Julianna lhe mostrara que nem todos os casamentos eram prejudiciais ao espírito de uma mulher. Julianna tinha seus interesses comerciais. Sable fazia um trabalho de caridade notável. As duas pareciam realizadas na vida e no amor. Ela poderia ter isso com Drake? Instintivamente, acreditava que sim. Ele era divertido, atencioso e apaixonado. Era um homem honrado, de convicções. Apoiava as ambições dela e lhe construía uma escola. Ela não conseguia vê-lo proibindo-a de lecionar depois que ela tivesse seu sobrenome. Mais uma vez ela desejou ter tido tempo para pensar na pergunta dele, assim poderia ter lhe dado uma resposta honesta e ponderada. Da forma como fora, as coisas haviam desandado e ela não sabia se eles conseguiriam voltar ao que eram antes.

Ela não sabia se ele fora para o quarto após deixá-la, mas ficou tentada a ir checar, para poder pedir desculpas. No entanto, não imaginava como seria recebida, então virou-se na cama e torceu para conseguir dormir.

## CAPÍTULO 14

Agora que os vagões estavam prontos, Drake passou a manhã cavalgando pela região e avisando empreiteiros e construtores que ele estava disponível para trabalhos. Todos conheciam sua ótima reputação, então ele recebeu algumas ofertas sólidas. Satisfeito, ele e Havana voltaram para a casa da mãe.

No caminho, viu um cartaz anunciando uma charrete à venda e parou. A vendedora, uma senhora branca idosa, respondeu à batida dele à porta com um sorriso. Ela era viúva e a charrete era dela. Só a usava para ir à igreja, contou, e estava vendendo porque ia se mudar para Biloxi, para morar com o filho e a nora. Quando Drake examinou o veículo de perto, gostou do fato de ser compacto, ter um assento acolchoado de couro e as quatro rodas em boas condições. Embora a capota de couro estivesse um pouco gasta, não havia buracos ou rasgos e ela podia ser baixada ou erguida dependendo do clima. O preço era razoável. Uma égua forte e de temperamento manso chamada Penélope vinha com o veículo e isso também lhe agradou, então ele pagou o que a senhora pedia.

Com Havana amarrado atrás em uma corda, Drake subiu na charrete, acenou em despedida para a viúva e continuou sua jornada para casa. Com as aulas e o trabalho de caridade de Valinda, ela iria precisar de um transporte. Ele sabia que ela ficaria grata – ainda que a pergunta dele na noite anterior a tivesse feito congelar como um cervo que subitamente encontrasse um crocodilo.

O orgulho de Drake ainda estava ferido, precisava admitir. A conversa com Raimond, embora difícil, fizera com que ele se sentisse melhor, mas Drake era um LeVeq e os homens de sua linhagem tinham uma personalidade que enfeitiçava a maior parte das mulheres – exceto as que capturavam os corações deles. Segundo diziam, a bisavó deles, Clare, xingara Dominic em três línguas quando ele a sequestrou de seu navio britânico e Rai tivera que se esforçar tanto para conquistar Sable que Drake e os outros irmãos tinham apostado sobre quanto tempo ele levaria para enlouquecer.

Rai dissera que Val o amava, porém Drake não sabia se deveria confiar nisso. Se fosse o caso, ela não o amava o suficiente para permanecer sendo sua esposa e, com isso em mente, ele decidira proteger seu coração.



Drake não se juntara a eles para o café da manhã e, embora Valinda houvesse ficado decepcionada, ela tinha coisas demais para fazer a fim de pôr a escola para funcionar, de modo que não podia ficar remoendo mágoas.

– Aqui está a lista de itens de que precisarei de imediato – disse ela, entregando o papel a Julianna, que estava sentada atrás da escrivaninha de seu escritório.

Valinda torceu para que a mulher mais velha não achasse a soma muito alta.

– Canetas-tinteiro e lápis nós podemos comprar no bairro Francês, assim como lousas e giz. As cartilhas talvez tenhamos que encomendar.

– Eu sei. Posso fazer à mão alguns dos exercícios para os alunos compartilharem até que as cartilhas cheguem.

– Posso ficar com isso? – perguntou Julianna.

– Sim.

Julianna colocou o papel num canto.

– Muito obrigada por organizar meu escritório. Agora consigo encontrar as coisas.

– Só cuide para colocar tudo de volta em seu lugar, assim não sairá do controle de novo.

– Falar é fácil, mas vou tentar. Nos próximos três ou quatro dias vamos comprar seu vestido de casamento.

Val ficou imóvel.

– Vestido de casamento?

– E sapatos.

Val baixou os olhos para suas botas sujas de lama.

– Eu não...

– Sim, precisa. Vai haver um punhado de mulheres *creoles* ricas com suas filhas sonsas na festa e eu quero que elas a invejem não apenas como aquela que tirou mais um LeVeq do mercado, mas como a mulher mais bem-vestida também. Vou me divertir vendo seus rostos estarecidos, então me permita isso.

– Está sendo muito malvada, Julianna.

– Eu sei. É o sangue pirata.

Val riu.

– Então quem sou eu para negar sua diversão?

Os olhos de Julianna brilharam, alegres.

– Eu tenho as duas melhores noras de toda a Louisiana.

– Temporariamente.

Julianna dispensou esse comentário com um aceno.

– Se você diz.

Antes que Val pudesse responder, Drake apareceu à porta.

– Val. Mama – falou ele como cumprimento.

Val percebeu o distanciamento na expressão dele, o que mostrou que ele ainda estava magoado pelo que acontecera na noite anterior. Ela suspirou internamente, perguntando-se o que seria preciso para curar a dor dele.

– Valinda, eu lhe comprei uma charrete.

Ela o encarou, confusa.

– Venha ver. Está lá fora.

E ele saiu. Julianna sorriu e a expulsou, então Val o seguiu.

E, realmente, lá estava uma pequena charrete preta estacionada, puxada por um cavalo cor de amêndoa.

– Essa é Penélope – falou Drake, indicando o animal. – A antiga dona disse que ela gosta de maçãs e crianças.

Val andou até a égua e acariciou seu pescoço macio.

– Como vai, menina?

– Pegue! – gritou Drake.

A maçã atirada deu um susto em Valinda, mas ela a agarrou com destreza e lançou a Drake um olhar que lhe rendeu um quase sorriso. Ignorando-o por um instante, Val deu a fruta à égua enquanto lhe oferecia elogios e palavras gentis de boas-vindas.

– Por quanto tempo posso usar a charrete?

– É sua, então até que as rodas caiam, eu acho.

Val o estudou. Drake era a pessoa mais generosa que ela já conhecera, mas, depois da noite da véspera, um presente assim era a última coisa que ela esperava.

– Drake, me desculpe por ontem. Eu...

– Não é preciso pedir desculpas. Foi uma pergunta difícil. Eu estava errado em pressioná-la daquela maneira. Nós nos casaremos e, quando seu pai for embora, dissolveremos o casamento. Henri tem um sobrinho que é juiz de paz. Vou perguntar se ele pode cuidar da cerimônia, a menos que você prefira uma igreja.

Ela balançou a cabeça.

– Um juiz está ótimo.

– Quando você quer que seja?

– Em algum momento entre uma semana e dez dias?

– Eu sugiro mais cedo, em vez de mais para a frente. Se seu pai desconfiar e sair perguntando, você vai querer que digam a ele que o casamento é real e que é por amor. Ninguém mergulha de livre e espontânea vontade em um casamento arranjado.

Os olhos dela voaram para ele.

– Você acha que pode fingir que estamos apaixonados? – indagou Drake.

Ela pigarreou.

– Sim.

– A festa, que tenho certeza que Mama e Reba já estão planejando, tornará tudo mais legítimo e levaremos todos os seus pertences para o meu quarto, já que não tenho mais uma casa para ocuparmos.

Ela congelou.

– As esposas LeVeqs compartilham o quarto com seus maridos – contou Drake.

Valinda estava um pouco atônita. Por um lado, ficava feliz por ele ter pensado em tantos detalhes. Por outro, percebia que ela própria não tinha elaborado a questão o suficiente.

– Vou acrescentar seu nome às minhas contas bancárias, assim você pode pegar dinheiro quando precisar.

– Isso não é necessário.

– Você tem seus próprios fundos?

Ela pausou.

– Uma quantia pequena – admitiu.

– Então é necessário.

– Drake...

– Valinda, se você precisar de giz ou grampos de cabelo ou um par de sapatos, não deve ter que pedir dinheiro para isso. Eu confio que você não vá gastar a ponto de me mandar para um lar de desabrigados, então me permita ajudá-la assim.

Sem ter como contra-argumentar, ela deixou para lá.

– Certo.

Val se perguntou o que os pais dela achariam dele e de sua família. Ficariam impressionados? A farsa de um casamento por amor convenceria seu pai a voltar para casa e permitir que ela tocasse a vida em paz? E depois? Se ela precisasse ir a Nova York por algum motivo depois que ela e Drake desfizessem a farsa, ele a acompanharia? E se ele se casasse com outra pessoa nesse meio-tempo? Como isso seria



para a mulher com quem ele se casasse e por que a ideia de que ele encontrasse outra pessoa não lhe caía nada bem?

Valinda decidiu parar de pensar em todas as partes contraditórias do seu plano doido antes que enlouquecesse.

– Mais alguma coisa? – perguntou ela, os olhos fixos no rosto distante e barbado dele.

– Não que eu consiga lembrar agora.

– Quero inaugurar a escola depois de amanhã. Você me ajudaria a espalhar a notícia?

– Sim. Precisa de mim para mais alguma coisa agora?

Ela pensou consigo mesma que sim: precisava que ele aceitasse suas desculpas, para que eles pudessem seguir em frente. Mas ela se recusava a implorar. Também tinha seu orgulho.

– Não. Vou dar aula para os órfãos de Sable hoje. Agora que tenho a charrete, vou ao bairro Francês depois, para avisar Eb e Dina da escola.

Ela não tinha ideia de quantos alunos teria. Poderiam ser dois, poderiam ser cinquenta. Os homens libertos estavam famintos por educação, sobretudo para os filhos.

– Então tome cuidado nas ruas. Vejo você mais tarde.

– Você também. E obrigada de novo pela charrete.

Quando Drake foi embora, Valinda se perguntou se atirar pedras no homem enlouquecedor com quem ela pretendia se casar poderia ser considerado um ato de amor. Expirou para liberar a frustração e voltou para a casa para pegar os itens de que precisava para seu dia.

Depois de se despedir de Julianna, ela e Penélope seguiram para a casa de Sable.

Os sorrisos ansiosos e as vozes confiantes dos órfãos enquanto liam melhoraram seu humor. Depois de almoçar com eles e uma das criadas da casa, chegou sua hora de partir.

Sable a acompanhou até a charrete.

– Como está Drake? Rai me contou o que aconteceu entre vocês.

– Ainda parece indiferente. Eu pedi desculpas, mas não adiantou

muito.

– Dê tempo a ele. Todos nós agimos como crianças às vezes quando estamos magoados.

– Acho que sim.

– Ele ama você. Você o ama. Quando essa bagunça com seu pai se acertar, vocês podem trabalhar no problema de vocês. Você acha mesmo que ele virá a Nova Orleans?

– Acho.

E essa ideia continuava a perturbá-la como uma dor de cabeça iminente.

– Julianna quer me levar para comprar um vestido de noiva e está planejando uma grande festa.

– Você vai precisar de um vestido e Julianna não fica contente se não estiver celebrando uma coisa ou outra. E um casamento é algo especial. Vai ser divertido.

– Não com um noivo enfezado.

Sable riu.

– Ele não vai estar enfezado, confie em mim. Rai e eu estávamos prontos para estrangular um ao outro um dia antes de trocarmos votos, mas, no fim da festa... vamos apenas dizer que tivemos uma noite de núpcias bem memorável. Você também terá.

A vergonha queimou suas bochechas. Ela nunca tinha falado sobre o leito conjugal com ninguém além da mãe. E essa discussão fora rápida e, ao que tudo indicava, bem equivocada, considerando como Drake rira ao saber que a mãe dela recitava o alfabeto em silêncio.

– Não queria envergonhá-la, desculpe – disse Sable.

– Não, tudo bem. Eu preciso ir.

– Certo, mas se tiver perguntas, me avise.

Val deu um aceno tenso de cabeça, mas então tomou coragem.

– Vai doer?

Sable pareceu considerar suas palavras antes de responder:

– Tenho certeza de que é diferente para cada mulher, mas eu senti algum desconforto. Mas Rai passou um tempo me preparando, então

não foi horrível nem torturante. Ele parecia conhecer meu corpo melhor do que eu e isso ajudou bastante.

Val pensou em suas experiências com Drake. Ele também sabia mais do que ela, aparentemente.

– Eu acho absurda a forma como a sociedade nos deixa no escuro a respeito de coisas assim – desabafou Valinda.

– Eu concordo.

Val olhou para a mulher que logo seria sua cunhada.

– Obrigada por ser tão franca comigo.

Ela sorriu.

– De nada. Tudo vai ficar bem entre você e Drake.

– Espero que esteja certa.

Dito isso, Valinda subiu em sua charrete e partiu para o bairro Francês.

Eb não estava no trabalho, mas a mulher que abriu a porta dos fundos disse que ele voltaria no fim da tarde e prometeu transmitir a mensagem de Val a respeito da escola.

Na tabacaria, o Sr. Bascom não pareceu feliz em vê-la. Val ignorou a cara amarrada dele e perguntou por Dina.

– Ela não está aqui.

– Quando ela vai estar?

A raiva dele se refletiu no tom da resposta.

– Eu não sei. Ela e meu filho se foram.

Val pareceu confusa com isso.

– Foram para onde?

– Para o Norte. O bilhete que Quentin me deixou ontem disse que eles iam se casar.

A surpresa a deixou sem fala. Ela acertara ao suspeitar que os dois sentiam algo um pelo outro, mas casamento? Até onde ela sabia, casamentos inter-raciais eram ilegais em quase todos os lugares nos Estados Unidos. *Eles iriam para o Canadá?*, perguntou-se ela.

– Contratei um detetive para localizá-los e trazê-los de volta –

continuou o Sr. Bascom. – Não me importo com o que vai acontecer com ela.

Valinda se entristeceu com isso. Bascom, como o pai dela, estava determinado a ditar as escolhas de seu filho adulto, mas ela guardou isso para si.

– Obrigada pelo seu tempo, Sr. Bascom – disse apenas e saiu da loja dele.



Drake ergueu os olhos quando Valinda entrou na sala. Ficou feliz em vê-la, mas, por estar protegendo seu coração, manteve seus sentimentos escondidos. Voltando para os desenhos de mecanismos em que estava trabalhando, indagou:

– As coisas deram certo com a charrete?

– Sim.

– Precisa que eu solte a égua?

– Não. Eu mesma cuidei disso. Ela já bebeu água e está no estábulo. Ele ficou surpreso.

– Cole me mostrou como fazer isso quando eu lhe pedi que me ensinasse a controlar as rédeas – explicou Val, como se percebesse a surpresa de Drake.

– Sempre posso fazer isso para você.

– Obrigada, mas não é necessário. Sua mãe está aqui?

A determinação ferrenha dela em ser autossuficiente era uma das tantas facetas que Drake achava admiráveis naquela mulher tão relutante em unir sua vida à dele. A natureza independente dela era um dos muitos aspectos que a tornavam especial.

– Mama foi visitar uma amiga, Tia Vi. Acho que é esse o nome dela. Meus irmãos e eu nunca a conhecemos, mas imaginamos que seja uma das amigas antigas de Julianna. Você falou com Eb?

– Não, mas deixei recado com uma de suas colegas. Ela disse que ele

estaria no hotel no fim da tarde. Também parei para ver Dina. Aparentemente, ela e Quentin fugiram para se casar.

Drake ficou boquiaberto.

– Há quanto tempo?

– Bascom encontrou uma carta de Quentin na noite passada, então acho que há menos de um dia. Ele contratou um detetive para trazer o filho de volta a Nova Orleans. Disse que não se importa com o que vai acontecer a Dina. Lembrou meu pai.

A menção ao pai dela levou Drake de volta ao desentendimento deles.

– No que você está trabalhando? – perguntou ela.

– Uma estação de bombeamento para um grande proprietário de terras. Ele e um grupo de homens querem construir uma para drenar um pântano e poderem ocupar a terra.

– Isso é comum aqui?

– Cada vez mais. A cidade está se expandindo e é preciso haver terra seca para esse crescimento acontecer.

Valinda foi ver os desenhos.

– Você pode explicar o que são?

Pelos minutos seguintes, foi isso que ele fez: apontou a estrutura da casa de bombas, as caldeiras e os motores que seriam necessários e como o encanamento seria disposto. Ele viu nas perguntas que ela fazia uma amostra de sua inteligência, outra faceta que ele admirava. Valinda estava ao lado dele. Sua proximidade o fez lembrar seu último interlúdio – a maciez da pele dela, a sensação de seus mamilos enrijecendo ao toque da língua dele e como ele estava duro quando a soltou. Como se lesse a mente de Drake, os olhos dela foram do desenho para os dele. O contato se estendeu e Drake precisou de toda a força que tinha para não esticar um braço e roçar um dedo pela pétala carnuda que era seu lábio inferior. Mas ele lembrou que precisava resistir ao feitiço que emanava dela.

– Prometi terminar esses desenhos o mais rápido possível, então preciso trabalhar – falou ele.

– Pois não. Desculpe por atrapalhar.

A partida gélida dela o fez estacar. Desde a discussão, ela vinha tentando se desculpar e o ego inflado dele recusava as ofertas de paz como uma criança mimada evitando uma soneca. Só que agora ele sentia um tipo diferente de dor. Uma que dizia que talvez ele devesse ter saído de seu pedestal quando tivera chance. Se a forma como Valinda acabara de sair significava algo, era que a adorável e indomável professora desistira de lhe oferecer trégua. Bancar o macho ferido só aumentara a distância entre eles. Se Drake não encontrasse uma forma de contornar esse problema, seu casamento chegaria ao fim logo após a partida do pai de Val, e Raimond leiloaria seu lugar à mesa dois segundos depois. Drake se forçou a se concentrar nos desenhos, mas Valinda não saiu de sua cabeça.

## CAPÍTULO 15

Valinda foi até o terreno de Drake para o primeiro dia de aulas e passou pelo espaço arado onde antes era a casa dele. Deixando de lado seu desentendimento com Drake, aquela imagem sempre apertava seu coração e ela supôs que sempre o faria, pelo menos enquanto uma nova casa não preenchesse a área. Ela logo foi distraída pelas hordas de pessoas em volta dos vagões e parou Penélope para encarar a cena, boquiaberta. Crianças pequenas e adolescentes estavam juntos dos pais, além de homens e mulheres adultos, jovens, de meia-idade e idosos. Alguns trajavam suas roupas de domingo; outros, as peças gastas do dia a dia. Val lembrou que, nas conversas que tinha com seus alunos no antigo celeiro, eles diziam que queriam três coisas da Liberdade: que suas famílias deixassem de ser separadas à força, não trabalhar mais embaixo do chicote e terem acesso à educação para eles e seus filhos.

Drake se aproximou.

– Ah, meu Deus! Olhe toda essa gente! – exclamou ela, emocionada.

– Eles começaram a chegar ao amanhecer – contou ele. – É uma bela reunião.

E de fato era. Os jornais vinham relatando que homens libertos estavam correndo para as escolas por todo o Sul – e não apenas as poucas ainda comandadas pela Agência de Libertos, mas as que eram patrocinadas por igrejas, veteranos pretos da Guerra Civil e até mesmo grupos de ex-escravizados.

Ela avançou com Penélope.

– A senhora é a professora? – indagou alguém.

– Sim! – gritou Val em resposta.

Assim que parou a charrete e desceu, Val foi cercada por pessoas querendo apertar sua mão e saber seu nome. Ela foi inundada por perguntas sobre de onde ela era, se nascera livre e se ela realmente poderia ensiná-los a ler. Um homem até questionou se ela era casada.

No fim, ela pediu gentilmente por silêncio para que pudesse ser ouvida. Ela deu a eles seu nome e pediu que todos fizessem duas filas: uma para crianças e seus pais e outra para adultos.

Quando eles começaram a se separar, Drake foi até Valinda.

– Parece que você vai precisar de ajuda. O que posso fazer?

– Você poderia cuidar dos adultos? Vou ficar com os pais e as crianças. Anote nomes, idades, onde moram, se sabem ler e que dias e horários podem vir para a aula.

Ela pegou uma prancheta e lápis de seu estoque na carroça.

– Você pode registrar tudo aqui.

Ele seguiu para a sala que tinha construído para os adultos e ela se sentou no degrau que levava para a das crianças.

Duas horas depois, eles tinham os nomes de 25 crianças, catorze pais, nove mulheres e doze homens, incluindo dois que fizeram propostas de casamento a Valinda. Dos sessenta nomes na lista, três sabiam ler. Valinda fez uma nota para entrar em contato com Eb. Ela torceu para que a filha dele, Melinda, ainda precisasse de emprego, porque, se todo mundo naquela multidão comparecesse regularmente às aulas, a escola precisaria de outra professora. E não havia motivo para achar que as pessoas não compareceriam. Todas agradeceram a Valinda, algumas com os olhos marejados. Ela teve que conter as próprias lágrimas.

Valinda decidiu experimentar dar aulas para as crianças às segundas, quartas e sextas, durante o dia, e abrir turmas noturnas às terças e quintas para os adultos. Se algum adulto precisasse trazer os filhos juntos, tudo bem.



Como era sexta, ela anunciou que não haveria aulas até segunda-feira, porque precisava avaliar a lista de nomes, idades e dias preferidos para determinar o tamanho de cada turma. Muitas pessoas ficaram decepcionadas. Para não mandá-los para casa sem nada, porém, ela e Drake escreveram o nome de cada um em um pedaço de papel. Então Valinda lhes pediu que, quando fossem para a aula, eles prendessem os nomes na frente de suas roupas até que ela reconhecesse seus rostos. A maioria nunca tinha visto seu nome escrito. Ela observou muitos deles estudarem as palavras em silêncio antes de guardar os papéis nos bolsos com reverência.

Depois que todo mundo foi embora, Val e Drake se sentaram na grama para recuperar o fôlego.

– Obrigada, Drake. Eu não teria conseguido sem sua ajuda.

– De nada. Foi empolgante. Você vai ser eternamente abençoada por fazer isso, Valinda.

Ela notou que ele já não a chamava de *chérie*. Era um detalhe, mas mesmo assim feriu seus sentimentos como um espinho.

– Eu espero que essa bênção venha com uma boa porção de forças extras, porque o trabalho vai ser duro.

Ela contou a Drake sobre a filha de Eb.

– Eu cuido do salário dela, se você precisar – assegurou ele.

– Alguns dos pais disseram que estão dispostos a pagar. Eu sei que não podem pagar muito, mas espero conseguir usar esses fundos para isso. Também pensei em algo para arrecadar fundos.

– Como?

– Ainda não decidi.

– Certo, mas posso ajudar se for necessário. Eu gostaria de contribuir de alguma forma.

Val se perguntou se existia alguma família mais generosa que os LeVeqs.

– Obrigada. Significa muito para mim.

– De nada. Para onde você vai agora?

– De volta para a casa da sua mãe, para almoçar, depois vou ao

bairro Francês conversar com Eb sobre a filha dele.

– Você se importa se eu for junto?

Ela examinou as feições dele em busca de pistas de sua intenção. A assistência dele fora um presente divino, então negar um pedido tão simples seria maldoso e pouco digno.

– Não, eu não me importo.

– Obrigado, *chérie*.

Valinda congelou. Avaliando o rosto dele de novo, ela se perguntou o que ele estaria armando. Os olhos que sustentavam os dela pareciam inocentes, mas ela sentiu que algo mudara. Ela não conseguia dizer o quê, mas decidiu ficar do seu lado do muro que haviam erguido entre eles, pois seus sentimentos estariam mais seguros assim.

Julianna se juntou a eles à mesa para o almoço.

Depois de perguntar sobre o dia de Val e ficar impressionada com a descrição dela, a mulher disse:

– Val, não temos tempo de encomendar um vestido para o seu casamento, então uma costureira virá amanhã de manhã com alguns modelos já prontos para você considerar.

Val parou a colher a meio caminho entre a tigela de *gumbo* e a boca. A expressão no rosto de sua futura sogra era agradável, mas também firme, o que significava que o assunto não estava aberto a discussões.

– Sim, senhora.

– Também preciso que você e Drake sejam vistos juntos no bairro Francês. Como dissemos, se sua família decidir investigar a legitimidade do casamento, queremos que as pessoas façam fofoca sobre quanto vocês estão apaixonados.

Ainda congelada, Valinda olhou para Drake, cujos olhos não lhe revelaram nada, mas ela se perguntou se mãe e filho haviam formado uma conspiração. Sem saída, Val mordeu a isca.

– E qual a sua ideia para conseguir isso? – perguntou a professora.

– Eu pensei que poderíamos começar com um passeio de compras para complementar seu guarda-roupa.

– Minhas roupas estão boas, Julianna.

– Não quero ofender, querida, mas você está usando botas que eram de Phillipe na infância.

Val fez uma careta para essa lembrança ácida, porém gentil. Algumas semanas antes, quando seus sapatos gastos se tornaram candidatos à lata de lixo, Julianna se oferecera para lhe comprar um novo par, mas o orgulho de Val não permitira. Então Juliana lhe trouxera um par de botas firme e quase novo que havia ficado pequeno em Phillipe. Cabiam bem em Valinda e ela as usava desde então.

– Eu lhe darei o nome de algumas das lojas que Sable e eu frequentamos.

– E o que eu comprarei?

– Blusas, saias, meias, combinações. O que lhe chamar a atenção e for suficiente para encher seu armário. Além disso, tenha em mente que você precisa parecer adequada ao cargo de professora. Seus alunos esperarão isso.

Val não sabia se concordava. Os alunos estavam em busca do conhecimento que ela tinha a oferecer. Duvidava que eles se importassem com o que ela vestiria durante o processo, mas discutir com Julianna não ia dar em nada.

– Sim, senhora. Quando quer que esse passeio de compras aconteça?

– Você não disse que tinha planejado ir ao bairro Francês esta tarde para perguntar sobre a jovem professora que quer empregar?

– Sim.

– Então, a menos que Drake tenha algo urgente...

Ela olhou para o filho e Val rezou para que ele tivesse.

– Não tenho.

Val suspirou internamente.

– Então está resolvido – decidiu Julianna, alegre.

Mas Valinda tinha mais uma pergunta importante:

– Como vou pagar pelos itens?

– Serão um presente meu para você – respondeu a dona da casa.

Drake balançou a cabeça.

– Não, Mama. Eu cuido das contas. Ela será minha esposa, afinal.

Val preferia não ficar em dívida com ele pelo que parecia uma aquisição cara.

– Obrigada, filho – agradeceu Julianna, antes que Valinda tivesse chance de argumentar.

Com isso, Julianna se afastou da mesa e se levantou.

– Agora vou pedir ao Sr. Doolittle que leve a mim e Henri até as docas para uma reunião com alguns políticos que acreditam que esta pobre e ignorante mulher preta vai dizer sim para sua proposta absurdamente baixa por um de nossos armazéns. Divirtam-se.

Depois que ela saiu, Val suspirou alto e olhou para Drake.

– Eu quase tenho pena dos políticos – comentou ele.

– Você gosta de fazer compras?

– Não.

– Nem eu.

– Então vai ser uma aventura interessante.

Val nunca possuía nada comprado em lojas.

– Eu não sei absolutamente nada sobre comprar roupas. Minha avó é costureira e fez todas as peças de roupa que eu e minha irmã usamos até termos idade para costurarmos nós mesmas.

– Você sabe costurar?

– Sim. Uma das minhas poucas habilidades femininas, mas era uma necessidade. Não há muitos lugares onde se compram roupas prontas e os que existem são muito caros.

– Eu pelo menos sei o que fazer, então vamos ficar bem. Se o Sr. Doolittle vai levar Mama e Henri, é melhor pegarmos a carruagem. Sua charrete é um pouco apertada para mim.

Ela concordou.

– Não fique tão emburrada, *chérie*. Vai ser divertido.

A última coisa que Val queria era que as pessoas dissessem que o estimado e rico Drake LeVeq se casaria com uma mulher tão ignorante que nem sabia comprar uma blusa.

Quando terminou a refeição, ela trocou de roupa e se juntou a ele para irem até o bairro Francês.



No caminho, Drake olhou na direção de Valinda. Ele sabia que ela era uma mulher orgulhosa e que não gostaria que alguém pagasse por um grampo de cabelo sequer para ela. A ideia de que ele gastasse dinheiro com ela – e ele planejava gastar uma bela soma – era sem dúvida estressante. Drake nunca tinha conhecido uma mulher que não gostasse de fazer compras, mas também – exceto por sua cunhada, Sable – não conhecera nenhuma que fosse tão determinada a fazer as coisas do seu jeito.

Ele correu os olhos pelo rosto impaciente de Val e desejou acalmar a tensão no maxilar e nos lábios dela. Também sabia que era hora de pedir desculpas, porque ele sentia falta das provocações e do sorriso ensolarado dela.

– Eu quero me desculpar por não ter aceitado suas desculpas, *chérie*. Ela se virou.

– Você me fez uma oferta de paz mais de uma vez e eu as rejeitei. Se não puder me perdoar neste momento, consideraria essa possibilidade no futuro próximo? Se você desistir de mim, eu vou precisar conviver com isso. Mas eu sinto bastante a sua falta – comentou ele com sinceridade.

Valinda ficou em silêncio pelo que pareceu tanto tempo que ele achou que ela não fosse responder.

– Não deve ter sido fácil para você dizer isso – falou ela suavemente. Drake lhe ofereceu um meio sorriso.

– Admitir estar errado é sempre difícil para um pirata, mas por você? Eu faria isso centenas de vezes.

– É muito doce da sua parte, Drake.

Era a verdade. Drake queria pedir que ela ficasse com ele até o fim

dos tempos, mas a decisão era só dela. Forçá-la a responder antes que ela estivesse pronta só reabriria o buraco no qual eles haviam caído e ele não queria que isso acontecesse de novo.

– Posso dizer que gostaria de retomar de onde paramos e que também sinto sua falta? – retrucou ela então.

Os tijolos que ele tinha colocado em volta de seu coração se partiram em milhares de pedaços e ele se sentiu vivo mais uma vez.

– E uma última coisa? – pediu Val.

Drake desviou os olhos da estrada.

– Sim?

– Eu gostaria de permanecer casada com você depois que mandarmos meu pai de volta para Nova York, se você ainda quiser.

Ele a encarou com olhos arregalados e questionadores.

– Eu gostaria – repetiu ela.

Drake parou a carruagem e fitou Valinda em silêncio. Ele não sabia se pulava de alegria ou se chorava como uma criança.

– Eu fico honrado, *chérie*.

Ele gentilmente a ergueu do assento e a colocou em seu colo.

– Muito honrado – sussurrou, segurando-a com força.

Ele ergueu o queixo dela e se inclinou para um beijo doce e terno, que transbordava com tudo o que eles sentiam. Quando por fim e com relutância eles se afastaram, Drake parou e, cheio de encanto, olhou para o rosto pequeno e perfeito de Valinda como o precioso tesouro de pirata que ele sentia que ela era.

– Tudo bem se eu disser que te amo?

Ela segurou o queixo dele e o beijou suavemente.

– Só se eu puder dizer o mesmo.

O rugido de felicidade dele assustou os pássaros nas árvores, que saíram voando, apavorados.

Ela riu.

– O que vou fazer com você?

Ele deslizou um dedo pelo seu lábio inferior carnudo.

– Muitas coisas escandalosas, eu garanto.

– Vamos, seu pirata. Temos roupas a comprar.

– Roupas que você não vai usar por muito tempo nem com muita frequência quando eu estiver por perto, posso garantir.

– Que bom! – disse ela, encarando os olhos dele.

Valinda saiu do colo de Drake e eles continuaram em seu caminho.

Eb não tivera tempo de procurar uma nova escola, então ficou animado ao ouvir sobre a de Val. Sua filha ainda procurava um emprego e, para a alegria de Val, ele prometeu levá-la na segunda-feira para que pudessem conversar sobre ela se tornar professora assistente.

A parada seguinte foi a primeira loja na lista de Julianna. A pequena sineta acima da porta anunciou a chegada deles com um toque alegre. O ar lá dentro era aromatizado com um delicioso perfume. Manequins usando a última moda estavam posicionados em vários pontos, exibindo as ofertas. Nos balcões e em vitrines havia meias de todo tipo de material, de seda e fio de linho a algodão preto comum. Valinda viu pilhas bem-dobradas de combinações caras com delicados bordados na gola e nas bainhas, ao lado de camisolas finas como orvalho. Uma das vitrines estava cheia de espartilhos lindos e sensuais em uma variedade de estilos e cores. Ela olhou só de passagem para eles, porque nunca usara aquelas peças desconfortáveis e restritivas e não tinha nenhuma intenção de usar. Havia algumas poucas mulheres examinando as mercadorias. Trajavam vestidos bem-cortados, pequenos chapéus e *tignons* de aparência cara. Olharam discretamente para Val – com sua saia e blusa de trabalho e sapatos pretos muito gastos –, algumas com desaprovação, mas seus sorrisos mostraram uma aprovação sem limites do bem-vestido Drake, com sua camisa branca e calça engomada.

Uma mulher linda, de pele escura, coroada por um *tignon* vermelho elegantemente amarrado que combinava com seu vestido vermelho solto se aproximou deles com um sorriso.

– Drake LeVeq. Como vai? E quem é esta adorável dama?

– Olá, Oya. Esta é minha noiva, Valinda Lacy. Val, Oya Marie. Ela é a proprietária da loja.

Val viu mais de uma das compradoras intrometidas congelar e encará-los. *Que a fofoca comece*, Val anunciou com sarcasmo dentro de si.

Oya mostrou uma ponta de surpresa também, mas o sorriso seguiu caloroso.

– Prazer em conhecê-la, Srta. Lacy.

– O prazer é todo meu.

Uma das mulheres, cuja pele clara poderia ter passado por branca, foi até eles e interrompeu a conversa:

– Drake, achei que fosse você. Como vai sua adorável mãe?

Ele a encarou com frieza.

– Está bem – falou ele, num tom gélido. – Como vai, Sra. Renay?

Val notou que todas as outras mulheres observavam e escutavam. Oya arqueou de leve uma sobrancelha para Val.

A Sra. Renay, com seu cabelo escondido embaixo de um *tignon* de seda azul, era alta como uma amazona e de ossos largos. Seu vestido de seda também azul deixava evidente que a dama tinha dinheiro. Ela se virou para Val.

– Eu sou Blanche Renay e você é...?

– Valinda Lacy.

– Prazer em conhecê-la, Valinda – disse em uma voz sem prazer e cheia de desaprovação e arrogância. – Então, vai se casar com nosso Drake?

– Vou me casar com *meu* Drake, sim.

Blanche recuou. Um breve sorriso cruzou os lábios de Oya.

Blanche olhou Val de cima a baixo.

– Preciso dizer: os filhos de Julianna parecem determinados a decepcionar as jovens bem-criadas de Nova Orleans. Primeiro Raimond nos agracia com o casamento com uma escrava e agora...

– A senhora é sempre tão grosseira? – perguntou Valinda.

Oya tossiu. Alguém na loja riu alto.

Os olhos azuis de Blanche Renay se arregalaram.

O olhar de Val encontrou o de Drake, então ela se virou para Oya.



– Srta. Marie, poderia me mostrar algumas blusas, por favor? – pediu educadamente.

Blanche Renay ficou ali, vermelha como um tomate.

– Seria um prazer, Srta. Lacy – respondeu Oya. – Por aqui, por favor.

Blanche saiu pisando duro.

No fim, a primeira experiência de Val com as compras foi boa. Oya tinha apenas algumas opções já prontas no tamanho dela, mas convidou Val para a sala dos fundos, onde ela rapidamente tirou algumas medidas e prometeu mandar fazer blusas e saias extras para dali a uma semana ou dez dias. Em seguida viera a escolha dos tecidos e Val impressionara a dona da loja com seu conhecimento e sensatez.

As compras foram somadas. Val tentou não mostrar seu embaraço quando Drake acrescentou à lista uma grande seleção de meias, combinações e camisolas que ele escolhera.

– Boas escolhas – disse Oya a Drake.

Ele sorriu para Val.

Uma mulher idosa andou até eles apoiando-se em uma bengala.

– Srta. Lacy, sou Millicent Candy.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Candy.

– Olá, tia Millie – falou Drake e se abaixou para dar um beijo na bochecha pálida e enrugada dela.

– Srta. Lacy, conheço seu noivo desde que ele construiu sua primeira casa da árvore. Na verdade, ele é meu afilhado.

Val olhou para ambos com surpresa.

– Você deve ter ouvido minha risada quando deu aquela maravilhosa patada em Blanche agora há pouco.

Valinda se lembrava da gargalhada.

– Eu ouvi, sim.

– Vim lhe agradecer por fazer meu dia valer a pena. Ninguém nunca ousou desafiá-la. O jeito como você a transformou em pedra... você deve ser parte Medusa.

Val riu.

– Eu acho que não, senhora.

– De onde você é?

– Nova York.

– Bem-vinda a Nova Orleans. Drake, leve-a lá em casa quando puder, para que eu a conheça melhor.

– Sim, senhora.

Ela sorriu para Val.

– Prazer em conhecê-la, mocinha.

– O prazer foi meu.

– Tchau, Oya – disse a Sra. Candy, acenando com a bengala.

– Tchau, Sra. Candy.

Enquanto Drake e Val se preparavam para sair, Val agradeceu a Oya.

– Você fez meu dia valer a pena também – retrucou a dona da loja.

– Suas roupas serão entregues assim que ficarem prontas.

Agradecendo de novo, eles partiram.

Depois de pararem em outra loja, onde Valinda comprou mais roupas, além de sais de banho e óleos para o cabelo, eles colocaram a fatura de itens no assento traseiro da carruagem e foram para casa.

Naquela noite, depois do jantar, eles se recolheram ao gazebo para celebrarem seu amor com beijos e carícias que deixaram Val pulsando e sem fôlego, e Drake certo de que nunca mais conseguiria andar se a noite de núpcias não chegasse logo. Ele a queria por inteiro, nua e contorcendo-se em sua cama enquanto ele a adorava, devorava e fazia gozar gritando seu nome. Até então, ele se contentara em tê-la em seu colo com as pernas abertas, seus botões desfeitos e seus sussurros suaves erguendo-se na noite enquanto ele lambia e sugava, provocava e tocava e ficava cada vez mais duro observando-a cavalgar vorazmente sua mão sob o luar pálido.

– Eu lhe devo desculpas – sussurrou ele depois que Valinda se recuperou do primeiro orgasmo da noite.

Ele moveu um dedo por cima de um mamilo exposto, ainda duro e úmido de seu amor.

– Sente-se na mesa para mim.

Drake percebeu a confusão de Val. Em vez de explicar, ele a ergueu com facilidade e a colocou no tampo da mesa, de frente para ele. Então a beijou e deslizou suas mãos por baixo da saia dela para saborear o cetim de suas pernas e o ponto quente tão molhado e morno escondido entre elas. Ele ergueu a saia até a cintura dela.

– Deite-se, *chérie* – pediu com carinho.

Val não tinha ideia de para onde aquilo levaria, mas os dedos talentosos dele estavam reacendendo seus sentidos e ela queria descobrir, então se deitou sobre a superfície da mesa, seus quadris erguendo-se, as pernas separadas em resposta ao convite circular dele.

Ele estendeu o braço e afastou mais ainda a parte aberta da blusa dela, movendo um dedo úmido por um mamilo até que Val soltasse um grunhido estrangulado.

– Está gostando disso?

Ele tomou o mamilo na boca e o mordiscou.

– Sim – sussurrou ela, tremendo.

– Vai gostar ainda mais disso.

Ele deu um beijo de adoração na parte interna de cada coxa aberta e, conforme os beijos ardentes foram subindo, Valinda se arrepiou com o calor que a atingiu como um raio.

– Eu deveria ficar de joelhos para isso, mas você está na altura perfeita...

Quando ele lambeu o botão na entrada da intimidade dela, um grito estrangulado escapou e ela cobriu a boca com a mão. Sentou-se imediatamente.

– O que você está fazendo?

Ele riu.

– Foi você que perguntou sobre um homem ficar de joelhos para pedir desculpas, não foi?

– Sim, mas...

Ela o encarava com os olhos arregalados sob o luar.

– Você quer minhas desculpas ou não? Deite-se para que eu pague

minha penitência.

Ainda o estudando intrigada, ela pensou em todo o prazer que seu sensual pirata já lhe dera e que ele sabia mais sobre seu corpo do que ela, então obedeceu.

Durante os abençoados momentos seguintes, ele pagou sua penitência tão maliciosa e languidamente bem que logo Valinda atingiu um orgasmo poderoso e gritou o nome dele alto e por muito tempo, com a mão sobre a boca.

## CAPÍTULO 16

Na manhã de segunda-feira, Val cumprimentou Melinda, Eb e cinco adultos que não podiam ir às aulas nas noites de terça e quinta, além de dez das 25 crianças que tinham se matriculado inicialmente e mais dez pais. Melinda pediu para ficar com as crianças, o que deixou Val com a turma de adultos.

Valinda estava em sala, contando aos alunos sobre si mesma, quando um jovem chegou carregando uma mulher idosa. Val calculou que ele tivesse 20 e poucos anos. Ele gentilmente pousou a senhora magra de cabelos grisalhos em um banco.

– Desculpe pelo atraso – disse ele. – Meu nome é Micah Green e esta é minha avó, a Sra. Delia.

– Não precisa se desculpar – falou Val com gentileza. – Estou feliz por estarem aqui.

A mulher idosa a encarou com olhos molhados e desfocados e Val notou que ela era cega.

– Qual é o seu nome, jovem? – perguntou a Sra. Delia em uma voz forte.

A voz era um contraste tão grande com seu corpo frágil que Val ficou confusa por um momento.

– Valinda Lacy.

– Você não se importa que eu venha, não é?

– Não, mas não sou treinada para ensinar alguém na sua condição.

– Tudo bem. Não estou aqui para aprender. Só estou aqui porque

posso estar. Passei minha vida toda querendo ler. Se os fazendeiros não queriam que aprendêssemos, imaginei que era porque isso nos daria poder. Quando meu neto me contou que havia uma escola e que a professora era uma bela mocinha preta, eu pedi que ele me trouxesse. Então, não se incomode comigo, Srta. Lacy. Dê sua aula. Eu vou me sentar aqui e ouvir e me alegrar com os outros podendo aprender.

Valinda secou as lágrimas que surgiram em seus olhos e começou seu primeiro dia de aula.

Foi uma semana longa, cheia de crianças risonhas guiadas por Melinda e, às vezes, adultos frustrados na classe de Val, que tinham dificuldade na introdução a letras e fonemas. A Sra. Delia foi todos os dias. Segundo o neto, Micah, ela já tinha bem mais de 80 anos, nascera escravizada em uma fazenda a oeste da cidade e jurara viver o suficiente para ser livre. Val a considerava a pessoa mais inspiradora que já conhecera. Drake também ficou impressionado com ela. Quando Val soube que Micah carregava a avó nas costas por 2 quilômetros e meio todo dia, Drake comprou uma carroça e um cavalo para o jovem, para que eles pudessem se locomover com mais facilidade.

Na noite de sexta-feira, Val estava exausta, mas feliz por seu sonho de ensinar finalmente ter criado raízes. Tinha uma sala cheia de alunos, uma professora assistente e, na tarde seguinte, se casaria com o homem que amava.



Vestido em um terno formal, Drake esperava sua noiva ao pé da escadaria. Ele nunca visualizara o dia do seu casamento e, certamente, nunca imaginara ser o noivo em uma situação que havia começado como uma farsa. Apenas a família testemunharia a cerimônia. Mais tarde, Julianna abriria as portas para os convidados. Drake, que nunca

tinha gostado muito de grandes ocasiões sociais, rezava para que a lista não abrangesse todas as pessoas do estado.

Então, lá estava ela, linda como o nascer do sol. Sable vinha atrás, mas Drake mal registrou sua presença. O longo vestido dourado de Valinda, com seu decote acentuado por uma linha fina de seda mais clara, expunha com bom gosto os traços sensuais de seu colo e pescoço. O cabelo dela estava preso, o rosto com apenas um toque de maquiagem. Ele achou difícil respirar.

– Respire, irmão – lembrou-o Rai, ao seu lado. – Se eu estou fascinado por ela, você deve estar prestes a desmaiar.

Rai estava certo. Valinda parecia deslizar escada abaixo e, quando seus olhos encontraram os de Drake, ele ficou feliz por já não fingirem que estavam apaixonados. Seu amor era verdadeiro e tudo o que ele queria era tomá-la nos braços e se esconder em algum lugar privado. E que os convidados fossem para o inferno.

Valinda parou diante dele e era só ela que Drake enxergava.

– Você está linda, *chérie*.

– Obrigada – respondeu ela com o que soou como um toque de nervosismo.

– Tenho algo para você.

Incapaz de tirar os olhos dela, Drake enfiou a mão no bolso do paletó e puxou uma pequena caixa preta.

Val olhou para ele com curiosidade.

– Vire-se, por favor.

Ela obedeceu e ele pendurou um colar de ouro trabalhado no pescoço dela. Ela tocou a joia e andou até o grande espelho acima da lareira. Seus olhos exibiam sua surpresa.

– Onde você comprou isto?

O colar, com suas folhas estilizadas alternadas e linhas delicadas que sustentavam pequenas rosas lindamente entalhadas, estava na família fazia algum tempo.

– Mama tem algumas joias da família e cada filho pode escolher uma peça para sua noiva no dia do casamento. Eu escolhi este.

– É lindo.

– Empalidece em comparação à mulher que o está usando.

Drake se aproximou e ficou atrás dela. Seus olhos se encontraram no espelho. Ele deu um beijo suave na adorável curva do ombro nu dela e sentiu o leve tremor que causou.

– Estão esperando por nós no gazebo. Que tal nos casarmos?

Ela assentiu.

Ele ofereceu galantemente seu braço e a acompanhou para fora.

Enquanto o sobrinho de Henri lia as palavras da cerimônia, Valinda ficou ao lado de Drake. Ela não conseguia parar de tremer. Ainda estava zozza por causa do colar trabalhado, do vestido caro e dos brincos de ouro e diamante que Julianna lhe dera mais cedo. Era como se ela tivesse acordado naquela manhã dentro da vida de outra mulher. Com certeza não podia ser a sua.

Porém, era e, quando ela e Drake se tornaram marido e mulher, o beijo que ele deu em seus lábios a deixou ainda mais zozza. Ele se afastou, mas não antes de sussurrar:

– Depois tem mais.

O corpo dela parecia em chamas.

E permaneceu aceso pelo resto da tarde e enquanto os convidados chegavam, à noite. Cada vez que os olhos deles se encontravam, Val sentia como se Drake a tocasse. Seus mamilos se enrijeciam, suas coxas ficavam quentes. Não importava se ele estivesse no canto oposto da sala ou ao lado dela enquanto Julianna os apresentava a pessoas cujos nomes ela nunca lembraria: pensamentos de prazer dançavam sensualmente em sua mente a todo momento.

Valinda desejou que as festividades terminassem, porque ela queria Drake LeVeq – quanto mais cedo, melhor.

Ao tão esperado final da noite, os convidados ofereceram os parabéns aos noivos e partiram. Logo, só a família restou.

– Está pronta para subir? – perguntou Drake, em pé ao lado dela.

Ela não mentiu.

– Estou.



Ele deslizou o nó de um dedo pelo rosto dela.

– Algo em particular que você queira fazer quando chegarmos ao quarto?

– Brincadeiras na cama? – provocou ela.

Ele deu a ela seu sorriso de pirata.

Depois da festa, Julianna e Henri partiriam para uma viagem de dez dias a Cuba para visitar parentes, assim Drake e Val poderiam ter a casa só para eles. Como a escola de Val tinha acabado de abrir, não haveria lua de mel para os recém-casados, mas eles planejavam aproveitar o período juntos como marido e mulher.

Eles trocaram abraços e despedidas com a família e subiram as escadas para os aposentos de Drake. Ele desejou ter uma casa para onde levar sua esposa, mas saber que um dia teria o deixou contente.

No andar de cima, o silêncio dentro do quarto dele foi um bálsamo para o barulho e a comoção com que tinham lidado o dia inteiro. Reba lhes deixara uma pequena seleção de comida, salgada e doce, mostrando-se mais uma vez a bênção que todos na Casa LeVeq a consideravam.

Val caiu exausta em uma das poltronas. Drake tirou seu paletó e gravata e arregaçou as mangas. Foi até as portas do terraço, as escancarou e deixou que o ar fresco da noite entrasse. Feito isso, ele se acomodou no braço da poltrona de Val e a beijou com delicadeza.

– Obrigado por aceitar ser minha esposa.

– Obrigada a você por aceitar ser meu marido.

Esse beijo levou a outro e mais outro. A cada um que se seguia, a paixão ardia mais. Logo o vestido dela tinha sido retirado e deixado de lado com delicadeza, e Val estava parada no meio do quarto coberta apenas com uma de suas novas combinações, meias, ligas enfeitadas com joias e elegantes sapatos de salto alto.

– Onde está sua roupa de baixo? – perguntou Drake, confuso.

– No armário – respondeu ela, abrindo um sorriso sensual.

– Você andou por aí o dia inteiro sem nada embaixo do vestido?

– Esposas de pirata podem fazer isso.

– Vá para a cama, Sra. Pirata. Vou lhe ensinar uma lição sobre esconder coisas do seu marido...

Ela deu uma caminhada com a mesma sensualidade de seu sorriso até a cama, o que o fez ficar duro enquanto tirava a camisa para se juntar a ela.

E ele se dedicou com afinco à lição. Atordoado pela beleza dela à luz da lamparina solitária na mesa de cabeceira, Drake observou os seios pequenos, com seus mamilos escuros rígidos como pedras preciosas, a curva enfeitiçante dos ombros dela, a planície tentadora do seu torso e o comprimento de suas adoráveis pernas que ele mal podia esperar para ter entrelaçadas em volta de si pela primeira vez.

Porém Drake precisava se certificar de que Valinda estivesse pronta. Ele era um homem grande, e Val era uma pequena gota de chocolate em forma de mulher. Ele precisava dar essa última aula com cuidado, porque não queria que a introdução carnal dela fosse cheia de dor.

Então ele recomeçou, enaltecendo-a com ternura. Adorou a forma como os mamilos dela reagiram ao flerte malicioso de sua boca e língua, a maneira como Val gemeu quando ele voltou sua atenção para a pele perfumada logo abaixo e como ela se arqueou, sedutora, quando os dedos dele se ocuparam do botão sensível entre suas coxas. Incapaz de resistir, Drake correu a língua nele preguiçosamente, então sugeriu devagar. Os gritos de prazer dela o preencheram como um caro perfume afrodisíaco francês e Drake teve certeza de que iria explodir caso não a possuísse logo.

Ele deixou a esposa, que arfava e se contorcia, para se livrar da calça, das roupas de baixo e das meias.

Val não tinha ideia de que um homem nu pudesse ser tão lindo, os ombros e braços definidos, o peito musculoso salpicado de pelos. Ela observou os mamilos planos como botões, a cintura esguia dele. Seus olhos baixaram e então se desviaram de repente, para a vista mais calma oferecida pelas portas do terraço. Ela voltou os olhos, mas os deixou no alto, no sorriso safado que curvava os lábios dele.

– Homens e mulheres só são feitos diferentes, *chérie*.

Ele subiu na cama e se colocou acima dela, olhando para baixo, dentro de seus olhos incertos.

– Vamos devagar, eu prometo.

Ela deu um aceno rápido e tenso de cabeça, enquanto se perguntava como ele iria caber dentro dela, mas se distraiu assim que ele começou a fazer amor. Val teve a primeira oportunidade de descobrir quão maravilhosamente quente eram seus braços e peito, poderosos e nus, ao toque curioso dela.

Drake penetrou nela com cuidado, bem devagar, parando no meio do caminho para deixar que o corpo de Val se esticasse e se ajustasse. Ele seduziu e provocou, manteve os mamilos dela rígidos com beijos enquanto avançava.

– Você consegue me receber inteiro – garantiu ele com gentileza. – Não há pressa.

O desconforto foi agudo quando Drake rompeu a barreira de Valinda, mas ele ficou parado, para permitir que ela se acostumasse ao seu tamanho e volume. Só então o lânguido roçar começou. A dor logo se desfez e o prazer ofuscante voltou, mas não vindo dos lábios e mãos dele, mas da alegria radiante entre suas coxas. Incendiada pelo ritmo dele, Valinda ergueu o quadril para recebê-lo. Segurando seu peso considerável acima dela, ele a convidou a se juntar ao ritmo da paixão. Quando a velocidade dos movimentos aumentou, ela enrolou as pernas em volta do corpo dele e ouviu seu grunhido de prazer.

Drake não sabia quanto mais conseguiria esperar. Ela era tão quente, tão apertada. Ele se esforçou para se lembrar da estatura pequena dela, de que era sua primeira vez, mas ela respondia a ele, estocada após estocada, e seu orgasmo se aproximava. Algumas pinceladas depois ela gozou, gritando o nome dele. Drake se derramou logo em seguida, dando a ela seu coração e sua alma até ficar exaurido. Então ele a virou com cuidado, para não esmagá-la, e a abraçou sobre si até conseguir respirar e enxergar normalmente de novo.

Passou a mão, cheio de ternura, pelo suor que molhava as costas dela.

– Como foi? – perguntou ele.

Valinda se ergueu e sorriu.

– Podemos fazer de novo?

Drake riu e apertou o quadril dela com amor.

– Você é mesmo a esposa de um pirata.

Então eles fizeram amor mais algumas vezes e o corpo dela ficou melhor em recebê-lo e abrigá-lo. Quando acabaram, ele a carregou para o banheiro para que pudessem se refrescar e relaxar. Os lençóis suados foram tirados da cama e trocados por novos. Finalmente saciados, eles dormiram pela primeira vez como marido e mulher.



Depois de todo o amor que experimentara durante a noite, Val estava um pouco dolorida, mas não o suficiente para deixar de se sentar ao gazebo para um agradável e longo café da manhã de domingo com Drake. Enquanto o prato dele tinha comida suficiente para alimentar todos os alunos de Valinda, o dela tinha uma pequena pilha das panquecas que Reba preparara. Eles estavam no meio da refeição quando ela reapareceu. Atrás dela estava o pai de Val.

Pega de surpresa, Val deixou o garfo cair. O que não foi nenhuma surpresa, porém, foi a raiva no rosto dele.

– Olá, pai.

Ele notou Drake.

– Quem é esse?

– Meu marido, Drake LeVeq. Drake, meu pai, Harrison Lacy.

– Pegue suas coisas, você vem comigo.

Val viu o gelo que desceu sobre Drake.

– Agora, Valinda! – explodiu o pai dela.

– O senhor já comeu? – perguntou ela, na esperança de amenizar a situação.

– Não banque a engraçadinha comigo. Pegue suas coisas ou vai embora sem elas.

Determinada a se manter respeitosa, ela controlou seu temperamento.

– Como expliquei na minha carta, sou professora aqui. Não vou deixar meus alunos nem meu marido.

– Você vai fazer o que eu mandar.

Ele era um homem grande, acostumado a usar seu tamanho para conseguir o que queria, mas ainda era uns bons 10 centímetros menor do que Drake, que permanecia sentado, e seu porte não era nem de longe tão vigoroso.

– Sinto muito, pai, mas não vou. Eu tenho uma vida aqui agora.

– Eu não me importo. Quando chegarmos em casa, vou descobrir como desfazer isso que você chama de casamento. Eu não aprovei, então não é válido.

– Sua aprovação não é necessária. Tudo foi inquestionavelmente dentro da lei. Estou feliz aqui. Isso não significa nada?

– Você estará mais feliz em casa. Agora, venha.

– Sinto muito. Não vou voltar com o senhor.

– Você não vai me desafiar, Valinda.

– Pai, sinto muito.

– Sua menina ingrata! Você acha que eu gostei de saber que se comprometeu com aquele maricas nojento do Cole?

Valinda ficou boquiaberta com o insulto e o pai lhe deu um sorriso seco.

– Achou que eu não sabia o que ele faz? Todo mundo na cidade sabe. Eu já fui envergonhado o suficiente por você!

– Vá para casa, pai – rosnou Valinda.

– Você vai fazer o que eu mandar! – gritou ele.

O pai ergueu o braço para bater nela, mas o gesto foi impedido por Drake, que, furioso, o agarrou no meio do caminho, o jogou com força contra a cerca de ferro forjado do gazebo e o prendeu ali com um braço musculoso contra seu pescoço.

– O senhor enlouqueceu? – sibilou Drake.

O pai dela gritou de surpresa e dor, lutando inutilmente contra o

braço de ferro que bloqueava sua respiração.

Valinda ergueu os olhos e viu sua mãe, sua irmã e um homem cujo rosto fez os pelos de sua nuca se arrepiarem. Era o reverendo Comer, o homem no seu sonho, o homem que estava sentado na carroça ao lado do pai dela. Ele a olhou com maldade. Ela deu-lhe as costas.

– Mãe? Caroline?

Caroline estava vestida de preto.

Ainda prendendo o pai dela, Drake se virou e examinou os rostos estarecidos.

Valinda não tinha ideia do que significava aquela comitiva.

– Drake, querido, solte-o – pedi, decidida a deixar o pai viver pelo menos o suficiente para lhe dar uma explicação.

– Tem certeza?

Ela assentiu. Ele obedeceu a contragosto.

Ignorando a tosse e os engasgos do pai, que lutava para recuperar o fôlego, Valinda voltou sua atenção para os outros.

– Vamos para a sala. Por aqui, por favor.

Lá dentro, ela trocou um abraço forte com a mãe e outro, choroso, com sua amada irmã. Val imaginou se a roupa preta significava que o marido dela havia falecido, mas guardou as perguntas para depois e se sentou. Seu raivoso Drake ficou em pé, possessivo, ao lado da sua cadeira.

– Mãe, Caroline, este é meu marido, Drake LeVeq.

Elas o cumprimentaram com um aceno de cabeça.

Ele respondeu meneando a dele.

O pai dela se juntou ao grupo dando mais algumas tossidas raivosas.

Valinda olhou para o reverendo. Oscar Comer era baixo, gordinho e um pouco mais velho que o pai dela. O homem olhou com desdém para Drake.

– Eu vim redimir sua alma por ter se alinhado com um fornicador perverso e me foi feito crer que você seria minha esposa – falou ele.

Havia uma fúria gelada no olhar que ele lançou primeiro a Drake e

então para o pai dela.

– E ela será – insistiu o pai.

Caroline balançou de leve a cabeça, incrédula.

– Pai, o senhor não está vendo o homem ao lado de Valinda?

A mãe a encarou parecendo tão surpresa quanto Val pela demonstração de coragem de Caroline. Diferente da rebelde Val, Caro sempre tinha sido mansa e recatada.

– Sinto muito se foi enganado, reverendo – argumentou Val.

– Eu também, mas ainda posso salvá-la de queimar no fogo do inferno.

– O que aconteceu com a sua esposa?

Quando ela deixara Nova York, ele era casado com uma mulher quieta chamada Bethany.

– Ela morreu há um mês.

– Meus pêsames. Mas, como pode ver, não estou mais disponível para substituí-la.

– Renuncie a ele, case-se comigo e será salva.

– Não, obrigada.

– Não sei bem o que está acontecendo aqui, mas, reverendo, é melhor o senhor se retirar. Agora.

O reverendo ficou irritado, mas não tinha condições de enfrentar Drake e sabia disso. Ele se voltou contra o pai dela:

– O coche que nos trouxe aqui ainda está lá fora, porque seu pai me garantiu que não teria problemas em buscá-la e fez o cocheiro esperar. Como isso também foi uma mentira, eu vou mesmo deixá-los. Sr. e Sra. LeVeq, que o Senhor tenha piedade das suas almas. Harrison, espero receber meu dinheiro quando você voltar para casa. Bom dia.

O pai dela se levantou de um salto.

– Espere! Oscar, podemos resolver isso.

– Você tem o dinheiro que me deve?

– Não. Não no momento, mas eu...

Pela primeira vez, Drake entrou na conversa.

– Quanto ele deve, reverendo?

– Seiscentos dólares.

A quantia astronômica parou o coração de Val. Que dívida era essa? Há quanto tempo existia? Ela se virou na direção de Caroline e a encontrou com o olhar distante e o rosto triste. A mãe, por outro lado, estava inexpressiva. Val tinha tantas perguntas...

– Eu conheço a saída – disse Comer e deixou a sala.

– Oscar, espere!

O pai de Valinda correu atrás dele.

– O que significa isso? – perguntou Val à mãe.

– Seu pai acha que é dono das pessoas – disse Caroline com amargor, antes que a mãe pudesse responder. – Ele planejava vender você para pagar uma dívida, como fez comigo. Ele é viciado em jogo.

Val ficou boquiaberta.

– Como pôde deixá-lo fazer isso comigo? – questionou Caroline, virando-se para a mãe.

– Eu não tive escolha – respondeu a mãe com cuidado. – Você sabe como ele é. Sinto muito.

– Não é suficiente! Meu marido era um homem horrível. Deus me perdoe, mas estou feliz por ele ter morrido.

Val ergueu os olhos para Drake. Ele colocou a mão no ombro dela e lhe deu um aperto solidário.

– Eu disse ao pai que queria ajudá-lo a convencer você a voltar para casa – contou Caroline. – Mas na verdade eu vim me despedir, Val.

– Como assim?

– Tirei até o último centavo que meu marido tinha no banco e vou usar o dinheiro para recomeçar a vida em outro lugar. Qualquer lugar.

– Você não pode – retrucou a mãe, engasgando.

– E nunca mais quero ver a senhora ou o pai de novo.

Com lágrimas nos olhos, a mãe dela desviou o olhar da ira silenciosa de Caro. Seu sofrimento era óbvio.

– Você é bem-vinda aqui se precisar de tempo para pensar no que fazer.

A oferta generosa de Drake à irmã dela aqueceu o coração de Val.



Ela ergueu o braço e cobriu a mão que descansava em seu ombro.

Caroline olhou de um para outro.

– Isso seria ótimo.

– Então está decidido – decretou Val.

O pai dela voltou para a sala.

– Vamos para a estação de trem – anunciou. – Venham. O cocheiro só vai esperar mais alguns minutos.

Aparentemente, a conversa dele com o reverendo não tinha acabado de modo satisfatório.

Caro se virou para ele.

– Eu vou ficar. Vou buscar minha bagagem.

– Não, não vai.

Drake foi para o lado de Caroline.

– Eu vou lá pegá-la. Venha e mostre qual é.

O pai dela pareceu prestes a dizer algo mais, contudo um olhar gélido de Drake o fez engolir suas palavras. Drake acompanhou Caroline para fora da sala.

– Mãe, a senhora quer ficar também? Seria bem-vinda.

Os olhos do pai se arregalaram e Val se perguntou se ele algum dia havia pensado em como sua vida seria sem ela, mas a mãe balançou a cabeça.

– Sua avó precisa de mim.

Val compreendia.

– Diga a ela que mando meu amor e que Drake e eu vamos visitá-la antes do inverno.

A mãe dela sorriu.

– Ela vai gostar disso.

– Considere-se morta para mim, Valinda – disse o pai dela.

Isso a entristeceu, mas era esperado. Ele fora a Nova Orleans com expectativas inflamadas que agora eram apenas cinzas. Não estava acostumado a perder e essa era a resposta mais pesada que ele poderia dar.

– Lamento que pense assim. Façam uma boa viagem para casa.

Ele a encarou de forma estranha.

– O senhor esperava que eu chorasse e implorasse? – indagou ela. – Eu tenho um marido que me ama de todo o coração e eu o amo ainda mais. Se o senhor não quer ser parte de nossas vidas, paciência. Nós não vamos nos amar menos.

Val, então, notou Drake parado à porta. Era a primeira vez que ela confessava seus sentimentos por ele em público e ficou feliz por ele estar lá para escutar. Ele sorriu. Ela sorriu em resposta.

Seus pais foram embora.

## CAPÍTULO 17

Quando a primavera virou verão, Val derreteu no calor. Sua irmã, Caro, tinha se instalado em uma cidadezinha da Califórnia e aberto um pequeno ateliê de costura. Pelas suas cartas, parecia feliz, e Val estava feliz por ela. Drake prometera que iriam visitá-la no ano seguinte.

A escola ia bem. Eles tinham perdido algumas crianças, porque os pais precisavam delas nos campos, mas Val garantira que elas levassem as cartilhas da terceira remessa comprada por Julianna. Agora cada aluno, criança ou adulto, tinha o próprio exemplar. Os pais das crianças que precisavam trabalhar nos campos prometeram que elas voltariam a estudar no outono.

Tendo sido fã de beisebol desde sempre graças ao seu falecido avô, que amava o esporte, Valinda pediu a Drake e Hugh que formassem dois times de nove jogadores. Usaram o campo aberto ao lado da escola para o jogo. Valinda vendeu ingressos por 1 centavo para os libertos e 10 centavos para o restante do público. Muitas pessoas apareceram e o jogo ia bem até que alguns políticos aspirantes que assistiam começaram a provocar os republicanos, iniciando uma briga. Algumas pessoas exigiram reembolso, mas Val se recusou a dar. O dinheiro foi usado para comprar material escolar para alguns dos libertos.

Ela não teve notícias do pai após a sua partida, e ela e Drake tiveram uma conversa a respeito de Cole e Lenny. Drake então compreendeu

por que ela e Cole queriam se casar. Ele a elogiou por sua lealdade ao amigo e revelou que um primo seu de Cuba tinha amantes homens, mas a família não se importava. O primo era um dos melhores construtores de barcos da ilha e a única pessoa em quem Rai confiava para construir seus navios.

Os supremacistas continuaram com a violência contra os libertos. Houve boatos sobre o Congresso estar preparando acordos que tirariam o Exército da Louisiana de vez. Todo mundo estava convencido de que as pessoas pretas realmente sofreriam se isso acontecesse, então rezavam para que os políticos não as desamparassem.

A aluna favorita de Val, a Sra. Delia, morreu no dia seguinte ao Quatro de Julho. Como ela pedira, o velório aconteceu no terreno da escola. O neto dela, Micah, não tinha mais nenhum parente, então Drake o contratou e, até que ele se ajeitasse, Julianna permitiu que ele morasse no pequeno apartamento acima da sua cocheira.

Drake começou a trabalhar na casa deles. Ele esperava aprontá-la para que se mudassem antes do ano-novo.

No final de setembro, Valinda estava exultante ao sair da casa da parteira. Ela mal podia esperar para dar a notícia a Drake. Pensando em como ele reagiria, as reflexões dela foram substituídas pelo espanto quando ela foi subitamente agarrada pelo braço e se viu cara a cara com seu inimigo, Walter Creighton.

Ele abriu um sorriso maldoso.

– Vamos.

Então a empurrou e saiu puxando-a pela calçada.

– Me solte! – gritou ela. – Alguém me ajude!

Ele a sacudiu com força.

– Cale a boca!

Ela deu um soco no ombro dele. Ele ergueu o punho para revidar, mas se distraiu quando ela apontou e disse:

– Meu marido chegou! Vai mandar você para o inferno!

Com os olhos arregalados, ele congelou. Quando a cabeça dele

girou na direção em que ela tinha apontado, a mão no braço dela afrouxou e Val se libertou e correu.

– Parem essa mulher! – gritou ele. – Ela pegou o meu dinheiro!

Val correu o mais rápido que pôde pela multidão que enchia a calçada. Pedindo desculpas cada vez que sua aparição súbita fazia alguém gritar de surpresa, ela foi em frente. Sabia que, se Creighton tentasse fazer o mesmo, algum “bom cidadão” iria protestar ter sido empurrado por um homem preto.

Como esperado, quando ela olhou para trás, viu-o pedindo desculpas a um sujeito forte e raivoso de terno enquanto ao mesmo tempo tentava mantê-la à vista. Com ele ocupado, Val julgou que era um bom momento para atravessar a rua, então desceu da calçada, ergueu a barra da saia e cruzou o trânsito constante de cavalos, carroças, coches e vacas. Creighton foi atrás dela. Ela correu até uma velha carroça de fazenda guiada por um homem preto idoso.

– Senhor! Pode me dar uma carona, por favor? Tem alguém atrás de mim.

Ele diminuiu a velocidade só o suficiente para que ela subisse. Então bateu as rédeas no lombo da mula para acompanhar o fluxo à frente.

– Obrigada!

Olhando rapidamente para trás, viu Creighton correndo para alcançar a carroça. Graças à lentidão do trânsito, ele ganhava terreno.

– Ele está se aproximando. O senhor tem algo que eu possa usar para me defender?

– Tem uma pá e uma picareta embaixo desses cobertores, se isso ajudar – falou o cocheiro.

Val se arrastou para o fundo da carroça. Os cobertores estavam perto da porta de trás. Ela escolheu a pá. A carroça parou. Os olhos dela saltaram para o trânsito parado e ela avistou Creighton correndo com um sorriso triunfante e desdentado.

– Tem um cortejo fúnebre mais adiante, moça. Vamos ficar aqui um tempo.

Ela notou a música solene mas festiva da procissão enquanto focava

no progresso de Creighton. Ele estava perto de alcançá-los.

– A senhora vai ficar bem? Sou velho demais para lutar pela sua honra.

Ela respondeu através de sua raiva:

– Eu acho que sim, mas, caso algo aconteça, o homem atrás de mim se chama Creighton. O nome do meu marido é Drake LeVeq.

– Sim, senhora.

Creighton agora estava a alguns passos de distância. Ela pegou a pá e se levantou com ela escondida atrás da saia. Seu agressor se pendurou na parte de trás da carroça e subiu depressa. Val o golpeou com fúria suficiente para fazer a plateia de um jogo de beisebol explodir em gritos. Ele caiu de volta na rua. Sem se importar se ele estava vivo ou morto, ela jogou a pá de lado e retomou seu lugar.

O velho lhe estendeu a mão.

– Meu nome é Abraham Lincoln.

Surpresa, ela riu.

– Valinda LeVeq.

– A Agência de Libertos disse que eu podia escolher o nome que quisesse depois da Liberdade, então foi esse que escolhi.

– É uma honra conhecê-lo, Sr. Lincoln.

– Igualmente.

O trânsito começou a andar de novo. Ela olhou para trás e viu Creighton sendo confrontado pelo homem de terno, mas dessa vez um policial também estava lá. Indiferente ao que aconteceria a ele, Valinda se virou para a rua.

– Posso pedir que me leve ao Christophe? Eu pagarei pelo incômodo.

– Não preciso de nenhum dinheiro. No dia que o homem que me escravizava saiu para a guerra, eu peguei todo o ouro que ele tinha feito a gente enterrar na véspera. Estou com a vida feita até o bom Senhor me chamar.

Ela riu.

– Agradeço pela sua gentileza.

– E eu agradeço à senhora por ter deixado esse dia muito animado. Mal posso esperar para ir para casa e contar tudo à minha esposa.



Mais tarde, ao ouvir Valinda narrar sua história, Drake riu.

– O nome dele era Abraham Lincoln?

Val estava deitada na cama no quarto deles na casa de Julianna, aninhada no casulo protetor que era seu marido.

– A Agência de Libertos disse que poderia escolher o nome que quisesse, então foi o que ele fez.

– E ele não deve ser o único que escolheu esse nome, sabia?

Ela sabia.

– Mas acho que não quero dar esse nome ao nosso filho – falou Valinda.

Ela sentiu Drake se enrijecer.

– Principalmente se for menina.

Ele se virou para olhar o rosto dela.

– Você está grávida?

– Estou.

Drake rugiu e a agarrou, e a girou na cama.

– Pare, antes que a gente caia! – berrou ela, entre gargalhadas.

Ele parou e a encarou com olhos maravilhados.

– Eu vou ser pai.

– Sim, e eu espero que seja de uma menina. Não tenho certeza se o mundo aguenta mais homens LeVeqs.

Ele sorriu.

Val segurou o rosto barbado dele com ternura e o beijou suavemente.

– Obrigada por me amar. Você provou que o amor existe e isso mudou minha vida.

Ele a puxou para si.

– De nada. Obrigado pelo seu amor também.

Enquanto adormeciam, Valinda Lacy LeVeq pediu em suas orações por uma menina forte e saudável que seria tão generosa quanto o pai pirata e tão rebelde quanto a mãe indomável.

Valinda estava orgulhosa da vida que tinha construído. Ela ousara ir para a Louisiana sozinha. Depois ousara ajudar os libertos e acreditara que podia abrir uma escola. Mas a melhor parte? Ter ousado aceitar o amor de Drake. As palavras da velha vidente surgiram em sua cabeça: *Vai perder um amor, rejeitar um amor, encontrar um amor.*

Feliz pela profecia ter se mostrado verdadeira, Val sorriu, dormiu e sonhou com a filha.

Contudo, ela teve um menino. Eles o chamaram de Raimond Drake LeVeq. Pesava 3,9 quilos e chegou ao mundo rugindo como um urso.



## NOTA DA AUTORA

Sempre fico animada ao começar uma nova série. Ambientar este primeiro livro em Nova Orleans, uma das minhas cidades preferidas, trouxe uma alegria ainda maior em escrevê-lo. Desde *Winds of the Storm*, meus leitores imploram por outra visita à Casa LeVeq, então espero que vocês tenham gostado de conhecer Drake e Valinda e ter passado algum tempo na companhia de Raimond e Sable e o restante da família.

A Reconstrução foi um período muito inconstante, repleto de alegrias e amarguras. O Dr. Eric Foner o chama de “a revolução não concluída da América”, e eu concordo plenamente. O período entre 1863 e 1877 foi cheio de esperança, tanto para os recém-libertados quanto para a nação, mas os políticos deixaram as pessoas pretas à deriva durante a Redenção. No entanto, a Reconstrução viu surgirem as faculdades historicamente regidas por pessoas pretas, a educação pública no Sul e, por fim, o êxodo de pessoas pretas de 1879. Quinze homens pretos foram eleitos para o Congresso norte-americano entre 1870 e 1887 e dois outros chegaram ao Senado: Hiram Revels e Blanche Bruce, ambos pelo estado do Mississippi. Números assim só foram alcançados de novo no final do século XX.

Uma das batalhas de direitos civis mencionadas em *Ventos de mudança* envolveu o sistema segregado de bondes em Nova Orleans. O ápice dos protestos contra ele aconteceu em 28 de abril de 1867, o dia em que William Nichols e dois apoiadores brancos embarcaram

em um bonde só para brancos. Quando o condutor tentou arrastar Nichols para fora, ele permitiu e foi preso. Em seu julgamento, o tribunal lotado não teve a sentença decisiva que esperava, mas o juiz anulou todas as acusações contra o réu, que prontamente processou o condutor do bonde por agressão. A fim de evitar mais processos, a companhia de bondes orientou os condutores a não mais expulsarem passageiros pretos à força, e sim a não seguirem viagem até que eles descessem. Obviamente, isso não funcionou. Pessoas pretas embarcavam nos bondes e ficavam lá, sentadas. Por vezes, todo o sistema parava, enquanto em outros momentos grupos diferentes de ativistas assumiam o controle dos carros e os guiavam eles mesmos. Brigas foram travadas entre brancos e pretos. Por fim, o chefe de polícia, em um esforço para evitar um confronto armado que tomaria toda a cidade, ordenou pessoalmente o fim da segregação nos bondes e a empresa obedeceu.

Protestos parecidos aconteceram por todo o país, não apenas no Sul, mas em cidades do Norte, como a Filadélfia. Muitas dessas campanhas foram bem-sucedidas até serem anuladas com a ascensão das leis Jim Crow.

Aqui estão algumas das fontes que consultei para dar vida a *Ventos de mudança*:

*Before the Mayflower: A History of Black America*, de Lerone Bennett Jr.

*Black Gotham: A Family History of African Americans in Nineteenth-Century New York City*, de Carla L. Peterson

*Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863–1877*, de Eric Foner

*e Original McGuffey's Eclectic Primer*, de William H. McGuffey  
*e Trouble e Seen: e Story of Reconstruction in the Words of African Americans*, editado por Dorothy Sterling

Então aqui está. Fiquem atentos ao lançamento do Livro 2 da série

Mulheres Pioneiras, *Tempestade Selvagem*, e, como sempre, obrigada pelo apoio.

Boa leitura,

B.

## SOBRE A AUTORA



**BEVERLY JENKINS** recebeu o Prêmio Romancistas da América pelo conjunto da obra em 2017 e o Prêmio Romantic Times de Escolha dos Críticos de 2016 na categoria romance histórico. Também foi indicada ao Prêmio NAACP Image em Literatura. Desde a publicação de *Night Song*, em 1994, tem liderado o movimento pelos romances inclusivos e é aclamada por críticos, fãs e autores.

[www.beverlyjenkins.net](http://www.beverlyjenkins.net)

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

